

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
INSTITUTO NUTES DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE

LILIA MARIA NIEVA VILLEGAS

PROPUESTA FORMATIVA *PACHAKUTIIY*: Tensiones entre prácticas y discursos de dominación y posibilidades descolonizadoras.

RIO DE JANEIRO

2021

Lilia Maria Nieva Villegas

PROPUESTA FORMATIVA *PACHAKUTIIY*: Tensiones entre prácticas y discursos de dominación y posibilidades descolonizadoras

Teses de Doutorado presentado ao Programa de Pós-graduação de Educação em Ciências e Saúde do Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal de Rio de Janeiro, para a obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências e Saúde

Orientadora: Sonia Cristina Soares Dias Vermelho

Rio de Janeiro

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR PRISCILA ALMEIDA CRUZ,
CRB- 7/6242.

N682p Nieva Villegas, Lilia Maria

Propuesta formativa pachakutiy: Tensiones entre prácticas y discursos de dominación y posibilidades descolonizadoras. / Lilia Maria Nieva Villegas. – Rio de Janeiro: UFRJ/NUTES, 2021.

243 f.: il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Sonia Cristina Soares Dias Vermelho.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde, Rio de Janeiro, 2021.

Referências bibliográficas f. 196-202.

1. Ensino superior. 2. Educação em enfermagem. 3. Educação em Ciências e Saúde – Tese. I. Vermelho, Sonia Cristina Soares Dias. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde. III. Título.

Lilia Maria Nieva Villegas

PROPUESTA FORMATIVA *PACHAKUTIIY*: Tensiones entre prácticas y discursos de dominación y posibilidades descolonizadoras

Teses de Doutorado presentado ao Programa de Pós-graduação de Educação em Ciências e Saúde do Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal de Rio de Janeiro, para a obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências e Saúde

Aprovada em 12 de novembro de 2020

Sônia Cristina Soares Dias Vermelho, Instituto NUTES - UFRJ

Vera Helena Ferraz de Siqueira, Instituto NUTES - UFRJ

Gustavo de Oliveira Figueiredo, Instituto NUTES – UFRJ

Celso Sanchez Pereira, UNIRIO.

Edwin Germán García Arteaga, Universidad del Valle, Colombia

NIEVA VILLEGAS, Lilia María. *Propuesta formativa pachakutiy: Tensiones entre prácticas y discursos de dominación y posibilidades descolonizadoras*. Rio de Janeiro, 2021, Teses (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde) – Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RESUMEN - Esta investigación problematiza la formación en enfermería dentro de un contexto universitario y cultural andino, el cual puede significar el camino a muchas posibilidades descolonizadoras, basadas en el pensamiento crítico frankfurtiano, el marxismo en el Abya Yala de Mariátegui, la crítica de Giroux, el pensamiento decolonial de Walsh, Dussel, Mignolo, Tubino y la esencia de los pueblos originarios con Ailton Krenak y la estética andina, consideramos la urgencia de la renovación “*pachakutiy*” del mundo y de una postura crítica, reflexiva, decolonial y con consciencia histórica. Como metodología, realizamos una investigación participativa, con la aplicación de la propuesta formativa decolonial insertada dentro del programa de Estudios Generales, en el primer año de formación del estudiante de enfermería, en el que se incentiva generar experiencias como modo de ofrecer reflexiones y experiencias sobre las heridas de la sociedad. De este modo, se intentó identificar las tensiones entre posibilidades de renovación y características de dominación no proceso formativo. En este sentido se participó de dos semestres de dos disciplinas de una universidad pública de Perú, ubicada en la región central andina, analizándose la inter-relación entre los participantes con la propuesta formativa. Los instrumentos de investigación fueron los cuadernos de campo, las entrevistas individuales, los grupos focales. Para la comprensión y discusión de posibilidades de renovación en la cultura andina, de este modo, se plantea la epistemología otra “*pachakutiy*”, con la finalidad de discutir la realidad a partir de otros principios como comunitarismo, bio-cosmocentrismo y relacionalidad. Para comprender y analizar los datos utilizamos la metodología otra “*ñuqanchik*”, con el fin de dar voz a todos los participantes de la propuesta formativa. Los resultados mostraron que, en el contexto andino, la propuesta formativa fue un importante mediador en la generación de postura crítica frente a los sufrimientos o heridas actuales, a pesar de las tensiones, el sentido de las críticas fueron desarrollándose de formas más autónoma en relación a los materiales presentados en las propuestas, representando una actividad muy compleja e indudablemente traspasada por posibilidades de renovación, rasgos de dominación y sin duda por el cotidiano de la cultura andina.

Palabras clave: Formación. Decolonial. Enfermería. Epistemología otra. Metodología otra.

NIEVA VILLEGAS, Lilia María. *Proposta formativa pachakutiy: Tensões entre práticas e discursos de dominação e possibilidades descolonizadoras*. Rio de Janeiro, 2021, Teses (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde) – Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RESUMO - Esta pesquisa problematiza a formação da enfermagem em um contexto universitário e cultural andino, o que pode significar o caminho para muitas possibilidades de descolonização, a partir do pensamento crítico frankfurtiano, o marxismo de Mariátegui no território Abya Yala, a crítica de Giroux, o pensamento descolonial de Walsh, Dussel, Mignolo, Tubino e o essência dos povos originários com Ailton Krenak e a estética andina, consideramos a urgência da renovação "Pachakutiy" do mundo e de uma postura crítica, reflexiva, descolonial e historicamente consciente. Como metodologia, realizamos uma pesquisa participativa, com a aplicação da proposta formativa descolonial inserida no programa de Estudos Gerais, desenvolvida no primeiro ano da formação do aluno de enfermagem, em que se incentiva a geração de experiências como forma de oferecendo reflexões e vivências sobre as feridas da sociedade. Procurou-se, assim, identificar as tensões entre possibilidades de renovação e características de dominação sem o processo formativo. Nesse sentido, eles participaram de dois semestres de duas disciplinas de uma universidade pública do Peru, localizada na região andina central, analisando a inter-relação dos participantes com a proposta formativa. Os instrumentos de pesquisa foram cadernos de campo, entrevistas individuais e grupos focais. Para a compreensão e discussão das possibilidades de renovação da cultura andina, desta forma, propõe-se a epistemologia outra "Pachakutiy", com o propósito de discutir a realidade a partir de outros princípios como o comunitarismo, o biocentrismo e a relacionalidade. Para compreender e analisar os dados utilizamos a metodologia outra "ñuqanchik", de forma a dar voz a todos os participantes da proposta formativa. Os resultados mostraram que, no contexto andino, a proposta formativa foi um importante mediador na geração de uma postura crítica diante dos sofrimentos ou feridas atuais, apesar das tensões, o sentido da crítica se desenvolveu de forma mais autônoma em relação aos materiais apresentados nas propostas, representando uma atividade muito complexa e sem dúvida atravessada por possibilidades de renovação, características de dominação e sem dúvida pelo cotidiano da cultura andina.

Palavras – chave: Formação. Decolonial. Enfermagem. Epistemologia outra. Metodologia outra.

NIEVA VILLEGAS, Lilia María. Pachakutiy formative proposal: Tensions between practices and discourses of domination and decolonizing possibilities. Rio de Janeiro, 2021, Teses (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde) – Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

ABSTRACT - This research problematizes nursing training within an Andean university and cultural context, which may mean the way to many decolonizing possibilities, based on frankfurtian critical thought, Marxism in Mariátegui, Giroux's criticism, decolonial of Walsh, Dussel, Mignolo, Tubino and the essence of the original peoples with Ailton Krenak and the Andean aesthetics, we consider the urgency of the renewal "pachakutiy" of the world and of a critical, reflective, decolonial and historically conscious stance. As a methodology, we carry out a participatory research, with the application of the decolonial formative proposal inserted within the General Studies program, in the first year of nursing student training, in which the generation of experiences is encouraged as a way of offering reflections and experiences on the wounds of society. In this way, an attempt was made to identify the tensions between possibilities of renewal and characteristics of domination without the formative process. In this sense, they participated in two semesters of two disciplines of a public university in Peru, located in the central Andean region, analyzing the inter-relationship between the participants with the training proposal. The research instruments were field notebooks, individual interviews, and focus groups. For the understanding and discussion of possibilities for renewal in Andean culture, in this way, the epistemology of another "pachakuity" is proposed, with the purpose of discussing reality based on other principles such as communitarianism, bio-cosmocentrism and relationality. To understand and analyze the data we use the other "ñuqanchik" methodology, in order to give voice to all the participants of the training proposal. The results showed that, in the Andean context, the training proposal was an important mediator in the generation of a critical stance in the face of current suffering or wounds, despite the tensions, the sense of criticism developed in a more autonomous way in relation to the materials presented in the proposals, representing a very complex activity and undoubtedly crossed by possibilities of renewal, features of domination and undoubtedly by the daily life of Andean culture.

Key-words: Training. Decolonial. Nursing. Epistemology other. Methodology other.

Para:

José María Arguedas Altamirano

Chay, peruano harawiq, quillqaq, yuyayniyta, quillqayniyta trikrachiwarqan
ñawpaq taytaykuna kuyayta, yawarniyta pullpurichiarqan chaymi kay qillqata
rurachimuwán

Poeta y escritor peruano, que cambió mi forma de ver el mundo, de amar mis
orígenes, que encendió mi sangre e inspira este texto.

AGRADECIMIENTO

A mi familia, que siempre son mi motivación, mi soporte y la razón de mi existir, en especial a mis padres, que me enseñaron a sentir y ofrecer el verdadero amor, que siempre están en mi corazón, y aunque no tenga tu presencia física padre amado, mi mamita, será testigo de que todos los días me esfuerzo por que se sientan orgullosos de los valores que sembraron en mí. A mis hermanos, que son mis mejores amigos y que me ofrecen su apoyo en cada aventura que la vida me ofrece. A mis sobrinos, por alegrar nuestros días con su vitalidad y amor incondicional.

A Cristina Vermelho, mi orientadora, que me ayudó a descubrir lo mejor de mi como profesional y persona, siempre con buen humor, amistad y espacios para compartir, comer, bailar, discutir de política; gracias por cuidarme, entenderme y apoyarme en los buenos y malos momentos, te considero como mi madre brasileña.

A los profesores, miembros de la banca de cualificación y la defensa, Vera Siqueria, Celso Sánchez, Edwin García, Gustavo Figueredo por iluminarme en este trabajo con sus amplios conocimientos, personalidad, maravillosa empatía y sobretodo su amistad.

A las hermanas que gané en Brasil, Angélica, Marcele, Marianh, Yansy, por brindarme cariño, por su complicidad, por mostrarme que la amistad perdura distancias.

A los colegas del grupo de COGITARE Marina, Vania, Bruna, Maria, Mairon, Aline, Chreiva, Jessica, y compañeros del doctorado 2016, Marcele, Educardo, Sama, Gisele, Leonardo, Marcos, Marcus, por compartir sus saberes, sus experiencias, sus miedos, sus sueños y por su amistad.

A todos los integrantes de NUTES, directivos, profesores, personal administrativo, personal de limpieza, por acogerme con cariño, sabiduría, empatía, y por tantas oportunidades de aprendizaje, producción y amistad en estos últimos cuatro años.

A la facultad de Enfermería de la Universidad Nacional de Huancavelica, a sus autoridades, profesores, personal administrativo, personal de limpieza y sobre todo a los alumnos que compartieron conmigo la experiencia *Pachakutiy* por su amistad, empeño, fuerza y valor de querer ayudar.

LISTA DE ILUSTRACIONES

Figura 1	Epistemología otra “ <i>Pachakutiy</i> ” y sus principios	78
Figura 2	Mapa de ubicación de la Universidad Nacional de Huancavelica	102
Figura 3	Mis abuelos maternos al medio y mi madre (en brazos) y tía a los lados.	107
Figura 4	Yo y mis padres en el aeropuerto, literalmente por primera vez.	109
Figura 5	Cierre de evento académico- 2017, con mi familia NUTES	110
Figura 6	Sumilla de disciplinas de Programa de Estudios Generales	115
Figura 7	Resultados del concurso para docentes UNH	117
Figura 8	Carpeta de docentes UNH	118
Figura 9	Silabo de disciplina de matemática	119
Figura 10	Silabo de disciplina de Introducción al Método Experimental	120
Figura 11	Sesión de clase, disciplina de Introducción al Método Experimental	123
Figura 12	Programación por aniversario de la UNH.	133
Figura 13	Unidad programática I, disciplina educación Ambiental, UNH	141
Figura 14	Unidad programática II, disciplina educación Ambiental, UNH	144
Figura 15	Unidad programática III, disciplina educación Ambiental, UNH	146
Figura 16	Alumnos y docente, botadero Pampachacra, Huancavelica, 2018	147
Figura 17	Alumnos en actividades de reciclaje, Aulas de la Facultad de Enfermería.	148
Figura 18	Alumnos y docente en actividades fuera de clases, facultad de Enfermería.	151
Figura 19	Unidad programática IV, disciplina educación Ambiental, UNH	152
Figura 20	Alumnos en actividades no expositivas, facultad de Enfermería.	152
Figura 21	Nunca estamos separados, nunca solos, ni cuando dormimos	175
Figura 22	La comunidad, el sujeto social.	177
Figura 23	Madres llevando cosas vitales en su pecho y/o espalda	179

Figura 24	Coexistiendo con la naturaleza, en complicidad	180
Figura 25	Mi hermana, el ave.	181
Figura 26	La complejidad de nuestra relación con <i>Pachamama</i>	182

LISTA DE TABLAS

Tabla 1	Resultado en cuanto a tipo de búsqueda, clave de búsqueda, número de trabajos encontrados y de trabajos seleccionados e base de datos	58
Tabla 2	Síntesis de trabajos que son parte del cuerpo de análisis (referencia del texto, revista/biblioteca, base de datos de origen, tipo de documentos y número de búsqueda)	59
Tabla 3	Países de producción de los artículos del cuerpo de análisis	61
Tabla 4	Año de producción de los artículos del cuerpo de análisis	62
Tabla 5	Área de producción de los artículos del cuerpo de análisis	63
Tabla 6	Metodología de los artículos del cuerpo de análisis	63
Tabla 7	Relación de preguntas, objetivos y procesos metodológicos	93
Tabla 8	Matriz de datos según proceso	95
Tabla 9	Síntesis de las categorías empíricas y sus descriptores	156

LISTA DE ABREVIATURAS Y SIGLAS

CGTP	Central General de Trabajadores del Perú
CIDOB	Centro de Estudios y Documentación Internacionales de Barcelona.
COOK	Centro de Culturas Originarias Kawsay
MAIS	Modelo de Atención Integral en Salud
NANDA	North American Nursing Diagnosis Association
NIC	Nursing Interventions Classification
NOC	Nursing Outcomes Classification
NUTES	Núcleo de Tecnología Educativa para a Saúde
OEA	Organización de Estados Americanos
OIT	Organización Internacional del Trabajo
UFRJ	Universidad Federal de Rio de Janeiro
UNH	Universidad Nacional de Huancavelica.
UNMSM	Universidad Nacional Mayor de San Marcos
SERUMs	Servicio Rural Urbano Marginal

LISTA DE PALABRAS EN QUECHUA

Chakana	Cruz del sur
C'hixi	Diversidad de colores, sin fin
Chopkja	Cultura originaria chanca
Intiraymi	Fiesta del sol
Kamaq taytanchisman	Padre creador
Kachkaniraqmi	Sigo siendo
Kawsay	Buen vivir/ bienvenido
Kuti	Vuelta, regreso
Manañan muspaykuchu,	Ya no deliramos
Ñawpapacha	Pasado
Ñawi	Ojos
Ñuqanchick	Nosotros inclusivo (sin dejar a nada o nadie de fuera)
Pacha	Tiempo y espacio
Pachakama	Invisible
Pachakutiy	Renovación del mundo, giro del mundo
Pachamama	Madre tierra
Pachakuteq	Renovador del tiempo y espacio
Qepa wiñaq	Los que crecen atrás
Quipa	Futuro
Tayta	Papá
Wanka warmi	Mujer wanka

SUMARIO

SUMARIO	15
1. INTRODUCCIÓN: LAS VENAS ABIERTAS DEL TEXTO.....	17
1.1. Problematización: ¿que nos incomoda? ¿qué nos motivó?.....	21
1.2. Objetivos.....	24
1.2.1. Objetivo general.....	24
1.2.2. Objetivos específicos	24
1.3. Justificación del estudio	24
2. LAS HERIDAS COLONIALES EN LA CRISIS CIVILIZATORIA	32
2.1 Herida colonial del poder.....	35
2.1.1 La crítica marxista del poder en el <i>Abya Yala</i>	38
2.1.2 El marxismo peruano de José Carlos Mariátegui	42
2.2 Herida colonial del saber	45
2.2.1 Mariátegui y el logos con el mito	48
2.3 Herida colonial del ser	52
3. REFERENCIALES DE PROPUESTAS FORMATIVAS	55
3.1 Análisis descriptivo	59
3.2. Análisis categórico.....	61
4. CUADRO TEORICO EPISTEMOLÓGICO “PACHAKUTIY”	69
4.1 Los Andes lugar de origen de Pachakutiy	70
4.2 Cosmovisión andina.....	71
4.3 Etimología del <i>Pachakutiy</i>	72
4.4 La propuesta epistemológica <i>Pachakutiy</i>	74
4.4.1 BIO-COSMOCENTISMO: Todo tiene vida	77
4.4.2 TIEMPO: carácter cualitativo y consciencia histórica	79
4.4.3 LA RELACIONALIDAD: para corazonar nuestras vidas	82
4.4.4 EL COMUNITARISMO: Otro tipo de desarrollo.....	84
4.4.5 HOMO- CULTIVADOR: Cuidado ecológicamente sustentable	87
5. ÑUQANCHICK: una metodología “outra	89
4.5.1 Senti-relato.....	95
4.5.2 Análisis de contenido.....	97
5. CONTEXTO DE LA INVESTIGACIÓN	98

5.1 Sentirelato: Mi contexto subjetivo personal	104
5.2 Los caminos de la propuesta formativa <i>Pachakutiy</i>	112
5.2.1 Primer semestre de la propuesta	115
O olhar estrangeiro da experiência formativa.....	140
5.2.2 El segundo semestre de la propuesta pachakutiy.....	145
6. TENSIONES ENTRE LA PROPUESTA DECOLONIAL Y PRÁCTICAS/ DISCURSOS DE DOMINACIÓN	161
6.1 Tensiones en el orden social	163
6.1.1 Como es nuestro sistema educativo	164
6.1.2 Percepción del sistema de salud, como futuro lugar de trabajo.....	167
6.1.3 Cuestiones sobre el trabajo	169
6.1.4 La lógica ilógica de la sociedad.....	171
6.1.5 Cuestiones sobre el consumo.....	172
6.2 Posibilidades descolonizadoras	174
6.2.1 Estudios Generales.....	174
6.2.2 Otras formas de educar:	176
6.2.3. homo cultivador: conexión con la <i>pachamama</i>	178
6.2.5 Bio-cosmocentrismo, amor al universo.	185
6.3 Auto-reflexión en la propuesta	189
7. CERRANDO EL CICLO	191
REFERENCIAS.....	198
APÉNDICES	205
APENDICE 1 – PRUEBA DE ENTRADA	205
APÉNDICE 2 – PLAN DEL ESTUDIOS PROGRAMA ESTUDIOS	209
APENDICE 3 – PROYECTOS DE MEDICINA EXPERIMENTAL	210
APÉNDICE 4 – CONCEPCIONES SOBRE EDUCACIÓN AMBIENTAL	221
APENDICE 5 - PANEL FOTOGRÁFICO	243

1. INTRODUCCIÓN: LAS VENAS ABIERTAS DEL TEXTO



Joan Alfaro- Cumbia virgen

*Descolonizando es un vuelo,
un hilo roto que intenta volver abrazar a su hermano, hermana
es un pájaro que cambió de piel y corre como un puma,
es un ensayo sin ensayo,
porque somos hijos de la Pacha,
y estamos en el territorio del Abya yala
para encontrarnos con otros ríos y fluir.
Gildi Quintanilla. Radio descoronizando*

Esta tesis no solo hace una discusión teórica respecto a la realidad de fascismo, dominación y miseria que vive la sociedad, sino buscamos generar diversos sentires en los participantes de la propuesta formativa *Pachakutiy* de la Universidad Nacional de Huancavelica¹ de Perú. Por lo tanto, no nos propusimos tener un papel pasivo y muy por el contrario se buscó vivir y provocar experiencias² personales, interindividuales entre los

¹ El contexto es la ciudad de Huancavelica, del departamento de Huancavelica, ubicada a 3660 m.s.n.m, en la zona central del Perú y con una población predominantemente rural y bilingüe (personas que hablan quechua y castellano).

² Benjamín y Adorno, utilizan en sus ensayos filosóficos y estéticos, el concepto de experiencia y le da énfasis al colocarle en contraposición al concepto de vivencia, como una impresión fuerte momentánea, que necesitan ser asimiladas. Adorno, en su libro "Teoría Estética" al analizar la experiencia de contemplación/ interpretación de una obra de arte diferencia bien los dos términos "la vivencia es apenas un momento y la experiencia es un momento con calidad de persuasión" a experiencia supone instantes de profundas emociones en que el receptor, de ahí a potencia reflexiva del concepto de experiencia.

participantes desde el campo específico de la formación universitaria hacia la vida cotidiana de nuestro convivir.

Esta propuesta surge inspirada en la decolonialidad, pues, busca que el espíritu pueda fluir, para encontrarnos con nosotros mismos y con los otros, porque este espíritu debe fluir, así como, fluye el cuerpo con el fuego del corazón, haciendo posible que podamos conversar con amor y respeto con el espíritu de los otros, de la tierra y el cosmos. También necesitamos tejer o reencausar nuestro camino y nuestro caminar, donde aprendamos a ser un puente para una nueva existencia, comprometida profundamente con la vida, no solo como un horizonte filosófico, sino también, como el surgir del tiempo de *pachakutiy*, que empieza a amanecer en mitad de las tinieblas, que surge de la fuerza insurgente de la vida misma, desde el lugar de nuestra existencia.

Así, la propuesta *Pachakutiy* que fue desarrollada en esta tesis, se plantea como una forma de encontrarnos, de construirnos en colectividad, porque estamos perdiendo nuestro camino, el camino para encontrar a los demás; pues mientras más separados estemos de nosotros y de los demás, no seremos capaces de tejer³ nuevos horizontes de existencia, de compartir dolores y sueños, de transitar entre esperanzas y luchas para materializar utopías posibles. Tejiendo una red para la vida, de sueños, esperanzas y ternuras, es como nos proponemos enfrentar la colonialidad, la frialdad de la razón, de la ciencia y la técnica alejadas de toda afectividad. Se hace urgente tejer un horizonte diferente, de colectividad, de diferencias que nos hermane como en la ancestralidad; porque si estamos solos, seremos como una hoja de coca simple, un grano de quinua, o un hilo del poncho⁴ frágil a romperse; pero si estamos entrelazados como los hilos del poncho, no podrán rompernos y doblegarnos. Estamos comenzando a tejer un tapiz, que esperamos sea grande de saberes, sentimientos, historias que reflejen la riqueza de la diversidad de la propia vida.

Esta propuesta se fortalece al hilar⁵ nuestros sueños, luchas, esperanzas y ternuras, para reencontrar nuestro ser y sentir, a fin de que desde la cotidianeidad se muestren formas otras de pensar, sentir, de decir, de hacer, de significar; donde las voces, experiencias de vida, memorias colectivas, conversas y aprendizajes mostrados desde nuestra propia vida, desde nuestro propio sentir de la vida nos permita dialogar no solo con el otro y con el espíritu de la naturaleza, donde palpita la vida, y de esta manera, enfrentar la lógica de una civilización de

³ Actividad de entrelazar hebras de un tejido, produciendo algo nuevo

⁴ Abrigo indígena, hecho para soportar climas fríos y poder abrigar a los demás por su forma de vestirlo

⁵ Transformar una fibra textil en un hilo continuo cohesionado y manejable, una actividad muy cotidiana de las mujeres de los andes, para formar hilos de la lana de oveja, llama y/o vicuña.

depredación, muerte y despojo. Esta tesis, no es solo una lucha ideológica, es también acción, que busca la preservación de nuestra humanidad como existencia y espiritualidad, que cure las heridas de la *Pachamama*⁶, entendiendo la necesidad de un pacto de ternura con la tierra, con la vida.

Es así, que no planteamos un camino definido a la propuesta, lo único que planificamos es usar la fuerza del corazón, y para ello buscamos estar sensibles frente a situaciones cotidianas que mantengan encendido el fuego de nuestro corazón sin permitir que ese fuego se apague, para iluminar nuestros pasos y nuestro camino por la vida. En este caminar de la tesis, se busca entender las tensiones tanto de dominación y renovación que se presentan en nuestro cotidiano como hijos, amigos, alumnos, profesor en un contexto de formación, donde se siente y viven tensiones que contribuyen o niegan la posibilidad de mantener encendido el fuego de nuestros corazones, mediante la generación de sentipensar con postura crítica, de emancipación y decolonialidad.

También se hace importante mencionar las incertezas del mundo vivido que marcan el camino de la tesis:

1. La comprensión del mundo entero es más amplia que la de Occidente. Por lo tanto, la transformación del mundo también puede ocurrir de otras maneras. Debido a que la diversidad del mundo es infinita, hay muchas maneras de pensar y sentir. Y en una forma de pensar, conectarse de diferentes maneras, concebir el tiempo, revisar el pasado, el presente y el futuro, organizar y proporcionar recursos desperdiciados por el conocimiento hegemónico. Esta diversidad del mundo no puede ser monopolizada por una teoría general, por eso, hay que entender formas plurales del conocimiento, pero estamos tan sumergidos en las universalidades de las teorías y conocimientos que reservamos pocos espacios para las otras posibilidades o damos la oportunidad de colonizarlas. De este modo tenemos muy claro, que debemos validar todas las formas de vivir, de ver el mundo, de respetar la autodeterminación, las otras formas de comunicarse, de hacer historia, de convivir con y para el mundo. Le digo certeza del mundo vivido, porque esta universalidad, por mucho tiempo me hizo sentir inferior, por tener otra lengua, otra forma de vivir en/con el mundo, otra forma de saberes, que no pertenecían a la postura dominante. Este es un hecho cotidiano, que queremos evitar que continúe con

⁶ Madre tierra, concebida con respeto, agradecimiento y amor por sus bendiciones de darnos alimentos

la fuerza con la que se desenvuelve y nos despoja. Estas desigualdades se ensañan con las personas más vulnerables, que no tienen acceso a agua potable, acceso a servicios adecuados de atención médica y viven en barrios marginales abarrotados o en campamentos para personas refugiadas donde el aislamiento social es imposible.

2. Que no podemos negar que todo en el universo sufre, con la forma de vida a la que somos sometidos, que hay sufrimiento, dolor, angustia, egoísmo, etc, y que esta pandemia ha desenmascarado al oscuro final al que caminamos.
3. Que debemos buscar diversos modos de luchar contra las estructuras del sistema hegemónico de opresión, partiendo de diversas posturas, como en la tesis, partimos de la crítica Marxista, de Mariategui y Frankfurtiana, hasta la Decolonial de Quijano, Mignolo y otros decoloniales. También declaramos que nuestras alternativas de lucha no deben ser solo razón, para no ser sistematizadas y colonizadas, donde se hace hincapié, que los procesos de investigación no deben de reforzar fuerzas de dominación, porque capta conocimientos nuevos, otras luchas, que después son adoptados y neutralizados por estas fuerzas, porque como investigadores debemos reforzar los actos que nos hacen humanos, como amor por lo otro, por lo nuestro, por lo desconocido, por lo negado, por lo olvidado, por todo lo que no es importante en esta sociedad de dominación y que es importante para humanizarnos. Estas luchas también pueden partir, desde nuestro campo de acción, nuestro trabajo, nuestras relaciones sociales, de nuestras heridas, de los amores. Porque, el sistema de formación al que pertenecemos, provoca sufrimiento, por el hecho de tener que conocer, memorizar y ejecutar “n” tipos de conocimientos; por la imposición de neutralizar nuestro espíritu, dejar de sentir dolor por el sufrimiento del otro. Pero podemos soñar, pensar y buscar otras posibilidades de lucha, donde se pueda recuperar nuestra capacidad afectiva y creativa; creo firmemente que las revoluciones también se pueden dar a través de procesos pedagógicos, porque al igual que Paulo Freire, sueño con una educación transformadora y revolucionaria, en la base al tejido común de postulados de la escuela de Frankfurt, Amílcar Cabral, Franz Fanón, José Carlos Mariátegui, Enrique Dussel, la cosmovisión, cultura y estética andina, etc.

1.1. PROBLEMATIZACIÓN: ¿QUE NOS INCOMODA? ¿QUÉ NOS MOTIVÓ? EL PUNTO DE PARTIDA

Nuestro objetivo es problematizar a partir de una realidad sentida y vivida cotidianamente y que estoy segura duele, una realidad que en términos generales tiene explotación del todo y todos, la miseria de muchos y la riqueza de pocos, personas viviendo carencias, niños con hambre, ancianos y animales abandonados, discriminación en todas sus formas, superficialización de las relaciones afectivas, hipocresía en nuestro lenguaje, la contaminación de nuestra *pachamama*, personas cada vez más enfermas y enfermos cada vez más jóvenes, amigos que se dejan de ver y hablar por estar ocupados por el trabajo o por la competencia al ser enfrentados, la muerte no natural, pero naturalizada como arma de clasificación y dominio; no podría terminar de nombrar todo lo que nos incomoda, todo lo que deja nuestros ojos con lágrimas y nos produce un nudo en la garganta.

Es imposible no sentir dolor al tener dolor por todos lados y a diario; por tanto, no pretendemos problematizar la realidad y la vida a partir de una o varias teorías, porque podríamos opacar lo que realmente vemos; sino se busca problematizar la realidad a partir de la vida misma, porque creo desde lo profundo de mi corazón que algo no está bien en esta forma de vivir, en la sociedad donde estamos, y debemos preguntarnos porque, porque es inconcebible ver todo eso de una civilización desarrollada, con situaciones que las nombraríamos como bárbaras, y entonces, acaso no surge contradicción, ¿será que realmente somos una sociedad desarrollada, o estamos cada vez más lejos de esa concepción? ¿Porque estamos viviendo estas condiciones?

A partir de estas preguntas, que nos proponemos comenzar a discutir la vida que vivimos, dividida en tres aspectos de la herida colonialidad que se radicalizan actualmente, como son el dominio del poder, del saber y del ser, y que serán las categorías de análisis de nuestro contexto.

Por tanto, se entiende como herida colonial del poder⁷ a la matriz colonial-capitalista-fascista (QUIJANO, 2005), y nos referimos a la instauración de un patrón del

⁷ Originada desde la invención de América hasta la actualidad se va reforzando cada vez.

ejercicio del poder, que específicamente en territorio de Abya Yala⁸ se instaló desde la invasión europea, pero que ya había comenzado hace varios años atrás en otros continentes y que encarna la violencia, el despojo, usurpación material y simbólica, no solo del recurso natural, no solo de la madre tierra *Pachamama* sino de todo lo que tenga a su alcance (GARCÍA LINERA, 2015). Estas discusiones, se complementa con los postulados de Karl Marx (1818–1883), releídos y contextualizados a nuestra realidad, a partir de los escritos de José Carlos Mariátegui, donde las bases estructurantes de dominación de la sociedad capitalista iniciante, se mantienen hasta la actualidad en nuestras sociedades (MARIATEGUI, 2009), esta apertura de la decolonialidad al pensamiento Marxista es un punto de partida esencial en nuestro proyecto, pues, no es solo un esfuerzo intelectual por explicar el devenir de la sociedad tomando como punto de partida el materialismo y los distintos modos de producción, porque además, es un conjunto de aspiraciones prácticas, estas aspiraciones están centradas en la idea de transformar el orden social a partir de nuestra historia y realidad propia, que nos diferencia de otros contextos, y que posibilita plantear perspectivas críticas de pensamiento y de lucha diferentes. Por lo tanto, hay dos razones por las cuales el pensamiento marxista es crítico: primero, es una forma de cuestionar la forma en que la ciencia económica en ese momento, especialmente la economía política clásica, avanzó. La segunda razón es porque también se ha convertido en una crítica social porque condena y cuestiona realidades tales como la desigualdad social, la explotación de una clase a otra, la alienación y el alejamiento de los reinos ideológicos, como mera manifestación de la opresión de las clases, que se ha exacerbado en estos momentos pandémicos, donde sufren los más desvalidos, los más pobres, los ignorantes, los colonizados; en un mundo donde la velocidad de producción genera más de lo que requieren sus habitantes. En esta línea de pensamiento del marxismo, vemos que el documento que la cita sobre Feuerbach se ha puesto en práctica, en el que Marx establece como función de la filosofía, no solo una comprensión del mundo, sino también una transformación del mundo. (MORALES ZÚÑIGA, 2014).

En segundo lugar, se describe la herida colonial del saber, en el que la crítica de la Escuela de Frankfurt, denuncia la perpetuación de la postura hegemónica de las ciencias y el conocimiento científico, considerado como única verdad (ADORNO; HORKHEIMER,

⁸ Abya Yala en la lengua del pueblo cuna significa “tierra madura”, “tierra viva” o “tierra que florece” y es sinónimo de América. Si bien algunos intelectuales, como el sociólogo catalán-boliviano Xavier Albó, ya la habían utilizado como contrapunto de la designación muy difundida de “América”, la primera vez que se la utilizó con ese sentido político fue en la II Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala. Por tanto, no sólo indica otro nombre sino también la presencia de otro sujeto enunciador del discurso hasta ahora callado y sometido en términos políticos: los pueblos originarios.

1986). Así, la educación no solo arrastra esta lógica hegemónica, sino también está al servicio de ella para reforzar la hegemonía cultural, económica y política dominante. De aquí la importancia de abandonar la confianza e ingenuidad frente a la ciencia (ADORNO; HORKHEIMER, 1986). Por ejemplo, el papel de la universidad es apoyar la noción de que el conocimiento tiene una estructura y especificidad jerárquica, lo que hace que ciertas áreas de conocimiento sean diferentes de otras áreas, además, las universidades son un lugar privilegiado para generar conocimientos que conducen la moral social. En estos dos modelos, las funciones de la universidad son como el panóptico de Foucault, porque determinan, el conocimiento útil e inútil, o conocimiento legítimo e ilegal. (CASTRO-GÓMEZ; GROSGUÉL, 2007).

En tercer lugar, sobre la herida colonial del ser, es una categoría de configuración geopolítica que clasifica, estratifica, jerarquiza y por ende excluye, inicialmente a partir de la idea o construcción de la *raza*⁹, es así, que el racismo, es una racionalización de clases y género (GUERRERO ARIAS, 2010), y se convierte en la base de la colonialidad del ser, que no solo clasifica seres humanos, sino también, sociedades, culturas, clases, género, conocimiento, sentidos; es lo que se conoce como la *diferencia colonial* (MIGNOLO, 2007), que representa la jerarquización de sociedades en las que lo diferente, será sometido con relación a lo hegemónico o dominante.

A partir de la problemática descrita, planteamos **la propuesta formativa *Pachakutiy* como camino para contribuir a subvertir los mecanismos de dominación en los alumnos en formación de la Facultad de Enfermería**. Por la necesidad e importancia de desarrollar una postura y (re)pensamiento (WALSH, 2009) crítica (ADORNO, 1986a) decolonial (CASTRO-GÓMEZ; GROSGUÉL, 2007) frente a la sociedad y las ciencias, por tanto, esta propuesta también nos lleva a asumir el reto de que en el proceso nos encontraremos con resistencias u otras posibilidades, porque la universidad sigue siendo un sitio de práctica educacional colonial-dominante. Por tanto, nos interesa comprender las tensiones entre dominación y posibilidades descolonizadoras en la formación en enfermería en un contexto particular de mundo andino que tiene en sus venas la esencia del *Pachakutiy*.

En este sentido, las preguntas iniciales SULEadoras¹⁰ de nuestra tesis son:

⁹ Categoría discriminatoria de la matriz colonial- capitalista, que define quien es el dominante y quien es el otro diferente.

¹⁰ SULEar es una propuesta iniciado en los años 90 que tiene por objetivo contextualizar críticamente en el Hemisferio Sur, es trabajar en este sitio con conceptos que van más allá del aspecto espacial (geográfico, cartográfico e astronómico). De este modo el Norte y Sur son categorías socioculturales y económicas que trascienden la cartografía y la división en dos Hemisferios, abordando también las consecuencias ideológicas y geopolíticas de las elecciones de orientación.

- ¿Cuáles son las tensiones entre dominación y posibilidades descolonizadoras en la formación en enfermería?
- ¿Cómo se relacionan los participantes con la propuesta formativa *Pachakutiy* desde su ámbito personal y académico?
- ¿Qué posibilidades de renovación se presentan en las tensiones de los sujetos frente a los procesos hegemónicos en la formación en enfermería?
- ¿Cómo aprovechar estas posibilidades sin colonizarlas?

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo general

Identificar las tensiones entre dominación y posibilidades de renovación durante una experiencia de formación universitaria en enfermería, a través de una propuesta formativa *pachakutiy*, como propuesta de educación para la vida.

1.2.2. Objetivos específicos

- ❖ Co-construir la propuesta formativa *pachakutiy* en el ámbito de trabajo universitario del programa de estudios generales de la facultad de Enfermería de una comunidad andina.
- ❖ Co-analizar los momentos del proceso formativo para identificar campos de dominio y de renovación como posibilidades descolonizadoras.
- ❖ Co-reflexionar sobre el (re) descubrimiento de los principios de *pachakutiy* en la cultura andina desde la propuesta formativa.

1.3. JUSTIFICACIÓN DEL ESTUDIO

Las inequidades más impensables que nos afectan a todos, en cierto grado y de diversas formas, están presentes hasta en los países desarrollados y por tanto, se encuentra fuertemente enquistadas en el territorio del Abya Yala¹¹, producto de años bajo el autoritarismo liberal moderno, derivado de la herencia colonial europea (QUIJANO, 2005).

¹¹ Abya Yala en la lengua del pueblo cuna significa “tierra madura”, “tierra viva” o “tierra que florece” y es sinónimo de América. Si bien algunos intelectuales, como el sociólogo catalán-boliviano Xavier Albó, ya la habían utilizado como contrapunto de la designación muy difundida de “América”, la primera vez que se la utilizó con ese sentido político fue en la II Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala. Por tanto, no sólo indica otro nombre sino también la presencia de otro sujeto enunciador del discurso hasta ahora callado y sometido en términos políticos: los pueblos originarios.

Este liberalismo-fascista-colonial, borra toda noción de justicia, equidad y responsabilidad social, que se vive en nuestro día a día, encarnadas en las leyes y políticas públicas y, muy especialmente, en las prácticas de organismos estatales, grupos económicos y diversos actores sociales; estas prácticas son descritas como cultura de la crueldad, donde el fascismo, la guerra, el genocidio, la violencia, el racismo de supremacía blanca, la indiferencia, el saqueo ecológico, ya no se esconden, sino se muestran como insignia de honor (GIROUX, 2019a). Estas expresiones de barbarie y violencia son cada vez más explosivas, dispersas, inmediatas, incrementales, que surgen y desaparecen rápido; y constituyen los aspectos más preocupantes del mundo que compartimos. Estas situaciones fueron discutidas hace muchos años por los pensadores de la Escuela de Frankfurt, pues, Adorno y Horkheimer, mencionaban que “cualquier debate sobre ideales educativos resultaba vano e indiferente en comparación con que Auschwitz no se repita” (1986, p. 79). En esta época de pandemia, lastimosamente se evidencia una exagerada normalización de las inequidades, indiferencia y odio racial, desprecio por la educación, el ataque al ecosistema, violencia desde el espacio político, dispersado por los medios de comunicación y las redes sociales, como espectáculos de entretenimiento masivo, y que fueron denunciados también por Adorno y Horkheimer, donde la barbarie no desaparece con el deseo encantador de la Iluminación, al contrario llega transformado y mostrando otras dimensiones más oscuras en su producción tecnológica, denominada, industria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1986).

Estas formas explícitas de la existencia fascista-liberal-colonial se expresan y reproducen de varias maneras en el sistema educativo, especialmente a través de la visión mundial de tolerancia / exclusión / violencia / genocidio con el lenguaje y los patrones de conocimiento ajenos a la hegemónica. En la sociedad, especialmente en las instituciones educativas como las universidades, la hegemonía se refleja fuertemente en la disciplina del conocimiento y la organización jerárquica de la estructura universitaria, por lo que la mayoría de las universidades son operadas por "departamentos" y "programas", estos departamentos de enseñanza son refugios para intelectuales. (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007). En el deseo del sistema educativo continuar, en medio de las difíciles condiciones de la mayoría de la población, mostrándose con más clareza, como institución al servicio de la lógica del sistema dominante.

Este problema de la educación y de la universidad y de la sociedad moderna, también son discutidos por Adorno y Horkheimer, en la idea del “esclarecimiento”, donde analizan el desarrollo de la racionalidad humana desde antes del siglo de las Luces, hasta el contexto en

que se encontraban, en ese proyecto de iluminismo, idealizado en el siglo XVIII, había una idea de emancipación humana en relación a la naturaleza, pero, esta emancipación sería posible solo a partir de la dominación de la naturaleza por el hombre, por medio de su potencial racional (ADORNO; HORKHEIMER, 1986). Este es un proyecto unilateral, que acaba por absolutizar la dominación de la naturaleza, y haciendo de esta dominación, el fin último del saber. Donde, el hombre fue llevado a creer, que, por medio de su racionalidad, podría y debería estar por encima de la naturaleza. El positivismo, con su exigencia práctica de dominación, acabó por eliminar también las posibilidades de un pensamiento autoconsciente o autorreflexivo. Por tanto, Adorno plantea que el pensamiento debe ser permeable a la experiencia, como una forma de trabajar dialécticamente, así, el conocimiento, debe tener el objetivo de comprender el dato tal como está insertado en el contexto local, ósea, comprender su sentido social, histórico, humano (ADORNO, 1986). Así, la principal crítica a la razón positivista, se da porque, está inscrita en una lógica de inmediatez, porque el pensamiento solo debe observar, relatar y organizar el mundo, y esto es colocado como la única verdad posible. En una perspectiva crítica, el conocimiento debe tener el objetivo de hacer algo más que solo comprender el dato como tal, debe descubrir sus relaciones espacio-temporales (ADORNO, 1986). En este sentido, es necesario comprender, que el conocimiento considerado como científico, tiene como anhelo la dominación universal de la naturaleza y del sujeto, primero en la esfera de las pulsiones, justamente por la exigencia de una racionalidad que se opone a las experiencias racionales, ocurriendo la dominación de su propio pensamiento, privándosele de su “identidad”. Posteriormente, este sujeto debe adaptarse a la idea de la totalidad, que tiene como lógica la eliminación de lo diferente, de lo no idéntico, ese “otro” al que también se le priva de su identidad.

Adorno y Horkheimer, discuten esta tendencia moderna de eliminación de cualquier forma de un “yo”, pues, la tendencia de masificación, como forma de inculcar en los individuos comportamientos que se encuadran de la forma más perfecta y armoniosa con ese todo. Es así, el esclarecimiento que debería ser visto como un proceso de emancipación, de generación de autorreflexión, se convierte en una reflexión de un mundo desconectado de la naturaleza, y se convierte en un mundo de guerras, crisis, desigualdades, donde solo hay posibilidad de encuadrarse en la totalidad, donde la razón se ejerce como instrumento de dominación. Por lo que, la emancipación de hombre aún está en proceso de lucha (ADORNO; HORKHEIMER, 1986).

En este sentido Adorno y Horkheimer, resaltan la necesidad de una formación que posibilite la crítica constante, la insumisión y la resistencia al sistema y su lógica, una formación de la conciencia, como es explicado por Wolfgang Leo Maar, en el ensayo introductorio del libro *Educación y Emancipación*:

La educación ya no se refiere meramente a la formación de la conciencia de sí, al perfeccionamiento moral, la concientización. Es preciso escapar de estas trampas del enfoque “subjetivista” de subjetividad en la sociedad capitalista burguesa. La “conciencia” ya no sería aprendida en el plano de las representaciones, en el mundo de la percepción, de la imaginación, de la razón moral. La conciencia ya no será “de”, porque ella “es” y será aprendida como experiencia objetiva en la interacción social y en la relación con la naturaleza, osea, en el ámbito del trabajo. (ADORNO, 1995b, p. 16)

Adorno, en algunos de sus textos discute la educación de un modo más restricto, como la formación escolar, porque la propia escuela y los individuos que actúan en ella, están insertados en el contexto mayor, por lo que hay, una posibilidad de que la educación apenas reproduzca las mismas condiciones y consecuentemente, se encuentre muy lejos de desarrollar una formación para la autonomía (ADORNO, 1986). Por lo que existiría una complicidad entre el propio desarrollo de la cultura y de la ciencia con la estructura de dominación social, porque los moldes capitalistas habían convertido a la ciencia y la educación en fuerzas productivas, haciendo que los procesos educativos actúen en merced de la lógica del capital.

En el sentido en que la educación es colocada actualmente, ella conforma y hasta posibilita el mantenimiento del sistema, como lo observamos en esta época de pandemia por la imposición de la educación virtual o a distancia, evidenciando las enormes brechas, clasificación y desigualdades de la sociedad que compartimos. Pero también debemos tener en mente, que pueden ocurrir momentos de resistencia y cambio a las estructuras vigentes, en el compromiso de elaborar ideas y vivencias de la vida cotidiana, donde el objetivo no solo sea ser un “profesional” sino, un ser sensible con la relación del todo social (ADORNO, 1995b), donde los alumnos deben ser provocados a pensar por sí mismos, a elaborar sus propias ideas, de forma consciente, donde el profesor deber ser el encargado de crear las condiciones para que germine la crítica y la resistencia.

Esta posibilidad de crítica, resistencia y el poder educativo del pensamiento autorreflexivo se fundamentan en la conferencia de Adorno “Educación después de Auschwitz” y en los ensayos de “Notas marginales sobre teoría y práctica” (ADORNO, 1986). En estos textos se analiza la relación entre la teoría y la práctica, teniendo como base

las manifestaciones estudiantiles de 1968 en Europa, afirmando que quien piensa pone resistencia (...) solo quien no piensa se limita a aceptar pasivamente (ADORNO, 1995), lo que defiende el autor es que pensar es ser activo, es ir contra la corriente, contra lo instituido, es querer contar la historia de otra manera. Hay una potencialidad de intervención en el pensamiento crítico, que no termina en la adaptación, sino coloca en evidencias otros elementos desconocidos, que conducen más allá de la violencia presente, mostrando relaciones y otras posibilidades. Esto, para Adorno, es de incalculable relevancia para la relación entre teoría y práctica, pues el pensamiento auto-reflexivo no solo hace apuntes segmentados, cortocircuitos detectados, sino que también genera inquietudes, ansias de cambios, y la teoría por su automatización se convierte en fuerza productiva, transformadora. Adorno justifica el poder intervencionista de la teoría siempre que el pensamiento alcanza algo importante, el produce algo práctico, aunque oculto a él.

Este pensamiento autoreflexivo, se acompaña del desafío de corazonar, nutrir de afectividad a la inteligencia, porque, uno de los problemas actuales de la sociedad es la soledad, el individualismo, porque tenemos una dificultad de encontrarnos y dialogar con amor y respeto en la diferencia, porque la matriz colonial neoliberal fascista, ha fracturado la posibilidad del encuentro con el otro, ha roto la posibilidad de poder soñar y luchar por cambiar la vida juntos, pues mientras nos encontramos encerrados en nuestras propias identidades y en nuestras únicas reivindicaciones particulares, la trama global del poder quedará sin ser cuestionado, mucho menos transformado (GUERRERO ARIAS, 2010).

Esta individualidad y soledad, se hace posible, por medio del control de las subjetividades, haciendo de la razón, o *hybris del punto cero* (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007), la única forma hegemónica de organizar y concebir la realidad, la naturaleza, el mundo, la vida. La razón es la fundante de esta colonialidad, como elemento constitutivo de lo humano, de ahí, la definición de occidente del sujeto como un ser racional, fragmentando nuestra existencia a que solo pensamos, y solo existimos por ello, como lo sostiene el fundamentalismo de Descartes, o sustentados en la *astucia de la razón* como lo denominó Hegel. Pero hemos olvidado que el sentido de lo humano, también está en la afectividad, no solo como seres racionales, sino también como sensible y actuantes.

Así como, se domina, silencia, subordina y someten los conocimientos, saberes y prácticas, se coloniza e invisibiliza también la sensibilidad, los afectos, las emociones; en consecuencia no hay espacio en el conocimiento racional para estos afectos, pues, todo es visto como meros objetos de dominio y explotación, y para dar perpetuidad a esta

dominación, se niega los afectos dentro de lo racional, y se les designa a las esferas de lo irracional, animalidad, primitivo, instintivo; por tanto, también deberían ser reprimidos, negados y marginalizados (GUERRERO ARIAS, 2010). Por lo tanto, la afectividad, el dolor, la ternura, la sensibilidad tiene que ser excluida de la vida intelectual, del mundo académico, porque ese mundo disciplinario lo demanda; quizá esto nos explique porque tanto sufrimiento genera subsistir en esa vida académica y en la sociedad, donde es negada todo tipo de expresión de afectos, por no ser consideradas como fuentes de conocimientos, por sus ambivalencias y arbitrariedades, que no pueden ser medibles, cuantificables, predecibles, experimentables y capaces de generar leyes. Sentir, por lo tanto, se considera una expresión atrasada de lo irracional, de los poetas, de los locos, de las mujeres, de los niños, de las culturas y sociedades otras, consideradas como primitivas, como los negros, los indios, a quienes se les niega la posibilidad de ser considerados humanos (MALDONADO-TORRES, 2007) como muestra de la expresión más perversa de la colonialidad-fascista-capitalista del ser.

En este sentido, se hace urgente, necesario e imprescindible recuperar la afectividad como forma de descolonización, porque *corazonar*, no es solo una palabra bonita, es una herramienta poderosa para romper la cadena de la fragmentación humana que construyó la colonialidad. *Corazonar* es reintegrar la dimensión de totalidad del sujeto, pues somos las dos dimensiones, razón y afectividad; es fracturar el centro hegemónico de la colonialidad del ser marcado por la razón; es crear una razón afectiva; a fin de descolonizar el carácter dominante, perverso, y conquistador que tiene la colonialidad capitalista; no es invisibilizar a la razón, sino es llenarlo de afectividad (GUERRERO ARIAS, 2010), es pensar con el corazón caliente (MIGNOLO, 2007); es sentir y pensar con el dolor también, el dolor de la herida decolonial, como la posibilidad de ver y vivir en comunidades sentipensantes (FALS BORDA, 2015), como nos enseñan nuestra sabiduría andina: que su corazón es el que sufre al ver que son marginados; o las mujeres mayas: que al concluir un discurso, lo que dicen es lo que siente mi corazón, o los naza: que recordar es volver a pensar con el corazón. O como el amauta quechua cuestiona: *Ustedes solo hablan como loros y piensan mucho, por una sola vez en su vida podrían desde el corazón pensar, solo así podrán decir y hacer bien las cosas.*

Es imposible no ver las luchas de los pueblos por su existencia, no son hechas solo de razón, sino fundamentalmente son construidas desde las sensibilidades y los afectos, desde el corazón, quizá es la razón básica de su insurgencia, no solo desde el lamento, sino de la ternura, las alegrías, como armas poderosas frente a la deshumanización del poder.

(GUERRERO ARIAS, 2010). Esa terquedad de seguir luchando y construyendo no es solo que la expresión más grande del amor profundo, como dice un amauta: amor a la humanidad, amor a nuestra tierra, amor a nuestros muertos; amor que hace posible que se mantenga encendida el fuego de nuestros corazones, y la magia de las utopías y los sueños. Por eso, lejos de discusiones teóricas cada vez más alejadas de la realidad debemos nutrir las teorías de vida, transformar la frialdad y opacidad de estas, pues como dice Tayta Marcos: quién no tienen ternura en el corazón no puede enseñar.

Por tanto, *corazonar*, en este texto se plantea desde la relacionalidad del *pachakutiy* o encuentro abierto basado en la afectividad entre la mismidad y la otredad, porque no podemos ser nosotros mismos, si no estamos en un diálogo con el otro, si no entiendo al otro que me habita, y yo habito en el otro, que estoy contenido en el otro, si como y tengo al otro en mí, quiere decir que la mismidad, no existe sin la otredad (GUERRERO ARIAS, 2010). Es así, que la relacionalidad busca plantear la existencia del otro en la relación con el nosotros, y el nosotros no existamos sin el otro, y este encuentro y desencuentro se hace posible por los afectos, donde se puede pensar por horizontes otros compartidos de existencia. Esto es lo que nos transmite Antonio, desde la selva Laconda:

La vida sin los otros que son diferentes es vana y está condenada a la inmovilidad, [...] nuestra esperanza crece cuando hemos sabido escuchar a los otros, pues el que sabe escuchar se hace grande y consigue que su caminar siga a través de los tiempos, que llegue lejos, que se multiplique en muchos y otros pasos (GUERRERO ARIAS, 2010).

Además, es necesario evidenciar que el *corazonar* en la relacionalidad del *Pachakutiy*, no es solo antropocéntrica, porque es una visión que también caracteriza la modernidad, con el sujeto como el centro de las discusiones. También es cósmica, porque discute la relación del sujeto no solo entre sí, sino sobre todo con esos otros que también están presentes en la naturaleza. Oponiéndose a la racionalidad occidental colonizadora, que construyó una visión antropocéntrica hegemónica, legitimando y justificando, como lo pretendía Bacón, ejercer dominio del sujeto civilizado, por poseer racionalidad científica, sobre todo, especialmente la naturaleza, desvelando el modelo depredador de la naturaleza en su afán de control absoluto de todo lo que rige la vida, poniendo en riesgo las posibilidades de existencia presente y futuras de todo el planeta. Porque la colonialidad neoliberal capitalista ha hecho de la naturaleza sea una mera mercancía y sobreponiéndola al interés del capital sobre la vida (MARX; ENGELS, 2011). Por eso nos planteamos la relacionalidad cósmica, que ubique

como prioridad todas las expresiones de vida sobre los intereses del capital, para poder relacionarnos con amor y respeto sobre todo en lo que palpita vida.

De ahí, la necesidad de producir un (re)pensamiento crítico (ADORNO, 1986) decolonial (WALSH, 2010) que implica la necesidad de pensar, pero sobre todo sentir, para transformar nuestra existencia colonializada en todas sus dimensiones, desde nuestros propios territorios, de nuestras voces, desde nuestra lengua, de nuestras sensibilidades, de nuestros saberes, nuestras epistemologías, resaltando nuestra propia sabiduría y afectividad, que muchos años han sido subalternizados, esto se constituye en un proceso de insurgencia que busca descolonizar toda nuestra existencia (GUERRERO ARIAS, 2010).

2. LAS HERIDAS COLONIALES EN LA CRISIS CIVILIZATORIA



Joan Alfaro- sueño con serpientes

*De tu inmensa herida, de tu dolor que nadie habría podido cerrar,
se levanta para nosotros la rabia que hervía en tus venas.
Hemos de alzarnos ya, padre, hermano nuestro, mi Dios Serpiente.
Ya no le tenemos miedo al rayo de pólvora de los señores.
¡Somos todavía! Voceando tu nombre,
como los ríos crecientes y el fuego que devora la paja madura,
como las multitudes infinitas de las hormigas selváticas,
hemos de lanzarnos, hasta que nuestra tierra sea de veras nuestra tierra.*

José María Arguedas - Tupac Amaru kamaq taytanchisman

(A nuestro padre creador Tupac Amaru)

A partir de nuestras heridas, nos planteamos comprender la vida misma que vivimos, dividida en tres aspectos, el poder, el saber y el ser, categorías de la decolonialidad para analizar nuestro contexto.

En primer lugar, se entiende como herida de la colonialidad del poder¹² a la matriz colonial-neoliberal-capitalista (QUIJANO, 2005), de ejercicio del poder a nivel mundial, y que en nuestro territorio del *Abya Yala* se instala desde la invasión europea, pero que ya hace varios años, encarna la violencia, el despojo, usurpación material y simbólica, no solo del recurso natural, no solo de la madre tierra *Pachamama* sino de todo lo que tenga a su alcance (GARCÍA LINERA, 2015). La suposición de Marx (1818-1883) complementa esta línea crítica y la reintegra con nuestro trasfondo en la realidad, donde se mantiene la base dominante de la sociedad capitalista instalado hoy en nuestra tierra (GARCÍA LINERA, 2015), es una crítica de este tipo de colonialismo, donde los pensamientos de Marx también inspiraran las ambiciones de nuestras luchas, porque este tipo de pensamiento se centra en la idea de cambiar el orden social, como Marx está a expensas en el artículo número 11 sobre Feuerbach: los filósofos solo han explicado el mundo de diferentes maneras, pero esto no está cambiando el mundo. (MARX; ENGELS, 2011). Se este modo, el pensamiento de Marx en los escritos de Mariátegui, es también pensamiento crítico para el territorio *Abya Yala*, porque denuncia y cuestiona realidades como la desigualdad social, la explotación de una clase sobre otra, la enajenación y alienación, así como el dominio ideológico que no es sino otra manifestación de la dominación de clase, tanto de la trabajadora, como de los pueblos originarios. (MORALES ZÚÑIGA, 2014).

La herida colonialidad del saber, parte de la crítica a las ciencias por parte de los estudios de la Escuela de Frankfurt, que señalan que la construcción y perpetuación de la postura dominante y hegemónica de las ciencias y el conocimiento como única verdad, se materializa en la formación para la frialdad, el miedo¹³, la competencia, todo esto desencadenando la procura de la dominación de la naturaleza y de lo diferente, de lo desconocido (ADORNO; HORKHEIMER, 1986), en contraparte, a la idea del miedo a ser dominado, si no domina, esto representa el terror del sujeto blanco hacia el que no lo es y su reacción ante el “otro”¹⁴ se hace en diferentes formas tales como la exclusión, rechazo,

¹² Originada desde la invención de América hasta la actualidad se va reforzando cada vez.

¹³ Miedo en la perspectiva de la teoría crítica, fue la motivación mayor para la dominación primero de la naturaleza y después del hombre mismo, [...] “La Ilustración, en el más amplio sentido de pensamiento en continuo progreso, ha perseguido desde siempre el objetivo de liberar a los hombres del miedo y constituirlos en señores” (ADORNO; HORKHEIMER, 1998, p. 59)

¹⁴ [...] los estudios poscoloniales se basan en el planteamiento de que la historia del colonialismo está sustentada por el mantenimiento de límites claramente delineados entre el sí mismo (self) y *el otro*. El proceso del colonialismo (y neocolonialismo) y la dominancia del resto del mundo por el Occidente (blanco) ha transformado este último en el sí mismo (blanco) occidental no marcado. El proceso de otrificación de las culturas del colonizado ha sido simultáneamente el resultado de encubrir el hecho de que el sí mismo (blanco) occidental es también una contracción y no una categoría completa, natural. Este silenciamiento y no-marcación del sí mismo occidental también lo naturaliza efectivamente y borra

omisión y silenciamiento (CASTRO-GÓMEZ, 2010), es básicamente desconfianza hacia lo “otro” (visiones del mundo, lenguas y modos de conocimiento)¹⁵, elementos que resultan la esencia cultural de los otros pueblos. La educación y por ende la universidad no solo arrastra esta lógica de dominación, y muy por el contrario contribuye se encuentra al servicio de ella para reproducir e reforzar la hegemonía cultural, económica y política dominante. Para Lander,

[...] Neoliberalismo y disciplinas académicas institucionalizadas de las universidades continentales, más allá, de la diversidad de sus orientaciones y antecedentes históricos, también se puede identificar una colonia en estas tendencias hegemónicas, y estas colonias se reflejan en el proceso de interpretar estas sociedades desde la cosmovisión europea y transformarlas en imágenes y propósitos. Similitudes en la sociedad del norte. (LANDER, 2006, p.216)

De aquí la importancia de abandonar la confianza e ingenuidad frente a la ciencia, en las palabras de Horkheimer y Adorno:

Si el cultivo y el examen atentos de la tradición científica constituyen un momento indispensable del conocimiento, en especial allí donde los depuradores positivistas la abandonan al olvido como lastre inútil, en la quiebra actual de la civilización burguesa se ha hecho cuestionable no sólo la organización sino el sentido mismo de la ciencia. Lo que los férreos fascistas hipócritamente elogian y los dóciles expertos en humanidad ingenuamente practican, la incesante autodestrucción de la Ilustración¹⁶, obliga al pensamiento a prohibirse incluso la más mínima ingenuidad respecto a los hábitos y las tendencias del espíritu del tiempo (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p. 51–52).

Para esta discusión es necesario analizar el papel de las universidades en la legalización de la ciencia a través de la institucionalización de las universidades. El primer elemento común que parecemos determinar es la estructura de árbol del conocimiento y las universidades. Ambos modelos apoyan la noción de que el conocimiento tiene una estructura

los rastros del mecanismo de oposiciones binarias que postula el cuerpo no blanco y no occidental como lo marcado y lo visible. (Mohanram, 1999, p. 185)

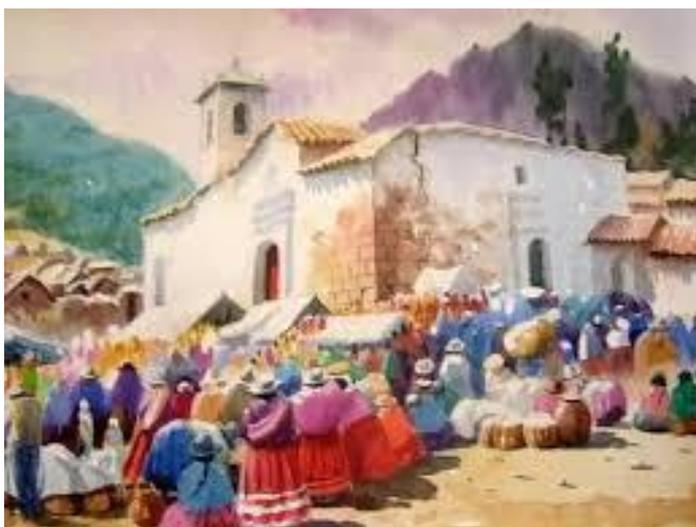
¹⁵ Foucault también entiende por saberes sometidos, de un lado los “[...] contenidos históricos que fueron sepultados o enmascarados dentro de coherencias funcionales o sistematizaciones formales [...] y, de otro lado “[...] toda una serie de saberes que habían sido descalificados como no competentes o insuficientemente elaborados: saberes ingenuos, jerárquicamente inferiores, por debajo del nivel de conocimiento o científicidad requerido” (Foucault, 1992, p. 21). Estos últimos constituyen lo que Foucault denomina “[...] el saber de la gente (y que no es propiamente un saber común, un buen sentido, sino un saber particular, local, regional, un saber diferencial incapaz de unanimidad y que sólo debe su fuerza a la dureza que lo opone a todo lo que lo circunda)” (Foucault, 1992, p. 21). En el concepto de saberes sometidos, entonces, se reúnen, como en “una extraña paradoja”, dos formas: los saberes sepultados de la erudición (contenidos del conocimiento teórico, metódico, erudito, exacto) y los saberes de la gente (saberes locales, singulares, descalificados por la jerarquía del conocimiento y de la ciencia) (Foucault, 1992, p. 22).

¹⁶ [Lo que los férreos... Ilustración] 944; «Lo que los toscos abogados del orden totalitario elogian en sus discursos propagandísticos y los versados defensores de las víctimas ingenuamente practican en sus respectivos sectores de la industria cultural; el fin de la Ilustración por sus propios medios».

y especificidad jerárquica, lo que hace que ciertas áreas de conocimiento sean diferentes de otras áreas de conocimiento, los límites cognitivos que no se pueden cruzar y algunos clásicos que definen sus procedimientos y funciones específicas. El segundo punto común es el reconocimiento de que las universidades son un lugar privilegiado para producir conocimiento. La universidad no solo se considera como un lugar que produce conocimiento que conduce al progreso social moral o material, sino también como un núcleo vigilante de esta legitimidad. En estos dos modelos, las funciones de la universidad son más o menos como el panóptico de Foucault, porque se considera una forma de establecer un conocimiento útil e inútil, entre el conocimiento legítimo (es decir, que disfruta de validez científica) y conocimiento ilegal (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007).

Finalmente, la existencia de la herida colonial del ser, es una forma geopolítica, de construcción de la raza que clasifica, estratifica y jerarquiza, por lo que el racismo es la racionalización de la clase y el género (GUERRERO ARIAS , 2010), y se convirtió en la base de la existencia de la colonialidad del ser, no solo para clasificar a las personas, sino también para clasificar la sociedad, la cultura, la clase, el género, el conocimiento y los sentidos; esta es la llamada diferencia colonialista (MIGNOLO, 2007), que representa un sistema jerárquico de dominación.

2.1 HERIDA COLONIAL DEL PODER



Alcides Medina – Desde los andes

Una cosa que llama mucho la atención del contexto de nuestros tiempos, es que no es fácil definirlo, porque depende

mucho de la posición que uno tenga dentro del sistema, vivir en Europa no es lo mismo que vivir en la India. (SANTOS B.S.A. en CIDOB, 2012, p. 11).

Con respecto a la discusión del poder colonial o la forma de dominación de la sociedad a través del uso del poder, citamos la posición Foucaultiana hasta la relectura de Karl Marx, en los escritos Mariátegui para el territorio de *Abya Yala*. Para entender como la sociedad capitalista actualmente establecida en nuestro territorio, debemos considerar que los diagnósticos, depende en gran medida de la posición política; y porque las soluciones al problema actual no son suficientes, por ejemplo: los derechos humanos sirven para mantener las guerras e invasiones no liderar un deseo de liberación, por el contrario, los derechos humanos lo evitan; también la democracia y el desarrollo, son usadas para clasificar a muchos países subdesarrollados, no solo por sus economías, sino también por sus sistemas, costumbres, leyes o filosofía (CIDOB, 2012), Por lo tanto, nuestro territorio colonizado, está condenado a repetir siempre cosas extrañas a lo nuestro, lo que muestra que estamos sujeto al orden central europeo dominante, que apoya las acciones de la matriz capitalista colonial y el ejercicio de su poder, para así, mantener la dominación de la existencia, el conocimiento y poder político, económico y social (GUERRERO ARIAS, 2010).

Al hablar de herida colonial del poder, es apelar a la necesidad de visibilizar, discutir, criticar la matriz colonial-fascista-capitalista (QUIJANO, 2005) que se impone en todas las áreas de nuestra socialización, ya sea personal o colectiva, llamada de colonialidad del poder por Quijano, y se fortalece desde el establecimiento de un modelo global para el ejercicio del poder, y que en América Latina ha sido ampliamente conocida desde la invasión europea, y su ejercicio refleja la generación de violencia, despojo, usurpación de todos los recursos, como, la ocupación material y simbólica de la Pachamama (GARCÍA LINERA, 2015), también se manifiesta en los que la habitamos mediante la dominación de la lógica del saber y del ser (MALDONADO-TORRES, 2007) y que opera desde muchos factores, como el de la linealidad de la historia.

Dado que este colonialismo-fascista todavía existe en el curso de la historia, para muchos, ya no es imposible imaginar la modernidad sin ello (MIGNOLO, 2007), porque es uno de los ejes que trasciende los años y se convierte en patrón mundial de ejercicio del poder, que lo coloca como un patrón de dependencia radicalmente excluyente y de dominación de todo nuestro saber y ser: tiempo, espacio, sentidos, conocimientos, saberes,

lenguajes, practicas, memorias, imaginarios, cuerpos, subjetividades; por lo que la globalización no es otra cosa que una nueva fase de esta matriz de poder (GARCÍA LINERA, 2015) que gobierna la humanidad, el discurso, la Pachamama, y por lo tanto, esencialmente domina la vida.

Existen diferentes expresiones del colonialismo de poder en la sociedad actual, y todas están globalizadas, por ejemplo, en el caso de una economía capitalista que es la única forma de regulación del mercado aceptada (MARX, 1970); que los países republicanos o los llamados “demócratas liberales” son considerados la única forma de autorregularse y organizarse políticamente; y de este modo, la hegemonía del pensamiento racionalizado y desensibilizado es la única forma de garantizar que el conocimiento se llame ciencia.(GARCÍA LINERA, 2015).

Esta colonización del poder no tiene como deshacerse de su dicotomía, como forma de garantizar su supervivencia a través de la exclusión y las jerarquías, al igual que la dicotomía de las civilizaciones con progreso, desarrollo y modernidad, y las sociedades pre-modernas, subdesarrolladas o salvajes.

Pero estas dicotomías generan su propia crisis, la concepción de desarrollo, no es convincente frente a sus resultados, porque, aunque la productividad aumenta, no hay mejora de la distribución de la riqueza, por lo tanto, bajo la lógica de dominio el concepto de desarrollo no es convincente. Según estudios de ESCOBAR, son mayores los problemas y tensiones que beneficios, que puede generar el desarrollo (2007); y Según esta lógica, el intento de encubrir esta contradicción, se usan palabras como participativa, holística y sostenible (FALS BORDA, 2015). Además, Santos, manifiesta que:

La palabra desarrollo existe para que la gran mayoría de los pueblos del mundo de un día a otro sean considerados subdesarrollados, la palabra fue generada para ese efecto, así los otros, no son solo subdesarrollados en su economía, sino también en sus lenguas, instituciones, costumbres, leyes, su filosofía (CIDOB, 2012, p. 26).

Ninguna propuesta basada en la lógica desarrollista, como la de los Estados privatizadores de empresas nacionales, en las que se pueden ubicar a la mayoría de los latinoamericanos, con pequeñas excepciones, como las de Bolivia, Venezuela, no alcanzaran un desarrollo sustentable, porque esta palabra significa arrasar, explotar, usurpar los mismos recursos sociales, naturales, humanos con los que se alimenta; y que al final destrozaran las raíces productivas de nuestros países. Esta perspectiva y situación no debe ser tolerada, porque amenaza mundialmente el abuso salvaje de recursos ecológico, sociales y culturales.

Por otro lado, y es otra grande contradicción de esta sociedad, es que, en las condiciones de vida actual y las reuniones por el cambio climático, no dan cuenta del sentimiento de urgencia por cambiar las condiciones del ambiente, por ello, creemos que es un cambio de civilización de largo plazo se hace necesario, porque no estamos hablando de producción material, sino del quiebre de la sustentación de los discursos, como formas de vivir y convivir actuales. (CIDOB, 2012).

Quizá las respuestas débiles se deben a la relación fantasmal que existe entre la teoría y la práctica y viceversa; porque mucho se ha discutido y poco se ha logrado al menos desde las ciencias hegemónicas, quizá, quienes han logrado producir ciertos cambios, son grupos invisibilizados, que no están organizados en sindicatos, que no hablan lenguas coloniales, sino que operan a partir de conceptos como dignidad, respeto, amor, autodeterminación, territorio, etc. (SANTOS, 2010).

2.1.1 La crítica marxista del poder en el *Abya Yala*

Lo que se desea, es mostrar la esencia del marxismo, como la crítica radical de lo existente, sea de antes o ahora, sea de allá o de acá; porque al analizar el capitalismo del siglo XIX, mantiene ciertos componentes fundamentales que perduraron a lo largo del desarrollo de este capitalismo, como forma de ejercicio del poder económico o del capital, por lo tanto, según García Linera (2015), creemos necesaria una relectura de Marx, para develar la realidad capitalista actual.

El capitalismo es un hecho universal y universalizante en la actualidad, porque responde a la globalización económica de las empresas multinacionales, y que Marx describía esta tendencia en el Manifiesto Comunista:

Mediante la explotación del mercado mundial, la burguesía ha dado un carácter cosmopolita a la producción y al consumo de todos los países. Con gran sentimiento de los reaccionarios, ha quitado a la industria su base nacional. Las antiguas industrias nacionales han sido destruidas y están destruyéndose continuamente. Son suplantadas por nuevas industrias [...] que ya no emplean materias primas indígenas, sino materias primas venidas de las más lejanas regiones del mundo, y cuyos productos no sólo se consumen en el propio país, sino en todas partes del globo. En lugar de las antiguas necesidades, satisfechas con productos nacionales, surgen necesidades nuevas, que reclaman para su satisfacción productos de los países más apartados y de los climas más diversos. En lugar del antiguo aislamiento y la amargura de las regiones y naciones, se establece un intercambio universal, una interdependencia universal de las naciones. Y esto se refiere tanto a la producción material, como a la intelectual. (MARX; ENGELS, 2011, p. 114–115)

La forma en que funciona el capital es obedecer y / o distorsionar otras formas antiguas de trabajo para conducir a la mercantilización del valor de mercado, y a través de estos procesos de evolución del capital, la globalización del capital comienza y establece su propia red de producción y transporte. Después de tal progreso en nuestra región, el capitalismo ha eliminado la base industrial del país para obtener materias primas y tecnologías en las regiones más diversas del mundo.

Por lo tanto, definimos la globalización como una nueva etapa del capitalismo, pero esta no es la expansión del mercado mundial, porque este fenómeno comenzó en los siglos XVI y XVIII, tampoco es, la expansión de la producción capitalista para todos los espacios geográficos, pues esta se dio en el siglo XIX. Cuando hablamos de globalización nos estamos refiriendo a la estructura jerárquica global de producción, tecnología y dominio de poder entre industrias, regiones y países. En estos niveles, la brecha entre países y empresas que controlan todas las condiciones para la creación y desarrollo de producción, y países con materias primas sigue aumentando, y muchos se limitan a seguir los patrones de consumo (GARCÍA LINERA, 2015).

También debe considerarse la aparición de capital financiero para reemplazar el capital de producción. El capital financiero no produce nada, solo ganancias, generando mayor destrucción de las condiciones de vida, porque los propietarios de estas industrias están más inclinados a cerrar la fábrica e invertir en el mercado de valores, lo que exacerba aún más la distorsión social y económica, porque aumenta la concentración de ingresos y destruye el trabajo. Por lo tanto, si Marx critica la explotación del trabajo por parte del capital de producción, entonces el capital financiero es aún más cruel, porque los trabajadores se vuelven innecesarios.

Otra contradicción surge en la precarización de condiciones de trabajo, que hasta cierto punto genera sumisión en la clase trabajadora, pero, al radicalizarse esta sumisión podría conllevar a incentivar la lucha de clases como una sublevación o lucha política general, como se observa en la actualidad en países vecinos como Ecuador y Chile; donde a pesar de la crisis de la pandemia de salud, surgen más movilizaciones que anhelan cambios estructurales, que buscan libertad y necesidad de construcción de la clase obrera por los propios obreros, como sujetos autónomos, en la que se requiere su autoeliminación simultánea de la estructura histórica de sociedad de clases, como un largo proceso de autodeterminación

social, económica, política y cultural¹⁷. A este movimiento de autoconstrucción, Marx lo denominaba partido político de la clase, que compete a todos los trabajadores en su totalidad, convirtiéndolos en proletariado revolucionario.

Con respecto a los factores de esta globalización, se destacan las formas de redes de transporte y comunicaciones por y para la industria que puede fluir en cuestión de minutos; también la mundialización de la producción, con múltiples talleres descentralizados y ubicados en diversos espacios geográficos donde se den posibilidades de explotación de las capacidades del trabajo y para no centralizar la producción, conllevando a la globalización del trabajo, pero de un trabajo alienado¹⁸ (HIRANO, 2001). La contradicción de este proceso que se ha alineado desde sus orígenes, es porque creemos que necesitamos del capitalismo para tener trabajo, pero, es completamente contrario pues, para que exista el capitalismo debe tener trabajadores que vendan su mano de obra y sean los consumidores; si todos supiéramos y manejáramos el poder de generación o eliminación del capital que tenemos como obreros, no estaríamos dispuestos a ser reprimidos.

Frente a estas contradicciones, el capitalismo está tratando de reconstruir sus relaciones de poder aboliendo el estado de bienestar, eliminando la seguridad social y las condiciones de empleo, con la esperanza de eliminar los sindicatos, vecindarios y / o trabajo cultural; más disciplinamiento del trabajo con el individualismo, la competencia; desconocimiento de sindicatos, asociaciones, etc; a través de una pseudo-democracia, que simula la mediación que solicita la sociedad frente al Estado; valorización de ramas estrictamente capitalistas (industria, comercio, finanzas) con una nueva división mundial del trabajo, la anulación del estado de bienestar con el liberalismo, la implantación del fascismo como insignia de honor y el surgimiento de un nuevo tipo de proletariado (GARCÍA LINERA, 2015).

También, es necesario discutir el uso de las tecnologías, como herramienta poderosa de ejercicio del poder; y que también Marx ya lo había discutido en el manifiesto comunista:

La burguesía no puede existir sino a condición de revolucionar incesantemente los instrumentos de producción, por consiguiente, las relaciones de producción, y con ello todas las relaciones sociales. La burguesía a lo largo de su dominio de clase [...] ha creado fuerzas productivas más abundantes y más

¹⁷ Materias publicadas sobre el asunto: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/milhares-vao-as-ruas-em-maior-manifestacao-do-ano-no-chile.shtml>, https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Chile_em_2019-2020, https://brasil.elpais.com/brasil/2020/04/28/eps/1588081740_258202.html

¹⁸ “Partiremos de un hecho económico contemporáneo. El trabajador es más pobre a medida que produce más riqueza y su producción crece en fuerza y extensión. El trabajador se convierte en una mercadería aún más barata a medida que crea más bienes.

grandiosas que todas las generaciones pasadas. El sometimiento de las fuerzas de la naturaleza, el empleo de las máquinas, la aplicación de la química a la industria, y a la agricultura, la navegación a vapor, el ferrocarril, el telégrafo eléctrico, la asimilación para el cultivo de continentes enteros [...]. El creciente empleo de las máquinas y la división del trabajo quitan al trabajo del proletario todo carácter propio y le hacen perder con ello todo atractivo para el obrero. Éste se convierte en un simple apéndice de la máquina [...]. Cuanto menos habilidad y fuerza requiere el trabajo manual, es decir cuanto mayor es el desarrollo de la industria moderna, mayor es la proporción en que el trabajo de los sujetos es suplantado por el de las mujeres y los niños. (MARX; ENGELS, 2011, p. 114–117).

La tecnología es uno de los principales mecanismos que hace posible el proceso de globalización y dominio, pues, las tecnologías informáticas y los medios de comunicación han pluralizado y diseminado los conocimientos, sobre lo que se podía conocer y que quienes debían conocer, decidido por unas jerarquías (FALS BORDA, 2015). Estas tecnologías también son responsables por la diseminación de la ignorancia en la modernidad, una ignorancia maliciosa y arrogante, que no oculta su odio racial, el ataque al ecosistema, el desprecio por la educación, la violencia y barbarie del fascismo, que no es estático, porque se presenta y desaparece tan rápido, por intermedio de la cultura de la inmediatez de las redes sociales y la televisión (GIROUX, 2019a).

Esta ignorancia sumada al poder, crea la injusticia más peligrosa y feroz, mientras, el capitalismo sigue revolucionando aceleradamente sus modos de producción, pero en esta veloz transformación se muestra su propia contradicción porque va reemplazando la mano de obra, produciendo menos empleados, por lo tanto, desempleados con menos posibilidad de consumir lo que este capitalismo produce, entonces se devela el fetiche del capitalismo como única vía de garantía y desarrollo, mostrando sus límites e impotencias. Así, las fuerzas productivas del capital se convierten en las fuerzas destructivas de la humanidad. Estas hipótesis se fortalecen en los estudios de Manfred y Max, pues, señalan que los indicadores de crecimiento, aun en países considerados avanzados, como Inglaterra, Dinamarca, Suecia, Austria, Alemania, muestran que a partir de un “punto umbral” las curvas de producción nacional y la de satisfacción de necesidades básica se separan y oponen (MAX -NEEF, 2005), quiere decir que la pobreza reaparece, las desigualdades se multiplican aun en situaciones boyantes (FALS BORDA, 2015); entonces no hay desarrollo económico sustentable con las pautas actuales de esta nueva cara del capitalismo globalizado.

2.1.2 El marxismo peruano de José Carlos Mariátegui

El marxismo en Mariátegui se desenvuelve en el análisis, crítica y el anhelo de cambio del objeto de estudio del marxismo para aplicarlo en el *Abya Yala*, por lo que, en los “7 Ensayos de la Realidad Peruana”, formula un conjunto de propuestas, que llevan en su esencia la idea de un Perú posible, por intermedio de la crítica del Perú real (GUARDIA, 2019). De este modo, para Mariátegui, la dialéctica entre sujeto y objeto que posibilita la actividad práctica-sensorial como praxis, porque se entiende que el objeto de estudio – la realidad peruana - no es estática, y el sujeto que la analiza tiene la posibilidad de proponer la transformación de esta. En este sentido, Mariátegui concuerda con Marx al entender la realidad social como una problemática, que se debe ir superando, considerando el proyecto de cambio y lucha frente a la realidad. A diferencia de otros intentos "marxistas" de poner la teoría a priori, Mariátegui usa el método marxista, como un punto de vista integral, como método de ayuda, no como una receta política y social, Como señala Flores Galindo, Mariátegui utilizó a Marx en el sentido más egoísta de la palabra. Bajo este método se busca posicionar a los pueblos originarios como sujetos sociales, este es uno de los contenidos más importantes de su investigación, porque muestra claramente que el método debe servir a la realidad (1980).

Un aspecto importante a considerar en la historia peruana es que los “Siete ensayos de la Realidad Peruana” (MARIÁTEGUI, 2009) fue publicado por primera vez en 1928 por el editor Minerva, y estuvo muy ligada a la revista *Amauta*. Esta revista guio a los maestros y líderes quechua, pero no ocasionalmente, debido a que la revista y sus libros están dirigidos a la clase trabajadora peruana, como la CGTP (Central General de Trabajadores del Perú) creada en 1929. O sea, significa que José Carlos Mariátegui fue una persona influenciadora de los movimientos obreros en Perú, aunque no directamente. Por lo tanto, la producción de nuestro marxista peruano se desarrolla en extensos debates con militantes, artistas, intelectuales de todo el mundo, líderes ejecutivos, agricultores, estudiantes y socializadores. Por lo tanto, el libro “*siete ensayos*” (QUIJANO, 2007) se constituye el primer análisis marxista de la realidad de Abya Yala en Perú. En su autobiografía, Mariátegui, se refiere a lo libro como la aplicación de un método marxista. En segundo lugar, señaló que el método utilizado tiene poca "rigidez" para la ortodoxia marxista, justificando la falta de rigidez: como posibilidad de absorber las "grandes fusiones y adquisiciones" de nuestra época como una expresión del "verdadero marxismo moderno". (MARIATEGUI, 1975)

Hacer pleno uso de los métodos marxistas para analizar las realidades sociales fuera del centro del capitalismo (RUBO, 2016). Por lo tanto, Mariátegui contradecía el eurocentrismo, que estaba experimentando el pensamiento latinoamericano en ese momento. Esa, es la importancia del pensamiento de Mariátegui al evaluar la dimensión racial en la sociedad de clases a través de la crítica al gobierno republicano, estas características hacen que las ideas nacionalistas y socialistas sean una realidad, donde los problemas de los pueblos originarios, juegan un papel importante en la propuesta del "socialismo indo-americano", que permite imaginar que la retórica socialista basada en la resistencia de nuestros pueblos, nuestra autoctonía, la lucha y la resistencia de nuestros pueblos (MAZZEO, 2018).

Para Mariátegui el socialismo no significa resolver todos los problemas o eliminar conflictos, su objetivo es unir a los individuos y formarse mutuamente una identidad personal y colectiva por la que valga la pena vivir. Este camino se forja en la tradición histórica del Perú, como la amalgama entre el mundo andino y Occidente, por lo tanto, el socialismo no es una búsqueda o copia, sino una identidad original y que se denuncia plenamente la exclusión y la marginación en la clase trabajadora (MARIÁTEGUI, 2010). Estos ideales se realizaron en la discusión, pasión, creatividad, originalidad y autocrítica de la revista *Amauta*, para lograr una transformación verdaderamente revolucionaria. Mariátegui transmite una necesidad de enseñanza, basada en la ayuda mutua. Esta pasión puede mejorar la inteligencia y ayudar a que la intuición sea más clara.

Mariátegui cree que tenemos la oportunidad de salvar nuestro terreno común, nuestra historia, nuestra interdependencia, nuestras debilidades y nuestras fortalezas. Tenemos personas, agua, tierra y riqueza natural que pueden garantizar nuestra soberanía alimentaria, singularidad étnica y cultural. Tenemos una importante experiencia histórica anticolonial y anticapitalista, desde la cual podemos integrar las propuestas del feminismo, anti-racial, naturalista de los pueblos originarios actuales. En este contexto, es fundamental y urgente recuperar los ideales de los "*Siete Ensayos*" por la reinterpretación de la realidad latinoamericana basada en los desafíos actuales y apremiantes. Por lo tanto, desde la perspectiva dialéctica, tal vez estamos en el momento de "poner toda la sangre en nuestras palabras y hechos" (BERRIOS, 2019). Así, concordamos con Mariátegui que cree firmemente que la realidad se transforma desde adentro, como proyecto socialista revolucionario que debe desarrollar, expandir y sistematizar los elementos que ya existen en la sociedad. (MAZZEO, 2018).

En Perú, así como en la gran mayoría de universidades de nuestro *Abya Yala*, la lógica de dominio de las universidades de la capital como guardianas del conocimiento y de las universidades tecnológicas como centro del manejo de las tecnologías para el aparente sueño del servicio a la sociedad, no hacen más que, sustentar el sistema de dominación fascista capitalista (FALS BORDA, 2015), porque estas tecnologías son consideradas indispensables en nuestro cotidiano, imaginando que diseminan y pluralizan el conocimiento: haciendo que olvidemos lo más elemental de nuestra existencia, que la tecnología no podría reemplazar jamás, de nuestros sentires, como especie parte del entorno que nos rodea, y que debemos respetar y cuidar a ella, nuestra *pachamama*. Esta tecnología es usada para diseminar ignorancia, hasta el punto de dejar de percibir el odio, la rabia, el ataque al ecosistema, la violencia, como expresiones fascistas de nuestras sociedades, irónicamente denominadas sociedades democráticas (GIROUX, 2019a). Además, la tecnología en el contexto actual de pandemia que vivimos a desenmascarado de forma salvaje las brechas de acceso a principios básicos como la educación y la salud, mostrando la verdadera cara de un sistema perverso, que no se interesa por la mayoría de la sociedad, obligando a las familias más pobres salir de casa en busca de comida exponiéndose al contagio, por tanto, esta pandemia no es democrática, pues los grupos privilegiados, tienen atención médica y servicios educativos a disponibilidad y los grupos vulnerables dentro de ellos nuestros pueblos originarios, estamos condenados a sobrevivir con las migajas de un sistema atroz.

Pero, este estado, no es, ni debe ser considerado estático, ni debe ser pensado como la única forma de vivir, porque todos los días nuestros pueblos originarios se mantienen en la lucha con su autoctonía y sus corazones (MAZZEO, 2018). Es así, que vemos a las universidades del interior que nacen de la lucha de nuestros pueblos, como la UNH, que fue fundada posterior a la movilización de los huancavelicanos, con una marcha de sacrificio hacia la capital, porque nuestros abuelos anhelaban que sus demás generaciones reciban educación universitaria en su tierra y conservando sus raíces y la unión familiar, en este sentido, la UNH, esta socialmente inserida a la ciudad de Huancavelica, y por estos nexos creemos que nos puede mostrar otros caminos de soberanía comunitaria, étnica y cultural.

2.2 HERIDA COLONIAL DEL SABER



Joan Alfaro – Nido de aves

*La primera cosa que ustedes los jóvenes deben aprender
...es a ver la vida por sí mismos,
escuchar por sí mismos
y pensar por sí mismos.*

Franz Fanón

La herida colonial del saber es la otra forma de dominación de la ciencia y el conocimiento científico, y como forma de invisibilizar los otros saberes; estas discusiones se complementan con los postulados de la Escuela de Frankfurt, específicamente Adorno, que propone otras formas de educar, porque la actual sociedad y su forma de educar tiene componentes que nos podrían conllevar a la barbarie, quizá ya estamos en ella.

La colonialidad del saber, se desarrolla por la hegemonía de la razón, la forma de hacer ciencia mediante el pensamiento racional científico, ligado íntimamente al desarrollo tecnológico y que lo convierte en el único conocimiento verdadero para la comprensión de la realidad, del mundo, de la vida (GUERRERO ARIAS, 2010). Un saber desensibilizado, al que se le quita toda forma de afecto, para hacer ciencia.

La aproximación al proceso de colonialidad del saber, y la constitución de las ciencias, expresa completamente la colonialidad, mediante el ejercicio de la hybris del punto cero (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007) por su ejercicio logo-céntrico y epistemi-

céntrico, donde el sujeto occidental se coloca en una posición geográfica e histórica neutral, ósea, sin historia y sin contexto, tipo el ojo de Dios, que todo lo ve y lo entiende sin subjetivaciones, como para producir un conocimiento que podría generalizarse a todos los contextos, donde se arranca la afectividad y sentimientos del saber por dejar de lado su historia, el contexto donde surge, anhelando ser generalizable. Este punto cero constituye el origen de una mirada soberana, fuera de la representación, que describe el panóptico de la forma de mirar del poder, que le permite observar sin ser observado; y que se convierte en la clave del dominio de la alteridad, mediante el lugar supremo de observación, de una mirada soberana que observa y nombra palabras y las enuncia, negando a las otras formas, convirtiéndose así, en una narrativa universal (GUERRERO ARIAS, 2010).

Este punto cero permite comprender la violencia epistémica de la colonialidad que vuelve hegemónicos los conocimientos que están en el punto cero y son legitimados como la única forma objetiva, válida y universal de conocimiento; como patrón de civilización, desarrollo, modernidad, progreso, a través de los cuales se marginalizan otros saberes y culturas, por su atraso de seguir el horizonte cultural civilizatorio de la sociedad moderna capitalista y solo es verdad aquel conocimiento dominante, blanco y masculino; y en consecuencia los otros conocimientos, fuera del punto cero, son objeto de la mirada, y clasificados como saberes pre-científicos, como curiosidades exóticas a ser estudiadas y limitados a meros objetos de conocimiento y no sujetos con capacidad de producir como mecanismo de disciplinamiento y colonización de la subjetividad, justificando la subordinación para seguir produciendo la colonialidad.

Entendemos que el conocimiento es una forma de estar en el mundo, ligando saberes, experiencias y formas de vida (CIDOB, 2012). La geopolítica del conocimiento es una categoría aportada por Mignolo, que permite entender desde el continuum histórico el establecimiento del valor universal del conocimiento, como mera expresión del modelo civilizatorio racializado (MIGNOLO, 2007); pero también para “el otro” ha sido un continuum de luchas desde espacios subalternizados, valorizando otros saberes epistemológicos, la memoria, la sabiduría de estos espacios en la constante lucha por su existencia.

La colonialidad del saber es la lucha por el control de los significados, por el control interpretativo (GUERRERO ARIAS, 2010) y como lo propone Walsh, este ejercicio del poder es una estrategia vital de la colonialidad capitalista, para erigirse como único horizonte civilizatorio del cual surgen los conocimientos, transformados en discursos de verdad

necesarios para el ejercicio del poder, porque son mostrados como verdad incuestionable sobre el mundo, la humanidad, la naturaleza, la vida; que conducen a la invisibilización de otros conocimientos u otros productores de conocimiento, a quienes, se silencia, se oculta (WALSH, 2009).

Esta discusión es la afirmación de la palabra negada muchos años, es la insurgencia de memorias que el poder no ha podido silenciar, liquidar; de ahí que sentipensamos, que para (FALS BORDA, 2015), se hace necesario desarrollar sensibilidad al momento de generar conocimientos, con la necesidad de otras formas de conocer con afectividad a partir de nosotros mismos. Y nos exige a abrir caminos de descolonización, colocando como centro de estrategia la existencia, para combatir la deshumanización, es una lucha insurgente, que busca su motor en la herida colonial y desde nuestra propia palabra se vuelve en un instrumento insurgente frente a la palabra del poder, que se hace posible, desde lógicas otras y pensamientos otros, desde sabidurías otras (GUERRERO ARIAS, 2010).

Esto nos lleva a pensar en la noción del otro, según lo muestra Walsh para el árabe Abdelkebir Khatibi, surge la necesidad, no de otro pensamiento, sino de un pensamiento otro, no solo como asunto político o epistémico, sino como asunto fundamental de nuestra existencia; que lleve a la radicalidad las diferencias para perspectivas de liberación, quiere decir, una estrategia radical otra, desde la corporalidad desde la subjetividad negada por la colonia, desde los condenados de la tierra (FANON, 1974), para la insurgencia de otras filosofías de la existencia, de sabidurías insurgentes (GUERRERO ARIAS, 2010), de horizontes de re-existencia (ALBÁN ACHINTE, 2009).

En relación con lo otro, también Paulo Freire, reconoce otras formas de pensar, de ser y vivir en el mundo, otras formas de construir realidades y de generar conocimientos, lo que significa que podemos abrir la mente, y dejar de leer desde los cánones dominantes, cuya esencia es la desigualdad y la amenaza a la diversidad de diversas formas muy inteligentes. (FREIRE, 1987). Además, Zizek en CIDOB, manifiesta que la lógica del capitalismo opera en la lógica multicultural o intercultural funcional, porque incluye las diferencias mientras las neutraliza, despojándolas de su significado; que lo que hace es reforzar el modelo económico de acumulación capitalista, incluyendo a grupos históricamente excluidos (CIDOB, 2012).

2.2.1 Mariátegui y el logos con el mito¹⁹

Desde la óptica decolonial no es sólo asumir una crítica al cientificismo sino cuestionarla de una manera radical, por tanto, Aníbal Quijano, mencionaba que para aquellos que han estado pensando con Mariátegui desde principios de la década de 1990, es la condición para pensar en la posibilidad de una racionalidad alternativa, pues hace la crítica a la herencia occidental de pensar el logos y el mito separadamente, y manifiesta que, en Mariátegui, podemos encontrar una racionalidad que intenta integrar estos dos elementos (QUIJANO, 1991). Lo que nos lleva a proponer otros tipos de racionalidad, debido a que el mundo mismo ya está en conflicto debido a la hegemonía del poder capitalista fascista. Por lo tanto, proponer otras racionalidades, es imaginar alternativa al problema radical del conocimiento que evita integrar o vincular otras formas de configurar los sentidos (QUIJANO. 1995).

En lo que respecta a César Germana, también considera la cuestión del socialismo indio-americano de Mariátegui, pues, esta otra racionalidad se basa en el patrimonio cultural de la comunidad, la solidaridad y la reciprocidad. Pero también señala que debemos enfatizar la posición de "imaginación", porque nos dice que es otra forma de saber (GERMANÁ, 1995).

Mariátegui confirmó el agotamiento de la civilización burguesa al cuestionar el positivismo y el cientificismo, por racionalizar o tecnificar todas las actividades de la vida social (desde la economía y la política hasta las relaciones intersubjetivas, cultura y pensamiento), donde la fantasía de la civilización capitalista desaparece, porque, el capitalismo- neoliberal colonial no tiene mito. Por tanto, al examina el papel del racionalismo en la crisis de la civilización burguesa, menciona:

La civilización burguesa sufre debido a la falta de mitos, creencias y esperanzas. La experiencia de los racionalistas tiene el efecto de esta paradoja, que hace que los humanos no puedan condenar la razón de ninguna manera. Por tanto, no hay duda de que la colonialidad liberal capitalista, ha matado la razón y los restos de su antiguo mito del alma de la civilización humana. Ni la razón ni la ciencia pueden satisfacer todas las necesidades humanas de infinito. Solo el mito tiene la preciosa virtud de hablar con el yo profundo (MARIÁTEGUI, 1994, P. 85).

¹⁹ El mito para Mariátegui, constituye una fe, una esperanza como forma de satisfacer toda la necesidad de infinito que hay en el hombre. el Mito posee la preciosa virtud de llenar el yo profundo. Análoga a la fe religiosa de los socialistas, que constatan su inexpugnabilidad a todo desaliento. que, a cada experiencia frustrada, se recomienza, que cuando no hay solución: la encontraremos. Con el mito, jamás nos asaltaré la idea de que la solución no exista, he ahí su fuerza.

Aunque, la civilización inca ha desaparecido, su espíritu siempre ha permanecido vivo y puede convertirse en una fuente de energía para el "mito" socialista, basada en el complejo fondo de creencias, mitos y emociones (GERMANÁ, 1995) que lograron sobrevivir. La conciencia andina se mantiene en la capa más profunda de los pueblos originarios. Como lo afirman Mariátegui, en los 7 Ensayos: "A veces la historia parece detenerse, la misma forma social puede durar cientos años" (MARIÁTEGUI, 1994, p.158). Por lo tanto, con respecto a nuestros pueblos, no ha habido mucho cambio de espíritu en los cuatro siglos. Aunque la servidumbre, sin duda, nos hizo más melancólicos y nostálgicos, sin embargo, estos sentimientos, pueden ser el motor de nuestros anhelos en la propuesta formativa *Pachakutiy*, nutrido por la poesía de César Vallejo, José M. Arguedas o las pinturas de José Sabogal y Joan Alfaro.

En la Universidad Nacional de Huancavelica (UNH) en Perú, estamos condenados a repetir los cánones del conocimiento científico dominante, que sustenta la matriz del ejercicio del colonialismo fascista y capitalista. Pues, su organización sigue siendo jerárquica, dividida en varias unidades y facultades, cada una encargada de cuidar de un área del conocimiento, donde el dialogo y la interrelación entre estas áreas es muy difícil, pues hablamos en términos diferentes dependiendo del área de conocimiento, y del mismo modo hay una jerarquía entre las universidades del país, entre aquellas de ciudades del interior y las universidades tecnológicas y de la capital (GARCÍA LINERA, 2015), además, se evidencia la hegemonía de las ciencias racionales y científicas, y son consideradas las únicas formas de comprensión de la realidad (GUERRERO ARIAS, 2010), porque en la mayoría de la producción científica de la UNH, es de naturaleza cuantitativa y busca describir y aplicar conocimientos en la realidad alejada de los afectos, con el fin de buscar generalizar, como en el ejercicio de la Hybris del punto cero (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007) y que invisibiliza nuestros sentires andinos, como fuerza productora de otro conocimiento. Por tanto, creemos urgente que sentipensar (FALS BORDA, 2015) en la universidad, es retomar nuestros orígenes, como forma de abrir caminos de descolonización de la matriz de dominación del saber, pues nuestra palabra y nuestro dolor, puede ser el motor de nuestra lucha.

Si la formación de los enfermeros en la UNH, tiene rasgos hegemónicos que afecta la producción de los conocimientos en nuestra área, no todo ha sido colonizado, y en grande parte se lo debemos al hecho de mantener presente nuestra lengua *quechua* y los mitos, que padres y abuelos siempre recuerdan y comparten. En este sentido, con respecto a la formación del enfermero y nuestro idioma *quechua*, en la UNH, en el primer año, los alumnos

obligatoriamente llevan la disciplina de idiomas, pero no es la disciplina de inglés como en las otras facultades, por ser una carrera que está en constante dialogo con la población, tenemos la obligación de manejar nuestra lengua originaria de los pueblos de los andes, por tanto, está reglamentada la asignatura obligatoria de quechua, que hace que todos los alumnos, reconozcamos la importancia de nuestro idioma, en la formación de individuos sentipensantes, pues nuestra lengua *quechua* es afectiva, comunitaria e inclusiva. Esta disciplina constituye una oportunidad maravillosa del reconocimiento y valorización de lo nuestro, en contraposición de la hegemonía de las ciencias.

Este reconocimiento de nuestras lenguas originarias, son luchas de nuestros pueblos originarios, que también se evidencia en la política educativa denominada *Tinkuy*, (palabra quechua que significa “encuentro”), y es un espacio para que los estudiantes de pueblos indígenas y afro-descendientes a nivel nacional, participen de un proceso de inter-aprendizaje, donde se reúnen estudiantes del 6to nivel de educación básica en la ciudad de Lima, para un intercambio de experiencias, conocimientos y cosmovisiones; que además promueve el respeto y valor por la diversidad cultural de nuestro país, este encuentro es organizado por el Ministerio de Educación, usualmente es una jornada de dos o tres días, y cada año desarrolla diversas temáticas, por ejemplo, el año 2015, tuvo la temática de nuestra relación con la naturaleza; el año 2017 tuvo como tema de recuperar y valorar los juegos, el año 2018, con la temática de alimento de mi comunidad, aprendiendo a comer sano y sin anemia y el año 2019, con el tema de voces de mi pueblo para el Perú que queremos. (MINEDU, 2019). Aunque la propuesta *Tinkuy*, tiene influencia intercultural, por el interés de generar conocimientos y experiencias en espacios específicos. Debemos considerar los procesos influyentes del castellano de la cultura dominante frente a las culturas subalternas, por ejemplo, el acceso al trabajo, la esfera pública, la administración de justicia, etc es desarrollada en la lengua dominante, que muestran las brechas y desigualdades a las que somos colocados como miembros de las comunidades originarias, forzándonos a alfabetizarnos y educarnos con el castellano, con la finalidad de insertarnos en la cultura dominante (TUBINO, 2005). A pesar de la hegemonía del castellano, lo que no debemos, como pueblo originario, es olvidar nuestra ancestralidad, de este modo continuaremos en la lucha por nuestra libertad, como lo menciona el poema de José M. Arguedas:

Al inmenso pueblo de los señores hemos llegado
y lo estamos removiendo con nuestro corazón lo alcanzamos, lo penetramos;
con nuestro regocijo no extinguido,

con la relampagueante alegría del hombre sufriente
 que tiene el poder de todos los cielos,
 con nuestros himnos antiguos y nuevos, lo estamos envolviendo.

[...] Estoy bien ¡alzándome!

Canto; mismo canto entono.

Aprendo ya la lengua de Castilla,

entiendo la rueda y la máquina;

con nosotros crece tu nombre [...]

José María Arguedas - Tupac Amaru Kamaq Taytanchisman

Finalmente, las experiencias vividas por la pandemia, en nuestro ámbito universitario revela, hechos importantes de barbarie encarnadas en el interior de nuestro país, como la permanente crisis en la que vivimos ya muchos años atrás, y que desencadenan brechas educativas muy profundas, pues conozco relatos de alumnos que, al desear continuar con su educación, para recibir la educación a distancia tiene que subir a las montañas, para poder captar una señal telefónica, de radio o televisión, para seguir insertados en un sistema educativo, que se devela como parte de un sistema fascista, que sigue priorizando el manejo de contenido, cegándose a las condiciones psico- sociales y ambientales a las que estamos expuestos permanentemente. Es necesario que pensemos en procesos formativos afectivos, empáticos y sensible que demuestren la fragilidad del hombre, y que consigan desarrollar la humildad de éste frente a su entorno, como las otras especies y la propia naturaleza; estos caminos, existen en la cultura andina, son nuestros mitos, a las que podemos considerar una *otra* ética, porque regulan nuestro comportamiento, nos enseña a cumplir responsabilidades para con los otros, antes de pedir nuestros derechos, y están presentes en el cotidiano de nuestras conversas como miembros de pueblos originarios, y que hemos decidido aprovechar para generar otros sentires a los participantes de la propuesta formativa *Pachakutiy*.

2.3 HERIDA COLONIAL DEL SER



Joan Alfaro – Piel de fuego

*En una cultura con racismo
el racista es pues normal.*

Franz Fanón

Aquí se plantea la última categoría de la herida colonial del ser, en la que se discute la matriz dominante del ser, del sujeto blanco, europeo, racional; y todo lo que se diferencia, es el otro y debe ser invisibilizados. En posturas más radicales, debe ser eliminado; para mantener la dominación del ser, se crea la categoría de raza, género, para caracterizar al otro; posteriormente se plantea devolver a ese ser su capacidad de afecto y no solo priorizar su racionalidad, afecto hacia el otro “*relacionalidad antropológica*” y hacia la naturaleza “*relacionalidad cósmica*”, en otras palabras, corazonar nuestras vidas.

La matriz colonial-fascista-capitalista se estructura a partir de una configuración geopolítica que clasifica, estratifica, jerarquiza y por ende excluye, básicamente a partir de la idea o construcción de la *raza*²⁰, es así, que el racismo, es una racionalización de clases y género (GUERRERO ARIAS, 2010); por supuesto se convierte en la base de la colonialidad del ser, que no solo clasifica seres humanos, sino también, sociedades, culturas, clases,

²⁰ Categoría discriminatoria de la matriz colonial- capitalista, que define quien es el dominante y quien es el otro diferente.

género, conocimiento, sentidos; es lo que se conoce como la *diferencia colonial* (MIGNOLO, 2007) , que representa la jerarquización de sociedades en las que lo diferente, será sometido con relación a lo hegemónico.

La globalización capitalista también tiene efectos sobre las identidades, las culturas, las relaciones entre países y democracias; en complicidad con la ideología neoliberal, y que uniformiza las economías nacionales, los patrones de consumo que debilitan a otras culturas, por lo tanto, se hace anti-participativa, porque genera exclusiones, diferencias, y subordinaciones de las dinámicas nacionales y regionales que intentan mantener la solidaridad humana, de las que no escapan ni las naciones más ricas y avanzadas, lo que lo convierte en un sistema hegemónico, impositivo y autocrático (FALS BORDA, 2015).

Una de las perversidades de la colonialidad, es la que Quijano denomina como radical ausencia del otro (QUIJANO, 2005), así que la matriz dominante se sustenta en el racismo, el otro, no solo que es invisibilizado, no existe, sino al que se le despoja de su humanidad y dignidad.

Entendiendo que todo lo que implica la colonialidad del poder, construye un sistema de dicotomías y polaridades que construyen la otredad, que todo lo que esta fuera del centro hegemónico, fuera de la *hybris* del punto cero, es considerado “otro”, por lo tanto será sometido a condiciones de inferioridad y subalternidad, construyendo la idea del cuerpo como lo otro del alma y la afectividad; las emociones como lo otro de la ciencia; lo privado como lo otro de lo público; lo femenino como lo otro de lo masculino; dando origen al universo de los otros que no están en la narrativa universal occidental, siendo vistos, como obstáculos, carencias e inferioridad. Es por ello que desde el origen de la fuerza dominante se busca colonizar lo otro (GUERRERO ARIAS, 2010).

Esta matriz no solo cambia la relación entre sí de una manera superficial, sino que también tiene un efecto de largo alcance: cambia la relación con el mismo y los demás, destruyendo la subjetividad y haciéndonos cada vez más distante y desconocido frente a nosotros y los otros. En esta postura lo otro es lo extraño, lo peligroso, lo lejano, lo que nos amenaza, lo que debe ser controlado y dominado, y en pensamientos más radicales lo que debe ser eliminado (GUERRERO ARIAS, 2010) y que no nos sorprenda, que, en la actualidad, muchas de las acciones fascistas, represivas, racistas y de nacionalismo apocalíptico (GIROUX, 2019b) se expresan con la intolerancia a la igualdad, verdad, justicia, y se ejerce la libertad para odiar y se ha globalizado la esclavitud laboral.

Esta estructura dicotómica y de superioridad se ha interiorizado como un ADN mental, en la gran mayoría de ciudadanos “civilizados” del mundo, donde la supremacía blanca ya no se esconde sino se lleva como insignia de honor (GIROUX, 2019a) y se reproduce en términos de subordinación: los pobres de África, los ignorantes del sur, los barbaros del oriente (CIDOB, 2012).

En este sentido, para Mariátegui, el tema de "raza" y "nación" no es abstracto, sino histórica y socialmente ligada a la productividad de la clase trabajadora y los pueblos originarios. La crítica marxista está obligada urgentemente a plantear cuestiones raciales en términos reales y prácticos, porque también debemos mirar el fondo y reconocer que el enemigo está dentro de nosotros, ósea, que la cuestión de la raza, del espíritu o de la profundidad humana afectó nuestra vida autónoma (GUARDIA, 2019).

Esta herida colonial del ser, en nuestro contexto de la UNH, ha marcado fuertemente la relación de nosotros con los otros, por pertenecer a una universidad de interior, joven y por tanto con poca experiencia, hacen de que se vea débil frente a las universidades reconocidas de la capital, debido a la estratificación social y geográfica, hace que cambie nuestra confianza, nuestro orgullo por ser parte de un pueblo originario, y que por el contrario nos hace sentir inferiores, distintos y con anhelos de ser como eso que no somos. No somos conscientes de que estos sentimientos de inferioridad, es una cuestión estructural del sistema fascista capitalista y colonial, pero también de nuestras subjetividades, y hasta que no lo reconozcamos como tal, no sabremos del valor que en nosotros reside. Por tanto, uno de nuestros objetivos es co-reflexionar sobre las posibilidades descolonizadoras en y desde nuestro contexto andino.

3. REFERENCIALES DE PROPUESTAS FORMATIVAS DECOLONIALES



Joan Alfaro – Las farolas

*Nos arrebaron nuestras tierras.
Nuestras ovejitas se alimentan con las hojas secas
que el viento arrastra, que ni el viento quiere;
nuestra única vaca lame agonizando la poca sal de la tierra.*

*Serpiente Dios, padre nuestro:
en tu tiempo éramos aún dueños, comuneros.*

*Ahora, como perro que huye de la muerte,
corremos hacia los valles calientes.*

Nos hemos extendido en miles de pueblos ajenos, aves despavoridas.

José María Arguedas - Túpac Amaru kamaq taytanchisman

(A nuestro padre creador Túpac Amaru)

En este capítulo presentamos la revisión bibliográfica de procedimientos metodológicos, los resultados y el análisis sobre temáticas relacionadas a investigaciones que trabajan con la propuesta formativa decolonial en espacios educativos, que nos aportan en la

construcción y discusión de las epistemologías del sur (SANTOS, 2010), con el objetivo de reconstruir, reposicionar o recuperar las epistemologías otras (WALSH, 2010).

En este sentido y en vista a los objetivos del trabajo, fue realizada inicialmente una investigación amplia en cuatro bases de datos: google académico, portal periódico CAPES, banco de tesis y disertaciones CAPES y banco de tesis y disertaciones IBICT; además fueron definidas las palabras claves que fueron utilizadas en las búsquedas de las bases de datos, las cuales son: “formación/formación universitaria” y “decolonial/decolonialidade”.

En relación a las claves de búsqueda utilizadas, se inició con la combinación “formación” + “decolonial”, después fuimos especificando los descriptores o usando su traducción en portugués o español.

Fueron desarrolladas tres etapas hasta llegar a la selección final de los textos que formaron parte del cuerpo de análisis, en la primera etapa fueron encontrados 655 trabajos, de los cuales fueron seleccionados 18 trabajos mediante una lectura rápida de los títulos, palabra clave y resúmenes, considerando criterios de exclusión (trabajos más relacionados con los descriptores “formación”, “decolonial” y trabajos de campo en relación a los descriptores mencionados) y como criterio de exclusión (“discusiones teóricas sobre los descriptores”)

La segunda etapa consta de la construcción de una matriz de análisis donde fueron insertados todos los textos seleccionados, para una mejor visualización y organización de resultados.

La tercera etapa consiste en la selección final de los trabajos que son parte del cuerpo de análisis, para esta selección final fueron leídos todos los resúmenes de los 18 trabajos y fueron aplicados los mismos criterios de inclusión y exclusión.

Tabla 1. Resultado en cuanto a tipo de búsqueda, clave de búsqueda, número de trabajos encontrados y de trabajos seleccionados e base de datos

Tipo	Clave de búsqueda	N° de textos	N° textos escogidos	Base de datos
Simple	“Formación universitaria” and “decolonial”	37	2	Portal periódico CAPES
Simple	“Formación” and “decolonial”	8	0	BDTD/IBICT
Simple	“Decolonialidade”	155	4	BDTD/ CAPES
avanzada	Decolonial + “formación universitaria”	455	9	Google

			académico
Total	655	15	

Fuente: elaboración propia, 2019

Por último, fueron seleccionados 14 textos que son parte del cuerpo de análisis, estos trabajos fueron leídos íntegramente y a partir de esta lectura fueron construidas las categorías de análisis que agrupan a los textos de acuerdo a su contenido, la presentación del análisis es en base a estas categorías.

Tabla 2. Síntesis de trabajos que son parte del cuerpo de análisis (referencia del texto, revista/biblioteca, base de datos de origen, tipo de documentos y número de búsqueda)

N°	Referencia bibliográfica del texto	Revista/ Biblioteca	Base de datos	Tipo de documen to	N° de busca
1	NAVARRO MSI. Perspectivas y alcances de la vinculación comunitaria. El caso de la universidad intercultural de Chiapas, unidad Oxchuc, 2018. Liminar. Estudios Sociales y Humanísticos. México.	Liminar. Estudios Sociales y Humanísticos.	Periódicos CAPES	Artículo	1
2	ARGUELLO PA. Pedagogía mixta: contribuciones para una filosofía (decolonial) de la educación desde las Américas. 2016. Colombia	Estudios Pedagógicos	Periódicos CAPES	Artículo	1
3	AVILA DS, SR. Com a flecha engatilhada”: rap e textualidades indígenas descolonizando as aulas de literatura. 2017. Brasil.		BDTD/ CAPES	Tesis de maestría.	3
4	DOS SANTOS GVS. Colonialidade do saber e a dinâmica universitária latino-americana: reflexões desde e com o eixo de fundamentos de América Latina da UNILA. 2018. Brasil.		BDTD/ CAPES	Tesis de maestría.	3
5	KRAINER A, AGUIRRE D et al. Educación superior intercultural y diálogo de saberes:	Revista de la educación	Google académico	Artículo	4

	el caso de la Amawtay Wasi en Ecuador. Revista de la educación superior. 2017. Ecuador	superior			
6	GAITAN CF. Hacia una aproximación decolonial en la enseñanza de las Ciencias Sociales. El rescate del saber Ancestral en la Institución Educativa Distrital Tibabuyes Universal. 2016. Colombia.		Google académico	Tesis de graduación	4
7	JURADO JJE. Escuela colonial, aula rebelde: una experiencia pedagógica desde la decolonialidad. 2016. Colombia		Google académico	Tesis de graduación	4
8	MOTA DL. La colonialidad del saber en la enseñanza de políticas públicas en instituciones de educación superior en México. 2016. México.	Revista estudios Políticos	Google académico	Artículo	4
9	QUILAQUEO RD, QUINTRIQUEO MS, TORRES CH. Características epistémicas de los métodos educativos mapuches. 2016. Chile.	Revista Electrónica de Investigación Educativa	Google académico	Artículo	4
10	PALUMBRO MM. Educación en movimientos populares rurales: un estado del arte. 2016. Argentina.	Rev. Historia de la educación latinoamericana	Google académico	Artículo	4
11	NAVIA AC, ET AL. Estudiantes universitarios indígenas y procesos formativos. 2019. México.	Revista Sinéctica	Google académico	Artículo	4
12	SINIGUI RS, ANCHIRA JN. Experiencia licenciatura en pedagogía de la madre tierra. 2016. Colombia.	Encuentro de Socialización de Experiencias Educativas y Universitario Prácticas Pedagógicas en el Contexto	Google académico	Artículo	4
13	GUERRERO-DAVILA G, MARAÑÓN-PIMENTEL B, LOPEZ CP. Crítica al	Revista da Faculdade de	Google académico	Artículo	4

	eurocentrismo y educación decolonial. La experiencia de CIDECI-Unitierra en Chiapas, 2017. México	Educação DA Universidade de Mato Grosso			
14	GUELEMAN A, PALUMBO MM. Prácticas pedagógicas descolonizadoras en experiencias de movimientos sociales: el principio formativo del trabajo productivas autogestionadas.2015. México	Revista Interamericana de Educación de Adultos	Google académico	Articulo	4
15	BERGAMASHI MA, SILVA MD, Karai Arandú na Bienal do Mercosul: educação guarani como possibilidade para uma estética decolonial. 2018 Brasil.	Rev. Brasileira. Estudos Presença	Google académico	Articulo	4

Fuente: elaboración propia, 2019.

3.1 ANÁLISIS DESCRIPTIVO

De todos los trabajos analizados, a metodología fue de cuño cualitativo, México fue lo país donde se desarrolló lo mayor número de investigaciones, y son propuestas más cercanas a los ideales de la decolonialidad, como universidades zapatistas, que describiremos más adelante:

Tabla 3. Países de producción de los artículos del cuerpo de análisis

PAÍS	Nº	%
Argentina	1	7.1
Brasil	3	21.4
Chile	1	7.1
Colombia	4	28.5
Ecuador	1	7.1
México	5	28.5
TOTAL	15	100.0

Fuente: elaboración propia, 2019.

En relación al *año de producción* de estas investigaciones, se tiene un auge el año 2016, especialmente de las investigaciones de México y Colombia, posteriormente las

producciones fueron mínimas, con respecto a desarrollo de propuestas formativas decoloniales, pero las discusiones teóricas van en crecimiento, como se evidencia en la tabla:

Tabla 4. Año de producción de los artículos del cuerpo de análisis

AÑO	Nº	%
2015	2	7.1
2016	7	42.8
2017	3	7.1
2018	2	21.4
2019	1	14.28
TOTAL	15	100.0

Fuente: elaboración propia, 2020.

En relación al *área* donde se pueden identificar estas publicaciones, se evidencia que mayoritariamente se reúnen en el área de educación, ya sea como “educación” (ejercicio de educación básica) o “educación superior” (como la formación de profesores), pero también hay un rubro denominado “otra educación” (otros espacios de educación, otras concepciones fuera de las colonizadas) dentro de las cuales destaca educación en el trabajo, en la lucha, en otros ámbitos, como la universidad zapatista; y por último vemos que también ya existen discusiones y aplicación de estas propuestas en el arte, un área, en este sentido Marcuse, contribuye a pensar la teoría crítica de la sociedad en la relación entre el arte, el sujeto y la formación para la sociedad de la resistencia unidimensional (MARCUSE, 1978), se ha considerado al arte, como capaz de crear posibilidades de producir otras luchas.

Tabla 5. Área de producción de los artículos del cuerpo de análisis

ÁREA	Nº	%
Arte	2	7.1
Educación	3	21.4
Educación superior	4	28.5
Otra educación	6	42.8
TOTAL	15	100.0

Fuente: elaboración propia, 2019.

Referente a la *metodología* que usan estas investigaciones, se han caracterizado por la presentación y análisis de cómo se dan las propuestas formativas decoloniales, como el la interpretativa y la descriptiva, hay una de ellas que hace un análisis del arte sobre las formas educativas en los movimientos populares rurales, las dos investigaciones con característica participativa, presentan la propuesta pedagógica Madre Tierra, y la exposición de arte en un aula guaraní.

Tabla 6. Metodología de los artículos del cuerpo de análisis

METODOLOGÍA	N°	%
Interpretativa	6	35.7
Descriptiva	4	28.5
Estado del arte	1	7.1
Participativa	4	28.5
TOTAL	15	100.0

Fuente: elaboración propia, 2019.

Las investigaciones escogidas son de este espacio geográfico, porque, en los últimos años en el contexto socio-histórico y cultural de América Latina, se discute la descolonización epistemológica y metodológica hace mucho tiempo. Sin embargo, en este campo de estudio de propuestas “otras” de formación universitaria, no se cuenta con muchos registros de trabajos académicos sobre estas propuestas formativas, pero, si se tienen muchas discusiones y reflexiones teóricas sobre posturas decoloniales.

3.2. ANÁLISIS CATEGÓRICO

A seguir presentamos una síntesis de las categorías temáticas construidas a partir de la lectura completa y análisis de los textos a ser analizados. En los artículos analizados se muestran algunos aspectos que marcaron una educación decolonial, donde se resalta que hubo una apreciación por el conocimiento ancestral y una educación decolonial expande las condiciones para una reunión con los ancestros.

Por ejemplo, Arguello y Gaitán, reconocen el potencial del reconocimiento del pensamiento, cultura y saberes ancestrales, como *forma de generar teorías y prácticas otras*, en este sentido se hace imprescindible la noción del principio de *tiempo cualitativo*, donde lo pasado no es considerado desactualizado y sin valor, por el contrario, muestra la necesidad de generar una *conciencia histórica* y crítica, que impide la continuidad de la dominación, porque se

desvenda al sistema fascista, capitalista y colonial, como la única forma de vivir, de ser y de sentir.

(...) valoración del pensamiento ancestral en su potencial autóctono para generar teoría y praxis pedagógica y lo que se buscó fue visibilizar esta propuesta decolonial (ARGÜELLO PARRA, 2016).

Mirada hacia el pasado que recordara la existencia de comunidades indígenas históricamente asentadas en la localidad (GAITÁN CARDOZO, 2018).

Además, Navia, señala la importancia de una *propuesta formativa decolonial para llevar a reencontrar a los pueblos originarios con sus hijos*, que quisieron desconectarse, generando un proceso consciente de valorización de lo que realmente da sentido a nuestra existencia, y no es más que volver hacia nuestra madre que fue negada por sus hijos durante mucho tiempo.

(...) los estudiantes al estar concluyendo sus estudios, expresan una especie de reencuentro con sus pueblos y comunidades de origen, revaloran sus lenguas y culturas, y construyen perspectivas nuevas. (NAVIA ANTEZANA et al., 2019).

En esta reconexión con nuestras raíces, Guelman, señala *que no debe ser ajena a los procesos sociales y políticos de nuestro entorno*, haciendo que las propuestas formativas decoloniales tomen mayor fuerza, debido al reconocimiento que no son solo necesarios en procesos individuales.

[...] articulando elementos de los saberes y la cultura populares a los procesos políticos en los que intervienen y porque reivindican prácticas y saberes autóctonos y reunifican al trabajador en su subjetividad, contemplando no sólo su razón sino también sus aspectos físicos, afectivos y psíquicos. (GUELMAN; PALUMBO, 2015).

En cuanto a la forma de realizar investigaciones sobre este tema, prácticamente se acordó que la *metodología cualitativa es la que proporciona las condiciones para comprender los procesos sociales involucrados en una formación decolonial, y que las metodologías usadas pueden ser diversas y no solo las reconocidas científicamente*. Haciendo posible su diversidad metodológica, pero si conservando sus ideales de conocer no solo aspectos racionales. muy por el contrario. a desear conocer los otros aspectos de los complejos procesos sociales, sin importarse por la técnica, pero si por lo cercanos que podemos estar como participantes y de este modo *quebrando con los cánones de investigación científica*.

La metodología utilizada es la investigación cualitativa porque los conocimientos educativos de las familias mapuches entrelazan elementos sociales y culturales (QUILAQUEO RAPIMÁN; QUINTRIQUEO MILLÁN; TORRES CUEVAS, 2016).

(...) la perspectiva cualitativa le permitió desarrollar la flexibilidad didáctica que buscaba. (JURADO JIMÉNEZ, 2016).

(...) estrategia cualitativa con una indagación de tipo etnográfica basada en entrevistas en profundidad, observación participante y conversaciones informales (GUELMAN; PALUMBO, 2015).

(...) discute educación, estética y posibilidades para una estética decolonial, a partir de una vivencia que denominamos mediación (inter)cultural en una escuela guarani y en una exposición de arte en la 10ª Bienal de Mercosur. (BERGAMASCHI et al., 2018).

Sobre el contexto de otras propuestas educativas decoloniales, los trabajos trajeron algunos aspectos interesantes para analizar *una educación decolonial: vínculo con el trabajo, bi / multilingüismo, estética y métodos propios*. Lo que nos evidencia la amplia posibilidad de su aplicación en diversas realidades.

Por ejemplo, Arguello, describe el desarrollo de la propuesta formativa dentro de una comunidad originaria, denominada mixe; Guelman y Palumbo se refiere procesos formativos en el trabajo y movimientos populares, como el de las cooperativas y sus luchas y finalmente como Navarro describe una propuesta formativa dentro de una institución universitaria, es este sentido, *se puede observar la plasticidad de adaptación de las propuestas formativas decoloniales*.

(...) es una alternativa de educación superior propia de las comunidades mixe-denominada centro de Capacitación Musical y de Desarrollo de la Cultura Mixe (CECAM). (ARGÜELLO PARRA, 2016)

(...) la construcción de saberes proyectos productivos: cooperativa textil, criadero de pollos, cooperativa de dulceras y conservas y cooperativa de serigrafía y de producción de pan en el centro "Altos". (GUELMAN; PALUMBO, 2015).

[...]comprende la vinculación entre educación y movimientos populares. (PALUMBO, 2016).

[...] la propuesta se desarrolla en la Unidad Multidisciplinar de Oxchuc de la Universidad Intercultural de Chiapas (UNICH-Oxchuc). (NAVARRO MARTÍNEZ; NAVARRO-MARTÍNEZ, 2018).

Algo muy resaltante con respecto a los contextos de las propuestas formativa decoloniales, es el caso de *la Universidad Zapatista, pues ella, ha roto toda la estructura jerárquica de las universidades de estilo colonial capitalista*. Es una experiencia sin requerimientos de ingreso, como el culminar la secundaria, no hay pagos por participación, los alumnos pueden asistir el tiempo que tengan disponible, no hay exigencias de créditos, y sobre todo los talleres que ofrece la universidad hacen despertar los principios de *comunitarismo, relacionalidad y homo.cultivador* de nuestra propuesta formativa *pachakutiy*.

La Universidad Zapatista con su propuesta muestra que otro mundo es posible [...] encuentran espacios deportivos, talleres de oficios (telares, panadería, talleres automotrices, agroecología, de educación artística, etc.), de reflexión filosófica y de interculturalidad contra-hegemónica en la que se entrelazan

hilos de esperanza, de lucha, resistencia activa (GUERRERO-DÁVILA; MARAÑÓN-PIMENTEL; LÓPEZ-CÓRDOVA, 2015).

Sobre las principales influencias en las propuestas formativas decoloniales, se evidencian influencias que recaen en procesos institucionalizados de la universidad y la interculturalidad y la Licenciatura Madre Tierra.

En el caso de la influencia de la interculturalidad, según Krainer, que describe la experiencia de la Universidad Intercultural de las Nacionalidades y los Pueblos Indígenas “Amawtay Wasi” en Ecuador, que modificó la posición jerárquica de los conocimientos, colocándolos en una misma posición para que exista un verdadero diálogo intercultural y que en conjunto con los principios de identidad, espiralidad y relacionalidad busca generar una ecología de saberes, que se alimente de la diversidad cultural y la riqueza de la filosofía de los pueblos originarios y generó en primer lugar, un currículo diversificado, según las demandas de los pueblos originarios, de diálogo entre los conocimientos ancestral y occidental en la interculturalidad, además, utiliza el método vivencial relacional, como forma pedagógica del bien vivir en articulación con la comunidad, la tierra, el planeta y el cosmos. Pero que muestra fragilidades al requerir de la decisión política y la concepción general de una sociedad diversa

(...) la influencia que ha tenido la Educación Intercultural Bilingüe en el caso de la Amawtay Wasi en Ecuador, pero también es una práctica limitada a nivel institucional, que requiere de reflexión crítica y voluntad política (KRAINER et al., 2017).

En relación a la licenciatura en pedagogía de la Madre Tierra, es una propuesta de formación universitaria para pueblos indígenas, que surge del convenio entre la Organización Indígena de Antioquia y la Facultad de Educación de la Universidad de Antioquia, y al considerarse la participación indígena, resalta las características de educación de nuestros pueblos originarios, como el principio de escucha y observación, que también hacen parte del conocimiento, pues mencionan que no necesitan interrumpir o hablar mucho, el principio comunitario, que es tejer nuestra redes de conocimientos, prácticas, luchas, etc. Esta perspectiva busca el diálogo de saberes y la valorización de las formas de aprender y formarnos en los pueblos originarios.

(...) experiencia de la creación de la Licenciatura en Pedagogía de la Madre Tierra la Universidad de Antioquia. (AGUILAR SOTO, 2016, p. 58).

La perspectiva anterior coincide con el estudio de Navia, de la licenciatura de a licenciatura en Educación Indígena de la Universidad Pedagógica Nacional en México, donde se recuperan voces silenciadas de los procesos formativos de pueblos originarios, y que genera la revalorización de los estudiantes indígenas y que pueden favorecer la puesta de proyectos para y con los pueblos originarios.

(...) formación de profesionales indígenas que contribuyan al campo de la educación para los pueblos indígenas. (NAVIA ANTEZANA et al., 2019).

Además, Quilaqueo, describe una formación otra en las familias Mapuches de la región La Araucanía en Chile, que se da por intermedio de conocimientos

prácticos, técnicos, simbólicos y espirituales y que se oponen a la monoculturalidad de la educación occidental.

(...) los métodos educativos mapuche denuncian una educación monoculturalidad de la escuela. (QUILAQUEO RAPIMÁN; QUINTRIQUEO MILLÁN; TORRES CUEVAS, 2016).

Además, estas propuestas educativas decoloniales, nos permiten problematizar la posición hegemónica de la razón universal, cuestionando la omnipotencia de la verdad universal, estableciendo las bases para la valoración de otras racionalidades, verdades “otras”, prácticas y maneras de vivir ancestrales, que se sustenten en verdades, pensares, sentires razones y haceres diferentes.

(...) valoración del pensamiento ancestral en su potencial autóctono para generar teoría y praxis pedagógica y lo que se buscó fue visibilizar esta propuesta decolonial (ARGÜELLO PARRA, 2016).

Es importante destacar, que la genealogía de la pedagogía decolonial, promueve una praxis emancipatoria de los miembros de las comunidades, y que estimula posturas de pertinencia y de reencuentro con su lugar de origen.

(...) los estudiantes al estar concluyendo sus estudios, expresan una especie de reencuentro con sus pueblos y comunidades de origen, revaloran sus lenguas y culturas, y construyen perspectivas nuevas. (NAVIA ANTEZANA et al., 2019).

Estas experiencias de educación decolonial, descritas anteriormente, nos muestran la increíble posibilidad de implementación de diversas propuestas decoloniales, en diferentes contextos y de diversos modos, que nos muestran que no son solo un discurso lírico y si, una práctica viva.

La forma de educación moderna/occidental no tiene la capacidad de visibilizar la pluralidad humana, porque su intención es estandarizar y homogenizar, frente a la diversidad, lo otro. Por tanto, para pensar en una pedagogía “otra”, es necesario retar, desafiar abiertamente y resistir la colonialidad y denunciar la monoculturalidad, como lo muestra Quillaqueo Rapiman:

(...) los métodos educativos mapuche denuncian una educación monoculturalidad de la escuela. (QUILAQUEO RAPIMÁN; QUINTRIQUEO MILLÁN; TORRES CUEVAS, 2016).

En términos de posibilidades descolonizadoras, las condiciones para que hacen posible que una educación decolonial pueda suceder y/o que nos hacen tener certeza que este

fenómeno sucederá son tener en cuenta principios de la filosofía de pueblos originarios, como relacionalidad, comunitarismo, tiempo cualitativo o en espiral, presencia de miembros e pueblos originarios, el diálogo verdaderamente intercultural, voluntad política, etc. Las características que distinguen y singularizan una propuesta educativa decolonial son aquellos que discuten o luchan contra la jerarquía de la educación mono cultural, los que denuncian el silenciamiento de otros saberes y las propuestas que sueñan con otras formas de ver, sentir y aprender. Y, finalmente, los diversos contextos y situaciones experienciales en las que se desenvuelven estas propuestas decoloniales nos muestran una diversidad de posibilidades para imaginar otras formas de educar y educarnos.

En cuanto a las contradicciones en las propuestas, identificamos la existencia de argumentos o prácticas que se oponen a las propuestas decoloniales y que indican cierta incompatibilidad. Por tanto, se hace importante asignarla que las experiencias evidenciaron posiciones y tensiones que muestran cierta oposición entre diálogos y prácticas coloniales y decoloniales, por tanto, todas las propuestas muestran las contradicciones de su implementación o análisis frente a una sociedad globalizante y monocultural.

(...) la estructura moderna que caracteriza la enseñanza superior en América Latina dificulta, en cuestiones administrativas/institucionales, la implementación de propuestas pedagógicas diferenciadas, obstaculizando su potencialización epistémica. (GÓES, 2018).

(...) representaron controversia y el cierto giro discursivo (...) aunque en ocasiones haya sido concebida como compleja. (JURADO JIMÉNEZ, 2016).

(...) son experiencias únicas de diálogo, no carentes de tensión, que se establecen entre sujetos de una gran diversidad sociocultural y lingüística, así como con vinculaciones etno-políticas diversas. (NAVIA ANTEZANA et al., 2019).

(...) contradicciones y tensiones que se generan en el sistema educativo frente al llamado del establecimiento de espacios de diálogo entre conocimientos tradicionales y científicos. (KRAINER et al., 2017).

Es necesario ser conscientes, que no hay proceso formativo sin dilemas o conflicto intelectuales, que provocan tensiones entre los diferentes saberes y prácticas entre los participantes de las propuestas decoloniales, envuelto en un marco de relaciones interculturales influenciados por la desigualdad y las relaciones de poder existentes en las

instituciones educativas. En este sentido, es importante desentrañar las superposiciones, contradicciones y juegos de poder en este ámbito educativo.

Finalmente, con respecto a las posibilidades descolonizadoras de nuestra propuesta formativa *Pachakutiy*, esta diversidad de posibilidades de formación decolonial descritas y la aplicación de los principios de formación de nuestros pueblos originarios, como la relacionalidad, el comunitarismo, el tiempo espiral, la autovalorización de nuestra filosofía, la escucha, constituyen esperanzas poderosas que generan diversos caminos para continuar con el desafío de generar otros sentires y saberes en la formación universitaria de enfermeros de una comunidad andina en Perú. En este desafío, se hace importante, resaltar las discusiones sobre educación decolonial, como respeto al sentido de pertenencia, identidad, porque esta educación también es política, porque se hace indispensable para luchar contra el avasallamiento de la discriminación, la explotación, el desprecio, la diferencia, el despojo, etc.; por medio de una educación ética, con respeto al otro (humano, no humano y naturaleza) en armonía con el cosmos, que contradice a una educación mercantil, que abraza la muerte de la naturaleza. Estas investigaciones, son el corazón que hace latir la sangre de nuestra propuesta formativa *Pachakutiy*, son prueba que existen otras posibilidades, otros mundos, otras formas de educar en la crítica y con amor en las relaciones y los discursos; y la continuidad de sus propuestas son la muestra más clara de que se puede y acabar con la idea del “otro”, ese que se tiene que ser dominado y explotado, para pasar a ser un trato con reciprocidad y correspondencia (relacionalidad antropológica y cósmica), para poder decir, no al antropocentrismo, no a la separación del todo en sus partes, no al dominio de la naturaleza por la producción, no a la razón disciplinar o especialización. Es urgente resaltar, como lo hacen estas propuestas que se debe considerar al medio ambiente como parte indisoluble de nuestro ser. Por tanto, surge el interés de discutir sobre los aprendizajes posibles a partir de lo que somos nosotros mismos, asumiendo el desafío de construir atajos que inspiran la rebeldía y la desobediencia por sugerir opciones fronterizas, cuando se trata de garantizar la pluralidad (MIRANDA, QUIÑONES, 2016). Defendemos así, que los procesos de construcción y desconstrucción de saberes y conocimientos con flujo continuo, concordando con Franz Fanon y Paulo Freire, Walsh debe nos estimular a reconocer “las acciones arraigadas a la vida misma” (WALSH, 2012). El hablar de una educación decolonial, exige una práctica colaborativa de una educación concebida en nuestras tierras y en el centro de las asociaciones y colectivos de diferentes lugares, como se evidencian en los textos de educación mixe, mapuche, zapatista y de licenciatura de la madre tierra, y que son pautadas

en la solidaridad y la cooperación, en la subversión favorecida por prácticas comunitarias y desobedientes, que comparten la escucha sensible, como estrategia que nos lleve a descolonizar nuestros cuerpos, saberes y sentires. Aunque el número de propuestas decoloniales, en comparación en el universo de producciones científicas es menor, pero, son muestra que no son solo un universo discursivo, sino que tiene vida y laten con fuerza.

4. CUADRO TEORICO EPISTEMOLÓGICO “PACHAKUTIY”



Joan Alfaro - Enbrujo

*Padre nuestro, escucha atentamente la voz de nuestros ríos;
 escucha a los temibles árboles de la gran selva;
 el canto endemoniado, blanquísimo del mar;
 escúchalos, padre mío, Serpiente Dios.
 ¡Estamos vivos; todavía somos!
 Del movimiento de los ríos y las piedras,
 de la danza de árboles y montañas, de
 su movimiento, bebemos sangre poderosa,
 cada vez más fuerte.
 ¡Nos estamos levantando, por tu casa,
 recordando tu nombre y tu muerte!*

***José María Arguedas - Tupac Amaru kamaq taytanchisman
 (A nuestro padre creador Tupac Amaru)***

Igual que al problematizar, tampoco deseamos enfocarnos en otra discusión teórica, muy por el contrario, deseamos que, a partir del fuego encendido de la cultura andina, como motor de esta propuesta epistemológica *pachakutiy*, se logre encender los corazones, para

cuestionar de fondo el modelo neoliberal capitalista y sus presupuestos filosóficos y civilizatorios.

Pachakutiy, es una palabra muy poderosa en quechua, que significa *renovación de la tierra* (MAMANI MACEDO, 2017), deseo de cambiar esta forma de vida que nos genera dolor. Para explicar el significado del *pachakutiy*, empezaremos a describir, el lugar de origen, la cultura andina, su cosmovisión, la raíz del término hasta describirla con sus sufijos y la amplitud de su uso, para entender la profundidad del deseo de renovación de nuestra sociedad, que se plantea en esta propuesta epistemológica, porque la visión cósmica del mundo andino es un proceso de vida, que significa conservar los sentimientos y el conocimiento de los antepasados basados en el respeto, la relacionalidad, el tiempo cualitativo y la equivalencia con la naturaleza y el universo. Con el fin de comprender, sentir, vivir y redescubrir esta forma de ver el universo a través de la sabiduría andina.

4.1 LOS ANDES LUGAR DE ORIGEN DE PACHAKUTIY

Una de las cadenas montañosas más amplias de la tierra es los Andes, cubierta por el Mar Caribe desde el norte hasta el Estrecho de Magallanes en el sur. El hemisferio sur de la tierra se lleva a cabo bajo la guía permanente de la constelación "Cruz del Sur" o "Chakana". (MILLA VILLENA, 1992). Por esta razón, el Año Nuevo Andino se celebra el 21 de junio, respetando el ciclo agrícola, mientras que el Año Nuevo en el hemisferio norte debe celebrarse el 21 de diciembre, por eso la mayor fiesta de la región andina, es el *Intiraymi* (fiesta del sol), que simboliza el inicio del calendario agrícola.

La cordillera, es lo más interno y también más destacado: cuando buscamos el nivel más profundo de interioridad debemos subir a la meseta, porque es la cúpula impetuosa del *Abya Yala*, En los andes unas brújulas dicen "sube" y otras dicen "baja", y solo las personas que entienden el movimiento del paisaje pueden entender el caminar de los Andes (ZENTENO BRUN, 2009).

La palabra "Andes" es una ligera modificación de la palabra Antis en aymara, y no significa pertenencia geográfica a los Andes, pues el término en aymara antiguo, significa una forma de vida que pertenece a un lugar sagrado. Los Andes son considerados esfinges, que también puede estar dentro de nosotros (DIEZ DE MEDINA, 1974). También este término está relacionado con: "Los andinos, los Antas o los Bronces; debido a la tez rosa o rojiza, es una característica típica del local de Edén [...] (VILLAMIL DE RADA, 1888) y que tienen como propósito redescubrir la sabiduría ancestral y aplicar el principio de solidaridad en la

comunidad a través de la integración, la cooperación, la reciprocidad, la hermandad y la alianza.

4.2 COSMOVISIÓN ANDINA

La definición de cosmovisión en el libro "Metodología propia, educación diferente" publicado por el Centro de Culturas Originarias Kawsay (CCOK) dice:

(...) es una elaboración meticulosa de los seres humanos, que restaura la forma de sentir, observar y percibir la realidad en su totalidad, ósea, a los seres humanos, la naturaleza entera y el universo. Todas las culturas en el mundo tienen su visión del mundo única, por lo que estamos en esta parte de la tierra, y las personas en esta parte del continente también tienen su cosmovisión (CCOK, 2005, p. 14).

Este concepto general de visión cósmica señala y aclara el valor de todos los componentes de este complejo universo. Debe enfatizarse que todas las personas y comunidades construyen sus propias sociedades e instituciones basadas en interpretaciones de su cosmovisión. Por lo tanto, la existencia única de la humanidad es restaurar y redescubrir la relación energética entre el hombre, la naturaleza y el universo, todas las generaciones en la historia se basan en las particularidades de su vida diaria (ZENTENO BRUN, 2009).

De este modo, Carlos Milla Villena dijo en su libro "El origen de la cultura andina": "Todo trabajo creado por la cultura está inmerso en un espacio físico creado por el hombre para transformarlo en un espacio social "(MILLA, 1992, p. 16). Por lo tanto, las diferentes culturas en el hemisferio sur tienen conocimientos, percepciones y estilos de visualización muy similares entre sí, porque tienen la misma orientación y orientación de la cúpula del cielo. Lo mismo se aplica a la cultura del hemisferio norte, por lo que las características de cada región deben ser respetadas, y bajo ninguna circunstancia se puede imponer puntos de vista de otra cultura.

Por lo tanto, la cosmovisión andina es una forma de observar el mundo. Así es como interpretamos la vida y entendemos el universo, este es nuestro parámetro (CCOK, 2005). Este concepto refleja un entorno cultural especial del *Abya Yala* y refleja las condiciones para que podamos creer y comunicarnos con nuestra propia tierra y mundo cósmico desde el concepto de los Andes. Esta visión del mundo señala la relación entre las personas y su propio mundo, plantas, bosques, animales, territorios, minerales, ríos, lagos, montañas, espacio celestial y ambiente estelar, formando una integridad completa, absoluta, única e interactiva. Esta cosmovisión se muestra en el cuento Tiwanaku, escrito por Flores:

(...) el ayllu significa una reunión de muchas personas, llenas de hermandad, es una alianza con Pacha Mama, plantas y animales, por eso, no necesitas de política o religión, solo requiere de un gran corazón para hablar con la Pacha Mama, con las estrellas y todo lo que conforma la *Pacha*. (FLORES APAZA, 2005, pg. 24).

Para la cosmovisión andina, *Pacha*, trasciende el tiempo y el espacio, porque combina un estilo de vida y el entorno dual de la universalidad de la tierra, por esto, *en los Andes no se rige por derechos, sino por responsabilidades* (ZENTENO BRUN, 2009). Otro aspecto relevante de administración política, es que no se permite reelecciones en la comunidad, todos están en la capacidad del ejercicio de servicio por un año. La constante comunicación entre el universo y los humanos por intermedio de animales²¹, las plantas y el comportamiento de la naturaleza²², permiten a los andinos, estar informados y tomar decisiones respecto a su vida cotidiana. Este concepto profundo, confirma la relación energética entre la tierra y el universo: la *pachamama* (visible) nutre y protege la esencia de los andinos, mientras que la *pachakama* (invisible) es la matriz cósmica que protege el mundo.

4.3 ETIMOLOGÍA DEL PACHAKUTIY

El *packakutiy*, es una de las categorías andinas más difundidas en nuestros pensamientos y sentimientos andinos, como la poesía y la música, y de mucho éxito en la explicación de los fenómenos culturales y en las representaciones literarias. Esta categoría proviene de dos raíces: *pacha* y *kuti*.

"Pacha", resulta de combinar dos energías, la palabra "*paya*" (dos), y "*cha*" proviene de "*chama*" (poder) (ZENTENO BRUN, 2009). Es la esencia del universo y la naturaleza, que representa lo sagrado, y confirma que todo en la naturaleza es complementario. Pacha es una expresión y un concepto de vida, es periódico y en varias dimensiones, por lo que se encuentra en la continua relación entre espacio-tiempo-vida (CCOK, 2005), por tanto, *pacha*, es tiempo y espacio.

"*Kuti*" es la raíz del término *kutiy*, que significa: retorno, regreso, vuelta al lugar o punto de origen, vuelta entera (revolución), cambio, transformación (MAMANI MACEDO,

²¹ La choka, que es un pájaro que anida entre las cañas a orillas del lago Titicaca, y cuando el pájaro construye un nido en los lugares altos de las cañas, es seguro que habrá fuertes lluvias por un período de tiempo, lo que elevará la superficie del lago. Si el nido del pájaro construye su nido debajo de las cañas, habrá un período de lluvia ligera y el nivel del agua del lago no aumentará demasiado, permitiendo el cultivo agrícola en áreas bajas.

²² Todas las comunidades del lago saben cómo explicar la actividad cósmica de la noche de luna llena, porque durante esta señal, los miembros de la comunidad están listos para atrapar la red para reconfirmar las ricas actividades de pesca.

2017), esta raíz tiene un lugar clave es importantísimo en el mundo idiomático quechua y tiene varias acepciones.

kuti = vez (1)

Usos:

Ayka *kuti* = cuantas veces

Juk *kuti* = una vez

Ishkay *kuti* = dos veces, etc

Kay *kuti* = esta vez

Tsay *kuti* = aquella vez

La palabra *kuti*, tiene un significado de mayor trascendencia y de allí proviene y se desprende el verbo *kutiy* = retornar, regresar, volver, voltear. Como vemos, para el mundo quechua (andino) para que algo sea considerado “una vez” (numéricamente hablando, una situación determinada, un proceso sea este biológico, social o cósmico) tiene que cumplir el requisito del “carácter cíclico” (GONZALES HOLGUÍN, 1989).

De la unión de las dos raíces, *pacha* y *kuti*, se deriva inicialmente un término ampliamente conocido: “*pachakuti*”, que significa el retorno al punto inicial del ciclo de un proceso que ocurre en el tiempo y en el espacio, completando así una revolución. *Pachakuti* en su acepción correcta significa “renovación del tiempo y del espacio”, es decir, la transformación del mundo. De ser entendido en forma simplista solo como revolución, podría tomarse como el ciclo del día y de la noche y esto sería un reduccionismo descabellado del verdadero significado de esta expresión. Del término *Pachakuti* se deriva el verbo activo “*pachakutiy*” (renovar el tiempo y el espacio, transformar el mundo) y de este se deriva *Pachakutiq* que significa pues, “renovador del tiempo y del espacio, transformador del mundo”. *Pachakuteq* puede ser sujeto o adjetivo determinativo (OSSIO, 2008).

En la cosmovisión andina, desde una perspectiva política y filosófica, preferimos hablar de *Pachakutiy* que de “revolución”, porque entendemos que los cambios deben ser desde una perspectiva global y holística (cultura, cosmovisión, espíritu y sociedad). Todo está en un ciclo, y el desarrollo de un ciclo debe ver la realización de todas las posibilidades contenidas en el ciclo, y la posibilidad desaparece gradualmente desde su comienzo hasta llegar al punto más bajo. Por lo tanto, todavía podemos decir que el desarrollo del desempeño se produce entre dos extremos: puramente espiritual y puramente material.

Esta ruptura cósmica "*pachakutiy*" (revolución del tiempo cualitativo), insiste en el papel dominante del sujeto "nosotros", por tanto, el "*pachakutiy*" será, en efecto, el resultado de una toma de conciencia previa (mañana muspaykuchu, ya no deliramos) ahí la importancia de la educación, la emancipación y el desarrollo de las posturas críticas en todos los ámbitos de nuestra influencia. Y esta voz se dirige especialmente a los qepa wiñaq, a "los-que-crecen-atrás", a la posteridad. (MAMANI MACEDO, 2017)

Además, la propuesta también enfatiza el estado de la tierra, es decir, el planeta azul, la *PachaMama*, en medio del desierto cósmico al que pertenecemos. Este es un estado alarmante, según el "Informe del Club de Roma" estamos a solo un paso del colapso ecológico, y no dejaremos de inyectar veneno en la tierra, lo que inevitablemente nos lleva al fin del mundo y hacia *Pachakutiy*.

4.4 LA PROPUESTA EPISTEMOLÓGICA *PACHAKUTIY*

La propuesta de intervención que realizamos en esta investigación (tradicionalmente llamada metodología de investigación) se basa en una comprensión del pensamiento andino, como fuerzas revolucionarias, misteriosas y una fuerza que se encuentra viva en los pueblos originarios y se centran en movilizar a las masas, a través de su carácter comunista producido por sus misteriosos antepasados de la tierra y el cosmos, es otra forma de pensar sobre nuestros pueblos, que nos acerca al mito de la "revolución socialista" (MARIATEGUI, 2009), en este sentido vitalista, universal y revolucionario, podemos crear un movimiento construido de "sangre y fuego" del corazón, que surge de nuestras heridas.

Lo que busca la propuesta es dar vida con nuestra propia realidad, en nuestro propio lenguaje, y que aporta propuestas teóricas, políticas, históricas y culturales en relación a la identidad, la liberación y la esencia de los pueblos originarios (MARIATEGUI, 1975); y fortalece a la lucha contra la violencia, el racismo, la explotación, el despojo (GIRUOX, 2019a).

Este deseo y deseo de transformar la sociedad en un mundo nuevo está influenciado por otra ética y estética, porque tratamos de imaginar modelos con una naturaleza verdaderamente sostenible y autosustentable, volviendo así al sueño de vivir en armonía con la naturaleza.

Por lo tanto, los parámetros sugeridos por esta epistemología (y metodología) en la mayoría de los casos contradicen los principios previamente expuestos de la modernidad occidental. Por lo tanto, también cuestiona muchos de los supuestos del desarrollismo

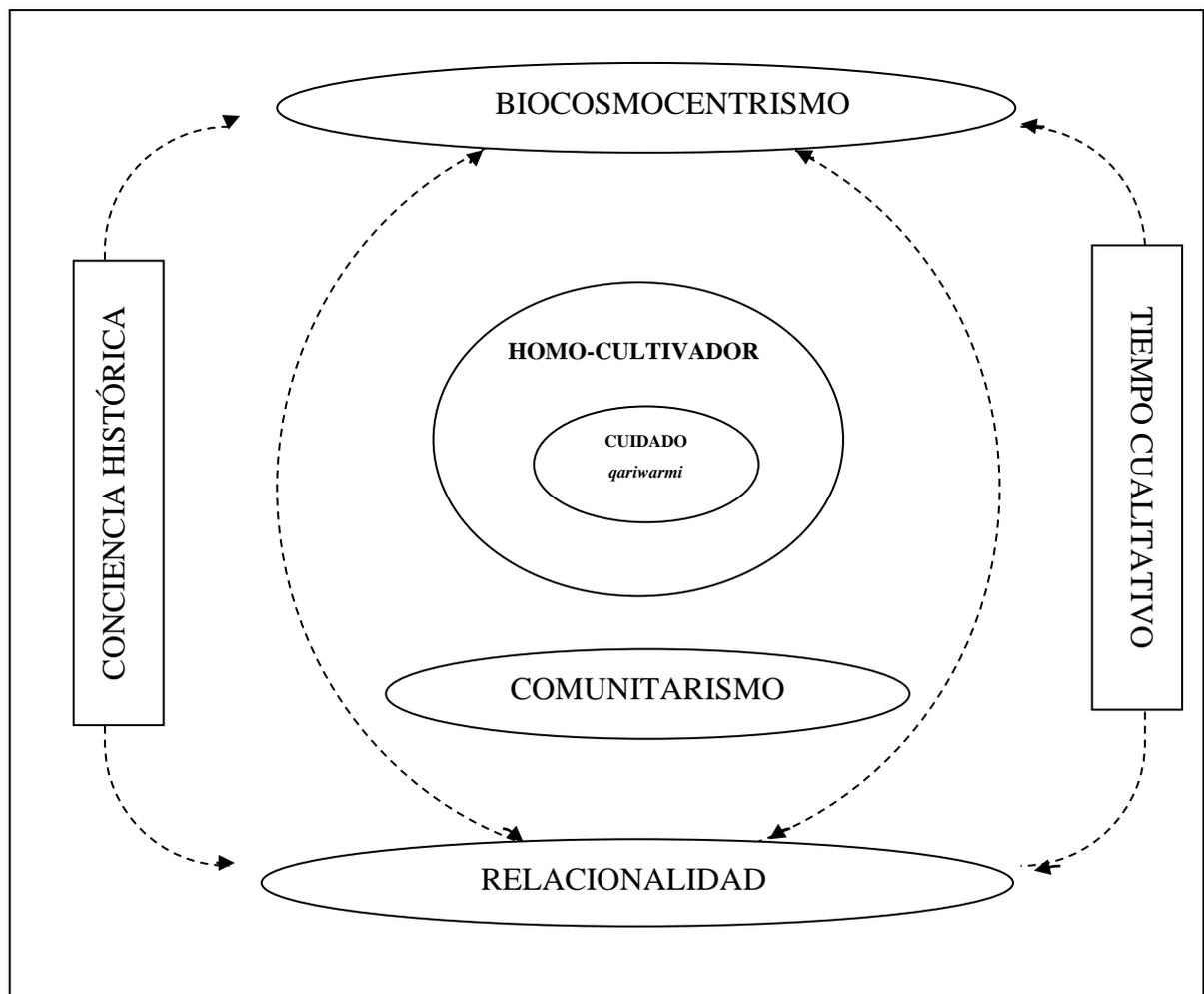
colonial, occidental, capitalista y liberal. Por ejemplo, la primera contradicción que tratamos de traer para discusión es que las personas creen firmemente que "la modernidad" y el "desarrollo" están completamente monopolizados por Occidente (DUSSEL, 2005).

El *pachakutiy* también puede convertirse en un modelo de "desarrollo", compatible con la vida y la naturaleza, y conjuntamente responsable de las generaciones futuras y del universo entero, como muestra la metáfora del "Buen Vivir". (allin kawsay; suma qamaña; ivi maräei; etc.) (ESTERMANN, 2012).

Otro ideal del "desarrollo" en *Pachakutiy*, incluye considerar a otras criaturas, animales, plantas, minerales, estrellas, espíritus y dioses, como en los principios básicos del pensamiento andino, de conexión, complementariedad, correspondencia, reciprocidad y periodicidad, por tanto, "vivir bien" es una forma de supervivencia que mantiene un equilibrio con todos los demás elementos de Pacha. Este anhelo de vida, no se da, ni riqueza ni pobreza, ni en desperdicio ni en escasez, ni lujo o carencia, sino en una vida en armonía con todas las demás criaturas, una convivencia transcultural, inter-biológica e intergeneracional. Porque "vivir mejor" es porque necesariamente significa que otros vivirán "peor" (ESTERMANN, 2006).

Por tanto, describiremos cada uno de los principios que rige la propuesta epistemología *pachakutiy*, fuertemente vinculados al pensamiento andino, que se grafican a continuación:

Figura 1. Epistemología otra “Pachakutiy” y sus principios



Fuente: Elaboración propia

Estos principios son voces, cada más fuertes y frecuentes, que no solo imaginan medidas cosméticas del desarrollo capitalista, colonial, fascista; sino cuestionan el fondo de este modelo, que vienen de diversos movimientos, de periferia, como regiones declaradas subdesarrolladas, con su sabiduría milenaria, específicamente de pueblos originarios de los Andes (MARIATEGUI, 1975). Por tanto, estos elementos constituyen los elementos claves para imaginar un modelo *otro* de “desarrollo”, compatible con la vida y la naturaleza, y que condensa deseos objetivos y subjetivos en relación con todo el cosmos.

4.4.1 BIO-COSMOCENTISMO: Todo tiene vida



Joan Alfaro- Hadas andinas

¡Oh árbol de pati, de Patibamba!
 nadie sabía, que tu corazón era de oro,
 nadie sabía, que tu pecho era de plata.
 ¡Oh mi remanso, mi remanso del río!
 nadie sabía, que tus peces eran de oro,
 nadie sabía, que tus patitos eran de plata.

José María Arguedas - Patibamba

Este principio significa que el universo, o Pacha, no es una gran máquina o mecanismo que primero fue simplemente organizado por los filósofos europeos modernos, especialmente Descartes y sus seguidores, a través de leyes mecánicas. *Pacha* es un organismo vivo cuyas partes se encuentran en un estado de dependencia mutua y comunicación entre sí (ESTERMANN, 2006). El principio básico de cualquier “desarrollo” debe ser, entonces, basado en el “Buen Vivir” (kawsay, qamaña, jakaña) (WALSH, 2009), en su totalidad, no solamente del ser humano o de animales y plantas, sino de toda la Pacha.

En segundo lugar, significa que los llamados "recursos naturales", como la tierra, el aire, el agua, los minerales y los hidrocarburos, la energía solar, la energía eólica y la energía geotérmica, que actualmente son objeto de manipulación y explotación irracional, al servicio solo de los seres humanos (GUARDIA, 2019). Esta actividad y los intentos de "privatizar" los

recursos son ideas y sacrificios absurdos, porque no se puede vender a nuestra madre, la Pachamama, al agua o a los minerales del subsuelo (uray o manqha pacha). Porque, la vida es precisamente el resultado de un intercambio armonioso entre todos, no el saqueo y el orgullo de unos pocos (ESTERMANN, 2012). Por lo tanto, consideramos que los humanos no son "mejores" o "superiores" que otras criaturas, porque todas las especies deben ser dignificadas de acuerdo con este orden cósmico, por lo que en el mundo andino no es antropomorfo, y la humanidad no puede tener ningún crecimiento y progreso si perjudica a la naturaleza, por tanto, todos los esfuerzos de "desarrollo" deben apuntar a un mayor equilibrio entre la naturaleza y el universo. El hombre debe ser un puente intermedio que ayuda a construir y restaurar la armonía y el equilibrio universal, por lo tanto, no solo puede medirse el "desarrollo", en términos de dinero y cantidad como lo establece los Objetivos del Milenio, ni solo puede medirse mediante indicadores que solo consideren mejoras en las condiciones de vida humana. Los derechos humanos deben complementarse con los derechos de la *Pachamama* (ESCOBAR, 2007).

En este sentido, la propuesta *Pachakutiy*, busca restablecer una relación armoniosa entre las personas y la naturaleza. La modernidad de Occidente ha hecho que la vida social se divida en campos autónomos (por ejemplo, economía, política, cultura, moralidad), cada uno de los cuales desempeña el papel de un sistema independiente; por lo tanto, la sociedad moderna parece ser un mundo atomizado. No solo se cortó la conexión entre las personas, sino que también desapareció la relación directa con la naturaleza. Tal como lo señaló claramente Carlos Mariátegui hace más de 95 años, se opuso y rechazó el gran plan de modernidad capitalista centrado en el ser humano, centrado en la nación y el mundo civilizado (SOSA, 2012).

En el libro de Luis E. Valcárcel; Mariátegui señala que el espíritu andino se muestra en la relación de los pueblos originarios profundamente arraigados en la naturaleza (MARIÁTEGUI, 1994). Este espíritu es definido como un "sentimiento cósmico", o de unidad con la naturaleza. Mariátegui escribió "El sentimiento cósmico de pueblos originarios está íntegramente compuesto de emociones andinas".

...a sociedade precisa entender que não somos o sal da Terra, temos que abandonar o antropocentrismo, há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade (KRENAK, 2020, p. 7).

4.4.2 TIEMPO: carácter cualitativo y consciencia histórica



Joan alfaro – Vuelta por el universo

Hay un lugar que yo me sé en este mundo,
 nada menos, adonde nunca llegaremos.
 Donde, aún sin nuestro pie llegase a dar por un instante
 será, en verdad, como no estarse.
 Es ese un sitio que se ve a cada rato en esta vida,
 andando, andando de uno en fila.
 Más acá de mí mismo y de mi par de yemas,
 lo he entrevisto siempre lejos de los destinos.
 Ya podéis iros a pie o a puro sentimiento en pelo,
 que a él no arriban ni los sellos.
 El horizonte color té se muere por colonizarle
 para su gran Cualquiera parte.
 Más el lugar que yo me sé, en este mundo,
 nada menos, hombreado va con los reversos.
 -Cerrad aquella puerta que está entreabierta
 en las entrañas de ese espejo. –
 ¿Esta? - No; su hermana.
 -No se puede cerrar. No se puede llegar nunca a aquel sitio

-do van en rama los pestillos.

Tal es el lugar que yo me sé.

César Vallejo – Trilce

Tener en cuenta la naturaleza cualitativa del tiempo es deshacerse de la opinión de que el tiempo es un medio neutral y cuantificable, esta postura es insostenible en el contexto de una cosmovisión andina. Por tanto, para el mundo andino, el tiempo no es unidireccional ni irreversible ni lineal, sino cíclico (en espiral), es decir, el futuro no siempre está por delante, sino puede ser conquistado en el pasado. Los andinos pueden caminar de espaldas y mirar al futuro (qhipa) y al pasado (ñawpapacha; naira pacha) con sus ojos (ñawi; naira) para ubicarse y buscar utopías (ESTERMANN, 2012). Por lo tanto, existe la idea de "utopía retrospectiva" en el ideal de un pasado inacabado y proporcionar un desarrollo sostenible real, que sea compatibles con la naturaleza, toda las especies y las generaciones futuras.

El axioma de la modernidad occidental nos dice que lo que sucede siempre debe ser "mejor" que lo que ya sucedió (optimismo meta histórico). Esta lógica, cuantifica no solo el tiempo sino también varios valores y objetivos. El tiempo se convierte en unos segundos, unos minutos, unas pocas horas y unos días, a partir de ahí se convierte en "dinero". La vida humana se define mediante estadísticas y números, que cuantifica, padroniza, organiza y clasifica a la naturaleza y los seres vivos (CLUB DE ROMA, 2006), por tanto, "maduración", "mejoramiento", "bienestar" y "calidad de vida" se traducen en categorías monetarizadas y cuantificadas.

Como observa Alberto Flores Galindo, la esencia del marxismo de José Carlos Mariátegui, rechaza esta imagen lineal, de la ideología progresista de la historia universal (FLORES GALINDO, 1980). Porque, según Aravena, en la lógica andina, hubo un tiempo en que el pasado era invocado, como historia, para actuar en el presente y preñarlo de futuro, busca establecer un contraste entre el recurso político del pasado y sus actuales usos meramente estetizantes. En este sentido, la obra de Mariátegui, en particular su exigencia de conocimiento de la realidad histórica del Perú para una transformación revolucionaria, es situada en el momento de "crisis" en que se formula. Momento en el cual la pregunta por la historia – como modalidad de la pregunta por el sentido – adquiere primordial urgencia para iluminar el futuro (ARAVENA NUÑEZ, 2012).

En Mariátegui, para aplicar la historia, debemos estar convencidos de cambiar el mundo, no solo de pensar el mundo, sino también de comprenderlo muy bien, buscar una

realidad profunda. De esta manera, la comprensión de la realidad no solo está relacionada con la "recopilación de datos", sino con una tarea explicativa, es decir, la dialéctica, "cada enunciado debe tocar sus límites externos (MARIATEGUI, 1982). La gran suposición de Mariátegui es que los seres humanos actúan debido a mitos, sin mitos, la existencia humana no tiene importancia, porque la historia es creada por personas poseídas e inspiradas por creencias superiores y esperanzas sobrehumanas (MARIATEGUI, 1994). Como señaló en el libro "El hombre y el mito": "La diferencia más obvia entre la burguesía y el proletariado es el mito. La burguesía ya no tiene mitos, se ha vuelto dudosa y nihilista; mientras el proletariado tiene un mito: la revolución social, y hacia este mito, avanza firme ". (ARAVENA, 2012).

4.4.3 LA RELACIONALIDAD: para corazonar nuestras vidas



Joan Alfaro. Suralismo Andino

No quieras hija mía a hombres de paso,
a esos viajeros que llegan de pueblos extraños.
Cuando tu corazón esté lleno de ternura,
cuando en tu pecho haya crecido el amor,
esos hombres extraños darán media vuelta y te dejarán.

Más bien ama al árbol del camino,
a la piedra que estira su sombra sobre la tierra.

Cuando el sol arda sobre tu cabeza,
cuando la lluvia bañe tu espalda,
el árbol te ha de dar su sombra dulce,
la piedra un lugar seco para tu cuerpo.

José María Arguedas – Hombres de paso

En los 7 Ensayos, Mariátegui explora las características más significativas de la existencia de la racionalidad diferente, que se encuentra en la naturaleza de la historia social peruana: una racionalidad de la solidaridad, que se encuentra en los diferentes ámbitos de la

vida social heredadas de la civilización andina precolonial, que no correspondía únicamente al trabajo y a la producción sino que constituían una parte viva del alma de pueblos originarios, pues están profundamente enraizadas en todos los aspectos de la vida. Le preocupaba comprender las circunstancias que habían sobrevivido desde el pasado, así como las posibilidades de renovación, porque no estudió el pasado para revivirlo (MARIATEGUI, 2009). Él creía que la civilización Inca había desaparecido, pero su espíritu siempre ha permanecido vivo, de forma que una sociedad destruida se convierte en una fuente de energía para el "mito socialista". La civilización andina ha desaparecido, pero "el complejo fondo de creencias, mitos y sentimientos está vivo" (MARIATEGUI, 1994).

Aquí es donde Mariátegui descubrió la presencia del sentido andino, en toda la red de símbolos e instituciones que se expresan y reproducen: en el trabajo y la propiedad colectiva, en las organizaciones sociales comunitarias y en el arte y la literatura de José María Arguedas o César Vallejo, la pintura de José Sabogal o de Joan Alfaro. Mariátegui definía a este espíritu andino sobreviviente como un "estilo de vida" especial, donde el Ayllu "es un tipo social arraigado de convivencia entre en el medio ambiente y los hombres" (GERMANÁ, 2019).

Este tipo de conciencia de vida, se expresa bien en dos relaciones: una es la relación que los pueblos originarios mantienen con los demás, y la otra es la relación que mantiene con la naturaleza. Las relaciones entre los miembros de la comunidad se rigen por relaciones recíprocas. Esto significa comunicación establecida por individuos en todas las áreas de la vida social (trabajo, festivales).

Esta dedicación encarna el "espíritu comunista" (entre las personas) y las relaciones (con el universo). A partir de ahí, concluimos que los seres humanos no tienen una dignidad "mejor" o "superior" y otra supuestamente "inerte" que otros seres vivos, sino que se dirigen a su posición específica, en función al orden cósmico llamado *Pacha*.

En términos específicos, la relacionalidad significa que los elementos que componen el todo está estrechamente relacionado, con respeto mutuo y ninguno tiene supremacía. Todas las partes juegan un papel co-constructor del medio ambiente. (KRAINER, 2017).

O que estamos vivendo pode ser obra e uma mãe amorosa, que decidiu fazer o filho calar a boca, pelo menos um instante. "Filho silêncio" a mãe terra está falando isso para a humanidade (KRENAK, 2020, p 9)

4.4.4 EL COMUNITARISMO: Otro tipo de desarrollo



Jose Sabogal

Se bebe el desayuno... Húmeda tierra de cementerio huele a sangre amada.
 Ciudad de invierno... La mordaz cruzada de una carreta que arrastrar
 ¡Parece una emoción de ayuno encadenada!
 Se quisiera tocar todas las puertas, y preguntar por no sé quién;
 y luego ver a los pobres, y, llorando quedos,
 dar pedacitos de pan fresco a todos.
 Y saquear a los ricos sus viñedos con las dos manos santas
 que a un golpe de luz volaron desclavadas de la Cruz.
 Pestaña matinal, no os levantéis!
 ¡El pan nuestro de cada día dáoslo, Señor...!
 Todos mis huesos son ajenos; yo talvez los robé!
 Yo vine a darme lo que acaso estuvo asignado para otro;
 y pienso que, si no hubiera nacido, otro pobre tomara este café!
 Yo soy un mal ladrón... A dónde iré!

Y en esta hora fría, en que la tierra trasciende a polvo humano y es tan triste,

quisiera yo tocar todas las puertas, y suplicar a no sé quién, perdón,
y hacerle pedacitos de pan fresco aquí, en el horno de mi corazón...!

Cesar Vallejo – El Pan Nuestro

Un otro "desarrollo" no se refiere a la acumulación de bienes o dinero, sino es la madurez orgánica de todos de acuerdo con sus necesidades y habilidades, la interdependencia y al equilibrio cósmico y ecológico. El desarrollo en el sentido humano está guiado por la unidad más que por la individualidad (ESTERMANN, 2012). Por lo tanto, en la racionalidad andina, lo que da sentido a la vida social no es la explotación o la dominación, sino la cooperación con otros para lograr un objetivo común, por lo que se puede encontrar una racionalidad diferente de la civilización occidental (GERMANÁ, 1995). No se trata de una utopía, sino de un nuevo horizonte histórico de sentido, una racionalidad solidaria. Una expresión de racionalidad colectiva es el trabajo colectivo, como Mariátegui lo menciona:

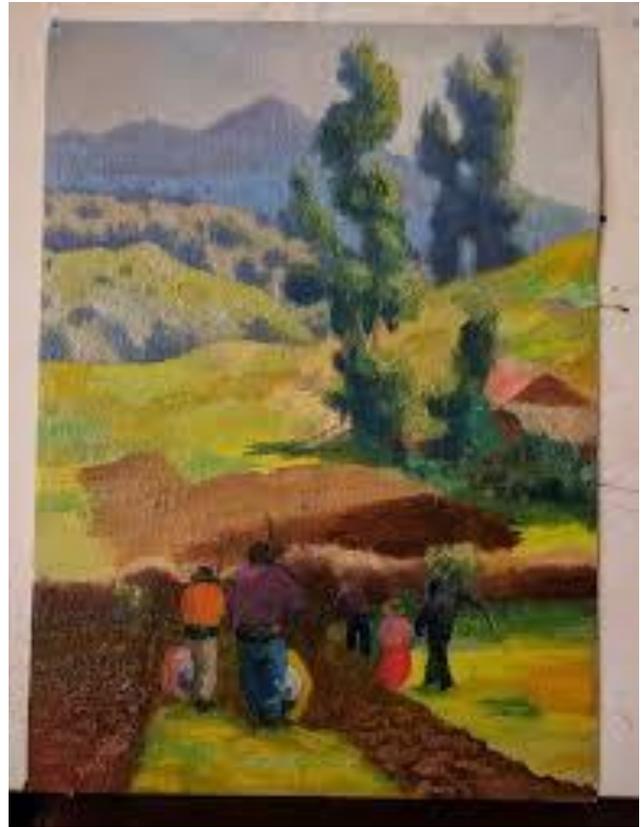
Esta costumbre se ha reducido a actividades folclóricas o reuniones completas de ayllu para trabajar de forma gratuita en cercas, zanjas o casas de ciertos miembros de la comunidad, y se realiza al son de música, con aguardiente, cigarros y coca. (MARIÁTEGUI, 1994, pg. 54).

La unidad y la cooperación están determinadas por valores y modelos a seguir, un mundo de intercambio subjetivo, y se han integrado profundamente en la vida cotidiana, transmitidas de generación en generación. Por lo tanto, aunque la relación material de propiedad común ha desaparecido, la relación de unidad y cooperación puede mantenerse.

Por lo tanto, uno de los conceptos que Mariátegui defenderá es el "comunismo andino", con el reconocimiento de los campesinos de la tierra y la naturaleza, pensando que este es un vínculo fuerte y que la vida se origina en los Andes. (MARIÁTEGUI, 1972). Por lo tanto, la comunidad no es solo el pasado que imaginamos, sino quizás el futuro que soñamos. Actualmente hay una comunidad y resistencia, por lo tanto, no se trata solo de un trabajo científico realizado bajo la misma premisa del pasado y el futuro de un día determinado (BARTRA, 2016). Este punto que señalamos con Bartra resuena ampliamente con la forma en que Mariátegui escribe sobre la comunidad, porque es vibrante y que sobrevive a los ataques violentos de la conquista y la República, es una comunidad que puede mantenerse en el espíritu del colectivismo, porque tiene un "cuerpo joven y enérgico" en los territorios subdesarrollados, donde se conserva sus características naturales, de institución casi familiar,

en la que no solo mantiene un cierto "espíritu", sino que también puede hacer que las personas "mantengan la vitalidad" (MAZZEO, 2018).

4.4.5 HOMO- CULTIVADOR: Cuidado ecológicamente sustentable



Alcides Medina – Trabajo Andino

Mujer de tiempos inmemorables
 Fuerza cósmica creadora en tu entraña fecunda
 Tu esencia palpita en cada latido de tus hijos
 Abrigo son tus brazos en la montaña
 Y la libertad se saborea en los llanos
 El viento trae caricias y besos en tu nombre
 Tus lágrimas de lluvia lavan penas y florece la esperanza
 El calor del sol anuncia la mañana
 Y en el misterio de la noche, cual madre orgullosa
 Vela los sueños de tu simiente
 Oh madre tierra! Déjame besar tu rostro moreno
 Con el peregrinar de más pasos
 Beber de tu savia, la fuerza para cumplir mi propósito
 Te ofrendo lo que tengo y lo que soy

Y llegado el momento...
déjame volver a tu vientre porque hija tuya soy
recíbeme como el ser imperfecto que fui
y dame la oportunidad de renacer en tu vientre
una y otra vez...

Ivi Bustamante - Pachamama

En el pensamiento andino, los humanos no son dueños ni productores, sino “cuidadores” (arariwa), “cultivadores” y “facilitadores”. Estrictamente hablando, la única que produce, es la Madre Tierra, produce diferentes aspectos, como el agua, los minerales, los hidrocarburos y la energía. La humanidad no es "producción" o "creación", sino agricultura o crianza para que *Pachamama* pueda producir. Los humanos son "transformadores" de elementos y procesos, que no dependen de él. El "desarrollo" no solo puede guiarse por el bienestar humano y la mejora de las condiciones de vida humana, o por el "crecimiento" económico de las mercancías y los "productos", sino por el equilibrio cósmico expresado por factores como el equilibrio ecológico y el equilibrio social. (ESTERMANN, 2012).

Para la filosofía andina, la economía y el desarrollo económico, es la gestión prudente y cuidadosa de la casa (wasi; uta) como el universo (Pacha), es una parte integral del proceso general de mejora y madurez. Por lo tanto, el desarrollo económico siempre pasa por un proceso más amplio, que incluye aspectos espirituales, religiosos, culturales, civilizados, sociales y políticos. (ESTERMANN, 2007). Por lo tanto, el surgimiento de los pueblos originarios, como sujetos políticos simboliza la posibilidad de "otro mundo" e implica el ideal de proteger los recursos naturales y la biodiversidad (GROS, 2013).

5. ÑUQANCHICK: UNA METODOLOGÍA “OUTRA



Joan Alfaro- Fauna

¡Y si después de tantas palabras, no sobrevive la palabra!
 ¡Si después de las alas de los pájaros, no sobrevive el pájaro parado!
 ¡Más valdría, en verdad, que se lo coman todo y acabemos
 ¡Haber nacido para vivir de nuestra muerte!
 ¡Levantarse del cielo hacia la tierra por sus propios desastres
 y espiar el momento de apagar con su sombra su tiniebla!
 ¡Más valdría, francamente,
 que se lo coman todo y qué más da...!
 ¡Y si después de tanta historia, sucumbimos, no ya de eternidad,
 sino de esas cosas sencillas, como estar en la casa o ponerse a cavilar!
 ¡Y si luego encontramos, de buenas a primeras, que vivimos,
 a juzgar por la altura de los astros, por el peine y las manchas del pañuelo!
 ¡Más valdría, en verdad,
 que se lo coman todo, desde luego!

Se dirá que tenemos en uno de los ojos mucha pena
y también en el otro, mucha pena y en los dos, cuando miran, mucha pena...

Entonces... ¡Claro!... Entonces... ¡ni palabra!

Cesar Vallejo – Y si después de tantas palabras

En este texto se presenta el encuentro de la investigación de tradición cualitativa y la postura decolonial, básicamente en la forma de concepción del mundo andino del *Pachakutiy*, que busca un giro, con el objetivo de no regresar al mismo punto, sino con el objetivo de concebir un punto paralelo a lo conocido, a lo hegemónico. Sabemos que existen muchas propuestas metodológicas decoloniales, que le hacen la crítica al determinismo, el reduccionismo, la dominación de la colonialidad, con el objetivo de escapar de las nociones de occidentalocéntricas, pero desde nuestra postura de pueblo andino y colonizado, creo que no es negar el mundo c´hixi al que hemos sabido equilibrar, pues no es solo volver a nuestra madre andina, sino también reconocer que tenemos un padre occidental, con los cuales podemos conversar y en este sentido, se nos hace posible conversar con todo lo que habita el universo. Por tanto, la recolección de datos, su organización y posterior análisis en el presente trabajo, utiliza una postura que no tan solo busca romper y reemplazar la propuesta colonial de distancia entre sujeto-objeto, sino busca conversar entre todos y con todos, por intermedio de la propuesta *ñuqanchick*, esta propuesta está inspirada en el pensamiento andino y los principios de *pachakutiy* (ESTERMANN, 2012), el análisis histórico dialectico (MARX, 2008) en territorio de Abya Yala (MARIATEGUI, 2009), y la urgencia de recuperar nuestra conciencia histórica (GIROUX, 2019a), para finalmente, aplicar las herramientas metodológicas de la Investigación acción participativa (FALS BORDA, 1991).

Porque *Ñuqanchick*, parte de la contradicción entre vitalismo andino y el racionalismo occidental, pues significa todos nosotros, sin excluir a nadie, es una perspectiva que no desea jerarquizar o discriminar que entre válido o invalido, pues lo que busca es dar voz a todas las formas de expresarse. También debemos comprender que *ñuqanchick* es un pronombre en tercera persona (nosotros inclusivo) plural y en quechua. Por tanto, surge de la palabra en primera persona singular, *ñuqa* (yo) y que, en composición plural, es *ñuqanchik* (nosotros/as inclusivo), no expresa un plural a secas, sino que, necesariamente, incluye a la segunda persona (nosotros, incluyéndote). Por tanto, *ñuqanchik*, en la tesis es un relato de todo lo que compone el cosmos (*pacha*), representado por relatos de sentimientos, emociones, y pensamientos y experiencias con la propuesta formativa *pachakutiy*. O sea, la metodología

ñuqanchik, está basada en tres orientaciones, la primera, una orientación metodológica con base analítica, la segunda, es una orientación cultural, cuya base es la interpretación de lo vivido a partir de la memoria histórica de las relaciones entre los participantes de la investigación y de los fenómenos sociales investigados; por último, es orientación del contenido, cuya base autobiográfica esta aliada a un carácter auto-reflexivo (CHANG, 2016). Aquí se hace evidente el papel importante de la reflexividad en el proceso de análisis de la memoria histórica, como forma de concientización, evaluación y reevaluación de quién relata, sobre su contribución, influencia, intersubjetividad, y que reconoce el carácter político y transformador por dar voz para “quien habla” y en “favor de quien habla” (SANTOS ALVES, 2017).

El contexto donde se investiga es estrictamente local, con el objetivo de aplicar una propuesta formativa “*Pachakutiy*”, donde los elementos de la investigación, como preguntas, objetivos, fuente de datos y componentes metodológicos, se articularon de la siguiente manera:

Tabla 7. Relación de preguntas, objetivos y procesos metodológicos

PREGUNTAS SULEADORAS	OBJETIVO ESPECÍFICOS	FUENTE DOS DADOS	COMPONENTES METODOLÓGICOS
¿Cómo se relacionan los participantes con la propuesta formativa <i>pachakutiy</i> desde su ámbito personal y académico?	Co-construir la propuesta formativa <i>pachakutiy</i> en el ámbito de trabajo universitario del programa de estudios generales de la facultad de Enfermería de una comunidad andina.	Diários de campo com observação das atividades Relatos dos alunos Grupo Focal	Común tejido y fluido experiencial.
¿Cuáles son las tensiones entre dominación y posibilidades descolonizadoras del poder, saber y ser en la formación en enfermería?	Co-analizar los momentos del <u>proceso formativo</u> para identificar campos de dominio y de renovación como posibilidades descolonizadoras.	Diario de campo, cuestionario, grupo focal	Sentirelato.
¿Cómo influyen estas tensiones en la teoría y la práctica de la formación en enfermería? ¿Qué posibilidades de resistencia se presentan en las tensiones de	Co-reflexionar sobre el <u>(re)descubrimiento de</u> <u>relacionalidad</u> antropológica y cósmica en la decolonialidad del ser en nuestra cultura, en la	Entrevista, cuestionario	Auto-reflexión Encuentro con la cultura.

los sujetos frente a los procesos hegemónicos en la formación en enfermería?	propuesta formativa.
---	----------------------

Fuente: elaboración propia, 2020.

Hay muchos desafíos colocados en este proceso de investigación: ¿cómo co-construir la experiencia formativa con los alumnos en el ámbito de trabajo universitario de estudios generales de la facultad de enfermería en un contexto de comunidad andina, para el desarrollo de posturas emancipadoras, en este sentido, se busca responder a la inquietud ¿Cómo aprovechar estas posibilidades sin colonizarlas?, esta pregunta, probablemente hace que se viva y se escriba con sangre este texto, porque lo que se intenta es romper los cánones de la investigación.

Sabemos que las investigaciones cualitativas, resultan en grandes cantidades de datos, que dio origen a centenas de páginas de transcripciones de los grupos focales, entrevista, de las reuniones, del cuaderno de campo, de las políticas educativas y otros datos recabados de la interacción con los alumnos, que son productos de la propuesta formativa (paneles fotográficos, recetas de medicina ancestral y mitos regionales), que son considerados en el análisis de datos, por su riqueza con relación a la propuesta epistemológica *Pachakutiy*. Aunque el objetivo de la tesis sea analizar las tensiones entre dominación y posibilidades descolonizadoras, no vamos a despreciar la relevancia de los otros datos, pues, también son otra forma de expresarse, por tanto, creemos importante usar la metodología *ñuqanchick*, para presentarlas y analizarlas.

Se ha diseñado una matriz en Excel, con la finalidad de agrupar los datos en un flujo del proceso de ejecución de la propuesta, dividida en tres componentes: planificación, proceso y evaluación, en las que se agrupa los datos según la fase en la que fue recolectada los datos.

Tabla 8. Matriz de datos según proceso

MATRIZ DE RECOLECCIÓN DE DATOS		
PLANIFICACIÓN	Carpeta 2018 – I	Silabo 2018 I
		Carga lectiva
		Carga no lectiva
		Horario

		Lista de alumnos
		Registro de asistencia
		Sesiones de aprendizaje
	Carpeta 2018 – II	Silabo 2018 I
		Carga lectiva
		Carga no lectiva
		Horario
		Lista de alumnos
		Registro de asistencia
		Sesiones de aprendizaje
	Estudios generales	Diseño curricular
		POI 2018
		Plan de trabajo
		Entrevista
		Prueba de entrada
PROCESO	2018 –I	Clases
		Diario de campo
		Examen
		Producto: colección de mitos
	2018- II	Clases
		Diario de campo
		Examen
		Producto: panel fotográfico padlet
	Grupo focal	1°
		2°
3°		
SEGUIMIENTO	Corto plazo	Entrevista individual
		Autoevaluación
	Largo plazo	Entrevistas

Fuente: elaboración propia 2019.

Entre las técnicas de recolección de datos que se imaginó usar, relacionadas a una perspectiva y principios del pensamiento andino, se describen los siguientes:

- Común tejido: por ser una propuesta que se construye con la colaboración de todos los participantes, en las que como al juntar los hilos se va haciendo un tejido más resistente, muy difícilmente de ser roto, a diferencia de la fragilidad de un solo hilo.
- Fluido – experiencial: se prioriza la generación de experiencias en las que se propicia la comunicación en sus diversas formas.
- Senti-relato: es una herramienta que nos permitió guardar información de las actividades diarias y participar en la propuesta formativa, en el que se documenta las experiencias del día a día del grupo. Es una fotografía escrita de la situación del estudio (KAWULICH, 2005), es una observación no sistematizada, por una atención poco estructurada, pero si abierta a todas las direcciones y a todos los comportamientos y sentires que fluían, se utilizó la técnica de cuaderno de campo de los participantes (docente y alumnos).

También se usaron, otras técnicas de cuño occidental, pero que contribuyen a nuestra recolección de datos, pues como una de nuestras incertezas, “ya no debemos negar a nuestra madre, y debemos perdonar a nuestro padre”, en base a la frase creemos que toda metodología cobra vida en su aplicación y que no da para negar una y solo valorizar otra, cada una es necesario para el mundo, solo no debemos universalizar, ni las técnicas, ni los discursos, porque si no caemos en el mismo juego. Por lo tanto, las técnicas de recolección de datos utilizadas fueron:

- Grupo focal: para discutir sobre lo desarrollado en la propuesta, planeado en tres momentos, al finalizar el primer semestre, al intermedio y al final del segundo semestre, con la finalidad de discutir la experiencia de la propuesta formativa.
- Entrevistas: de carácter auto evaluativo de la propuesta *pachakutiy*, para profundizar el recojo de las impresiones, opiniones, emociones de los participantes, esta técnica nos permite entender el mundo desde la perspectiva del entrevistado y desmenuzar el significado de sus experiencias. Esta técnica permite complementar los resultados obtenidos por la técnica observacional.
- Producción de paneles fotográficos: una adaptación del photovoice, para representar y analizar la alteridad cósmica, donde se pidió a los

participantes tomar las fotos en contacto con la naturaleza y hablar de sus emociones y situaciones en el momento de la foto.

- Colección de mitos comunales: con las oralidades para recabar base histórica de la relacionalidad antropológica y cósmica de la cultura andina.

Para el análisis de datos, fueron usadas diversas metodologías: primero, un abordaje del **sentirelato**, sobre la co-construcción de la propuesta *packakutik*, y de esta forma quien lea, pueda comprender el caminar de la propuesta, este relato en un primer momento, el primer semestre específicamente, lleva la voz del docente acompañado de comentarios de alumnos y, a medida que vamos descolonizandonos, el segundo semestre lleva la voz de los alumnos, que fueron transcritos en la íntegra y que van acompañados de comentarios del docente, por tanto, estos datos son presentados en forma de categorías, mostrando sus tensiones (contradicciones y posibilidades descolonizadoras).

4.5.1 Senti-relato

Este también es un método de construcción de saberes, surge en el contexto del *Abya Yala*, con el fin de enfrentar paradigmas dominantes en cuanto a la construcción y difusión de saberes nuestros. Como dice Jara

(...) las formas tradicionales de comprender la investigación y la producción de conocimientos, cuya descontextualización histórica y pretensión de ser universal, está al servicio del colonialismo y el capitalismo, haciendo invisibles las otras formas de entender el mundo y la vida, de este modo, invisibiliza también a quienes la producen (JARA, 2001, p. 57).

Aunque en un principio la metodología no fue concebida para sistematizar experiencias educativas, pero que estos escenarios han sido potencializados por la sistematización de experiencias, la cual ha fortalecido los procesos sociales, que empodera a los protagonistas, y activa dinámicas críticas y reflexivas, como señala Lavín Herrera:

Tal vez se ha ido haciendo sentido común el valorar de manera impostergable la importancia de producir conocimientos a partir de nuestras experiencias de rescatar aprendizajes desde nuestra práctica, del quehacer cotidiano de la educación, que va dejando reflexiones críticas que nos permiten convertirnos en protagonistas (2001, pg. 57).

Este método supone que los mismos sujetos de la experiencia sean quienes deban co-crear y construir las herramientas metodológicas que le dan voz a su proceso. Esta sistematización observa la experiencia como un proceso histórico complejo desarrollado en

un contexto socio-económico particular y del que forman parte una diversidad de actores que se relacionan entre sí (JARA, 2001). Además, una característica diferenciadora de la sistematización, en contraste a otros procesos investigativos, es que a esta “le hace un hacer”, que puede ser recuperado, re-contextualizado, analizado y re-informado a partir de los datos adquiridos a lo largo del proceso (LAVIN HERRERA, 2001).

El relato es entonces, una herramienta metodológica de sistematización de experiencias que permiten, desde la palabra, recordar, recuperar y compartir lo construido. El relato no divorcia la mente, los pensamientos, de lo sentido, ya que permite ese acercamiento, desde la activación de la memoria, lo cual jerarquiza intuitivamente acontecimientos del pasado que son como una huella, que con el pasar del tiempo no se borra y por el contrario se remarca.

A través de la memoria, vamos conjugando memoria, reinenciones y proyecciones, se construye y reconstruye sentidos; entretejiendo sentimientos y datos, se van encontrando relaciones, van surgiendo preguntas sobre lo ocurrido y de este modo, se amplía el proceso analítico de la experiencia (RODRÍGUEZ VARGAS, 2014, p. 15).

La resignificación del pasado es sorpresiva y misteriosa, tanto para quien relata como para el que escucha, para quien lo hace, reordena y revive ya lo vivido; permitiendo que el relato se transforme en experiencia vivida. Esto, se relaciona los mensajes de frases decoloniales: “el oído más cercano a mi boca es el mío, por eso soy el primero en escuchar mis palabras y descifrar en ellas mis propios pensamientos” (frase comunitaria, anónimo). Así, la oralidad de la experiencia de los actores, a través del cual se identifican y obtienen los saberes, se convierte en una herramienta que logra mostrar el pensamiento ancestral, que se denomina *palabra de vida*.

Es una palabra viva, porque nasce de nosotros y se ha germinado en nuestras tierras, porque tienen como sustento la acción en el mundo de la vida, porque toda palabra vacía, lejos de la acción, se convierte solo en palabra prestada (RODRÍGUEZ VARGAS, 2014). Este relato será hecho mediante una fusión de la auto-etnografía, por su capacidad de desvendar de manera auto reflexiva los caminos de la investigación, tratando de acortar la distancia en el relato entre lo que fue vivido y lo que se registró de lo que se vivió, a partir de un relato autobiográfico, como método de presentar el relato lo más cercano a lo vivido, y que será usado en una parte del estudio para ser complementado con otras técnicas de análisis.

4.5.2 Análisis de contenido

Por la naturaleza de la presente investigación, de cuño cualitativa, el trabajo busca más el hallazgo o descubrimiento, que la comprobación o la verificación. Por ello los datos recogidos serán analizados por influencia del análisis de contenido de Bardin, entendiéndose a esta como una técnica de interpretación de textos, cuyo “descubrir el sentido subjetivo o la intención del discurso” (2009), por supuesto teniendo en cuenta el lugar de enunciación de los actores. Aunque para la metodología *ñuqanchik*, el análisis de contenido se “configura como una técnica objetiva, sistemática, cualitativa y cuantitativa, y trabaja con materiales representativos, marcados por la exhaustividad y con posibilidades de generalización”. Pero consideramos que esta metodología nos ayuda a discriminar posturas, experiencias y pensamiento entre las tensiones de posibilidades descolonizadoras y de dominación.

En este sentido, aplicamos la propuesta de Bardin, de los tres pasos cronológicos: el “pre-análisis”, en el cual se realiza una breve lectura del material a ser analizado, la “exploración del material”, donde se establecen categorías a partir de la saturación de respuestas, y el “tratamiento de resultados, inferencias e interpretaciones” (2009), en los cuales los resultados brutos sufren un tratamiento de modo que se vuelven significativos.

La etapa de categorización en este método, es considerada importante, ya que funciona a partir del desmembramiento del texto y reagrupamiento analógico del contenido que generan unidades y categorías temáticas, así: “entre las diferentes posibilidades de categorización, la investigación de los temas, o análisis temático, es rápida e eficaz en la condición de aplicarse a discursos directos y simples” (BARDIN, 2009, p. 153)

5. CONTEXTO DE LA INVESTIGACIÓN



Alcides Medina

En una divagación de Luis Bello encuentro esta frase: “Conviene corregir a Descartes: combato, luego existo”. La corrección resulta verdaderamente oportuna. La formulación filosófica de una edad racionalista tenía que ser: “Pienso, luego existo”. Pero a esta edad romántica, revolucionaria y quijotesca, no le sirve ya la misma fórmula. La vida, más que pensamiento, quiere ser hoy acción, esto es combate. El hombre contemporáneo tiene necesidad de fe. Y la única fe que puede ocupar su yo profundo, es una fe combativa.

José Carlos Mariátegui, El alma matinal

En este capítulo se hace importante describir el lugar de donde se habla, de donde son mis raíces, de donde se plantea la propuesta *pachakutiy*, con la esperanza de conseguir la relacionalidad antropológica y cósmica que creemos que este contexto lo tiene. Aunque al inicio se hace tedioso explicar la ubicación geográfica y la historia política de este contexto, pero también creo que es necesario, luego describiremos toda la relación que tiene el contexto con nuestra propuesta.

La pesquisa ocurrió en la universidad de Huancavelica (UNH), es una universidad pública de la región de Huancavelica en Perú, su origen se remonta a la época del Gobierno del Gral. Manuel A. Odría, en la que se presentan una serie de proyectos de creación de

universidades. Durante el gobierno del Dr. Alan García Pérez, el proyecto presentado por el diputado Dr. Moisés Tambini del Valle fue aprobado por Ley N° 25265, la misma que se promulgó y se publicó el 20 de junio de 1990, constituyéndose en la primera Universidad peruana que por creación tiene carácter descentralizada.

Debemos resaltar que esta universidad es de cuño comunitario, pues surge por el pedido popular de la población para la creación de una universidad en esa región, donde la lucha por conseguirla no fue fácil, según cuenta mi tía, que nació en esta ciudad y con la que vivo cuando trabajo en dicha universidad, la universidad es fruto de luchas, movilizaciones y marchas de sacrificio de toda la población que tenían el anhelo de que los hijos sigan sus estudios, pero que no tenían las posibilidades económicas de enviarlos a estudiar a la capital, la población en conjunto solicitaba a las autoridades la creación de una universidad, esta creación se dio a base de mucho esfuerzo, pues, marcharon a pie jóvenes, padres, abuelos hacia la capital, dijo que demoraron semanas en llegar, en cada ciudad que llegaban recibían ayuda de los lugareños. Una vez en la capital, se mantuvieron firmes, aunque la policía los atacaba con bombas lacrimógenas y llevaba a algunos a las carceletas, la población continuaba instalada en la plaza de armas de la capital, nadie se iría hasta no tener una respuesta positiva y la aprobación del presupuesto para la universidad que anhelaban, dormían en la plaza y hacían “ollas comunes” (cocinar para todos en conjunto, lo que se disponía, a veces fideos, a veces sopa, otras veces arroz, etc). Debido a la inquebrantable lucha de la población, el gobierno firma la resolución de creación de la universidad, y la población regresa orgullosa, luego de la gran resistencia que tuvieron frente a la respuesta despótica del gobierno, demostrando, las discusiones sobre poder de Foucault, sobre la trama compleja de ejercicio del poder (FOUCAULT, 2001).

Esta universidad se ubica en la región de la sierra de Perú, a unos 3 400 m de altitud con temperaturas de entre -10° hasta 13 ° Celsius; en una pequeña ciudad denominada también Huancavelica, creada como la capital de la Región de Huancavelica. Su actividad económica consiste en la explotación minera que existe hasta la actualidad y su mixtura con la participación comercial, política y administrativa con las comunidades asentadas antes de la creación de esta ciudad, con cuño bastante histórico comunitario por su herencia chopkja²³.

²³ Cultura quechua hablante originaria de la región.

Gráfico 5. Mapa de ubicación de la Universidad Nacional de Huancavelica



Fuente: elaboración propia, 2019

Las instalaciones de la Universidad Nacional de Huancavelica, se encuentran al ingreso de la ciudad, en el barrio de Paturpampa, relativamente es una universidad nueva a comparación con las otras en Latinoamérica, por sus instalaciones pequeñas en comparación con los campos universitarios, pues se hace fácil recorrerla a pie. Lo que la diferencia de las otras es que alberga alumnos de las comunidades y desde sus orígenes tiene naturaleza indígena, aunque no es reconocido formalmente por sus autoridades, pues, quienes la componen como administrativos, docentes y alumnos, en su mayoría tienen el origen indígena, quien habla (yo), también como docente de esta universidad y me identifico como indígena. A modo de ejemplo, actualmente el rector y vice rector de la universidad, son

nativos quechua hablantes, entonces da para percibir que la universidad representa y es parte de la esencia de la cultura de la región.

Esta universidad se ubica a 6 horas de viaje en bus de mi ciudad de origen, que por asares del destino llegué a conocer y terminé trabajando en ella. Pues antes de conocer Huancavelica, trabajaba en la universidad donde yo había estudiado, ubicada en una ciudad relativamente grande, Huancayo, donde nos asentamos al salir del pueblo, mis planes eran quedarme a trabajar en dicha universidad pues estaba cerca de mi familia; pero fueron presentándose condiciones de explotación, por el hecho de ser contratada, entonces debía hacer las labores de las nombradas, debía sacrificar horas libres y sobre todo no podía anhelar ser docente nombrada, pues en el primer concurso que me presenté, la declararon nula, porque no había una voluntad de darnos oportunidades equitativas, no voy a negar que me provocaba sufrimiento y enojo estas condiciones, pero me puse fuerte y decidí entonces que no era el único lugar donde trabajar y me motivé a buscar nuevos rumbos.

Por un amigo de Huancavelica, me entero que la universidad de su ciudad estaba convocando también a concurso plazas para docentes a la facultad de enfermería, sin pensarlo mucho, y casi por impulso, decido enviarle mi currículum para que lo entregue en las oficinas de la facultad, iba probando que resultaba, pues, no había ni pensado ni que no conocía dicha ciudad, pues nunca había viajado hacia allá. Después de unos días recibo la llamada del jefe de departamento de dicha universidad, indicando que debía acercarme al día siguiente a la clase modelo, última fase del concurso, estaba dudando si iba o no, pero siempre con el apoyo de mi familia, decido viajar al día siguiente temprano a dicha ciudad, debía estar a las 12 hrs, pero el camino no la conocía y era época de lluvias y había deslizamientos de tierra y la carretera estaba cerrada, el chofer decidió llevarnos por un camino pequeño y muy agreste, casi chocamos y terminamos empujando el carro, pues el barro no lo dejaba avanzar. Yo ya desistía de ir a dicha ciudad, y preguntaba de cómo podría volver, la señorita que viaja a mi lado, ahora mi amiga, con mucha paciencia me comentó que era mejor llegar a la ciudad y después buscar un carro de retorno, pues estábamos en medio de las montañas, entonces continuamos el viaje, intercambiamos números de celular y llegamos, pero ya era tarde.

Pensé. Igual ya estoy en la ciudad, iré a ver como es la universidad y luego me regreso a casa, ingresando a la facultad me encuentro con dos docentes, me preguntan si soy la otra candidata, que los disculpe por el atraso, ósea no había llegado tarde, pues el concurso se había atrasado, y llegue a la hora. Hicimos nuestra clase modelo, yo más motivada por todo lo que había vivido antes, y al término de la clase me di un paseo por la ciudad pequeña,

sencilla, me hacía recordar mucho a mi pueblo; y le pedí al Sr. De Oropeza (la montaña de la ciudad) que me permita quedarme.

Los resultados se publicaron al día siguiente, y me llamaron para decirme que habíamos conseguido una plaza como docente en dicha universidad, así comienza mis aventuras en Huancavelica, siempre me sentí como en casa, las personas son amables, mis alumnos cariñosos, mis jefes nunca abusaron de mi tiempo y, es más, siempre me ofrecían modos de poder estar alguno días más con mi familia, como iniciar la semana un martes o volver a casa el jueves. Esto hizo mi convivir armónico, me sentía feliz, y me quedé trabajando allí, hasta antes de viajar a Brasil y volvería a trabajar allí, una y mil veces más, por eso le digo mi segundo hogar.

Por tal motivo, y ya conociendo la dinámica de la Facultad de Enfermería de la Universidad Nacional de Huancavelica, sabía que debía pertenecer al grupo docentes nuevamente, quizá como un deseo personal muy profundo también, del querer volver a casa, a mis dos hogares. Esta posibilidad de volver a casa a la universidad de donde siento que pertenezco, y donde quiero comenzar una revolución, muchas luchas con la propuesta *pachakutiy*, que no terminó con esta tesis, sino que inicia sus primeros pasos con la tesis, pero seguirá caminando mientras este con vida, y solo, terminará cuando me hayan olvidado.

O retorno a la universidad para realizar la pesquisa fue posible con el inicio del programa de Estudios Generales en la Universidad, para todas las carreras, con la finalidad de desarrollar cursos de base a todos los estudiantes, con el único objetivo de desarrollo de habilidades blandas en los estudiantes, en mis palabras “ciudadanos críticos”. Este programa es implementado como política de estado en los dos últimos años, y surge específicamente por iniciativa y pedido de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, la mayor y más antigua universidad pública del Perú.

Para comprender mejor la propuesta de la disciplina de Estudios Generales, a mitad del año 2018 fue a entrevistar al responsable del Programa de Estudios Generales de la UNMSM, y dejó claro que trata de una oportunidad para frenar la subordinación de nuestras universidades a capitales, por el hecho que, el objetivo del programa es dejar de formar mano de obra obediente o dócil y, por el contrario, formar sujetos críticos y auto-reflexivos, orgullosos de su identidad. Por tanto, para nuestra investigación actuar como docente en esta disciplina sería la mejor condición para nosotros, el rol es perfecto para el desarrollo de la propuesta *pachakutiy*. Por eso el año 2018, ingreso como docente responsable del área de Estudios Generales.

Sobre la planificación de las actividades del trabajo de campo, significó un construir y reconstruir periódicamente, sabía que teníamos que cumplir un currículo, pero los modos de cómo hacerlo, me daban la posibilidad de dejar expresar la creatividad de todos los que participamos del proyecto, docente y alumnos, las técnicas y formas fueron cambiando según la dinámica de nuestro desenvolvimiento. Por tanto, las actividades planeadas se ejecutaron los dos semestres del año 2018, donde las actividades de la propuesta *pachakutiy* fueron acopladas al desarrollo de las disciplinas en 2018- I, de Introducción al Método Experimental, que básicamente introduce a los alumnos al mundo de la investigación, el conocimiento y método científico; y la disciplina en 2018- II, de Educación Ambiental, que busca forjar ciudadanos responsables y con actuar crítico frente a los problemas y cuidado de nuestro hogar, el mundo, de nuestra *Pachamama*.

He pensado mucho en la posibilidad de no tener el programa de Estudios Generales, y los cursos que se administran en este programa, se haría difícil el encajar lecturas de filosofía, conversas de la vida, digo difícil, pero no imposible, pero con respecto a la propuesta *pachakutiy*. Fue una grande oportunidad tener implementado y en ejecución este programa, porque incluye disciplinas de arte, idioma quechua, filosofía, educación ambiental, denominadas disciplinas de base, y los docentes de este programa teníamos más libertad en la planeación y ejecución de las disciplinas, a comparación con los cursos de especialidad, donde había que medir cierto tipo de conocimientos al final del semestre.

Otra implicación a la que ya estoy felizmente adaptada es la geografía y el clima muchos foráneos, desisten de trabajar ahí por su clima gélido de día y noche, y porque el único medio de acceso es la vía terrestre, no hay aeropuertos, entonces se hace un viaje de 14 horas desde la capital de subida y descenso de las montañas que pertenecen a la larga cadena de la Cordillera de los Andes, es una tierra aislada por la poca accesibilidad geográfica, y eso a consideración propia, una característica que posibilita el mantenimiento de las culturas, ¡ciudades pequeñas, culturas grandes!, eso quiero pensar y es lo que siente mi corazón.

5.1 SENTIRELATO: MI CONTEXTO SUBJETIVO PERSONAL



José Sabogal

Yo no le he preguntado a nadie
 quién soy,
 si estoy hecho de roca
 o de nieve,
 sin sombra
 y sin lágrimas

José María Arguedas - ¿Quién soy?

En este capítulo, se contextualiza el espacio personal de quien hizo suya la lucha de resistencia de su pueblo, al escribir este texto, mi historia, raíces, vivencias previas, pues la tesis se desarrolla en un contexto diferente de las ciudades grandes, un contexto que hace parte mi historia personal, por ende, se busca quien lea este texto, pueda comprender mis sentires, mis fuegos, mis sueños, como un primer proceso de auto-reflexión, pues, para una perspectiva crítica, el conocimiento debe tener el objetivo de hacer algo más que solo comprender el dato como tal, debe descubrir sus relaciones espacio-temporales (ADORNO, 1986), en este sentido, deseo remarcar el profundo sentimiento reflexivo que la orientación de

mi madre Cristina, generó en mí. Este proceso de ver atrás con amor a lo que soy surge mucho antes de la formulación de esta tesis, inició en el primer encuentro de alguien que me adoptó en Brasil, y me decía, tienes un tiempo para encontrarte y encontrar tu camino, no desesperes.

Es muy sabido que identificarse como parte de un pueblo originario, fue, es y será muchas veces objeto de marginación histórica, por estar relacionados a niveles de pobreza, déficit de educación formal, de desarrollo, de posibilidad de vivir en la ciudad; donde el racismo, perfectamente institucionalizado no es cuestionado, ni percibido como un problema social, de esta forma muy pocos desean ser parte del grupo de oprimidos, pobres, analfabetos y carentes. Lógicamente esta forma de discriminación, institucionaliza en la práctica y nuestra historia como sociedad colonial, responde a la colonialidad del ser (MALDONADO-TORRES, 2007), que daña en lo profundo de nuestro orgullo y autoestima desde muchos años atrás.

Esta herida colonial del ser, también está grabada en la historia de mi árbol genealógico, donde mis abuelos y padres fueron los más afectados, pues, ellos al salir esporádicamente a las grandes ciudades recibían apodosos de “cholos”, “indios”, palabras usadas para desvalorizar a quien es del pueblo. Pero, mi abuela materna a pesar de ser socialmente obligada a hablar castellano, en su rebeldía, hablaba en quechua a sus hijos.

Figura 3. Mis abuelos maternos al medio y mi madre (en brazos) y tía a los lados.



Fuente: Casa de mi tío, 2018

Así, mi madre hereda el quechua, un idioma que, desde pequeña, ella estructuró por su experiencia que no se debía hablar, sobre todo en público, pues en la ciudad y ahora en el pueblo también, discriminaban a quien no pronunciaba bien el castellano, pues la estructura fonética del quechua es diferente. Ese fue el motivo por el cual mi madre no se dirigía a mí en quechua, pero se olvidaba que, al cantar, yo podía oírla y aprendía canciones en quechua, esta vivencia, muestra las otras formas de educar que Paulo Freire defendía (KOHAN, 2019).

Así, fueron pasando los años, y yo como todos los jóvenes de mi edad soñábamos con una carrera profesional, pues, con eso creemos, que aseguras un status y tu sobrevivencia social. Al enfocarme en esta meta, me fui olvidando de mi herencia cultural, pues quería ropa a la moda, y hacer cosas de joven de ciudad. Estos años fueron los de negación y desdén por mi origen, pues deseaba tener la piel clara, pues las chicas, eran consideradas más bonitas, y al ver mis rasgos de ojos pequeños, cara redonda, cabello oscuro me hacían sentir inconforme, inconscientemente estaba completamente apropiada por la colonialidad del ser (MALDONADO-TORRES, 2007).

Para entender como consigo mi camino de regreso a casa, de ver con amor a mis orígenes, voy a contar un poco de lo que hacía, pues al terminar la carrera de enfermería, comencé a trabajar como asistente de cátedra, por invitación de un profesor de la universidad mientras terminaba el SERUMs²⁴ (servicio rural urbano marginal) y comenzaba la especialidad en cuidados intensivos, pues me apasionaba esa área, por su dominio y manejo de pacientes críticos. Gracias a la invitación de trabajar en la universidad, me descubro como docente, al interactuar con los alumnos, por la necesidad de estudiar para hacer una clase, me hacían sentir realizada. Este fue el motivo para abandonar la especialidad y hacer la maestría, pues es una exigencia para hacer docencia.

Al terminar la maestría, se me abrieron otras oportunidades laborales en otra ciudad y sin dudarle me fui a seguir haciendo experiencia, mientras iniciaba el estudio de doctorado, comencé a estudiar portugués, y nuestro profesor era becario de OEA en Brasil, él me presenta la posibilidad de estudiar fuera un doctorado en educación en ciencias y salud, en la UFRJ, y era una excelente opción, porque hasta ese entonces, solo había hecho estudios del área de salud, y era consciente que estaba en el área de educación, y requería de completar esa formación. Así, me decido presentarme a la convocatoria internacional de OEA; al año aproximadamente, me llega la noticia de haber sido elegida como becaria OEA y que al año

²⁴ Es una política de reciprocidad al estado por los años de formación universitaria gratuita, pero también es una política de inserción laboral, pues te ofrecen plazas de trabajo en comunidades rurales durante un año.

siguiente debía estar empezando mis estudios en Rio de Janeiro, Brasil. No voy a negar que de la emoción pasé al desespero, nadie en la familia había viajado fuera del país, nunca me había subido a un avión, pues vengo de una familia bella y humilde; tampoco voy a negar que el deseo de salir del país era para mejorar mi status profesional; también pasó por mi cabeza la preocupación del dolor de mis padres al verme viajar por un buen tiempo fuera, pero a la vez que se sentirían orgullosos, dijeron “sigue tus sueños, vuela alto”, recordarlo hasta ahora me llena los ojos de lágrimas.

Figura 4. Yo y mis padres en el aeropuerto, literalmente por primera vez.



Fuente: propia, julio 2016.

Ese fue mi motivo para lanzarme a hacer esta aventura, entonces tenía emoción y miedo a la vez y mis padres, aunque orgullosos se quedaron llorando en el aeropuerto al verme partir, pensaban en silencio “quizá ya no va a regresar”. Siempre me considero una niña con suerte, porque al llegar a RJ, me esperaba una amiga de México, que nos conocimos por las redes sociales, no había reservado hotel, no sabía cómo hacerlo, y ella me llevo cerca de donde vivía, a un hotel en “Ilha do Governador”. No voy a negar que la primera semana me quise volver, pero de mi tristeza sacaba fuerzas para adaptarme al idioma, la comida, a todo y también porque extrañaba mi familia, aquí puedo citar la forma como los pueblos originarios por medio de mi experiencia aun resistimos, porque hay tristeza en nuestros

corazones, pero nuestra música, cantos y poesía la convierten en la fuerza para seguir en pie y caminando. Y así, pasaron los días y comenzaron las clases.

En el doctorado en educación en ciencias y salud, hubo muchas lecturas y trabajos, que me hacían más consciente y crítica de la realidad que vivimos día a día. El primer año hicimos lecturas de filosofía, educación, investigación, que me iba redescubriendo académicamente también, y gracias a la paciencia de mi asesora, que me dejaba a voluntad para explorar las diversas posibilidades de investigar, leí teorías del conocimiento, marxismo, teoría crítica frankfurtiana, decolonialidad, estudio de cinema, etc. Y en todas estas lecturas había siempre una rebelde aflorando, no en el sentido de falta de respeto, es una rebeldía contra el día a día, la vida que vivimos. Este deseo de rebeldía, siempre estuvo presente, porque nunca logre asimilar, o en términos de psicoanálisis, no quiero sublimar el sufrimiento ante el hecho de ver personas con hambre, que duermen en la calle, muerte, corrupción, dolor, contaminación, etc. Estas incomodidades también son relatadas en la problematización, porque no es mi forma de ser, comenzar a pensar a partir de una o varias teorías, parto de lo que le duele al corazón, y son situaciones cotidianas, cada vez son más salvajes, más atroces, más deshumanas.

Esto me llevó a abandonar por completo el proyecto de tesis que no me identificaba más, porque dejaba la idea de querer medir las cosas y creer que son solo causalidad y tratarlas como datos fuera de un contexto, de una realidad, casi como ratones en el laboratorio. Entonces, iba buscando hacer algo, y es claro que no es uno de mis mejores dotes hablar mucho, entonces odio profundamente escribir con rodeos, porque nunca hago una discusión filosófica, lo que, si me gusta, es hacer, pues entonces hagamos algo, dije. Y ahí fueron surgiendo ideas de trabajar con lo que conozco, hacer como un piloto, pues la propuesta formativa que se construyó en el año 2018, no dejará de seguir construyéndose mientras siga mi vida. También soy aun rebelde en la forma de hacer la tesis, porque me preguntaba ¿para qué y quien escribo y dedico ese tiempo? Aun no se para que escribo, pero quiero escribir para mis alumnos, mi historia, por eso las frases de quechua en cada capítulo; también espero profundamente para que quien me lea si inspire a ser rebelde, aunque sea un poquito; ¿cómo escribo? No lo sé, solo me estoy dejando fluir y termino relatando mi vida. Pues es de lo único que podría tener certeza, pues la vivo.

En este proceso de redescubrirme, surgían deseos de transformar mi existencia toda, como hija, hermana, tía, amiga, alumna, docente, cómplice, etc. Obviamente priorizaré en la de docente por la responsabilidad auto–asumida, quizá porque aún no tengo deseos de ser

madre, entonces lo más próximo a mis herederos son mis alumnos, y es a quienes quiero transmitirles mis emociones de redescubrir el mundo de otro modo, de contarles mis experiencias en busca del éxito, y haber entendido que para mí ese éxito que buscaba lo tenía siempre, pues es mi familia, mi gente cerca y dándoles todo mi amor. Así, se consolida una de mis más grandes deseos, ser y sobre todo hacer feliz a los de mi alrededor. Quiero enseñar de otros modos, quiero subvertir el sistema educativo agresivo, de competencia, deshumano, corazonando nuestra forma de relacionarnos con el otro. Quiero desarrollar todas las ideas que se construyen o se revaloren de alteridad antropológica y cósmica, para vernos y ver a los otros con amor, y no con miedo.

El primer año de esta propuesta formativa me ha cambiado mucho, más que los anteriores años de experiencia en docencia, siento que por primera vez conozco a los alumnos, que hemos creado lazos de amistad, de complicidad, que veo con flexibilidad a toda normativa, en síntesis, me volví más querendona, agradecida, y descomplicada. Y quiero seguir ese camino porque llena de felicidad mi corazón. Estoy lista para reaprender siempre.

Este relato concuerda con el pensamiento de Paulo Freire en va en contra al modelo de transmisión de educación, al que denomino de “bancaria”, señaló la importancia de una educación solidaria, basada en el dialogo, sin a supremacía del educador, preocupada con la articulación del saber, conocimiento, vivencia, sentimiento, como una construcción colectiva, valorizando la interdisciplinariedad. En este sentido, es necesario el cambio de nuestras prácticas educativas, buscando que el dialogo de la educación no sea vista como un método, y, al contrario, como un proceso de reflexión y de capacidad de movilización. Analizando esta propuesta de Freire, trae a discusión muchos elementos para comprender como esas prácticas educativas suceden o podrían suceder (FREIRE, 1967). Considero que los conceptos de problematización, dialogo e práctica son relevantes en la apropiación del método freiriano en las prácticas educativas. Por tanto, para Freire, la educación es problematizadora, de carácter auténticamente reflexivo, implica un constante acto de descubrimiento de la realidad, como una búsqueda crítica de la realidad, resaltando que esa concepción problematizadora ayuda en la construcción de algo nuevo, transformador (FREIRE, 1987). La educación problematizadora supone la superación de la contradicción educador-educandos, que afirma el dialogo y se hace en el dialogo. De este modo, “nadie educa nadie, como también ninguno se educa a sí mismo, los hombres se educan en comunidad, mediados por el mundo” (FREIRE, 1987, p. 39). Tales afirmaciones son primordiales en mi práctica, para romper con las estructuras del modelo educativo de la educación superior.

Freire, señala también, que “no se puede aceptar, la transferencia de conocimiento, que implica siempre la existencia de un polo que sabe y de otro lado que nada sabe”. Por eso, educar con el dialogo requiere un profundo respeto por los saberes previos de los educandos, adquiridos en la práctica, en el día a día, de sus relaciones con el mundo (1981). El dialogo que revela la realidad es indispensable al acto de conocer, el dialogo en este sentido, tiene una perspectiva dialéctica entre educadores y educandos, siendo la característica principal el hecho de que una persona no anula a otra, porque ambos se encuentran en proceso de cooperación para transformar el mundo (SANTOS, 2010)

Y es en la *práctica* donde se plasma esta cuestión, donde para Freire, la práctica no es pura acción, es acción y reflexión, que implica una conciencia crítica de la relación del hombre-mundo (FREIRE, 1987), En la práctica la conciencia se transforma, a partir de una unidad entre práctica y teoría en movimiento permanente. Es en este proceso de concientización y transformación donde se llega a libertarse de la condición de oprimido.

En este contexto, es posible generar líneas de pensamiento libertadoras y emancipadoras, en donde Paulo Freire, puede aportar reflexiones importantes para la reorientación de las prácticas educativas donde se abran oportunidades de espacios de resistencia tanto en ambientes formales y no formales.

También quiero resaltar que encontré en Rio de Janeiro, personas maravillosas, hice muy buenos amigos, tengo hermanos de varios lugares, ahora podría decir que tengo una familia brasileña; segundo; me he encontrado conmigo misma y mi esencia indígena, no imaginaba que necesitaba estar lejos, para volver a ver mi verdadero yo, wanka warmi (mujer wanka), me he encontrado como persona, y es mucho más de lo que buscaba, que era solo desarrollo profesional. NUTES, me ha quitado la venda de los ojos, de la sociedad en donde crecí, no hay porque sentir inferioridad por mis rasgos, mi historia, mi árbol genealógico, mi lengua. Jamás me había imaginado que esta experiencia iba a significar darle sentido a mi existencia, he descubierto mi misión en el mundo, es evitar que otros sientan inferioridad, como yo la sentía, al contrario, voy a mostrar a quien este de mi lado, que tenga orgullo de pertenecer a otras formas de vivir en el mundo, de esa rebeldía.

Figura 4. Cierre de evento académico- 2017, con mi familia NUTES



Fuente: Comisión organizadora NUTES, 2017

5.2 LOS CAMINOS DE LA PROPUESTA FORMATIVA *PACHAKUTIY**José Sabogal*

Yo soy el coraunque ciego
 que mira por la lente de una llaga,
 y que atado está al Globo,
 como a un huaco estupendo que girara.
 Yo soy el llama, a quien tan sólo alcanza
 la necesidad hostil a trasquilar
 volutas de clarín,
 volutas de clarín brillantes de asco
 y bronceadas de un viejo yaraví.
 Soy el pichón de cóndor desplumado
 por latino arcabuz;
 y a flor de humanidad floto en los Andes,
 como un perenne Lázaro de luz.
 Yo soy la gracia incaica que se roe
 en áureos coricanchas bautizados
 de fosfatos de error y de cicuta.
 A veces en mis piedras se encabritan
 los nervios rotos de un extinto puma.

Un fermento de Sol;
levadura de sombra y corazón!

Cesar Vallejo - Huaco

Para presentar la experiencia optamos por una narrativa de modo etnográfico, al que denominados sentirelato, sobre el caminar de la propuesta *pachakutiy* en las voces de todos los participantes de la propuesta. En un primer momento hay un predominio de mis palabras, como docente, pero como íbamos también transformándonos junto con la propuesta, el relato va adquiriendo predominio de las palabras de los alumnos, y también tenemos relatos de mi orientadora, Cristina Vermelho, pues todos, describimos nuestras vivencias, nuestros sentires, el fuego en nuestros corazones. Este capítulo es un relato desde los primeros días de mi llegada a Perú el año 2018 hasta la actualidad, es una historia sin termino, pues la propuesta sigue y seguirá caminando, mientras siga viva, porque es una forma de existencia y lucha que he decidido tomar como objetivo de vida; sé que esta lucha irá tomando diversos caminos en relación de quienes participan de ella y solo terminará el día que muera o que los que la construimos nos perdamos en el camino.

Por tanto, la propuesta *Pachakutiy*, se inicia con la intención de volver al lugar de mis raíces, Perú, y al que considero mi segundo hogar, la Universidad Nacional de Huancavelica, con la finalidad de co-construir la propuesta en territorio de resistencia, región andina de Perú y quechua-hablante.

Por tal motivo, me encontraba en la espera de la publicación del concurso de profesores de la Universidad Nacional de Huancavelica. Hasta que, en el mes de marzo del 2018, se publicaron las bases del concurso, me sentí emocionada descargué las bases y el reglamento de la convocatoria y al observar el cuadro de plazas vacantes, me di con la sorpresa que solo se concursaba 01 plaza, para las disciplinas de Estudios Generales: Introducción al método experimental, matemática, medio ambiente y quechua. Este plan de estudios generales y los cursos eran nuevos para mí y para la universidad, pues recién era su primer año de implementación, pese a los temores que surgieron por ser disciplinas generales y no de especialidad a la que estaba acostumbrada a dictar, estaba con muchas dudas de presentarme a dicho concurso, sin saber más adelante que este plan de estudios generales llegaría a ser la mejor oportunidad de aplicar la propuesta *pachakutiy*. Porque, no puedo negar el temor que sentía de llevar cursos generales, es más, pensaba en no participar en el

concurso, y decidí llamar a Rodrigo, profesor y amigo de la universidad, y le comenté mis dudas, pero su respuesta calmó mi espíritu y mis miedos se fueron inmediatamente.

sería ideal que lleves esas disciplinas, pues, conozco tu cariño por la cultura, te mandaré el nuevo diseño curricular de la facultad, para que lo revises y sé que te enamorarás inmediatamente de dichas disciplinas (AMIGO Y COLEGA, 2018).

Ciertamente, las ementas correspondían a los primeros ciclos de estudio en el cual se dejaba las bases y cimientos de los futuros enfermeros. ¡No hubo mayor motivación que ser parte de esos cimientos, decidí presentarme al concurso!

Figura 6. Sumilla de disciplinas de Programa de Estudios Generales

OBJETIVO DEL ÁREA: Fortalecer las capacidades científicas básicas del estudiante que le permitan entender, analizar, explicar, reflexionar y criticar hechos y fenómenos.	
ASIGNATURAS	COMPETENCIA GENERAL
Lenguaje y comunicación I	Comprende y analiza el contenido de diversos textos, utilizando las normas gramaticales y ortográficas.
Lenguaje y comunicación II	Produce y socializa diversos textos empleando las normas ortográficas, gramaticales y estilos de redacción, reconociendo sus propias ideas y los derechos formulados por otros.
Matemática	Analiza y resuelve situaciones problemáticas del contexto real, a través del pensamiento lógico matemático.
Introducción a la filosofía	Analiza y compara las diversas concepciones del hombre y del mundo, así como las leyes generales de la naturaleza, sociedad y del pensamiento humano aplicando el conocimiento.
Historia, Realidad Nacional y Derechos Humanos	Analiza y reflexiona sobre la realidad nacional en el marco de su desarrollo histórico y de los derechos humanos.
Educación Ambiental	Comprende y practica la cultura ambiental asociada con su entorno, a través de la sensibilización y concientización de la problemática ambiental
Psicología general	Comprende, analiza y practica las habilidades sociales en el aspecto intrapersonal e interpersonal en el ejercicio de su conducta.

Fuente: Diseño curricular estudios generales- UNH, 2016

Iniciado el proceso del concurso, recibí la llamada de uno de los miembros de la comisión evaluadora, el prof. Rafael, quien me comenta que la comisión solicita la presencia de los candidatos que pasaron la fase de evaluación de hoja de vida, para dar inicio a la clase modelo y tenía que viajar. Mi hermana me ayudó a preparar mis materiales y ropa que iría a necesitar para el día siguiente en la presentación de la clase modelo, casi las 12 hrs salí de casa

con la bendición de mamá y los buenos deseos de mi hermana y de mi padre, que en paz descanse.

Al llegar a la facultad aun los miembros de la comisión no se habían instalado y tuvimos tiempo de saludar a ex colegas y amigos de la facultad de enfermería, conocimos también al otro docente candidato a la misma plaza a la que concursaba, intercambiamos algunas experiencias y fue cuando los miembros de la comisión llegaron y se instalaron en la oficina del departamento académico, fuimos invitados a ingresar, la presidenta de la comisión la Dra. Elsy nos dio la bienvenida para comenzar a coordinar los detalles de la clase modelo, concordamos que fuese al día siguiente a las 11 hrs y nos despedimos de los miembros de la comisión, salimos con el otro candidato, Edwin, salimos caminando hasta la puerta de ingreso de la universidad conversando sobre los asares de la vida que nos llevaba a concursos por una misma plaza, porque somos amigos desde años, pero como buenos amigos nos deseamos lo mejor y que no cambiaría en nada nuestra amistad.

Cerca de las 12 hrs se dio inicio a nuestra clase modelo, yo y mi amigo Edwin estábamos cada vez más nerviosos por la demora de llegada de los evaluadores, una vez conformada la banca evaluadora, fui designada a iniciar la clase modelo y al término de la clase modelo del otro candidato, Edwin, nos despedimos, deseándonos lo mejor y me embarqué camino a casa, Huancayo, con el fuego en el corazón más encendido que nunca, pues ya hasta hacía planes de como comenzar la revolución en el programa de Estudios Generales. Algo en mí me decía, que esta era la oportunidad de nuestra propuesta.

5.2.1 Primer semestre de la propuesta

Esta parte del diario de campo se inicia después de recibir la noticia, que seré docente de Estudios Generales de la Facultad de Enfermería, que se encontraba publicado en la página de Facebook de uno de los miembros de la comisión, a partir de esta noticia nuestra propuesta *pachakutiy*, va tomando forma en base a las ementas de las disciplinas de Estudios Generales y que con el pasar del tiempo, se iban a complementar en sus objetivos, el destino nos puso en el camino correcto.

Figura 7. Resultados del concurso para docentes UNH

23 mar. 2018 a las 12:20 p. m. • 🌐

Resultado Final del Concurso Público para admisión docente Facultad de Enfermería

UNIVERSIDAD NACIONAL DE HUANCVELICA
(Ley de Creación Nº 25265)
FACULTAD DE ENFERMERIA

CONCURSO PÚBLICO DE MÉRITOS PARA ADMISIÓN PARA CONTRATA DE DOCENTES Y JEFES DE PRÁCTICA

RESULTADO FINAL DE EVALUACIÓN

CÓDIGO E PLAZA	NIVEL ACADÉMICO	DEDICACIÓN	APELLIDOS Y NOMBRES	EVALUACIÓN EXTERNA	EVALUACIÓN INTERNA	PUNTAJE FINAL	RESULTADO
000522	TIPO B1 (Grado de Maestro)	T.C	MG. EDWIN JONY TORAL SANTILLAN	72.50	57.45	64.98	-----
000522	TIPO B1 (Grado de Maestro)	T.C	MG. LIJIA MARIA NIEVA VILLEGAS	72.40	58.22	65.31	GANADORA

Huancavelica, 23 de marzo del 2018

DRA. ELSY SARA CARHUACHUCO ROJAS
Presidente de Comisión

LIC. RAFAEL REGINALDO HUAMANI
Secretaría de Comisión

MG. RODRIGO QUISEP ROJAS
Vocal de Comisión

EST. SAMIA JACQUELIN SARAVIA PINO
Veedora

Fuente: UNH; marzo 2018

Debía integrarme al cargo, después de unos días, al llegar a la universidad el jefe de departamento académico, Prof. Rafael, se me pidió que participe de la reunión de docentes que empezaba en unos minutos. Ya en la reunión los profesores fueron presentando sus inquietudes sobre la redacción del silabo en primera instancia, sobre los códigos a usar, las horas de evaluación y sobre todo, la necesidad de homologar los instrumentos de evaluación, yo iba tomando nota de las observaciones para redactar el silabo en las próximas horas.

Posteriormente pasaron a tratar el segundo punto de la agenda de la reunión, la carpeta docente, un instrumento que archiva nuestra información académica, y el proceso de desarrollo de nuestras disciplinas, socializaron el modelo de la carpeta docente, con el descriptivo de nuestra formación, el calendario académico aprobado, el cuadro de la carga lectiva y no lectiva que debería ser rellenado, adjuntando resoluciones de trabajos de investigación y/o proyección social y encargaturas de direcciones, los horarios de nuestras clases, los sílabos aprobados por departamento académico, los formatos de entrega y presentación de silabo, relación de estudiantes, registro de asistencia a clases, los

instrumentos de evaluación y las capacitaciones del año anterior en relación a la disciplina o la especialidad.

Figura 8. Carpeta de docentes UNH

CATEGORÍA				CONDICIÓN	
Principal	Asociado	Auxiliar	Jefe de Prácticas	Ordinario	Contratado
					X

DEDICACIÓN		
Exclusiva	Tiempo Completo	Tiempo Parcial
	X	

Docente	MG. LILIA MARIA NIEVA VILLEGAS
Departamento Académico	ENFERMERÍA
Facultad	() ENFERMERIA ()
Asignaturas	INTRODUCCIÓN AL METODO EXPERIMENTAL
	MATEMÁTICA

DATOS PERSONALES DEL DOCENTE	
Nombres	LILIA MARIA
Apellido paterno	NIEVA
Apellido materno	VILLEGAS
DNI(Ajuntar fotocopia)	45072356
Domicilio	JR. SANTA CECILIA N° 195 CHILCA - HUANCAYO
Lugar de residencia	SAN CRISTOBAL HUANCAMELICA.
Teléfono / Celular	987658793
E-mail institucional	
E-mail personal	lilianievav@gmail.com

Grados académicos	Universidad donde egreso	Fecha de Obtención
MAGISTER EN SALUD PÚBLICA	UNIVERSIDAD NACIONAL DEL CENTRO DEL PERÚ	12-11-2017
BACHILLER EN ENFERMERÍA	UNIVERSIDAD NACIONAL DEL CENTRO DEL PERÚ	11-08-2010

Títulos profesionales	Universidad donde egreso	Fecha de Obtención
LICENCIADA EN ENFERMERÍA	UNIVERSIDAD NACIONAL DEL CENTRO DEL PERÚ	02-11-2010

Fuente: elaboración propia, abril 2018.

Si bien es cierto, debemos garantizar el cumplimiento de la sumilla de nuestras disciplinas, lo más resaltante de la cátedra universitaria es que se da de forma autónoma, teniendo en cuenta esta premisa, iniciamos el planteamiento de nuestro silabo, en primer momento de la disciplina de matemática, fue casi una revisión, pues es uno de los sílabos que ya estaban elaborados, pues para el concurso nos pedían hacer la propuesta de silabo de una de las disciplinas. Entonces comenzamos a revisar que nuestro silabo deba estar redactado según las especificaciones hechas el día anterior en la reunión de docentes, como, respetar el modelo sugerido en el diseño curricular, actualizar los códigos de las disciplinas de acuerdo al nuevo plan curricular, considerar 02 horas de evaluación correspondientes a los dos exámenes parciales del semestre, etc.

Figura 9. Silabo de disciplina de matemática

UNIVERSIDAD NACIONAL DE HUANCAYELICA (Creada por Ley N° 26286) VICERRECTORADO ACADÉMICO SILABO								
1. INFORMACIÓN GENERAL								
Facultad: Enfermería	Escuela Profesional: Enfermería							
Departamento Académico: Enfermería								
Carrera Profesional: Enfermería	Año académico: 2018-I							
Asignatura: MATEMÁTICA	Código: AFC- 102- 16							
Crédito: 03	Requisito: Ninguno							
Tipo de asignatura: Estudios generales								
Horas de teoría: 02	Práctica: 02							
Horas de Evaluación: 02								
Total de horas: 04								
Semestre: Impar	Ciclo: I "A" y "B"							
Fecha de inicio: 02-04-2018	Fin del periodo: 10-08-2018							
Docente de la asignatura								
Mg. Lilia María Nissa V. Lago	Correo institucional:							
	Correo personal: lilianevav@gmail.com							
2. SUMILLA								
Es una asignatura correspondiente al Área de Formación Científica, es de carácter teórico-práctico. Tiene como propósito formar estudiantes capaces de resolver situaciones problemáticas empleando fundamentos básicos del pensamiento lógico matemático. En la parte teórica se exponen sus fundamentos, considerando los procesos por los cuales transitó el pensamiento lógico, el pensamiento matemático y, la articulación de ambos alcanzado en la actualidad. En la parte práctica, el alumno, se enfrenta a permanentes situaciones problemáticas. Los contenidos están organizados de la siguiente manera: Unidad I: Características de la lógica y la Matemática, Unidad II: El lenguaje simbólico, razonamiento inductivo y deductivo, Unidad III: El pensamiento numérico, el pensamiento geométrico, el pensamiento algebraico, lógica proposicional, Unidad IV: Teoría de conjuntos, teoría de relaciones y funciones y Unidad V: Elementos de geometría analítica.								
3. COMPETENCIAS Y LOGRO DE APRENDIZAJE DE LA ASIGNATURA								
COMPETENCIAS DE LA ASIGNATURA:								
N°	Competencias generales de la asignatura por unidades	N°	Capacidades por unidades	Logro de aprendizaje de la asignatura				
3.1.	Analiza y resuelve situaciones problemáticas del contexto real, a través del pensamiento lógico matemático.	3.1.1.	Razona de manera lógica y coherente, utilizando el lenguaje lógico matemático y de acuerdo a las principales leyes lógicas, conceptos e ideas aplicándolo en la vida diaria.	Al final de la unidad el estudiante estará en la capacidad de aplicar los conocimientos de pensamiento matemático en la vida				
UNH								
AFC- 102-16								
Perú								
Resuelve problemas mediante el lenguaje simbólico, pensamiento inductivo y deductivo.		3.2.1.			3.2.1.	Resuelve problemas mediante el lenguaje simbólico, pensamiento inductivo y deductivo.	3.2.1.	Resuelve problemas mediante el lenguaje simbólico, pensamiento inductivo y deductivo.
Comprende y valora la contribución del lenguaje simbólico, pensamiento inductivo y deductivo.		3.3.1.			3.3.1.	Comprende conceptos y procedimientos de manera lógica y coherente, utilizando el lenguaje proposicional y el pensamiento numérico, geométrico y algebraico.	3.3.1.	Comprende conceptos y procedimientos de manera lógica y coherente, utilizando el lenguaje proposicional y el pensamiento numérico, geométrico y algebraico.
Analiza problemas mediante las operaciones entre conjuntos, en relación a la teoría de relaciones y funciones, expresando solidaridad y colaboración con sus compañeros.		3.4.1.			3.4.1.	Analiza problemas mediante las operaciones entre conjuntos, en relación a la teoría de relaciones y funciones, expresando solidaridad y colaboración con sus compañeros.	3.4.1.	Analiza problemas mediante las operaciones entre conjuntos, en relación a la teoría de relaciones y funciones, expresando solidaridad y colaboración con sus compañeros.
Evalúa problemas enunciados en el lenguaje verbal de carácter lineal y cuadrático, aplicando las ecuaciones de la recta, la parábola e hipérbola equilátera, representando de manera correcta sus resultados en el plano cartesiano.		3.5.1.			3.5.1.	Evalúa problemas enunciados en el lenguaje verbal de carácter lineal y cuadrático, aplicando las ecuaciones de la recta, la parábola e hipérbola equilátera, representando de manera correcta sus resultados en el plano cartesiano.	3.5.1.	Evalúa problemas enunciados en el lenguaje verbal de carácter lineal y cuadrático, aplicando las ecuaciones de la recta, la parábola e hipérbola equilátera, representando de manera correcta sus resultados en el plano cartesiano.
5. PROGRAMACIÓN DE CONTENIDOS								
UNIDAD DIDÁCTICA I: CARACTERÍSTICAS DE LA LÓGICA Y MATEMÁTICA								
CAPACIDAD: Razona de manera lógica y coherente, utilizando el lenguaje lógico matemático y de acuerdo a las principales leyes lógicas, conceptos e ideas.								
Conceptual	Contenidos de aprendizaje		Estrategia Metodológica	Temporalización				
	Presencial	Autónoma		Teoría	Práctica	Examen		
• Prueba de entrada • Presentación del silabo.	• Mide sus conocimientos previos de matemática. • Identifica el contenido del curso.	• Asume una actitud responsable frente a la ejecución de tareas y trabajos individuales y grupales.	• Preguntas intercaladas.	1				
• La Lógica y la matemática: (historia, definición)	• Razona sobre los campos de acción de la lógica y la matemática a partir de su historia		• Presentación de videos • Clase práctica grupal	2	1	20%		
UNH								
AFC- 102-16								

Fuente: elaboración propia, 2018

Para la redacción del silabo de la disciplina de introducción al método experimental, debía ser detallada con más cuidado, pues es la disciplina donde aplicaremos nuestra propuesta formativa de forma lectiva, quiere decir, la redacción demoró varios días, pero la más importante que le introducíamos posturas críticas frente a la ciencia, el conocimiento, el método científico, y la adición de lecturas de la teoría crítica, decolonial y de filosofía andina al desarrollo de laboratorios, con la intención de dejarles la espina de la curiosidad y la crítica.

Figura 10. Silabo de disciplina de Introducción al Método Experimental

UNIVERSIDAD NACIONAL DE HUANCavelica					
(Creada por Ley N° 26266)					
VICERRECTORADO ACADEMICO					
SILABO					
1. INFORMACIÓN GENERAL					
Facultad: Enfermería	Escuela Profesional: Enfermería				
Departamento Académico: Enfermería					
Carera Profesional: Enfermería	Año académico: 2018 - I				
Asignatura: INTRODUCCIÓN AL MÉTODO EXPERIMENTAL					
Código: AFI-106-16					
Crédito: 04	Requisito: Ninguno				
Tipo de asignatura: Estudios Opcionales					
Horas de teoría: 02	Práctica: 04				
Horas de Evaluación: 02					
Total de horas: 06					
Semestre: Impar	Ciclo: "A" y "B"				
Fecha de inicio: 02-04-2018	Fin del periodo: 30-08-2018				
Docente de la asignatura					
Mg. Lilia María Núñez López	Correo institucional: llianuñez@unh.edu.pe				
	Correo personal: llianuñez@gmail.com				
2. SUMILLA					
Es una asignatura de naturaleza teórico-práctica, correspondiente al Área de Formación en Introducción a la Investigación, cuya naturaleza es experimental (taller) que permite en el estudiante de manera intuitiva desarrollar habilidades investigativas, cognitivas y procedimentales del método científico experimental en la aplicación de principios, leyes y teorías fundamentales de las ciencias naturales. Los contenidos están organizados de la siguiente manera: UNIDAD I: Estructura formal del método científico. UNIDAD II: Fundamentos básicos del método científico experimental. UNIDAD III: Experimentos básicos no estructurados y UNIDAD IV: Experimentos básicos estructurados.					
3. COMPETENCIAS Y LOGRO DE APRENDIZAJE DE LA ASIGNATURA					
COMPETENCIAS DE LA ASIGNATURA:					
N°	Competencias generales de la asignatura por unidades	N°	Capacidades por unidades	Logro de aprendizaje de la asignatura	
3.1.	Comprende, analiza y aplica las etapas del método científico en los fenómenos naturales.	3.1.1.	Comprende la estructura formal del método científico.	Al final de la asignatura el estudiante estará en la capacidad de desarrollar los	
5. PROGRAMACIÓN DE CONTENIDOS					
UNIDAD DIDÁCTICA I: ESTRUCTURA FORMAL DEL MÉTODO CIENTÍFICO					
CAPACIDAD: Comprende la estructura a formal del método científico.					
Contenido de aprendizaje	Evaluación	Metodología	Tematización		
			Horas	Porcentaje	
<ul style="list-style-type: none"> Presentación de la asignatura Prueba de entrada Introducción a la ciencia Clasificación de la ciencia 	<ul style="list-style-type: none"> Identificar el contenido del curso Analizar sus conocimientos previos en ciencias Realizar el reconocimiento de materiales de laboratorio Analizar la importancia de la ciencia 	<ul style="list-style-type: none"> Valor de forma responsable el trabajo colectivo y práctico Fuente de conocimientos y confirmación mediante la práctica las teorías y postulados científicos. 	<ul style="list-style-type: none"> Clase de presentación y colaborativa Clase magistral Clase práctica y/o trabajo experimental 	1	30%
<ul style="list-style-type: none"> Investigación científica Método científico Elementos, características, fundamentos, etapas. 	<ul style="list-style-type: none"> Contenido sobre la investigación científica Definición de los tipos de método científico 		<ul style="list-style-type: none"> Clase práctica 	2	20%
				4	50%
EVALUACIÓN DE LA UNIDAD					
Criterios de evaluación de resultado de aprendizaje	Conocimiento: Conoce los conceptos básicos del método científico.				
	Desempeño: Presentación de exposiciones.				

Fuente: elaboración propia, 2018

El 02 de abril los profesores nos volvimos a reunir para socializar los sílabos de las diferentes disciplinas a nuestro cargo, al ingresar, ya los alumnos estaban en proceso de matrícula y que conocimos y compartimos aulas años anteriores y me mostraron su cariño, y se siente muy bien saber que tus alumnos te recuerdan con cariño.

profesora, ¿va a enseñarnos algún curso? ...queremos que nos enseñe. (ALUMNOS EN GRUPO, 2018)

La exposición de sílabos, se discutía la necesidad de homologar los instrumentos de evaluación y se comentaron los motivos, por lo que buscando ser objetivos se decide unificar el uso de instrumentos de evaluación de proceso, y los exámenes parciales serian evaluados y corregidos por otros docentes diferentes de la propia asignatura. Conforme un colega en la reunión dice:

(...) ya hubo reclamos y hasta denuncias de alumnos de otras facultades sobre cierta subjetividad de las formas de evaluación, que pueden llevar a los docentes a manejarlas según su conveniencia, que algunos la usaban para condicionar a alumnas. (COLEGA, 2018)

Este temor por la subjetividad de las evaluaciones en la universidad, es una actitud de hace muchos años y que refleja una forma de enseñanza muy positivista, que marca el comportamiento de la mayoría de universidades del país, con el objetivo de homogeneizar criterios, y sobre todo, el deseo de aplicar preguntas sumamente conceptuales, que tienen respuestas definidas.

En este sentido, se generan dificultades para estructurar los silabo de los cursos de matemática e introducción al método experimental:

Respecto a las disciplinas de estudios generales, según el reglamento de estudios generales hay mucho contenido a ser desarrollado y que considero que también son llevados en los cursos de especialidad, que se debería de priorizar los temas (DOCENTE, 2018)

Los colegas concordaron que debería priorizar los temas en base a mi criterio y autonomía en ello, es así, que se define la flexibilidad para la elaboración de talleres y las clases teóricas con temas a discusión para formación de postura crítica y frente a la ciencia hegemónica, esta posibilidad de renovación se presenta en medio de las contradicciones del propio sistema educativo, el sistema de evaluación, etc.

El día lunes, el primer día de clases, a las 8 am, al llegar a las instalaciones de la facultad me encontré con muchos alumnos, dentro de ellos vi a mis alumnos los “cachimbos” (ingresantes), con curiosidad de donde sería su salón y quienes serían sus docentes.

Cabe señalar que se esperaba dividir al primer semestre en secciones de A y B, por la cantidad de ingresantes, por lo tanto, se programaba en desarrollo de clases con dos disciplinas distintas para cada sección, donde, mi persona iniciaba las clases a las 8 am con el 1° A con el curso de Introducción al Método Experimental y el 1° B a cargo de la Dra. Ida, con la disciplina de Ética. También teníamos la información que, según reglamento, que, si los ingresantes no llegan a un número de 53 alumnos no se dividirían en dos secciones.

Ya que no había información que los alumnos serian divididos en dos salones o no, decidí iniciar el aula con todos los ingresantes, comunicándoles.

Los alumnos se dirigieron apresurados al salón 103, probablemente para ganar alguna ubicación, en el proceso de espera al resto. Una vez los chicos dentro del aula, se aplicó una dinámica llamada **rompe hielo**, por la naturaleza de ser nuestros alumnos nuevos y que muchos de ellos no se conocen con sus otros compañeros y con la profesora al término de la dinámica “rompe hielo” de presentaciones. En este inicio de las clases, es una política de la facultad, que de vemos recoger los saberes previos generalmente conceptuales, para después

volver a medirlos al final del semestre, esta medición debería hacerse con una prueba de entrada, en nuestro caso y por la naturaleza de nuestra postura, la pregunta fue: ¿Cuáles son tus expectativas con el curso?, con la finalidad de analizarlos y tenerlos en cuenta en la estructuración de nuestras aulas posteriores.

Tuvimos respuestas muy estructuradas en su gran mayoría, desde la escuela se forma la idea de que lo experimentos son interesantes, es lo más valorizado:

Mis expectativas son ir a laboratorios y saber cómo son y hacer experimentos (ALUMNO, 2018).

Aprender experimentos, descubrir nuevas cosas (ALUMNO. 2018).

Aprender a llevar los conocimientos del método científico a la experimentación del campo de enfermería (ALUMNO, 2018).

Aprender más del maravilloso camino de la experimentación e investigación (ALUMNO, 2018).

Pero también otras opiniones alentadoras, que motivan nuestro trabajo:

Que va a ser divertido, dinámico, aprender demasiado sobre esta realidad (ALUMNO, 2018).

El poder descubrir y conocer nuevas cosas, y de ahí quizá incluso poder crear algo nuevo que ayude a los demás (ALUMNO, 2018).

Trabajo en equipo, compañerismo, igualdad en la hora de estudio asimismo con el trabajo, familiarizarnos y llegar a una conclusión de tema (ALUMNO, 2018).

Al final de nuestra aula, les dejamos la lectura de filosofía de las ciencias, como aproximadamente 50 páginas, la tarea es asignada a todos los alumnos para ser discutidos la siguiente clase, el objetivo de provocar a ellos. Por tanto, en la siguiente clase, se preguntó sobre la lectura de filosofía de las ciencias, y los alumnos manifestaron que eran muchas hojas y tiene muchos trabajos en otras disciplinas, por lo que pidieron que las lecturas sean más cortas o sintéticas.

miss, es mucho y muy complicado, la verdad no terminé de leerlo...tan solo con ver la cantidad de hojas me asusté...empecé a leer y no entendía nada y me puse a hacer otras cosas...mejor explíquenos miss (ALUMNOS EN GRUPO, 2018).

Entonces decidimos explicar la lectura, con la participación de algunos alumnos según lo planeado en el silabo y la sesión de aprendizaje de dicha semana, a los alumnos se les hace difícil relacionarse adecuadamente con la terminología y discusiones de

filosofía, a pesar de las dificultades se resalta el interés de algunos alumnos con esta temática, por otro lado, resaltamos la exigencia de cumplir con la planificación de las sesiones de aprendizaje, estrictamente en minutos y etapas, con se evidencia en la imagen, como política de la universidad debemos hacer una sesión de aprendizaje por cada clase.

Figura 11. Sesión de clase, disciplina de Introducción al Método Experimental



UNIVERSIDAD NACIONAL DE HUANCÁVELICA

FACULTAD DE ENFERMERIA

DEPARTAMENTO ACADÉMICO DE ENFERMERIA



ESTRUCTURA DE SESION DE APRENDIZAJE N° 01

1. DATOS INFORMATIVOS

a) Asignatura : INTRODUCCION AL METODO EXPERIMENTAL

b) Área : ESTUDIOS GENERALES

c) Docente : Mg. Lilia María Nieva Villegas

d) Ciclo: 1 "A" y "B" Semestre: Impar

2. CONTENIDO : LA CIENCIA

3. CAPACIDADES : Reflexiona sobre la historia de la ciencia, y sus fundamentos.

4. ACTITUD : Utiliza lo aprendido para tener una actitud crítica frente al desarrollo de las ciencias.

5. INDICADOR DE LOGRO : Organiza el conocimiento aprendido en un organizador.

6. SECUENCIA FORMATIVA

FASES	ACTIVIDADES DE APRENDIZAJE	ESTRATEGIAS	RECURSOS	TIEMPO
INICIO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Se inicia la sesión con la visualización de un video "¿Qué es ciencia?" https://www.youtube.com/watch?v=FTSawF9ydsI y comentan. ❖ Se apoya la proyección con la explicación pertinente. 	Preguntas dirigidas Análisis de video Lluvia de ideas	1.1. Lenguaje oral pizarra, plumones.	5 min.
			1.2. Lenguaje oral: equipo multimedia	20 min.
PROCESO	Con el uso de internet y proyector multimedia el docente explica los contenidos de las sesiones en interacción constante: <ul style="list-style-type: none"> ❖ Qué es ciencia https://www.youtube.com/watch?v=QagXZu5I ❖ Se hace uso de los paqs, para ejecución de la temática. ❖ Tipos de ciencia, características, implicancias Los alumnos participan con preguntas con el fin de consolidar los contenidos. PRACTICA Con el uso de proyector multimedia u otros medios los alumnos: <ul style="list-style-type: none"> ❖ LA FILOSOFÍA DE LA CIENCIA HOY: PROBLEMAS Y POSICIONES. Andrés RIVADULLA https://www.ucm.es/data/cont/docs/481_2013-10-14-#flocien.pdf 	Técnica audiovisual Preguntas intercaladas Técnicas visuales y expositivas. Lluvia de ideas.	1.1. Equipo multimedia y diapositivas	30 min
			1.2. Material impreso	
			1.3. Comunicación oral	1h30 min
				20 min

7. EVALUACIÓN

Criterio	Indicador	Instrumento
Conocimiento	Nota aprobatoria	Cuestionario
Valor	Indicador	Instrumento
Desempeño	Organizador de conocimientos	Rubrica

8. BIBLIOGRAFIA

1. Castellanos Siguas, Beatriz. (2000). Del conocimiento cotidiano al conocimiento científico. [5. P. "Enrique José Varona". Facultad de Ciencias de la Educación. Centro de Estudios Educativos. La Habana. Caballero Camejo C.A. (2003). Asignatura: Química 8vo y 9no grados. Programa Escolar Ministerio de Educación. Ciudad de la Habana.
2. Colado Pemas, J. (2008). Estructura Didáctica para las prácticas de laboratorio de ciencias naturales en el nivel medio. Tesis presentada en opción al grado científico de Doctor en Ciencias Pedagógicas. La Habana.
3. LA CRITICA DE LA CIENCIA, ANTONIO LAFUENTE, <http://www.profesiones.org/var/plain/storage/original/application/55787586cfc72081a1dc891d40a3fbb5.pdf>
4. LA FILOSOFÍA DE LA CIENCIA HOY: PROBLEMAS Y POSICIONES. Andrés RIVADULLA https://www.ucm.es/data/cont/docs/481_2013-10-14-#flocien.pdf
5. LA TEORÍA CRÍTICA HORKHEIMERIANA: CRÍTICA A LA CIENCIA CAPITALISTA <http://www.agorafilosofia.com/Agora29-30/Agora29-30.html>
6. EL CONCEPTO DE INDUSTRIA CULTURAL COMO PROBLEMA: UNA MIRADA DESDE ADOORNO, HORKHEIMER Y BENJAMIN (18p) <http://www.rsdahc.org/pdf/2790/279033775005.pdf>
7. La crítica a la modernidad: Horkheimer, Adorno y la dialéctica negativa (20 p) <file:///C:/Users/ADMIN/Dowloads/Dialnet-LaCriticaLaModernidad-5513848.pdf>
8. La escuela de Frankfurt: el destino trágico de la razón (8p) <http://www.uam.mx/difusion/revista/abr2005/palacio.pdf>
9. La teoría crítica de la sociedad de la escuela de Frankfurt algunos presupuestos teórico-críticos http://www.umg.edu.co/documentos/63968/80132/RevNo1_vol1_ARIS.pdf
10. La teoría crítica de la Escuela de Frankfurt como proyecto histórico de racionalidad revolucionaria: (17p) <http://elitalondaequiles.pucp.edu.pe/wp-content/uploads/2015/11/proyecto-racionalidad-revolucion.pdf>

9. OBSERVACIONES

Docente _____ Director del Depto. Académico _____

Fuente: elaboración propia, 2018.

Las primeras clases tratábamos los temas de ciencia y conocimiento, la discusión la acompañamos del video de ¿Qué es ciencia? y un conjunto de entrevistas a alumnos, profesores, biólogos, matemáticos, artistas, investigadores sobre el concepto de ciencia en cada uno de sus campos, ejemplo:

Es una suerte de instrumento tranquilizador para el ser humano de creer que es quien domina de alguna manera el universo (ALUMNO, 2018).

La ciencia moderna ya no puede existir sin la tecnología y la tecnología sin la ciencia (ALUMNO, 2018).

Los alumnos manifiestan que hay razón en todo lo que es mencionado, pero que nunca se habían puesto a pensar al respecto.

no todo es verdad por mucho tiempo o en diversos lugares (ALUMNO, 2018).

siempre creí que había una sola ciencia a la que quería llegar el hombre (ALUMNO, 2018).

Se provoca a los alumnos a la reflexión, al referirnos sobre la disciplinaria de la ciencia y cada una con su forma de pensar e investigar, que los conocimientos son inacabados, son solo una pequeña parte de todo el universo, que también la ciencia responde a una jerarquía de dominación. Se ve en muchos un desconcierto sobre el abordaje del tema, mientras esperaba la participación de algún alumno, presento algunas definiciones hasta ahora aceptadas de ciencia y conocimiento, sus características e implicancias. Siempre estaba preguntando si existe alguna duda al respecto, los alumnos estaban callados, ¿quizá los dejes pavoridos con las provocaciones?, me gustaría saber, pero teníamos que terminar la clase, por el siguiente curso que tenían después. Por tal motivo, para finalizar pedí se agruparán en cuatro grupos, donde dos de ellos se encargará de una lectura, las lecturas asignadas son: crítica horkhaniana; teórica crítica y crítica a la modernidad. Pidiendo que haríamos la discusión de esas lecturas en la siguiente clase y que por favor leyeran al menos el artículo que les sería asignado.

A la salida de las clases, vimos que la universidad estaba cerrada, como modo de protesta, por los estudiantes de la facultad de ingeniería quienes manifestaban que las autoridades universitarias no hacían caso a sus reclamos y pedidos. Siempre mantuve la expectativa de que las autoridades irían a dialogar con los estudiantes y llegar a una solución, en los años que trabaja allí, se solía buscar soluciones por no continuar con el cierre de la universidad, pero al día siguiente, día martes no había solución, y los alumnos manifestaron:

no hay ni indicio de dialogo con las autoridades, vamos a tener plenaria de todos los estudiantes en la mañana para decidir qué se haría como medidas de fuerza (ALUMNO, 2018).

Por medio del grupo de WhatsApp que teníamos, pedí a mis alumnos participar de dichas reuniones, escuchar conscientemente los reclamos de sus colegas y analizar dichos posturas y planteamientos.

En los días de cierre del local, por medio del grupo de whasttapp de docentes de la facultad, nuestro jefe de departamento nos cita a reunión en el edificio administrativo para el día miércoles a las 9 am, para discutir temas de calidad y acreditación, y el marcador de asistencia biométrico. Y camino a las oficinas administrativas me encuentro con ex alumnas

que pertenecen al séptimo semestre de la facultad de enfermería, a quienes enseñé el año 2015, ellas manifiestan

La facultad de Enfermería después de una reunión de plenaria de alumnos, ha decidido apoyar la toma de local de los alumnos de ingeniería, e incrementar el pleno de reclamos de los alumnos sobre el tema del comedor universitario, la obligación de llevar el idioma de inglés por 8 meses a costos según los alumnos muy elevados y por pedidos particulares de la facultad sobre el uso del auditorio, y el proceso de acreditación (ALUMNO, 2018).

Solicite que me mantuvieran informada sobre el proceso de la toma de local, resaltando que debían de cuidarse, ante todo. Ya en el edificio administrativo, inició la reunión de profesores, y nuestros representantes estudiantiles pidieron ingresar a la reunión y expresar los motivos por los que se suman a la toma de local, la representante de los estudiantes mencionó:

hemos decidido apoyar la toma del local por motivos adicionales y que son problemas de siempre, por ejemplo: hasta el momento, no funciona el comedor universitario para los estudiantes que no tiene recursos económicos, se demanda el funcionamiento inmediato de este servicio; segundo punto, el problema del idioma que inglés obligatoria a los estudiantes y que califican a este curso como muy costoso, piden la reducción de las pensiones de enseñanza, y por último el reclamo de la promesa de la construcción de la clínica u hospital universitario, y el cumplimiento del compromiso del gobierno regional para asignar un presupuesto adicional a las facultades acreditadas. Y venimos a pedir el apoyo de nuestros profesores en las demandas planteadas, de forma que suspendan las clases para permitir a mis compañeros participar activamente de la toma del local (ALUMNOS REPRESENTANTES ESTUDIANTILES, 2018).

Lo que sigue es el sermón casi católico y punitivo de los profesores nombrados y de mayor experiencia que mencionan:

solo debo pedir a nuestros alumnos que analicen la situación, que están tomando el camino equivocado, que hay otras vías de negociación y conversa y no a través de las tomas de local, que es una mala imagen que da la Universidad de Huancavelica siempre que tiene problemas toman el local (COLEGA, 2018).

Ud. será la responsable de daños y lesiones que puedan sufrir sus compañeros, que ya había antecedentes de lesiones graves en estudiantes y no deseaban que ocurriese otros casos (COLEGA, 2018).

los profesores no podemos suspender las clases pues, somos trabajadores del estado y como tal debemos de cumplir con nuestras obligaciones (COLEGA, 2018).

Los representantes estudiantiles entonces pidieron retirarse y en conclusión los docentes no apoyaron a los pedidos de los alumnos, es más, criticaron la postura rebelde de ellos; y yo me quedé en silencio, sin opinar, ¿por qué? Hasta ahora yo también me pregunto porque me quede callada.

Al día siguiente, como para justificar nuestro sueldo, teníamos acordado reunirnos en casa del decano, en el camino me encuentro con algunos colegas y escuchamos como detonaciones, al continuar caminando vimos humo de bombas lacrimógenas y nos encontramos con nuestros alumnos, ellos nos informaron:

el rector ha permitido el ingreso de los policías...desde las 4 am, hay enfrentamiento con los alumnos...estamos preocupados por los que les tocaba dormir esta noche (ALUMNOS EN GRUPO, 2018).

Muy preocupados por la situación no pudimos avanzar más, pues las bombas lacrimógenas hacían estragos hasta donde nos encontrábamos, los alumnos seguían comentando:

fue una mala decisión tomada por el rector ...hay varios compañeros heridos y detenidos (ALUMNOS EN GRUPO, 2018).

Vivía a una cuadra de donde se iniciaba el enfrentamiento y las molestias de las bombas lacrimógenas se sentían, fui rápidamente a casa, para ver cómo estaba mi tía, al llegar a casa, ella muy atenta a la radio, y me menciona:

Estoy al pendiente del enfrentamiento de los alumnos y los policías...vamos a manifestarnos que estamos en contra de dicha violencia...que mal lo que están haciendo con nuestros hijos, sobrinos, vecinos, porque la universidad es de nosotros.... Es parte de nuestra identidad... es parte del pueblo y que ningún ajeno puede entrar a agredir...vamos a sacar al rector en burro, como hacíamos antes (TIA DE CARIÑO, 2018).

Fue ahí donde mi tía, que vive toda su vida en Huancavelica, me ofrece sentarme para contarme la historia de la universidad, hasta ese momento desconocida por muchos.

los pobladores anhelábamos tener una universidad donde nuestros hijos pudieran estudiar, pues muchos de ellos por falta de recursos económicos no podían enviar a ciudades más grandes a sus hijos para que podrían estudiar, al no recibir respuesta alguna de las autoridades a nuestro pedido, toda la población, alumnos de colegios, institutos, padres de familia decidimos hacer una marcha de sacrificio hasta la capital, Lima, caminamos 500 kilómetros aproximadamente, al llegar a Lima recibimos agresiones de la policía, que intentaba reprimirnos, pero no nos amilanamos, estuvimos semanas al frente del palacio de gobierno, hacíamos ollas comunes, dormíamos en la plaza, pero continuamos, hasta que el gobierno decida crear la Universidad Nacional de

Huancavelica, por eso nos duele, porque es fruto de nuestra lucha, lucha de la población huancavelicana (TIA DE CARIÑO, 2018).

Mientras escuchaba la historia que mi tía me contaba, en radio y redes sociales se denunciaba sobre el abuso de los policías, de la convocatoria a la población a salir en defensa de los universitarios (sus hijos, sobrinos, vecinos, nietos, etc). Una muestra del pensamiento comunitario y de la pertenencia social que tiene la universidad, pues las expresiones de respaldo a los alumnos por toda la ciudad fue muy motivadora, como se relata a continuación:

Al producirse la intervención de la policía a la universidad y escuchar los disparos de bombas lacrimógenas, la población llamada a la reunión de la población en la plaza de armas de la ciudad, por intermedio de la radio y las redes sociales, para luego trasladarse hacia las oficinas administrativas de la universidad, que se ubica a tres cuadras de la plaza de armas, para exigir la renuncia del rector (sacar en burro), debido a que no evidencia la capacidad de solucionar los reclamos y el dialogo con los alumnos. Estas movilizaciones produjeron el compromiso del rector y demás autoridades en atender los reclamos, los alumnos pidieron firmar un acta de compromiso, avisando que, si no había cambios, iban a cerrar la universidad las veces que sean necesarias, estaban muy empoderados, gracias al apoyo de la población, que pena que no tuvieron apoyo de los profesores. Pero me sentía orgullosa de mis alumnos, y ahí comencé a pensar, en el espíritu de rebeldía y lucha que nunca se pierde, estos acontecimientos me llenan de esperanzas, que podemos crear vínculos en las luchas, se encienden los latidos del corazón.

Nuevamente en clases, las dinámicas ayudan a formar la media luna, que va a permitir el dialogo entre los alumnos. Después pregunté cómo fue la experiencia para ellos sobre la toma de local

participamos de los plenarios de estudiantes y creo que los pedidos de los dirigentes eran válidos, pues sus reclamos favorecerían a todos los estudiantes (ALUMNO, 2018).

se pedía que disminuyan los costos de pensiones del centro de idiomas, que el comedor universitario funcione y que exigían el cumplimiento de promesas de las autoridades sobre la asignación de presupuesto a las facultades acreditadas y en vía de acreditación, entre otros (ALUMNO, 2018).

rechazamos enérgicamente la intromisión de la policía a los ambientes de la universidad y agresión a otros estudiantes (ALUMNO, 2018).

Sus comentarios fueron perfectos para conectar sobre la importancia de poner en práctica las lecturas que van a ser discutidas para el desarrollo de esa postura crítica que la universidad por las características sociales que exigía. Así, iniciamos las presentaciones donde los alumnos resaltan:

la economía es la configuradora de la sociedad y de la ciencia (producción)...hay un antagonismo entre la teoría crítica y tradicional...es importante analizar los procesos históricos, del control de las masas, del poder...que hay una relación de dominación entre hombre-hombre, hombre – naturaleza, hombre – seres vivos, apanado por la ciencia (ALUMNO, 2018).

Pero fueron frases que repetían de los artículos leídos, muchos tuvieron mucha dificultad en entender el texto y en su mayoría hicieron más investigaciones del tema, de los autores mencionados en las lecturas. Aun así, muchos solo repitieron las frases de la lectura y no discutían esas críticas planteadas en la actualidad y nuestra sociedad. Tuvimos que hacer aclaraciones de términos no entendidos y del contexto histórico en el que los frankfurtianos desarrollaron su teoría.

Al final de clase, veía las caritas de sorpresa de mis alumnos que me hizo recordar mis primeros contactos con el Marxismo y la Escuela de Frankfurt, me quedaba sorprendida de lo que ellos discutían y problematizaban en sus textos, es lo que vivimos y que incomoda, solo que nunca habíamos parado a pensar, y con las lecturas como si tuvieras una venda cubriendo todo el tiempo tus ojos, y que cae, y llegas a ver y te da miedo, sorpresa, etc.

Lo curioso es que el grupo que exponía prefirió discutir la lectura de la escuela de Frankfurt, desde el pensamiento marxista, hablando de plusvalía y explotación. Resaltando que para Marx la iglesia era el opio del pueblo, tenemos evangélicos y mormones como alumnos, y ellos presentaron su desacuerdo a partir de sus concepciones religiosas.

el proceso científico estaba a favor del capitalismo y no de la sociedad y de sus problemas (ALUMNO, 2018).

la manipulación y la alienación, es dejar de pensar por nosotros mismos, porque nos desconecta de realidad de la sociedad (ALUMNO, 2018).

Ejemplificaré la plusvalía, con lo que se vive en nuestra realidad con el producto bandera de nuestra tierra, la papa, su producción es muy costosa y los agricultores no reciben buenos precios por su producto y quienes revenden son los que lucran con esta desventaja, pues el agricultor no puede llevar a la ciudad su producto, por lo que el intermediario (paga bajos precios en las chacras) y al llevarlo a la ciudad gana más que el agricultor tan solo por transportarlo (ALUMNO, 2018).

Este ejemplo, de uno de los alumnos más tímidos del salón, fue deslumbrante, nos hizo reflexionar al ver la realidad del agricultor en nuestro país, pues su trabajo es muy sacrificado y a veces ni logra recuperar los costos de su producción, es una de las más grandes de las razones por los que se ve la migración del campo a las ciudades. Porque esa plusvalía atroz actualmente en la agricultura deja al pueblo más pobre y al rico más rico.

La clase del 25 de mayo, según la sesión de aprendizaje se tenía planeado discutir sobre desenvolvimiento científico, quizá fue a costa del sufrimiento de seres vivos entre ellos también humanos y hasta ahora animales. Para lo cual se eligió unos videos de los experimentos atroces realizados en Auschwitz, también escogimos los descubrimientos científicos más bellos del hombre para tener dos posturas y comentar. Luego se tenía planeado hablar de los experimentos, protocolos, metodología, etc. y finalizar con la tarea de las lecturas de “Frankfurt: Critica negativa de la razón”

Al iniciar la clase iniciamos con recolección de conocimientos previos, mediante la dinámica del cartero, donde el último en cambiar de silla por mencionar una característica que tiene; como por ejemplo “todos los que tienen mochilas” debiera de responder las preguntas preparadas en ppt, para luego invitar al salón a responder. Los chicos y yo nos divertimos con la dinámica y lo mejor que hubo más interacción entre nosotros.

Ya relajados pasamos a ver el video de los experimentos más atroces del hombre, que mostraba lo que los nazis hicieron con los judíos, toda una barbarie desarrollada a pesar del desarrollo tecnológico que el hombre ya había alcanzado, la reacción de los alumnos al video fue de sorpresa, repudio, terror, esta fue la introducción a la tarea de la lectura que los frankfurtianos, pues discuten que no hay relación directa entre desarrollo tecnológico y desarrollo humano. Posteriormente se habló de que es un experimento, sus características y metodología. Y se concluyó con la explicación de las lecturas dejadas para ser discutidas en la siguiente clase.

Con el IB tuvimos la dificultad de que la conexión de internet se había perdido y no tuvimos la oportunidad de observar el video sobre la barbarie de Auschwitz, solo fue relatada por mi persona y comentada que no hay relación directa entre el desarrollo tecnológico y el desarrollo humano. Algunos se animaron a participar, me alegraba que cada día la participación sea más voluntaria.

los descubrimientos fueron y son a costa del sufrimiento de seres vivos y de la propia naturaleza que es nuestra casa (ALUMNO, 2018).

Al final teníamos que desarrollar la clase teórica de experimentos, características y metodología, para finalmente mencionarles que tenemos lecturas para la próxima clase y los alumnos mostraron incomodidad pues ya se acercaba la fecha de evaluaciones y estarían muy estresados estudiando.

Entre el transcurso de las clases, tuve una conversación nada formal con un colega, hablamos de nosotros, de la recarga administrativa en la universidad y en preparar nuestras clases como si fuéramos a enseñar a niños de inicial, pues nos piden que realicemos sesiones de aprendizaje con motivación, recojo de saberes previos y dinámicas, nos ocupaba mucho de nuestro tiempo en planificar cada clase y sus dinámicas, etc.

Esta conversa marcó mi crítica de aquel día, si toda la carga de aquel trabajo que desarrollo (unidad de estudios generales, posgrado, acreditación, proyección social, tutoría, investigación) que no me deja tiempo ni para escribir la tesis y peor para donde vamos como universidad. Terminé con estas preguntas mi día ¿para dónde vamos como universidad? ¿Para dónde voy? ¿Hasta dónde soy capaz de revolucionar o modificar la propuesta formativa? Durante este tiempo seguiré pensando y quizá nunca pueda responderla, pero si quiero hacer algo al respecto.

Nuevamente otro día de clases, los alumnos se encontraban en el patio, al verme hicieron que no me vieron, curiosa de lo que estaba sucediendo me dirigí al salón esperando que los alumnos vendrían también, al ingresar solo vi a 3 alumnas a las que pregunté cómo estaban,

miss estamos sin desayunar...muy preocupadas pues las lecturas estaban muy complejas y no pudimos terminar de leerlas, pues tenemos muchos trabajos..... por favor que sea otra fecha la presentación de las lecturas (ALUMNOS EN GRUPO, 2018).

Pedí que todos los alumnos ingresaran al salón para conversar. Hicimos la dinámica de saludo con energía, donde yo preguntaba cómo están a un grupo con alguna característica, ejemplo los varones ¿cómo están? Y tenían que responder 3 veces y fuerte bien, bien, bien...

Pregunte a cada alumno que sintió o que pasaba con la lectura. En ese momento me sentí identificado, recordando mis primeros días de clases en el doctorado, con lecturas muy complejas que no entendía y que tenía que leer y releer e indagar términos para comprender lo que leía. Entonces pregunté, ¿qué podemos hacer?, respondieron:

vamos a reprogramar la exposición, por favor, tenemos muchos trabajos y además debemos estudiar para los exámenes parciales que se venían para la próxima semana (ALUMNO EN ÑUQANCHICK, 2018).

Sus palabras me hicieron repensar nuevamente en la recarga de tareas que cada docente asignaba a ellos, y no les dejamos tiempo, un verdadero tiempo libre, para pensar en que si lo que hacemos vale la pena o es necesario para nuestro desarrollo, nuestra sociedad. No dude de manifestarles que experimentaba los mismos sentimientos que mis alumnos sentían, porque también me sentía agobiada de mucha carga laboral como ellos con muchos trabajos en la universidad, y quizá olvido lo que vale la pena en esta vida, nuestra familia, nuestro círculo de amigos, actividades recreativas, o simplemente hacer nada.

Pero vimos que aun así nos quejáramos el sistema no haría nada por nosotros, sino que nosotros deberíamos ver las formas de sacarle la vuelta a este sistema para no atraparnos en solo trabajo, entonces nos dimos las horas de clase libre, con el compromiso de cambiar o agregar estrategias a nuestras lecturas, como enviar videos de conferencias, discusiones, películas relacionadas a los temas tratados. Y nos despedimos dejando la reflexión de hacer lo que vale la pena hacer.

La siguiente clase tenía programado la discusión de la lectura “Theodor Adorno: dialéctica negativa” que expliqué que iniciaremos con un video sobre Teodoro Adorno, denominado filosofía de Theodor Adorno. Posteriormente el grupo de alumnos y la docente pasaríamos a comentar sobre la dialéctica negativa, y posteriormente se plantearían preguntas al público sobre el tema tratado. Después de ver el video los alumnos del grupo, manifiestan

ahora sí, quedaron más claras ciertas partes de la lectura que hasta antes del video eran muy confusas (ALUMNO, 2018).

Posteriormente pasamos a presentar partes de la lectura que entendimos, lo que llamó la atención:

ejemplificaron la cosificación de los objetos de arte, (españoles que solo querían el oro y no observaron el valor de nuestra orfebrería) (ALUMNO, 2018).

a mi opinión personal, Theodor Adorno me parece un pensador idealista, pues analizaba la profundidad de las cosas en el arte y hablaba de la necesidad del pensamiento subjetivo en el arte (ALUMNO, 2018).

debemos ver más allá del concepto, de la no identidad, de la diferencia (ALUMNO, 2018).

el arte es la forma de como hablamos, pensamos, razonamos; que la realidad para Adorno, es no pretensión de totalidad, no pretensión de dominio (ALUMNO, 2018).

debemos hablar de la aclaración del arte, porque el arte no puede ser copiado, por el principio de identidad (ALUMNO, 2018).

Yo sentía que ellos reproducían los conceptos de la lectura, pero no apropiaban los conceptos, aun los tenían como externos, lejanos de su forma de ser, de vivir, de saber, no encontraba emociones en sus palabras.

Pese a estas dificultades, continuábamos comentando sobre la escuela de Frankfurt, sus representantes y principales conceptos, siempre con ayuda de explicaciones en video, y luego hacían preguntas o comentarios, pero debían participar.

tomar a la dialéctica no como un sistema, sino como un método, negando el concepto, sino aceptando el mundo tal como es (ALUMNO, 2018).

¿Por qué destino trágico de la razón?, ¿Qué se entiende por destino trágico de la razón? (ALUMNO, 2018).

la razón debe ser comunicativa, que hay tipos de pensar, jurídico, deontológico y teleológico (ALUMNO, 2018).

La clase termina con varios comentarios de incomodidad relacionados a la dominación de los conceptos sobre la naturaleza,

hay tanto que debemos de memorizar de paporreta como si eso fuera lo más necesario, porque debemos saber sobre tantos conceptos, ¿ellos son más importantes que la naturaleza? (ALUMNO EN ÑUQANCHICK, 2018)

Comprendo completamente su incomodidad, siempre me pregunté también, porque mientras más complejo hables, ¿te creerán más inteligente?, que cada vez se hace más imposible comunicarnos. No sé cuánto de verdad tenga nuestra frase y desde luego nuestra postura, que consideramos que no hay necesidad de ser complejo, porque no podrás comunicarte con el otro.

Mientras tanto se desarrollaba la reunión de los docentes de la facultad para hablar de temas de interés para plantearlas y desarrollarlas en clases, el jefe de departamento, estaba exponiendo la postura actual de la generación millenials, pues nuestros alumnos son de dicha generación.

Muchos docentes coincidían completamente con lo mencionado por el jefe de departamento, peor en la práctica podremos hablar de la generación millenials, pero no todos mis alumnos dominaban las tecnologías, quizá por las dificultades de acceso a ellas, y que eso producía una suerte de inclusión-exclusión. También los docentes mencionaban

deberíamos estar acorde al desarrollo tecnológico, el dominio del idioma inglés, para que nuestros alumnos sean del mundo (COLEGA, 2018).

Está bien, pero también deberíamos priorizar el desarrollo de lo nuestro, nuestro idioma, nuestras formas de conocer, que tan solo el desarrollo tecnológico aislado del desarrollo humano es efímero (DOCENTE, 2018).

Algunos hicieron muecas y no hubo comentarios respecto a mi participación, de nuevo, coincidían que debiéramos insertarnos en este mundo globalizado si queremos ser parte de él. Ahí, vi que pensé en la dificultad de dialogar e incluir a los profesores en la propuesta *pachakutiy*, con consentimiento del pleno de docentes.

Después de unos días, era el día de nuestra universidad, la semana universitaria, es una celebración de la fecha de creación de la universidad, incluye actividades académicas, pero preferentemente sociales y culturales.

Figura 12. Programación por aniversario de la UNH.



Fuente: UNH, 2018

Durante esta semana, los profesores apoyamos a los alumnos, yo fui al grupo que representaba a la facultad de enfermería en el concurso de música y canto, y me reuní con los alumnos participantes y la “barra brava” (alumnos que apoyan la participación con arengas). Los alumnos tenían dos objetivos: reproducir una canción y componer otra, la participación fue en la ubicación intermedia, y quedamos en el tercer puesto a nivel de concurso de facultades. Me gustaría mencionar que hemos competido con alumnos de otras facultades que

cantan y hacen música profesionalmente y nuestros alumnos son aficionados, lo importante es participar, divertirse y mostrar el lado artístico. Estoy orgullosa del grupo e hicieron vibrar mi ser.

Ya se acercaba el fin del semestre y si o si debíamos ir al laboratorio a experimentar y para el desarrollo de los experimentos estructurados, se procuró el uso de los laboratorios centrales de la Universidad. Se procuró una entrevista con el responsable, una persona muy atenta y se agendó el uso de uno de los laboratorios para el día 23 de julio del 2018. Con la previsión de disponibilidad de insumos y equipos.

Mientras se hacían estas coordinaciones, se tenía programado iniciar la exposición de experimentos no estructurados, donde se vio la necesidad de discutir la importancia de la valorización de nuestros conocimientos, para el desarrollo del tópico de experimentos no estructurados.

¿Cuál es la relación entre el dominio del conocimiento y de la forma de hacer ciencia? ¿Porque que nuestra forma de curación no puede ser considerada como conocimiento valido y mucho de eso ya se está perdiendo en el tiempo, quedándose con las generaciones pasadas? A este tipo de formas nuestras de curación, nos planteamos el objetivo de visibilizarlo/ materializarlo ya sea a través de entrevistas a los padres, abuelos, vecinos, vendedores de medicina tradicional, etc (DOCENTE, 2018).

Se pidió que se escogieran temas de salud y de nuestro cotidiano vivir, porque los experimentos estructurados son muy variados, pero solo el que conocemos de cerca sería interesante discutir, sobre todo también para fortalecer nuestra identidad:

Se esperó unos minutos para ellos me dar los temas de investigación sobre medicina tradicional:

El jubeo del cuy ...la curación del susto con el huevo...el uso de la lagartija en fracturas...el blanqueamiento de dientes casero...remedios caseros para resfrío...el uso de las piedras curativas ...uso curativo de las flores...el kion y sus propiedades (ALUMNO EN ÑUQANCHICK, 2018)

Una vez definido los temas se entregó un modelo de informe de proyecto con el siguiente esquema: introducción, materiales y métodos, preparación, usos/ aplicaciones y conclusiones. Los alumnos estaban entusiasmados de ir al campo y hacer entrevistas a las personas que conocen del tema. Se les mencionó que la presentación es libre, y que dependía de la creatividad de los alumnos.

Adicionalmente a las responsabilidades de docente, tenía a mi cargo el área de Estudios Generales, se nos convoca a reunión para discutir la evaluación de las competencias

finales de los alumnos al final del año de estudios generales y su concordancia con estándares de acreditación de las facultades. Se me sugiere varias actividades, entre las cuales son: coordinar la generación de banco de preguntas para la evaluación de estudios generales y formular los documentos de gestión del área, pues hasta el momento la vicerrectoría académica a cargo de todas las áreas de estudios generales no había convocado o informado de cómo serán las actividades, “estábamos haciendo el camino al caminar”.

Entonces se me ocurre revisar cuales eran nuestros antecedentes y referentes, la Universidad Peruana La Católica (UPC), la Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM) y la Universidad Nacional San Agustín (UNSA), ya iban llevando el plan de estudios generales por varios años, deberían ser mi referente, por cuestión de distancia y posibilidad de apertura, se decide hacer la visita al jefe del área de estudios generales de la UNMSM, para realizarle una entrevista que fue transcrita dentro del ítem de planificación de la propuesta formativa para el segundo semestre, pues las ideas y panorama que tenía el jefe, nos dio las luces para hacer varios planteamientos:

Primero, que el área de estudios generales no debería ser dirigido por cada facultad, sino debe de ser un único para toda la universidad, porque si no con el tiempo iba a ir cooptando cursos de especialidad de cada carrera y de eso modo no iba a cumplir su objetivo de formar ciudadanos. Pero, esta política era solo decisión de las autoridades. Segundo, debe formar habilidades blandas en los estudiantes, por eso la forma de ingreso y evaluación debería de cambiar, porque solo evaluábamos conocimiento. Tercero, que tenemos un gran potencial que no está siendo valorizado por nosotros y ellos mismos, que solo estamos formando mano de obra calificada, pero no profesionales “sentipensantes”.

La conversa con el jefe de estudios generales de la UNMSM, me dio muchas luces frente a lo que planearemos hacer en las siguientes clases, pero sobre todo en el siguiente semestre. No voy a negar que esta reunión me dejó muy inspirada, motivada, entusiasmada, me encanto conocer una persona así.

Ya en clases, el primer grupo hizo la presentación de su proyecto de remedio casero para el resfrío, como un laboratorio, prepararon el remedio con nosotros, indicando el procedimiento y luego se nos invitó a probarlo. Aunque tuvieron varios imprevistos por los materiales, mis alumnos supieron ingeniárselos para realizar el experimento, por ejemplo, les faltó la cocina, y compraron varias velas y la usaron como una cocina. Me sorprende la creatividad del grupo, también no llevaron cuchillo y usaron una regla para partir la cebolla.

Me siento motivada por la creatividad desarrollada, posibilidad de expresarse mejor en el salón, frente a una exposición y la confianza que va ganando cada alumno.

Después, continuamos con la presentación del *jubeo*²⁵ del cuy, fue sorprendente como el grupo había elaborado un cuy de peluche, con todas las partes a ser expuestas. Realizaron el jubeo a modo de sociodrama y explicación de cómo era el modo de este proceso, mencionando que existen muchas técnicas, muy diversas, pues entrevistaron a varios curanderos, algunos se mostraron reacios a filmación o grabación o dar cierta información, mientras otros accedieron a dar información, pero sin fotos o videos,

Al final de la clase muchos alumnos manifestaron sus experiencias personales sobre el jubeo,

a mí me hicieron, para ver porque me dolía la cabeza, comenzaron a pasarlo en mi cabeza con unos rezos y al llegar a mi cabeza de movió y murió rápidamente, dijeron que tenía chacho maduro, de varios años (ALUMNO, 2018).

Al igual que ellos, yo, también tuve muchas experiencias personales con el jubeo, coincidíamos que sentíamos alivios de dolencias que la medicina occidental no podía curar, enfermedades para nosotros conocidas como las de la naturaleza ejemplo; chacho, mal de ojo, chukaque, mal de abuelo, etc.

También les mencioné a los alumnos, que hay indicios de cientificidad del jubeo, porque, ya existían artículos hablando de su eficacia como forma de diagnóstico en comparación con las ecografías y radiografías.

Me gustaría hacer investigación sobre esos temas y probar que son efectivos (ALUMNO, 2018).

Sentí que iban despertando su sentido de curiosidad, como los niños, hablando del tema, sin temor a ser refutados, y contando sus experiencias personales muy orgullosos.

Como punto aparte, debo comentar, que durante el periodo lectivo 2018 I, se nos asignó alumnos para hacer tutoría, que es tipo acompañamiento grupal o individual a un grupo de estudiantes del VII semestre. Con el objetivo de comparar, discernir o simplemente experimentar decidí lleve temas de importancia social para la tutoría del día de hoy, el tema: bullying. Las tutorías debieran empezar a las 8 am. Pero por poca asistencia general de

²⁵ El jubeo es un procedimiento de diagnóstico, pronóstico y curación de enfermedades, que se realiza frotando con un cuy todo el cuerpo.

estudiantes, se da un límite de tiempo de espera, para iniciar. A las 8:32 am, decidimos iniciar con 4 alumnos, nos presentamos, los sentí emocionados de ser su tutora, pues anteriormente no tuve oportunidad de enseñarles, no nos conocíamos, Comenzamos la tutoría con una pregunta de que les pareció el año de estudios generales, cuáles fueron sus experiencias.

es una pérdida de tiempo, que no hicieron cosas productivas, y que les quitaron un año de estudios de especialidad...que con el otro plan de estudios hubieran llevado anatomía, fisiología en 1 año y no en un semestre como ellos estaban llevando y que están corriendo... y no da resultados, porque es muy complejo y requieren de más tiempo para aprender esos temas (ALUMNOS EN ÑUQANCHICK, 2018).

Aun así, expliqué la esencia de estudios generales, pues su objetivo es formar ciudadanos. No obtuve respuesta alguna y entonces decidí presentarles el video sobre *bullying* en las instituciones de formación, como modo de filtro para ser insertados en una sociedad de competencia, individualista, fría, entonces quienes no se alineaban, podían ser excluidos de las escuelas y de la sociedad, por ende.

Después de ver el video, invité a los alumnos a comentar sobre el video asistido, pero solo encontré silencio, y preocupación por hacer una tarea del curso de especialidad que tendrían a continuación, al final, la delegada me pidió permiso para que pudieran salir a hacer algunos pendientes, no tenía otra opción que dejarlos salir, porque no había interés alguno en discutir problemas sociales.

Al final de la clase, me quede pensando si es la universidad quien termina de eliminar toda curiosidad y crítica de las personas, que comienza con los primeros años de educación, quizá nunca nos hemos interesado también los docentes en ese asunto. Quede comprometida en otros encuentros comprender este asunto. Por tanto, considero, que fue una excelente oportunidad iniciar la propuesta en el primer año de estudios, pues los alumnos aún no están inseridos por completo en el mundo universitario, estresante, de competencia e individualista.

De regreso a las clases con los alumnos del primer año, acomodamos las carpetas en forma circular por grupos, y el grupo que iba a presentar su trabajo se ubica en la parte frontal del laboratorio, como siempre me siento al lado de los alumnos como una más de la clase, haciendo bromas y conversando con ellos, mientras el grupo se prepara.

nuestra cultura se cree que alguien que se cayó, tuvo una impresión muy fuerte tiene susto, hay diversos niveles y según ese nivel produce ciertas manifestaciones, desde dolores de cabeza, insomnio, mal de nervios, hasta la muerte) (ALUMNO, 2018).

entrevistamos a curanderas del mercado de la ciudad a preguntar cuál es el proceso de pasar el huevo para curar el susto (ALUMNO, 2018).

Algunas curanderas accedieron a brindar información, pero ninguna accedió a ser fotografiada o filmada (ALUMNO, 2018).

El grupo decide presentar el proceso del “paso del huevo” por medio de un sociodrama de una madre que lleva a su hijo a una curandera del mercado. Ellas escenifican el procedimiento con el rezo y los lugares donde se coloca el huevo en el cuerpo del niño, también una de las facilitadoras (persona que brinda la explicación de lo que se está escenificando), menciona que hay diversos procesos, unos usan vela, otros prefieren monedas, otros rezos como adicionales al “pasar el huevo” y otras prefieren ciertos horarios del día, el más usado es el horario cercano al mediodía. Los alumnos también contaron experiencias cercanas que tuvieron con el pasar del huevo:

puede ser hecho por nosotros también, lo importante es la fe, que le tienes al proceso (ALUMNO, 2018).

formas de lecturas también varían, pero siempre se tiene que romper y analizar el huevo por completo, ya sea en un vaso con agua o sin ella (ALUMNO, 2018).

si hay susto el huevo se ve como sancochado, se ve más sancochado si hay mucho susto y va a necesitar de varias “pasadas de huevo” (ALUMNO, 2018).

Una de las alumnas que ya tiene un hijo, cuenta una experiencia cercana:

mi bebe, lloraba mucho en las noches y le dijeron que es porque tenía susto, la llevo a hacer pasar, dicen que su susto es muy fuerte, porque viene desde la madre, y el susto de la madre ya está maduro, ósea que es fuerte y la madre le sigue pasando ese susto por la leche materna, ósea que ella también tiene que curarse del susto (ALUMNO, 2018).

El grupo termina su presentación, mencionando lo siguiente:

“el pasar el huevo”, es una práctica muy común en nuestra sociedad, pero se está perdiendo (ALUMNO, 2018).

Pero cuando no hay solución al llanto descontrolado del niño, en la medicina occidental, las madres recurren a las flores o le huevo para quitar el susto (ALUMNO, 2018).

Terminamos la clase, con varios alumnos y por supuesto yo también, pasándose el huevo y analizando el susto de cada uno, observando cambios en la consistencia de la clara del huevo, fue interesante “pasarnos el huevo”.

Ya en la penúltima clase de este semestre, los alumnos del 4° año, me pidieron realizar la clase con mis alumnos, ya que ellos llevan el curso de docencia universitaria y como trabajo final tenían que planear y ejecutar un plan de clase. Accedí feliz de ellos participaren de nuestra penúltima clase, entonces me fui a sentar en una de las sillas de alumnos para participar como si fuera una alumna más, los alumnos comenzaron con su presentación. Teóricamente, la clase es correcta, pude percibir que mis alumnos del 1° año estaban más empoderados, porque sus preguntas eran más contundentes que las respuestas que recibían por los alumnos del 4° (que hacían de profesor). En esta situación, también comprendí que es necesaria tener una postura frente a la sociedad, porque los alumnos del 4° año, es cierto tenían más conocimiento, pero su confianza era poca, y mis alumnos del 1° año ni llevaron anatomía, pero hacían preguntas complicadas, no por ser eruditos, sino porque creo confiaban en ellos, mejor que antes. Les mencioné a mis alumnos que su participación era más empoderada, que me daba motivación a seguir con nuestro trabajo.

En un segundo momento de reunión con los tutorados del 4° año, volví a intentar provocarlos a la discusión o simplemente empatía con el video de la educación prohibida, pues ellos estaban en ese sistema y creí que sería un tema que los sensibilizaría. Como siempre hubo poca asistencia, éramos entre 6 o 7 alumnos, unos que entraban y otras que salían, otros de otros semestres. Les pedí que observáramos el video de casi 30 min. Porque íbamos a conversar sobre su mensaje, iniciamos con la presentación del video, yo asistiendo al video y con lagrima en los ojos por el tema, pero veía a mis alumnos que no le prestaban atención al video, estaban haciendo otras cosas, una práctica de programación de vacunas de un curso de especialidad. Al termino del video, pregunté que sintieron, que les llamó la atención, si querían decir algo, con la esperanza de que quizá no lo vieron, pero si lo escucharon, por los alumnos seguían distraídos en hacer tareas de cursos de especialidad. Una vez más, intente hacerles participar. invitándolos a que hablemos de critica a la sociedad y no hay respuesta, solo un silencio. Y decidí preguntar entonces que es lo que los desconcentraba completamente, era una práctica calificada, ósea, estaban preocupados de la nota que iban a obtener después, en el siguiente curso, que el discutir un tema como el tipo de educación que estamos llevando.

Decidí colgar las esperanzas de una conversa diferente con ellos, y pedí para hablar con ellos de sus necesidades de discusión y mencionaron: 1° temas de atención inmediata del recién nacido patológico. 2° MAIS comunitario y clínico. 3° NANDA NIC y NOC. 4° calendario de vacunación.

Todos concordaron que esas eran sus prioridades, que querían hablar de esos temas que eran difíciles para ellos. Me pidieron que organicemos seminarios y eso fue lo que hicimos. Las problemáticas sociales, con los alumnos de 4° año de tutoría, nunca más fue discutido y tampoco fue cobrado por ellos. Esto me llevaba a pensar que fue ideal, el aplicar nuestra propuesta en alumnos del primer año, pues, aun no estaban completamente absorbidos por los requerimientos curriculares de la carrera.

Ya, en el inicio de periodo de vacaciones, y con la celebración de la patrona de la Facultad, Santa Rosa, organizamos una serie de eventos, por tal motivo, invitamos a mi orientadora a participar de nuestras actividades, como ponente del curso académico sobre investigación cualitativa, pues es un campo nuevo en la perspectiva crítica, para nuestra realidad y área. El otro motivo de la invitación de mi orientadora a Perú, era vivir estas experiencias en un contexto diferente para ella, y que podría ayudar a ella conocer de cerca nuestras vivencias, nuestros corazones y desde luego nuestras palabras, en un grupo focal organizado, especialmente para analizar diversos aspectos, posteriores a las actividades por un semestre de la propuesta formativa *pachakutiy*.

El grupo focal con cristina (a experiencia de Cristina no contexto andino)

En el grupo focal hablamos de las motivaciones sobre porque deseaban estudiar enfermería, resalta mucho la cuestión del deseo de ayudar, a la familia, a la comunidad, fuimos provocados por Cristina a pensar porque esa motivación de ayudar, nunca nos habíamos puesto a pensar esta cuestión, me di cuenta que lo teníamos muy insertado inconscientemente, aunque después discordaba con algunas experiencias en la atención en salud, por personal de salud que no se importaba por el paciente, entonces hablábamos de como el trabajo nos puede cambiar.

También fuimos provocados a pensar en cómo funciona la sociedad, lo que todos requerimos cumplir para ser bien sucedidos, y si estas cuestiones nos gustaban, en su mayoría concordaban que no estaban de acuerdo, que eran cuestiones desiguales. Pero que en su mayoría no había iniciado a estudiar la carrera de enfermería, pensando en el trabajo que quiere tener. Las respuestas iban desencadenando contradicciones entre ser felices con poco o superarse y tener progreso.

Luego pedimos que nos mencionen una palabra, frase o imagen que nos recuerda a la familia, eran relatos con tristeza, pues para querer superarse la familia, en su mayoría se había separado, y por tanto los relatos solo eran hermosos recuerdos.

O olhar estrangeiro da experiência formativa

Conhecer o Peru foi uma das experiências mais gratificantes na minha vida, por várias razões, algumas não vem ao caso, mas uma delas foi pelo fato de conseguir conhecer uma cultura com tanta densidade e longevidade, como a Peruana, ou mais especificamente (para sair dessa divisão territorial moderna), dos povos andinos. Então, mais do que participar de atividades na universidade, a viagem foi recheada de expectativa pessoal.

A chegada a universidade foi precedida por tres dias viajando por lugares sagrados, uma imersão necessária antes de participar das atividades mais formais na Universidade de Huancavelica. Afinar a escuta em outra língua, treinar um pouco o portunhol, me aclimatar com a altitude e a temperatura. Foram tres dias em que eu e Lilia pudemos conversar muito sobre a vida lá (Peru) e cá (Brasil), dos desejos da vida privada e profissional. Mas também me possibilitou adentrar na história e na dinâmica – ainda que muito limitada – da vida cotidiana do Peru. O percurso da capital Lima até Huancavelica, 10 horas de viagem, sendo 8 delas subindo os Andes foi fundamental para isso; paisagens estonteantes, e que não resisti em registrar para sempre para além de minha memória.

Figura 13. Iniciando a subida pelas montanhas andinas.



Foto: Cristina Vermelho

Figura 14. Parada para o almoço, o contraste das montanhas e do vale regado pelas águas das geleiras.



Foto: Cristina Vermelho

Figura 15. O motorista, seu Donatelo, aquele que não respeitava o lado da pista nas curvas, e Lilia no restaurante na beira da estrada onde paramos.



Foto: Cristina Vermelho

Figura 16. Lugarejo, um dos únicos sinais de “civilização” durante as 8hs subindo os Andes. À

esquerda, entrada do restaurante onde almoçamos



Foto: Cristina Vermelho

Figura 17. No alto dos Andes... Não há como não sentir a energia que nos atravessa ao adentrar essas montanhas



Foto: Cristina Vermelho

Chegamos em Huancavelica tarde da noite e a programação começava no dia seguinte cedo. De manhã, com temperaturas baixíssimas, me vesti para a palestra sobre métodos

qualitativos de pesquisa. Primeiro choque: ambiente natural andino *versus* ambiente formal acadêmico. Sem entrar em julgamento, mas rapidamente, ao chegar e iniciar os trabalhos, observei o grau de formalidade das relações e do trabalho na Universidade. Apesar de receptividade calorosa, do carinho com que me receberam, observei um formalismo que me despertou a curiosidade: um formalismo de cátedra, de vestimentas (homens usavam terno e gravata e as mulheres de salto e muito elegantes), de normas e regras, etiquetas, no tratamento. Uma formalidade que contrastava enormemente com o que tinha vivido nos três dias anteriores. Uma formalidade ritualística que mesclava o andino com o ocidental e transformava o espaço universitário num espaço muito diferente do que já tinha vivido no Brasil.

Depois da palestra, um almoço com gestores e docentes, todos muito calorosos, simpáticos e formais. À tarde, estava ansiosa pelo grupo focal com os alunos; Lilia já havia preparado tudo e na hora fomos para a sala de aula onde faríamos a conversa com elxs.

Choque dois: comunitarismo à flor da pele. Iniciamos com o primeiro grupo, sentados em círculo, roteiro na mão, e gravadores distribuídos ao redor para registrar as falas. Mas, não esperava que o que mais iriam expressar não podia ser gravado em áudio, mas em vídeo. Eram jovens com experiências distintas, num lugar que, pelo grau de formalidade, inibia. Nas primeiras tentativas de estabelecer um diálogo, conseguia ter como resposta frases curtas, sinais de cabeça, olhares, sorrisos, muito pouco diálogo. Fiquei observando e considerei que a minha presença era intimidadora – hoje consigo avaliar isso – fui apresentada como a professora da professora, um ser quase que dotado de “poderes”. Demorou um tempo enorme para que começassem a se soltar e a estabelecer um diálogo conosco. Também rapidamente, observei que as questões que mais apareciam em suas respostas, sobre expectativas em relação à profissão, atuação futura, condição atual etc. estava envolvido de alguma maneira uma percepção de uma vida em coletividade.

Uma situação que foi muito expressiva disso foi quando trouxemos para o debate a motivação pela escolha da profissão – enfermagem – e a totalidade, uns 20 alunos - se não me falha a memória-, responderam que era para ajudar a diminuir/retirar o sofrimento das pessoas, sejam essas pessoas próximas ou não, de alguma maneira a sensibilidade com a dor alheia permeou a escolha pelo curso. Mas, além disso, ao final da sessão, começaram a contar histórias vividas de sofrimento em relação à vida na cidade, longe de casa para vários deles, o sofrimento pela falta de estar no espaço coletivo de onde saíram. Enquanto para alguns jovens, como já vi nessas quase 3 décadas de vida acadêmica, entrar para a universidade

carrega uma possibilidade de acesso a uma liberdade que não é muito comum na “casa dos pais”. Ir para outra cidade, também significa poder viver aventuras. Mas, para aqueles jovens observei uma melancolia pelo distanciamento de sua terra natal. Não que já não tenha observado isso com jovens brasileiros, mas hoje consigo entender que era muito forte e predominante o sentimento e a sensação que para eles estar longe de suas origens não necessariamente fazia parte dos projetos futuros.

Com o segundo grupo, mas mesmas impressões em relação à motivação pela escolha da profissão e em relação ao comunitarismo. Foi um grupo menor e poucos se manifestaram durante o encontro. Uma das meninas praticamente monopolizou a conversa e, de alguma maneira, respondia “pelos demais”.

Com relação às questões levantadas para o debate, faziam críticas à sociedade – a partir do que já haviam estudado – mas em nenhum momento trouxeram à tona a questão da “eliminação” da cultura andina pelo ocidental. A timidez ou outro sentimento permeou as relações nossa em relação ao grupo de maneira que a conversa fluiu com dificuldade.

Nas minhas reflexões posteriores as quais compartilhei com Lilia para que definíssemos os rumos da coleta de dados, ficou a preocupação de romper com a formalidade para que novas experiências pudessem ser construídas. O lugar – universidade – talvez fosse um dos aspectos mais difíceis de serem superados na perspectiva de se construir novas práticas pedagógicas em direção a proposta *pachakutiy*. Fiquei refletindo que, com toda aquela metrificação do tempo exigido ao docente nos seus planos de aula, criava um constrangimento para uma forma de educação que não fosse a bancária. Como superar isso? Como romper com as diretrizes e normas regimentais e criar uma experiência formativa como a que havíamos planejado?

Para Lilia me parecia que encarava aquelas exigências com naturalidade, eu ficava estarecida com os planos de aula que apresentou em que tinha de definir, por exemplo, quantos minutos planejava gastar com a recepção aos alunos, a explicação da matéria, a dinâmica coletiva, caso houvesse, como se o processo ensino-aprendizagem pudesse ser parametrizado como um experimento em laboratório. O quanto aqueles planos de aula eram cumpridos, não saberia dizer, mas só o fato de ser exigido de um educador que ele planejasse suas aulas nesse nível de controle, já me pareceu uma violência com a criatividade, com o outro do processo, os discentes. Nesse sentido, o desafio estava duplamente colocado: criar condições para que Lilia e seus alunos pudessem ter outra experiência formativa.

Saimos de Huancavelica naquele dia a noite e fomos para Huancaio, cidade onde moram a familia de Lilia. No dia seguinte, conseguimos conversar por algum tempo sobre o Grupo Focal, sobre a universidade e as próximas etapas de trabalho. Fizemos um planejamento de trabalho para que no próximo semestre fosse dado mais alguns passos em direção a proposta *pachakutiy*.

5.2.2 El segundo semestre de la propuesta pachakutiy

En esta segunda parte, relataremos el proceso desde la voz de los alumnos, pues, la redacción ñuqanchik-etnográfica, ahora parte de ellos, de su visión, de sus sentires, para lo cual he decidido mantener íntegramente sus palabras, para no distorsionar sus discursos, sobre la percepción de la propuesta *pachakutiy*.

En este semestre planeamos que los alumnos tendrían participación más activa, mi papel como docente pasaba a ser la de facilitadora y un grupo de alumnos iba a dirigir nuestras reuniones, aquí se presenta el parecer de los alumnos, con respecto a las clases en las que fueron responsables.

Las siguientes descripciones corresponden a la primera unidad didáctica, denominada ambiente y educación ambiental. Según consta en el silabo del curso, se desarrollaron tres encuentros para tratar temas referentes a esta unidad, y los alumnos que relatan, son los responsables de estas tres reuniones

Figura 18. Unidad programática I, disciplina educación Ambiental, UNH

5. PROGRAMACION DE CONTENIDOS					
UNIDAD DIDÁCTICA I: AMBIENTE Y EDUCACIÓN AMBIENTAL					
RESULTADO DE APRENDIZAJE					
Contenidos de aprendizaje		Estrategia Metodológica	Temporalización		
Conceptual	Procedimental		Semana	Sesión	Avance %
<ul style="list-style-type: none"> Presentación y sustentación del sílabo Prueba de entrada <u>Educación ambiental</u>: Concepto de educación ambiental, tipos de educación ambiental, Breve Historia de la Educación Ambiental. 	<ul style="list-style-type: none"> Identifica el contenido del curso. Mide sus conocimientos previos sobre educación ambiental. Explica la Historia y evolución de la Educación Ambiental, mediante organizadores, después del análisis de lectura. 	<ul style="list-style-type: none"> Exposición Debate. Clase magistral. Estudio de casos. Análisis de lectura. 	1	1	10%
<ul style="list-style-type: none"> <u>El ambiente</u>: conceptos, Evolución del concepto de ambiente, Concepto de ecología, El Hábitat, El Nicho ecológico. 	<ul style="list-style-type: none"> Explica la evolución conceptual de ambiente mediante organizadores, en base a las lecturas. 		2	2	
<ul style="list-style-type: none"> <u>Nuevos enfoques de educación ambiental</u>: principios fundamentales, enfoques, indicadores, propuestas. 	<ul style="list-style-type: none"> Reconoce los otros enfoques de educación ambiental, mediante el uso de organizadores, después de la revisión de los blogs y artículos. 		3	3	20%
			4	4	30%
EVALUACIÓN DE LA UNIDAD					
Criterios de evaluación del resultado de aprendizaje	Conocimiento: Conoce los conceptos importantes sobre educación ambiental y ambiente. Desempeño: Presentación de organizadores. Actitudinal: Disfruta en como la organización de lecturas sobre educación ambiental.				

Fuente: elaboración propia, 2018

Desde el punto de vista de mis alumnos:

La clase fue muy callada no había mucho dominio del tema de nuestro grupo, hubo pocas participaciones de nuestros compañeros, yo creo que no debería ser así, deberías prepararnos sobre el tema que nos ha tocado. Fue divertido salir al campo a mirar la naturaleza que nos rodea, como nosotros contaminando nuestro medio ambiente y no sabemos valorar o cuidar al medio ambiente esta clase fue muy divertido la clase más me gusto. “nuestro planeta nos pide ayuda y debemos ayudarle cuidando y reciclando.” (ALUMNO EN ÑUQANCHICK, 2018).

En la primera clase hicimos una introducción del tema de medio ambiente y ecología, primero mi grupo preguntó a los compañeros sobre los conceptos de medio ambiente, ecología y desarrollo sustentable. Luego de ello mi grupo hizo una comparación sobre el concepto occidental y el concepto andino. La primera clase que hicimos fue alegre y divertida, pero con un poco de temor por lo que pudiera suceder durante la clase y bueno según mi opinión la clase si fue interesante. La segunda clase que hicimos mi grupo su más

interesante en mi opinión, porque fue una clase en el campo donde mi grupo mediante un juego enseñamos al resto de mis compañeros sobre los ejes de estudio que debe contar un educador ambiental. Y bueno gracias a la participación de mis compañeros la clase fue muy divertido y salió bien. Mi grupo también se divirtió al hacer la clase. Al dar a conocer los ejes de estudio mediante el juego, hubo un castigo para los compañeros que no saben cuáles eran. Y el castigo fueron mímicas. Al hacerse más tarde hacía frío y bueno pasamos al salón donde también se jugó un juego que consistía en mímicas y fue muy divertido. En la tercera clase mi grupo formó grupo de dos en los compañeros y se les repartió corrientes ambientales a cada grupo y bueno cada grupo tenía que defender su propio corriente que le tocó en un debate que se realizó en el salón de clases y también en qué consistía cada corriente que les tocó a cada grupo. Note que no hubo una buena preparación de los grupos ya que cada vez que el docente preguntaba el grupo no respondía correctamente. La tercera clase fue la última que realizaríamos mi grupo y con esta clase terminamos la primera unidad y sé que mis compañeros se divirtieron con las clases que dictamos y eso es lo que me hace poner contento (ALUMNO EN ÑUQANCHICK, 2018).

Cuando mi grupo íbamos a ser los que hagamos la primera clase me sentí muy alegre y con ganas de hacer la clase, pero con un poco de miedo porque no sabía cómo iniciar la clase o que iba a hablar, pero hablamos con mi grupo y acordamos que es lo que íbamos hacer cada uno. Cuando fue el primer día en que hagamos la clase me sentí entusiasmada hicimos preguntas, explicamos y todo salió bien. Bueno en la primera clase los estudiantes se comportaron de una manera desinteresada de querer dar su opinión acerca de las preguntas que hacíamos, pero al elegir a los estudiantes para que respondan a las preguntas respondieron de una manera buena y por eso todo salió bien con los aportes y opiniones de cada estudiante. En el segundo día en que tendríamos que hacer la clase lo hicimos con un juego llamada "agogo" para hacer de una manera divertida la clase y todo salió bien. En la segunda clase los estudiantes estaban muy alegres y entusiasmados por lo que íbamos a hacer porque las clases fueron en el campo al iniciar la clase hicimos un juego llamado agogo pero no sabían cómo era por lo tanto hicimos unos ejemplos jugando agogo hasta que entendieran y luego jugamos haciendo la clase fue muy divertido, también jugamos "juguemos en el bosque" y todos se divirtieron por lo tanto la clase fue muy divertida, alegre y todo salió bien. Bueno en la clase de corrientes ambientales formamos grupos de dos y teníamos que saber de cada corriente que nos ha tocado a cada grupo, por lo tanto, cada grupo tenía que debatir defendiendo su corriente ambiental y todo eso lo hicimos en una redondera en el salón, bueno todo fue muy

divertido y alegre también la licenciada daba algunos aportes acerca del tema. Todo era muy interesante porque aprendíamos más acerca de las corrientes ambientales de cada grupo que daban sus aportes de cada autor que tenía cada corriente ambiental y daban más información de la clase que tuvimos con la licenciada Lilia y todo salió muy bien en debate (ALUMNO, 2018).

Empezamos a tratar sobre los conocimientos básicos de la educación ambiental preguntando a nuestros compañeros que significaba para ellos palabras relacionadas con educación ambiental de modo que toda la clase pueda participar y llegamos a una conclusión juntando todos esos conceptos después de eso cada miembro del grupo dimos nuestro punto de vista sobre una comparación sobre lo que es medio ambiente occidental y medio ambiente relacionado a lo andino y concluyendo todo vimos un vídeo donde también se comparaba ambos conceptos. Es esta clase fuimos al campo para tener un contacto con la naturaleza y para hacerlo más dinámico hicimos una juego para que todos pudieran participar y el que fallaba recibía un castigo de hacer una charada relacionada a la clase después pasamos hacer el mismo juego pero ya con los temas relacionados a lo económico, ecológico, educativo, social, político y dimos nuestros puntos de vista sobre lo que significaba cada uno relacionados a la vida cotidiana después fuimos a nuestro salón de clases para hacer una charada sobre los valores del educador ambiental cada uno de nuestro compañeros fue haciendo mímicas y así fue como concluyó la segunda clase me pareció divertido la clase ya que dé fue dinámico y todos aprendieran algo de la clases realizadas. En esta clase tratamos sobre las diferentes corrientes hicimos un debate formado por grupo de dos la clase fue dinámica ya que cada uno dio su punto de vista y defendió su corriente en como contribuía al medio ambiente cuales eran sus autores de cada corriente lo que me tocó a mí era la corriente sistémica que veía cómo funcionaba todo de manera global también diferenciamos cada corriente de algunas que eran similares fue muy interesante la clase porque hubo participación de todos (ALUMNOS EN ÑUQANCHICK, 2018).

Este segundo grupo de relatos corresponde a la segunda unidad didáctica, denominada: biodiversidad y recursos naturales, donde el grupo desea hacer un relato en conjunto respecto a su participación en los dos encuentros planificados, según se evidencia en el sílabo de la disciplina.

Figura 19. Unidad programática II, disciplina educación Ambiental, UNH

UNIDAD DIDÁCTICA II: BIODIVERSIDAD Y RECURSOS NATURALES					
RESULTADO DE APRENDIZAJE					
Contenidos de aprendizaje		Estrategia Metodológica	Temporalización		
Conceptual	Procedimental		Semana	Sesión	Avance %
<ul style="list-style-type: none"> Recursos naturales: definición, clasificación (naturales, renovables, parcialmente renovables, no renovables). Manejo. Visita guiada 	<ul style="list-style-type: none"> Explica los recursos naturales según tipos, mediante panel de fotos virtual en padlet. 	<ul style="list-style-type: none"> Presentación de videos Debate. Clase magistral. 	5	5	40%
<ul style="list-style-type: none"> Biodiversidad: local, nacional e internacional; ecosistemas y biodiversidad, áreas protegidas, biodiversidad, nuestros y nuevos modelos de desarrollo sostenible. Visita guiada 	<ul style="list-style-type: none"> Reconoce la importancia de conservar la biodiversidad en los ambientes visitados, proponiendo la aplicación de nuestros o nuevos enfoques en su entorno. 	<ul style="list-style-type: none"> Visitas guiadas. Análisis de lectura. Presentación de informes de visita. 	6	6	50%
PRIMER EXAMEN PARCIAL					
EVALUACIÓN DE LA UNIDAD					
Criterios de evaluación del resultado de aprendizaje	Conocimiento: Conoce los conceptos sobre recursos naturales y biodiversidad. Desempeño: Presentación de panel fotográfico virtual e informe de visita guiada. Actitudinal: Comportamiento responsable durante visita guiada. Producto: panel fotográfico en padlet.				

Fuente: elaboración propia, 2018

El día de la exposición primero hicimos la introducción del tema sobre que es biodiversidad. Proseguimos con el juego de roles con la finalidad de que interactúen nuestros compañeros y así ellos entiendan mejor los temas que dimos en conocimiento, los juegos de roles fueron: la extinción del oso pardo, la importancia de las abejas, la tala de árboles, la comercialización del pollo. Proseguimos con la exposición de los recursos naturales que están en peligro de extinción de Huancavelica, del Perú y del mundo. Finalmente proyectamos un video sobre la destrucción de recursos naturales y la contaminación realizados por el hombre. La única dificultad en el grupo fue cuando no vinieron el día de la reunión que hicimos para ponernos de acuerdo como sería la realización del tema. Las clases de la presente asignatura, se iniciaron a las 9:40 a.m. en, el salón del que se encontraba desordenado, dicha clase se vio iniciada con la observación de un video el “Perú 120 segundo” (que en este video hace referente a que el Perú, es un país multidiverso y con más ecosistemas del mundo, dicho esto el viaje comienza de los andes, es decir que empieza en una región la cual se encuentra en ceja de selva, y de esta manera dirigiéndose hacia la selva profunda, en busca de mucha diversidad y de parajes más maravillosos ubicados únicamente dentro de nuestro territorio), el recorrido comienza a 35000 m.s.n.m. en la comunidad de chullpas wari de ninamarca y acaba

en 560 m de la orilla del río Pini Pini atalalla también el video nos mostraba la biodiversidad que tiene el Perú como por ejemplo el musgos y orquídeas. También que en la comunidad de Huachi puedes encontrar el parque nacional de *Manu* , finalizando el video tenemos la debida explicación de la diversidad o multidiversidad que nos dio la docente posterior a eso vimos otro video más referido a biodiversidad en donde un par de españoles llegan a conocer la comunidad andina del Perú ubicado en cusco y en cada lugar que llega va explicando todo tipo de costumbres y creencias que tiene la comunidad indígena del peruana como por ejemplo de la comunidad de pisac que nuestra variedad de choclo(que solo existe en el Perú)y la variedad de vestimenta hechas de la lana de vicuña y otros productos, luego van a otra comunidad andina que encuentra un hotel que lo sorprende porque tiene habitaciones suspendidas sujetas a la montaña luego llegaron a Ollaytantambo, un pueblo pre-inca donde se ven observados canales de irrigación que actualmente siguen funcionando, también nos explica que se encuentra el templo del sol , complejos incas posterior a eso se dirige a la comunidad de Huiñoq donde los habitantes de la comunidad adoran a apus y a la pacha mama en la altitud 3650 msnm en esta localidad se encuentra todo tipos de plantas medicinales como por ejemplo inca muña, hatun talla, etc. También hay variedad de alimentos producido por los habitantes de la comunidad como por ejemplo choclo, habas, también diversidad de animales como vacas, llamas, ovejas, etc. en esa comunidad se hacen ofrendas a los apus y pachamamas y también valoran a la coca porque les da una fuerza para el trabajo de cada día que realizan todos los campesinos en la chacra, las ofrendas que realiza les permite conectarse con la tierra y la naturaleza para que asa después trabajen en las chacras que con esta actividad que realizan nos hacen ver que tienen una gran conexión con la naturaleza. Concluimos que la biodiversidad en el Perú es muy importante ya que nos trae muchos beneficios, económicos y sociales también atrae gran cantidad de turismo que nos ayuda a que conozcan que el Perú tiene gran biodiversidad ya que debemos cuidarlo como nuestros hermanos campesinos. Pedimos hacer un paseo para preciar nuestros recursos naturales, la profesora dijo que haríamos un panel fotográfico explicando en que pensábamos en el momento de tomar la foto, ahí unos compañeros pidieron que vayamos a la laguna de Choclococha y otros comenzaron a recordar el mito de la laguna, entonces quedamos que también sería interesante hablar de los mitos y su relación con los recursos naturales, entonces la profesora pidió que la siguiente clase habláramos de los mitos que se cuentan en casa y que hagamos el panel de fotos (ALUMNOS EN ÑUQANCHICK, 2018).

El siguiente relato corresponde a la tercera unidad didáctica: problemática ambiental, donde el primer grupo hace el relato de las actividades en conjunto y la describen de acuerdo a la programación del sílabo.

Figura 20. Unidad programática III, disciplina educación Ambiental, UNH

UNIDAD DIDÁCTICA III: PROBLEMÁTICA AMBIENTAL					
RESULTADO DE APRENDIZAJE					
Contenidos de aprendizaje		Estrategia metodológica	Temporalización		
Conceptual	Procedimental		Semana	Sesión	Avance %
Problemática ambiental: <ul style="list-style-type: none"> Impacto ambiental, contaminación ambiental (natural y antropogénica) 	Investiga y reflexiona sobre los problemas ambientales y la contaminación ambiental local mediante la visita guiada.	<ul style="list-style-type: none"> Exposición Debate. 	7	7	60%
Contaminación: <ul style="list-style-type: none"> Tipos de contaminantes, tipos de contaminación (suelo, atmosférica, del agua, doméstica, industrial, agrícola, por vehículos automotores, visual, por ruido, etc) 	Explica los tipos de contaminantes y tipos de contaminación mediante organizadores.	<ul style="list-style-type: none"> Clase magistral. Presentación de videos. Análisis de lectura. Presentación de casos. 	8	8	70%
<ul style="list-style-type: none"> Problemas ambientales globales: Consecuencia de la actividad humana sobre el medio ambiente. 	Investiga y reflexiona sobre los problemas ambientales y la contaminación ambiental local mediante la visita guiada.		9	9	75%
EVALUACIÓN DE LA UNIDAD					
Criterios de evaluación del resultado de aprendizaje	<ul style="list-style-type: none"> Conocimiento: Conoce los problemas ambientales y tipos de contaminación. Desempeño: Presentación de organizadores y videos. 				

Fuente: elaboración propia, 2018

El día 11 de noviembre el grupo nos reunimos a las 7:40AM en la puerta de la municipalidad de Huancavelica para que nos faciliten el permiso para poder visitar el botadero, citando a toda el aula del II A, a las 8:00AM en pampa amarilla pidiéndoles su puntualidad y materiales como guantes, botas, mascarilla, mandil, costal. Ya teniendo el permiso los encargados nos dirigimos al lugar acordado para poder partir al botadero, saliendo aproximadamente 8:30 de la mañana en el transcurso del viaje todos los alumnos de dicha sección se sentían muy emocionados por conocer el botadero con risas, cantos todos muy alegres ya llegando a dicho lugar bajamos todos del carro y nos dirigimos hacia el botadero muy alborotados entramos donde apreciamos un olor muy desagradable, ya en inmediaciones del botadero nos reunimos en un círculo donde el grupo expuso sobre la importancia de las 3 R con la participación de los alumnos y docente ya terminado la exposición se les indico como utilizar los materiales ya culminado todos empezaron a ponerse los materiales indicados dando unos minutos para que puedan alistarse para dirigirnos a reciclar ya culminando los

minutos nos dirigimos a dicho a lugar formando grupos donde se dio una indicación que por cada grupo tenían que llegar por lo menos dos costales y todos muy entusiasmados pusieron manos a la obra terminando cada grupo entrego su costal de lo reciclado muy agotados por el calor nos sacamos lo contaminado como los guantes, mandil donde cada uno de nosotros nos lavamos la mano ya para poder salir del botadero. Saliendo de dicho lugar bajamos caminando ya que solo la movilidad contratamos para la ida, bajando muy entusiasmados por la basura que podemos encontrar en las áreas verdes ya llegando a la ciudad de Huancavelica muy agotados cada uno se dirigió a sus hogares. Algunas dificultades: Fue muy agotados en el transcurso del camino, Una de las alumnas se puso mal, 4 compañeros muy curiosos se desviaron del camino. Concordamos a modo de reciclar, hacer unos adornos para una habitación, o algún lugar de la casa, consiste en pegar en la cara del disco fotos o imágenes al gusto ya pegadas esas imágenes en el medio del disco pegamos el hilo ya una vez pegado eso juntamos los discos y así realizamos cada disco hasta obtener el adorno. Las clases comenzaron en su horario normal 2:30 pm explicamos en qué consistía nuestra didáctica de clase, donde un día con anticipación se le pidió a cada alumno discos, imágenes al gusto, hilo, silicona donde pedimos que saquen sus materiales para poder darles las indicaciones para realizar dicho trabajo pedimos a todos que se agrupen de 7. Los encargados de clase nos dividimos para poder explicar en qué consistía el trabajo, entonces todos comenzaron muy entusiasmados, culminando dicho trabajo todos comenzamos con las fotos para la evidencia (ALUMNO EN ÑUQANCHICK, 2018).

Figura 21. Alumnos y docente, botadero Pampachacra, Huancavelica, 2018



Fuente: alumnos, 2018

Figura 22: Alumnos en actividades de reciclaje, Aulas de la Facultad de Enfermería,2018



El siguiente es el relato del segundo grupo, con el que también se realiza las mismas actividades de la tercera unidad didáctica, que es la visita guiada al botadero de basura y actividades de reciclaje.

Nos asignaron la tarea de investigar acerca de las gestión y manejo de residuos sólidos, así que sorteamos algunos subtemas y encargamos una tarea a cada integrante de nuestro grupo referente a lo que se le asignaba, una vez con los temas asignados se realizó un repaso sobre lo que se hablaría en la exposición, finalmente nos dispusimos a organizar el orden en que saldría cada miembro del grupo y empezamos a planificar acerca de la visita guiada hacia el botadero de pampachacra, así que para no andar tantas personas hacia un mismo lugar también nos asignamos tareas a cada dos integrantes: Juan José y Fanny estaban encargados de Ir a la municipalidad y pedir autorización para poder ingresar, Dennis y Gerardo estaban encargados de Ir a contratar movilidad para que nos lleve al lugar, y Erick y Rosmery encargados de recordar a todo nuestro salón acerca de los materiales a llevar (los que se nos indicó anticipadamente por la profesora), acerca de la fecha y la hora. Un día después fue cada grupo con su asignación, Juan y Fanny Fueron y pidieron permiso para ir hacia Pampachacra pero no les aceptaron, tuvieron que pedir permiso para ir hacia el botadero que se encuentra en Ascensión y aceptaron su solicitud, dijeron que se contratara el Auto para

el día Viernes 2 de Diciembre, así que Dennis y Gerardo contrataron el Bus para ese día a las 8 de la mañana, y finalmente Rosmery y Erick informaron al grupo acerca de la visita y Dennis tuvo que informar a la profesora porque Erick y Rosmery no tenían como comunicarse, sin embargo ese mismo día a las 6 de la tarde se nos informó que la visita no se podría realizar ya que el botadero estaría en mantenimiento, tuvimos que volver a informar a la profesora acerca del pequeño percance que tuvimos y también informar al grupo que no se realizaría en la visita guiada ese día y que lo haríamos pronto, sin embargo las demás actividades se realizarían con toda normalidad. Y de esa manera comenzamos La dinámica fue acerca de la interpretación que existe en la naturaleza, entonces dispusimos que cada integrante del grupo se le asignara el nombre de algún elemento de la naturaleza, y comenzamos a realizar preguntas aquella persona que no respondía tenía que salir del grupo que estaba agarrado de la mano e inclinado hacia atrás, el objetivo del juego era lograr que al momento de soltarse un integrante todos se cayeran, pero el grupo era demasiado grande así que no pudimos realizar la dinámica con tanta eficacia, sin embargo al final dimos una explicación sencilla la cual era que todos somos parte de la naturaleza y cada vez que sale alguien hay un desequilibrio muy grande, de todas formas nos divertimos realizando el juego y explicándolo. Estábamos muy nerviosos como en cada exposición, así que comenzamos a explicar acerca del tratamiento y manejo de los residuos sólidos, el primero en exponer fue Dennis quien dio un enfoque general (que es los residuos sólidos, a que nos referimos con tratamientos y manejo), luego continuo Erick y Rosmery quienes explicaron acerca de reciclar, rehusar y reducir, luego continuo Juan quien explico acerca del tratamiento de los residuos, luego continuo Fanny quien explico acerca de las diferencias entre botadero y plantas de tratamiento, seguidamente Gerardo hablo acerca de la disposiciones finales de residuos hospitalarios, y finalmente concluyo Dennis con las palabras del grupo y empezamos a realizar algunas preguntas y a reflexionar acerca de por qué no tenemos una planta de tratamiento en Huancavelica, entonces con ayuda de la profesora llegamos a la conclusión de que no lo tenemos porque no tenemos una buena educación ambiental, ya que no colocamos la basura en el lugar que corresponde, lo único que hacemos es juntar todo y botarlo, más adelante comprendimos un poco más acerca de lo que se explicó ese día en el salón, la mejor manera de explicarlo fue haciendo la visita guiada hacia el botadero de ascensión. Salimos a las 8:00 am y no encontrábamos a los carros que habíamos contratado, solo encontramos a uno y los demás no querían llevarnos porque no conocían y pensaban que era lejos, me llamo la atención como personas sin conocer no van a querer arriesgarse a ir,

bueno hubo dos jóvenes que nos llevaron, así que en el camino estábamos conversando acerca del botadero y como volveríamos ya que los carros no querían esperar, y también se grababa aun video, el objetivo del video no solo era la redacción de este informe si no también la creación de un video de concientización que aún se pretende realizar, no paso ni 20 minutos y ya estábamos en el lugar, al primero pensamos que era un lugar donde se encontraba basura por todo lado y nuestra satisfacción fue ver que no era así al principio, pasamos por un hoyo muy grande que mi grupo ya sabía que era para que entierren ahí los desechos. Sin embargo algunos no habían prestado atención y todavía no sabían pero más adelante se nos explicó, seguimos caminando y comenzamos a sentir un olor muy nauseabundo, nos dimos cuenta que recién habíamos llegado al botadero algunos de mis compañeros se dispusieron a cambiarse pero otros se fueron tal y como habían llegado, entonces mientras nos acercábamos al lugar donde estaba amontonada la basura vimos a muchas personas dentro de la misma, vimos que eran personas encargadas de reciclar la basura, nos acercamos más y nos dimos cuenta de que estaban dentro de todo el montón de basura separando cartones, latas, botellas, ropas y así sucesivamente, cada basura de un mismo tipo en un lugar distinto al de otro tipo, y así clasificaban así que la profesora nos indicó que empecemos a recolectar, a cada grupo se le dio un tipo de basura, al grupo 1 se le encargo reciclar botellas, al grupo 2 latas, al grupo 3 que somos nosotros se nos encargó los cartones y al grupo 4 ropas así que empezamos a reciclar primero ninguno se dispuso a entrar si no que desde el borde volteaban la basura y luego recogían asquientamente. Pero la profesora les dijo que al centro haba más basura y que podían encontrar más, así que la gran mayoría se dispuso a entrar al centro de la basura, algunos con asco, otros jugando pero al final empezamos a trabajar, entre todos mis compañeros encontrábamos cosas que jamás habíamos pensado que había, desde una aguja de jeringa hasta la cabeza de un burro, a algunos de mis compañeros les comenzó a dar nauseas el lugar y solamente habíamos estado media hora recolectando así que tuvimos que salir del centro de la basura y reunirnos para dar algunas conclusiones acerca de lo que se había realizado. La profesora nos explico acerca del trabajo que realizaban las personas en ese lugar y sentimos que debe ser muy duro, si nosotros no podemos soportar estar media hora imaginémonos cuanto esfuerzo hacen por hacer labor tan grande, así que se comenzó a dar la oportunidad a cada miembro del grupo para que hablara, dijeron que debíamos reflexionar y cambiar nuestra conducta, que deberíamos comenzar a separar y de esa manera hacer más fácil la labor de esas personas, sin embargo haríamos más fácil la labor de esas personas si es que no tendríamos que consumir tanto como personas. Haríamos más fácil la labor de esa

persona si en vez de botar nuestros desechos aun separados se lo lleváramos a un reciclador, bueno entonces se finalizó la reunión con 2 preguntas la primera fue: ¿Qué nos dijeron nuestros padres al saber que vendríamos al lugar? Y la segunda: ¿Qué pensamos acerca del botadero? De las cuales resaltaremos algunas respuestas: no quisiera volver nunca por el olor tan fuerte, desde ahora empezare a reciclar para que les sea más fácil. Debemos amar a la naturaleza porque para ellos tiene vida. Bueno tuvimos que pasar por un lugar como este para poder generar un cambio, no en todos, pero si se logra el cambio en uno ya es mucho, esperamos que este aprendizaje perdure. Ver el botadero es muy triste, ver como hacen los trabajadores para separar es muy duro, todos debemos cambiar no es tarde para lograr eso. Creo que tiene razón tenemos la capacidad de cambiar nuestro mundo y decir que un árbol torcido no se puede enderezar es algo muy grave, se necesita mucho esfuerzo para enderezarlo, pero si se puede “pónganse la mano al pecho y digan caramba, cambiemos”. Ponerse la mano al pecho es una señal de tocar nuestro corazón, es necesario tocar nuestros corazones para poder cambiar, ya que solo el amor puede cambiar los sentimientos más oscuros de nuestra vida. La actividad de gestión y manejo de desechos sólidos no depende solo de las instituciones educativas, sino más bien de cada uno de nosotros, quienes somos en gran parte responsables de lo que desechamos de toda la basura en el planeta el 40% es doméstico, no podemos cambiar nuestro medio si no nos dejamos cambiar primero, debemos tratar de concientizarnos primero nosotros y el resto lo hará a partir de nuestro ejemplo (ALUMNO EN ÑUQANCHICK, 2018).

Como grupo decidimos entonces, que la mejor forma de enseñar es siendo un ejemplo así que a nuestra meta como grupo es tener tachos primero solo para dos tipos de basura, para acostumbrarnos, el de orgánicos y de inorgánicos, así comenzaremos.

Figura 23. Alumnos y docente en actividades fuera de clases, facultad de Enfermería, 2018



Fuente: Alumnos, 2018

Esta parte de la redacción corresponde a los dos últimos grupos que estuvieron a cargo de dirigir la cuarta unidad didáctica, denominada, proyectos y programas de educación ambiental, donde se organizan debates y sociodramas, como forma de escapar de la tradicional exposición.

Figura 24. Unidad programática IV, disciplina educación Ambiental, UNH

UNIDAD DIDÁCTICA IV: PROYECTOS Y PROGRAMAS DE EDUCACIÓN AMBIENTAL					
RESULTADO DE APRENDIZAJE					
Contenidos de aprendizaje		Estrategia metodológica	Temporalización		
Conceptual	Procedimental		Semana	Sesión	Avance %
Derecho ambiental • Derecho, ambiente y desarrollo; Objeto, Principios fundamentales; Sistema jurídico en el Perú; Contenido del derecho ambiental; Evolución; marco jurídico para una gestión ambiental sustentable.	Investiga y menciona la relación entre derecho ambiente y desarrollo.	• Estudio de casos. • Análisis de lectura. • Presentación de casos.	10	10	85%
Legislación ambiental • En el mundo y el Perú, política nacional del ambiente.	Debata y comenta en relación de la legislación ambiental en el mundo y los Ejes de política nacional del ambiente	• Debate • Exposición • Clase magistral.	11	11	90%
El ambiente y el ejercicio profesional en diferentes Disciplinas • Introducción; Relacionando el ambiente con el ejercicio de la profesión; Lo multidisciplinar, lo interdisciplinar, y lo transdisciplinar en la EA.	Investiga la Relación del ambiente con el ejercicio de la profesión; en lo multidisciplinar, lo interdisciplinar y lo transdisciplinar. Incorporando la EA.		12	12	100%
SEGUNDO EXAMEN PARCIAL					

Fuente: elaboración propia, 2018

Hicimos la primera presentación del grupo n° 4, en donde se trató como tema principal La ley ambiental 28611. Se realizó una dinámica que se realizó fue que todo el salón se dividía en 2 grupos: uno a favor de la ley y el otro grupo en contra de la ley. Estos 2 grupos comenzaron a debatir diferentes temas en base a la ley ambiental 28611. No se mostró mucha participación de parte de los integrantes de ambos bandos. Aunque con el pasar del tiempo los participantes comenzaron a participar con más seguridad. La primera persona que comenzó el debate fue la compañera Maly quien estaba a favor de la ley. Seguido a eso el compañero Grover comenzó a contradecir la opinión de Maly y así fue como comenzó el primer debate, nosotros participamos como fiscalizador dando nuestra conclusión al término de un tema. En la segunda exposición el grupo n° 4 que se realizó tocamos el tema de lineamientos dándoles a conocer los 7 lineamientos, para ellos integrantes del grupo 4 se dividieron para liderar u organizar a los integrantes que conformaban sus grupos. Realizando: sociodramas, metaplanes y mostrar videos. En el trayecto de esta dinámica se mostró desorden por parte de los estudiantes no prestaban demasiada atención a las exposiciones que realizaban los demás grupos, pero al final se llevó a cabo satisfactoriamente las exposiciones (ALUMNOS EN ÑUQANCHICK, 2018).

Figura 25. Alumnos en actividades no expositivas, facultad de Enfermería.



Aquí se presenta el relato del segundo grupo responsable de dirigir las actividades de la unidad didáctica cuatro.

Se dio inicio 03-12-18 a horas aproximadamente a las 8:30 am. Empezamos la clase con un dinámica hecha por el grupo 4 ya mencionado eso el grupo dijo que lo arriamos afuera y salimos todos ya afuera cada uno estaba en su lugar y empezamos con él la dinámica que teníamos que decir de qué cantidad tenían que juntarse y los que perdían tenían que salir a correr con los pasadores amarrados y también si perdían tener un castigo y los ganadores su premio ya culminado todo ello regresamos al salón donde mi compañera Ivania dio inicio al debate y la mis nos menciona que debemos hacer una introducción ya que ella nos hace algunas preguntas como en qué año se promulgo esa ley de la que vamos a tratar, ya dado eso la mis hace la introducción y es ella quien inicia con el título preliminar. Empieza cuando la mis nos menciona que tenemos que grabar la clase ya que no había voluntarios para dar inicio mi compañero Miguel va a grabar. Ya pasado eso mi compañera Ivania dio el inicio y Dennis quien está a favor empieza a hablar con todo lo que tiene que ver con derechos y como ejemplo pone la libre expresión que tenemos mientras todo del tema que abordamos alguno de mis compañeros empezaron a estar aburridos hasta Miguel quien estaba grabando se quedaba

dormido luego despertaba y de igual manera tenía jaqueca y ya de un rato que cuando seguían mis compañeros hablando del tema hace una broma. Mi compañero Joel más conocido como chamaco que de cariño le llamamos así en nuestro salón ya culminando ese tema los compañeros que estaban a favor y en contra discutían hacer de la ley ambiental de que nos favorece en algunos lugares y dependiendo a la condición social de cada uno ya pasado eso Ivania quien dirigía empezaba a lanzar preguntas y cada uno de los grupos donde cada uno respondían y contraponían ya pasado los días. Empezamos haciendo grupos donde el grupo 4 tenía que liderar a cada uno de los grupos y dar a conocer nuestro punto de vista y la mis empieza a llamar a cada grupo pero como el uno no está listo pasa al siguiente ya empieza el grupo 2 donde hacen un socio drama del cuidado de la naturaleza quien estaba dirigido por mi compañera Eveliz ya pasamos al grupo 3 igual ellos empezaron donde tenía que dar a conocer como en el cuidado del medio ambiente en el campo y uno de ellos explica todo el cuidado y una de mis compañeras que están como las señoras del campo le pregunta a la otra (imatataq pay riman manam intandinichu) y la otra le responde (payqa rimachkan pachamamanantam kuyaspa cuidananchikpaq ancha cusisqa) y la señora que preguntaba le responde allinpan kanaqa kuyasqa pachamamata cuidasaq allin causaypaq. Ya mencionado todo eso pasa el siguiente grupo donde explican el socio drama e igual ellos hacen una dinámica de las pupileras donde cada uno de mis compañeros salían a completar e igual pasado a otro grupo hicieron el socio drama del ahorcado ya culminado todo esto un grupo nos sacó afuera donde teníamos que buscar botellas y hacer algo que sea de nuestra creatividad y así seguido eso mis compañeros algunos ya se habían aburrido empezaron a jugar en el celular y otros jugar entre otras cosas más. Ya terminado ello nuestras dificultades fue que no pudimos organizarnos rápido por ejemplo no teníamos una cámara para poder grabar y otro sería que algunos de nosotros no teníamos nuestras ideas tan claras (ALUMNOS EN ÑUQANCHICK, 2018).

Finalmente, este relato de la propuesta educativa termina con la auto-reflexión sobre la propuesta, después de recordar cada momento y cada sentir. También debo mencionar que hay otros datos recogidos que no han hecho parte de este relato, pero que viabilizaremos las formas de presentar su aporte en los textos adelante.

6. TENSIONES ENTRE LA PROPUESTA DECOLONIAL Y PRÁCTICAS/ DISCURSOS DE DOMINACIÓN



Joan Alfaro – Madre Patria

Hay golpes en la vida, tan fuertes... ¡Yo no sé!
 Golpes como del odio de Dios; como si ante ellos,
 la resaca de todo lo sufrido
 se empozará en el alma... ¡Yo no sé!
 Son pocos; pero son... Abren zanjas oscuras
 en el rostro más fiero y en el lomo más fuerte.
 Serán tal vez los potros de bárbaros Atilas;
 o los heraldos negros que nos manda la Muerte.
 Son las caídas hondas de los Cristos del alma
 de alguna fe adorable que el Destino blasfema.
 Esos golpes sangrientos son las crepitaciones
 de algún pan que en la puerta del horno se nos quema.
 Y el hombre... Pobre... ¡pobre! Vuelve los ojos, como
 cuando por sobre el hombro nos llama una palmada;
 vuelve los ojos locos, y todo lo vivido

se empoza, como charco de culpa, en la mirada.

Hay golpes en la vida, tan fuertes... ¡Yo no sé!

Cesar Vallejo – Heraldos Negros

En este apartado, está basado en el análisis de contenido del sentirelato, con la finalidad de ubicar puntos de tensión entre las posibilidades descolonizadoras y prácticas y discursos de dominación, por tanto, se desarrolló las siguientes etapas para el análisis de los datos, como: a) pre-análisis, b) tratamiento de los resultados, c) análisis, inferencia e interpretación.

En la fase de pre-análisis, se realizó la lectura fluctuante de las transcripciones y relatos de la sección anterior, después se pasó a seleccionar el material que iba a componer el cuerpo de análisis, considerando que todos los relatos deberían de participar del análisis, pues presentan representatividad de la propuesta *pachakutiy*, aunque se discuten de diversos temas en ellos.

En seguida se organizó el cuerpo de análisis, en un solo documento, y se convirtió a documento PDF, para el uso del programa Atlas Ti, en donde se llevó a cabo la segunda fase de exploración y tratamiento del material, identificándose las unidades de registro, que fueron diversos temas o ideas centrales del cuerpo de análisis. Entonces se realizó la codificación del material, que consistía en la categorización, según las ideas centrales (unidades de registro) identificadas en las palabras de los participantes. Una vez clasificada las frases, estas fueron reagrupadas para organizarlas en descriptores que componen las categorías empíricas.

Tabla 9. Síntesis de las categorías empíricas y sus descriptores

CATEGORIA EMPIRICA	DESCRIPTORES	RESUMEN DE LAS CATEGORIAS
TENSIONES EN EL ORDEN SOCIAL	Como es nuestro sistema educativo Percepción del sistema de salud como futuro lugar de trabajo Concepción sobre el trabajo La lógica ilógica de la sociedad Cuestiones sobre el consumo	Son opiniones, vivencias, sentires sobre la relación de los participantes de la propuesta y el orden social al que somos sometidos.
POSIBILIDADES	Estudios Generales	Son manifestación, practicas,

DESCOLONIZADORAS	<p>Otras formas de educar</p> <p>Homo-cultivador: conexión con la pachamama</p> <p>Comunitarismo: formas de no ser uno, sino todos “ñuqanchik”</p> <p>Bio-cosmocentrismo: amor al universo</p>	<p>recuerdos y añoranzas de posibilidad de otros mundos a partir de nuestros ancestros.</p>
AUTORREFLEXIÓN		<p>Pensamientos profundos que han colocado en relaciones existenciales a los participantes.</p>

Fuente: elaboración propia, 2019

6.1 TENSIONES EN EL ORDEN SOCIAL

Las discusiones sobre este orden mundial, en la propuesta *pachakutiy* se fueron generando gradualmente; porque lo que se buscaba era visibilizar los sesgos ideológicos de la sociedad actual, las condiciones que ocultan y evitan mostrar condiciones desiguales entre los que somos los otros, y que fuimos invisibilizados, la forma de como violentan nuestras creencias, nuestras relaciones con el mundo, nuestras formas de existir. Los esquemas y estándares pedagógicos a cumplir, que limitaban las oportunidades de mayor discusión sobre el respecto.

Fue así, que en cada oportunidad que se presentase, se discutía esta temática, encontrando mucha identificación con los abordado, en las que se combinaban con textos y socio dramas sobre nuestra situación de colonia y de comunidad indígena, desde la historia hasta la actualidad, con problemáticas muy álgidas como la contaminación, los problemas del campo, de la siembra de la papa, como principal producto de nuestro sustento, y la incapacidad de cubrir una canasta familiar por los bajos precios de los productos agrícolas, etc. Estas tensiones serán discutidas en varios aspectos de: como es nuestro sistema educativo, la percepción del sistema de salud, concepción sobre el trabajo, la lógica ilógica de la sociedad y cuestiones sobre el consumo, que son descritos a continuación:

6.1.1 Como es nuestro sistema educativo

La actuación de la educación, dentro de la lógica capitalista – colonial, significa la destrucción de otras formas de saber de culturas y pueblos originarios. Esta actuación revela también la violencia fascista de la educación, que jerarquiza e invisibiliza el saber, el sentir y vivir de nuestros pueblos originarios, sobre el manto de la meritocracia, la competencia, el prestigio y la producción.

Las jerarquías en el contexto universitario de la propuesta *pachakutiy*, se revela en cada reunión de docentes, donde se homogenizan las formas de programación de las clases, con el fin de cumplir los estándares de acreditación, considerada una corriente regional dominante, que busca “garantizar una educación de calidad”.

En las reuniones de docentes, fue presentada la carpeta docente, un instrumento que archiva nuestra información académica, y el proceso de desarrollo de nuestras disciplinas, que incluye el descriptivo de nuestra formación, el calendario académico aprobado, el cuadro de la carga lectiva y no lectiva que debería ser rellenado, adjuntando resoluciones de trabajos de investigación y/o proyección social y encargaturas de direcciones, los horarios de nuestras clases, los sílabos aprobados por departamento académico, los formatos de entrega y presentación de sílabo, relación de estudiantes, registro de asistencia a clases, los instrumentos de evaluación y las capacitaciones del año anterior en relación a la disciplina o la especialidad (DOCENTE, 2018).

Los profesores nos volvimos a reunir para socializar los sílabos de las diferentes disciplinas a nuestro cargo, y discutir las temáticas que deben ser desarrolladas (DOCENTE, 2018).

Si bien es cierto las reuniones e intercambio de ideas, pueden ser una oportunidad de cambios, pero, como docente dentro del sistema, me sentía aprisionada en responder los indicadores de calidad de educación que las universidades debemos cumplir, y me preguntaba ¿con que finalidad?, esta pregunta fue abordada en una conversa informal con un colega, pues menciona:

el proceso de re-acreditación de nuestra facultad no nos dejaba tiempo libre, ni para pensar si hacemos lo correcto como universidad (DOCENTE, 2018)

solo evaluábamos conocimiento, pero tenemos un gran potencial que no está siendo valorizado por nosotros y ellos mismos, que solo estamos formando mano de obra calificada, pero no profesionales “sentipensantes” (COLEGA, 2018).

Por tanto, el sistema de evaluación, es el más valorizado, pues indica el producto de calidad que se está formando dentro de las universidades, pero solo responde a la adquisición de capacidades técnicas, para el trabajo, como sistema educativo no somos capaces de valorar otras cualidades:

en un examen o cualquier tipo de evaluación que se hace es muy monótono de hoy en día, no califican la calidad de persona que uno puede ser, porque como dicen en el video se desvaloriza todas esas cosas que tiene un ser humano (ALUMNO, 2018).

Los sistemas de evaluación son memorísticos, solo miden la capacidad de memorizar cierto tipo de conocimientos, no miran al estudiante en su integridad. Y a pesar de las resistencias de los alumnos a las formas de educación y evaluación.

el sistema está mal estructurado, porque hacen a las personas que crezcan solamente en el aprendizaje solamente basado en el sistema, que solamente tienen que aprender eso todo igual que el sistema, ósea todo igualito, y también acerca de la memorización que todos sus exámenes tienen que ser a nivel todo acerca del sistema (ALUMNO, 2018).

Tanto es el interés de formar profesionales, con capacidades para el trabajo, en las líneas de calidad de la educación, que la recarga de la curricular del sistema educativo, es muy grande.

los alumnos manifestaron que eran muchas lecturas y tienen muchos trabajos en otras disciplinas, por lo que pidieron que las lecturas sean más cortas o sintéticas (DOCENTE, 2018).

Sin embargo, como profesora, creo firmemente, que el estudio sin propósito, es una pérdida de tiempo, para alguien que no encuentra su propósito en la vida y que hace las cosas por hacer. Es más, el mismo acto de estudiar y adquirir informaciones sobre disciplinas previamente definidas, está muy lejos de ser suficiente, es más, en este modelo de educación compulsoria, que copiamos del mundo occidental y que fue creado en la sociedad industrial con fines de crear mano de obra para las industrias, este modelo de educación es un espejo del modelo organizacional de las industrias, con lugares cerrados, señales del inicio y termino de un aula, el recreo, la obediencia, la sumisión, el miedo, las filas de jóvenes pasivos en sillas obedeciendo a los profesores y los profesores obedeciendo a los supervisores, y el director, etc.. Este modelo fue diseñado muchos años atrás, y no ha tenido cambios, debido a su efectividad a los intereses del mercado (AUGUSTO, 2017).

Pues, Paulo Freire (1987), comprende a la educación como un instrumento al servicio de la democratización, contribuyendo a las vivencias comunitarias, en el dialogo, para formar personas participantes. Donde se presenta a un educador, como una persona que debe pensar en la sociedad y sus relaciones, y medios para volverla mejor con el compromiso de participación de todos en la perspectiva de una educación libertadora, capaz de contribuir a que el educando se convierta en sujeto de su propio desarrollo, delante de la presencia creadora de su educador.

Este educador, debe concebir la educación como un acto de amor y coraje, sustentada en el dialogo, en la discusión y el debate. Y que requiere mirar los otros saberes, por lo tanto, la comunicación entre educador y educando es un compartir de experiencias por el dialogo, transformando la vida escolar en asunto de todos y envuelto con la vida política y social (KOHAN, 2019). Eso fue explicitado por los alumnos:

Aparte de eso, si la educación no te hace feliz, es que no estas educando (ALUMNO. 2018).

[...] todos aprendemos de manera muy diferente y es cierto, porque es verdad, que cada persona, creo que tiene, que resalta en algo, que siempre resalta en algo y eso es lo que no se valora, sino, solo se valora solamente una sola idea, un solo tipo de educación (ALUMNO, 2018).

No debemos olvidar, de la necesidad del reconocimiento de las condiciones sociales, culturales, económicas de los alumnos, sus familias, su entorno, pero que el sistema educativo actual no reconoce. Pero este proceso de desvalorización de “otros” saberes tiene resistencia de colectivos de alumnos organizados, según denuncias de educadores, como Paulo Freire, en su libro, *Pedagogía del Oprimido* donde revela la violencia de una educación bancaria que cosifica los sujetos y anula sus voces y saberes. Tanto Quijano como Freire, denuncian esta realidad de opresión, proponiendo una ruptura de este modelo, por medio de prácticas decoloniales, en las palabras de Quijano o practicas libertadoras, en la visión Freiriana (LEITE et al., 2019).

Estas prácticas decoloniales, es lo que se busca insertar a los procesos de lucha de reconocimiento de los alumnos, durante el proceso de formación, que son grandes oportunidades de ejercer practicas libertadoras.

Aunque, reconocemos el papel que tiene la educación en la sociedad, debemos ser conscientes que, no es la única responsable por las trasformaciones de la sociedad, porque viene orientada por las estructuras sociales y económicas dominantes, que exigen la reproducción y repetición de ciertos saberes, que, en palabras de Foucault, son producidas por

el poder, quiere decir que los saberes se organizan para atender la voluntad del poder (VEIGA NETO, 2007). Por tanto, también describiremos las tensiones en otros espacios, que fueron discutidas en durante la experiencia formativa.

6.1.2 Percepción del sistema de salud, como futuro lugar de trabajo

Utilizamos como parámetro de análisis o concepto de acceso como la posibilidad de ingresar al servicio de salud, por medio de la oferta de la atención, tanto de los programas preventivos como de los de especialidad o asistenciales. Sabemos que es considerado acceso a las posibilidades que tiene la persona a usar dichos servicios, siendo como indicadores la dificultad o facilidad de acceso, el transporte hasta los servicios, la disponibilidad de medicamentos, exámenes, o tratamientos de complejidad, la posibilidad de agendar una cita, el tiempo de espera, las filas por demandas reprimidas, etc. (STOPA et al., 2017)

En Perú, los indicadores más básicos sobre la percepción de los servicios, como el acceso geográfico, pese a los esfuerzos de descentralizar las instituciones, aún existen poblaciones, especialmente las comunidades indígenas, que no disponen de los servicios de salud, ni los servicios más básicos, como de emergencia, o salud de la mujer y del niño (DE PIETRI et al., 2013). Como es relatado por uno de los alumnos que, por su propia experiencia, manifiesta que aún existen poblaciones que no tiene acceso a estos servicios de salud o que los servicios prestados son intermitentes y no hay personal que pueda atender emergencias, estas situaciones son una motivación de estudiar enfermería en los alumnos, para llevarles sus servicios como forma de ayudar a su comunidad.

en una comunidad de Yauli, Acoria, las enfermeras estaban horas nada más, y no va a ver nadie que salve vidas cuando se enfermen, eso es lo que me incentivaba más a estudiar, yo tengo que apoyar a mi comunidad. (ALUMNO, 2018)

(...) ayudar a las personas, más que nada a las personas que se encuentran en las zonas rurales, porque generalmente allí, no todas pueden ir a un centro de salud. (ALUMNO, 2018)

decidí por esta carrera desde muy pequeño, porque siempre me gustó ayudar a las personas, más que nada a mis familiares que tengan enfermedades (ALUMNO, 2018).

Lo mencionado por los alumnos, mediante la percepción personal, ratifica la existencia de brechas de atención en salud, debido a limitaciones socio-económicas y geográficas, que son denunciadas desde una perspectiva occidental; pero estas denuncias, también evidencian la percepción comunitaria de ayuda, pues, mencionan que estudian para

apoyar a esas comunidades, por tanto, las palabras de los participantes mantienen influencia de la ancestralidad andina de la *minka* o la ayuda comunitaria, aun en situaciones tan occidentales como la atención y acceso a la medicina occidental.

Otro termino muy usado en salud, es el trato humanizado, y es considerado un indicador importante de evaluación de los servicios de salud, donde se entiende como humanizado, no solo al mantenimiento de condiciones adecuadas de las instalaciones, sino, debería responder a toda una política articulada de asistencia, tecnología y relaciones entre profesionales y usuarios (MONJE V. et al., 2018). Y mencionamos como política articulada porque también tiene que cuidar de los profesionales, para ellos poder brindar una atención humanizada, sin sobrecarga laboral, estrés y otras cuestiones, que desencadenan una relación interpersonal inadecuada entre los que intervienen en la atención en salud (RAMOS et al., 2018). El déficit del trato humanizado es muy complejo, puede ser desencadenado por múltiples factores, por lo que requiere siempre una especial atención, y como se evidencia por las declaraciones de los alumnos, las percepciones sobre el tipo de atención que recibe el usuario, no es de la más esperadas, porque la gran mayoría coincide hay un maltrato por parte del profesional de salud.

generalmente en los hospitales públicos, donde van gente que no tienen tanta posición económica, en Perú, lo que hacen es que hay muchas personas con distintas enfermedades, que a veces no hay una buena calidad de servicio (ALUMNO, 2018).

cuando fui al hospital de Huancavelica creo que la mayoría, no trata bien a los pacientes (ALUMNO, 2018).

que en el hospital a veces no reciben la atención, es por eso que yo decidí hacer esta rama (ALUMNO, 2018).

(...) vi a mi mama que estaba mal y también a los demás que sufrían de gastritis, a veces, en los centros de salud no recibían buena atención, y por esa razón, por mi mama, por ejemplo, en Yauli hay muchas personas que sufren de gastritis, se quejan y a veces ya no comen nada ya (ALUMNO, 2018).

En el grupo no había cuestiones divergentes, con respecto a la denuncia del trato deshumanizado, y sobre todo cuando mencionaban que el deseo de ayudar, es una de las más grandes motivaciones de estudiar enfermería. Esta cuestión de la motivación de estudiar para ayudar, le resultó importante a nuestra moderadora y mi asesora Cristina, aunque para nosotros era normal, escuchar el deseo de querer ayudar, Cristina, nos solicitó reflexionar de donde surgía aquel deseo. Podemos sugerir ver a nuestra historia, donde el cuidado se daba

por amor, amor al otro, y no como obligación de cumplir un deber. Es necesario parar y ver hacia atrás con cariño y respeto; esta reflexión es discutida como una posibilidad descolonizadora, más adelante.

Es necesario también discutir la grande demanda de la población por los servicios de salud, y vamos a dejar de discutir a partir de las deficiencias de personal o infraestructura del sistema de salud, y, al contrario, vamos a preguntarnos, ¿por qué cada vez más las personas se enferman?, ¿qué sucede en esta realidad que nos tiene dependientes de un sistema de salud? ¿Por qué nuestra *pachamama* está enferma?

6.1.3 Cuestiones sobre el trabajo

Aunque parezca absurdo hablar en términos de esclavitud, en la actualidad, lastimosamente es una realidad para muchas personas en el mundo, la propia OIT (Organización Internacional del Trabajo), lo confirma con cifras alarmantes de al menos 20.9 millones de personas que trabajan en condiciones análogas a la esclavitud, como el trabajo forzado, trabajo degradante. Este ciclo de trabajo esclavo, incluye la miseria en la que muchas personas se encuentran y que las practicas capitalistas están perpetuando. (SILVA, 2019) Entonces es una urgencia hacer la denuncia del incremento de la precarización del trabajo, convirtiendo nuestras condiciones económicas más miserables y por ende permitiendo la explotación laboral. Respecto a las condiciones del trabajo, los alumnos se mostraron críticos

posteriormente con la industria la humanidad se vino el declive, ya que, en esta industria, se esclavizaba el hombre por el hombre, las personas se desinteresan de cosas básica, es cuando se deshumaniza la humanidad y por eso creo que, hasta ahora es que yo creo que debemos cambiar, porque el planeta estaba bien sin nosotros (ALUMNO, 2018).

creo que la sociedad nos tiene trabaja, trabaja, no para favorecernos a nosotros sino para favorecer a ellos, pero no todo es materialista (ALUMNOS, 2018).

La postura de crítica a las condiciones de trabajo actual, tienen mayor influencia andina, porque las denuncias no son por la recarga de trabajo, sino por quienes se benefician y los daños que nos ocasionamos entre nosotros; que no merecemos lo que la *pachamama* nos ofrece, porque no cumplimos con la responsabilidad de retribuir el cuidado que ella nos brinda, que la *pachamama*, estaría mejor sin nosotros, que somos hijos ingratos.

Debemos ser conscientes que en la actualidad el proceso de precarización de las condiciones de trabajo y la sustitución de la mano de obra, es parte de la fase de globalización del mercado, y que creemos que estas condiciones serán aún más críticas a medida que el

capitalismo va desarrollando su fase financiera, en la que ya no ha de requerir de mano de obra. Para los economistas la noción moderna de desempleo, tiene una relación con el salario y la mecanización de las fábricas, causas externas a las características del trabajador, debido a que la noción de desempleo ya no responde a defectos en el trabajo del desempleado, sino a las leyes objetivas del mercado. En los países capitalistas considerados desarrollados, estas leyes se ejercen con más rapidez, corroyendo la estabilidad del trabajador, caracterizada por una relación contractual de tiempo determinado, bajos salarios, condiciones de trabajo insalubres, produciendo impactos graves en la salud y las relaciones familiares (CAICEDO; VAN GAMEREN, 2016). Esto también fue abordado por los alumnos.

que el mercado se llene, se llenen la tasa de empleo, de que sirve que nosotros estudiemos si no vamos a llegar a tener un puesto de trabajo, es por eso que no estoy de acuerdo con la sociedad. (ESTUDIANTE, 2018)

Es otra de las más grandes contradicciones de estos tiempos, el cambio de nuestro tiempo de vida, por dinero, devaluándose cada vez más, nuestro tiempo de vida debido a la precarización de este trabajo. Es aquí donde, Karl Marx, nos construye en la discusión de posibilidades de resistencia a la emergencia de terminar con un sistema tan corrompido con el del capitalismo, que lo que ha logrado es apropiarse de todo lo que poseemos, hasta de nuestras propias vidas.

bueno nosotros estamos en esta sociedad, intercambiamos nuestro tiempo por dinero, ósea, somos esclavos del dinero (ALUMNO, 2018).

Sabemos que, para Marx, el trabajo es parte de la actividad natural del hombre, pero en esta sociedad capitalista, el trabajo, específicamente la fuerza de trabajo es una mercancía, y que, para sobrevivir, el proletariado lo debe vender a cambio de dinero (MARX, 2011). A este hecho, se le suma la sobrepoblación, que podría ser llamada para el capitalismo de “ejército de reserva”, porque hará fácil la precarización y oscilación de los salarios de los trabajadores, generando una presión de lucro para el empleador, pues el empleado tendría que cumplir horas extras y otras actividades adicionales, con el fin de no perder su trabajo, llevando a deterior su salud física, mental y social.

Las discusiones sobre trabajo fueron incentivadas en el grupo focal con presencia de Cristina, que se desarrollaron a la mitad de la ejecución de la propuesta *pachakutiy*, y que en su mayoría los alumnos no habían parado a pensar en esa cuestión.

6.1.4 La lógica ilógica de la sociedad

Una definición bastante genérica de competencia, menciono algunos puntos relacionados a su capacidad de resolver asuntos, aptitud, idoneidad (BERNAL; VILLA, 2013), pero, esta situación no sería problemática, si esta no sería un dispositivo de dominación del capitalismo. Sobre eso, opinaran los alumnos, que esta razón ilógica de la sociedad, genera la enorme brecha de desvalorización del trabajo, haciendo que la lógica de valor de un trabajo no depende de valores tan básicos como del bien común, el comunitarismo, y que genera constantemente la necesidad de acumulación en un grupo de elite, dejando que la gran mayoría continúe en condiciones de necesidad y sobrevivencia:

(...) hay aspectos que son bien negativos, por ejemplo, en eso de lo económico, siempre hay uno que tiene más que otro, y alguien que busca más que el otro y eso no nos deja vivir tranquilos, y estar buscando dinero, dinero, es algo que nos hace olvidar de todo lo demás (ALUMNO, 2018).

es una de las más grandes de las razones por los que se ve la migración del campo a las ciudades. Porque esa plusvalía atroz actualmente en la agricultura deja al pueblo más pobre y al rico más rico (DOCENTE, 2018).

Esta necesidad de acumulación de bienes materiales, es desencadenada constantemente en nuestro cotidiano, cambiando nuestra forma de relacionarnos con el otro, viéndolos como competencia, ajenos, y que, lo tenemos insertados en el inconsciente, como menciona uno de nuestros alumnos:

Cuando yo estudiaba siempre me recordaba de una frase de mientras tu duermes hay otras que estudian y eso me daba fuerzas para seguir estudiando (ALUMNO, 2018).

Esta competencia está creando sujetos más individualistas, aislados de su mundo social, un sujeto cuya aniquilación está siendo producida por los poderes hegemónicos de los monopolios y grandes conglomerados industriales (DE CARVALHO LIMAc, 2018).

Yo creo que es aprender a valorar nuestro medio ambiente y hoy en día la mayor parte de la población se ha vuelto individualista y quieren tener más y más, y va perdiendo su identidad (ALUMNO, 2018).

al querer tener una sensación un anhelo de superación, te convierte en algo más individualista, algo muy centrista, te estas superando bien, pero te estas alejando de lo que más importa (ALUMNO, 2018).

simplemente el egoísmo, más que nada el egoísmo de las personas, simplemente pensamos en nosotros, no vemos el bienestar de otras personas (ALUMNO, 2018).

Este fenómeno puede ser explicado también por la categoría de hombre unidimensional de Marcuse, donde la dominación de la sociedad sobre los individuos se ejerce por una sumisión de los intereses personales por los dictados socialmente, la ausencia de autonomía, predispone al individuo a un comportamiento autoritario, con una falsa convergencia entre todo y las partes. En las palabras de Marcuse:

en esta sociedad, el aparato productivo, se vuelve totalitario, en la medida que no solo determina ocupaciones, habilidades y actitudes socialmente aceptables, también domina las aspiraciones individuales (MARCUSE, 1982, pg. 54).

Las posturas observadas de los alumnos, muchas de ellas, fueron volviéndose más conscientes gracias a las lecturas frankfurtianas, desarrolladas en la propuesta formativa *pachakutik*, porque como pueblo invisibilizados vivimos las desigualdades en la piel todos los días, y eso duele, y por tanto, tenemos el deseo ferviente de que estas condiciones terminen, invocamos al *pachakutiy*, de renovación del mundo, como añoranza de encontrar una luz en medio de la oscuridad e invisibilidad a la que somos sometidos.

6.1.5 Cuestiones sobre el consumo

La sociedad de consumo se caracteriza, ante todo, por el deseo socialmente expandido de “adquisición de superfluo”, de excedente, de lujo; marcada por una constante insatisfacción, donde una necesidad es satisfecha, pero genera otra necesidad, en un ciclo que no termina, donde al final el acto consumista, es el propio deseo de consumo (RETONDAR, 2008). Ese tema surgió en las discusiones con los alumnos y fue fortaleciéndose la posición crítica en ellos:

nosotros hablamos sobre el mercantilismo, la sociedad nos impone a nosotros que debemos comprar, a pesar que ese objeto es suficiente, digamos que hay un celular que puede hacer todo, tengamos que cambiarlo por otros (ALUMNO, 2018).

Conforme Marx discutió, consumir pasa a ser percibido como un proceso de mediación de las relaciones social, transfigurando conflictos políticos, de género, raciales, relación de valores, que definen la aceptación o negación a pertenecer a un grupo social (MARX, 1970). Estas discusiones fueron desarrollándose desde el inicio de las lecturas y videos sobre la postura filosófica frankfurtiana, como la industria cultural, el hombre unidimensional, la teoría crítica. Y las discusiones mostradas a continuación son parte de la reflexión de nuestros alumnos en base a dichas lecturas:

porque nosotros según este pensamiento, estoy en contra de eso, se nos imponga que tenemos que tener las nuevas cosas para ser aceptados socialmente (ALUMNO, 2018).

Marcuse en palabras de Retondar, contribuye en la discusión sobre consumo y alienación del hombre en la sociedad industrial, o análisis del fordismo, es un claro ejemplo de esta lógica, donde construye el concepto de “hombre unidimensional”, como fruto de falsas necesidades originadas por la vida tecnológica (2008), que le permite discutir los efectos del comportamiento consumista sobre el hombre. En palabras de Marcuse, “(...) las criaturas encuentran su alma en sus automóviles, en casas, utensilios de cocina. El propio mecanismo que ata al individuo a su sociedad cambió, el cambio social está impregnado de nuevas necesidades que la sociedad produce” (MARCUSE, 1982, p. 31). Lo que también fue discutido por ellos:

los países industrializados, ellos son los que producen y compran celulares ropas, no sé qué, entonces nosotros, aquí llegan y compramos, sí o no?, y cada año cambiamos ropas y celulares, entonces a ellos le estamos obligándolos en ese caso, y sacan todo eso de la naturaleza para producir, no es solo echarles la culpa, que ellos contaminan mucho, sino también nosotros tenemos la culpa (ALUMNOS, 2018).

Importante señalar la autocrítica que trae, la comprensión de que los latinoamericanos también son responsables por la situación de explotación de la naturaleza para el consumo de superfluos. Este proceso de dominación de las subjetividades, definidas en el propio proceso del consumo, no solo en el ámbito psicológico, sino desarrolladas en el ámbito social, donde la naturaleza, es vista como un bien a ser consumido y dominado. Después de haber mercantilizado el arte, discutido ampliamente en la industria cultural de Adorno, hemos mercantilizado a nuestra *pachamama*, y todo lo que existe en ella, depredando especies animales, vegetales, paisajes, recursos, etc.; a tal punto, de llevarla a un declive, casi imposible de solucionar.

Quizá los niños son nuestro futuro, porque los niños se maravillan con la naturaleza, porque quizá nosotros solo lo vemos como objeto de consumo, formas de hacer dinero, porque no podemos ver todo lo que nos brinda (ALUMNO, 2018).

en cambio, ahora lo que se hace es depredar todas las especies de animales y plantas hasta que se extingan (ALUMNOS, 2018).

Estas reflexiones se incentivaron en una generación que estaba creciendo con miedo de gritar de donde viene, porque hasta antes del contacto con las lecturas frankfurtianas,

hemos creído que somos realmente los incivilizados, los que quedaron atrás; pero este atrás, es nuestra fuerza y esperanza, para luchar por un mundo diferente, por el mundo que queríamos olvidar, pero que el destino nos muestra nuestro valor y nuestra misión en este mundo.

Gustaría de terminar este análisis con una frase de un luchador que tuve el honor de conocer y escuchar, Ailton krenak, en su libro, *Ideas para adiar o finm do mundo*, dice: “cuando despersonalizamos el río, las montañas, cuanto les quitamos su sentido de vida, porque consideramos que es solo atributo del hombre, los volvemos residuos de la actividad industrial y extractiva, ...resulta que estamos dejándonos huérfanos, no solo a los indígenas, sino a todos” (KRENAK, 2019).

6.2 POSIBILIDADES DESCOLONIZADORAS

En esta parte del texto se presentan los caminos de posibilidades descolonizadoras, que se presentaron durante las experiencias y vivencias de la propuesta formativa *pachakutiy*, sabemos que resulta difícil traer discusiones filosóficas sobre los principios de la epistemología otra, como el amor, el querer ayudar, el respeto por la naturaleza, por tanto, partiremos de la ética y la estética otra, insertada en recuerdos, vivencias, pintura y cuentos que posibilitan la superación de las condiciones fascistas y predatoras de este mundo. Las posibilidades descolonizadoras son las siguientes:

6.2.1 Estudios Generales

El programa de estudios generales, se venía implementado en la Universidad Nacional de Huancavelica desde el año 2017, por tanto, resulta ser bastante nueva para el periodo de ejecución de la propuesta formativa *pachakutiy*. No llegamos a planificar actuar dentro de este programa, sino, por caminos que el destino nos presenta, el año 2018, solo se apertura el concurso para una plaza de docente para este programa, y pues teníamos la necesidad de estar insertadas oficialmente a la Facultad de Enfermería, debido a la carga académica que los estudiantes llevan, sería difícil insertar un programa por fuera de la estructura curricular. En un inicio el programa de estudios generales me generaba miedos, pues también estaba acostumbrada a llevar cursos de especialidad:

Este plan de estudios generales y los cursos eran nuevos para mí y para la universidad, pues recién eran sus primeros años de implementación, pese a los

temores que surgieron por ser disciplinas generales y no de especialidad a la que estaba acostumbrada a dictar (DOCENTE, 2018)

Al investigar la esencia del programa de estudios generales resulta que, era la mejor posibilidad de ejecutar la propuesta *pachakuti*, por los siguientes motivos:

las ementas correspondían a los primeros ciclos de estudio en el cual se dejaba las bases y cimientos de los futuros enfermeros. Y llevaban cursos como filosofía, quechua, educación ambiental, desarrollo personal, etc. ¡No hubo mayor motivación que ser parte de esos cimientos, decidí presentarme al concurso! (DOCENTE, 2018)

Esta grandiosa posibilidad de insertarnos en el Programa de Estudios Generales, se relaciona a las otras experiencias formativas decoloniales con inserción dentro de la universidad, como la Licenciatura en Pedagogía de la Madre Tierra de la Universidad de Antioquia (SINIGUI, ANCHIRA, 2016), y la licenciatura en Educación Indígena de la Universidad Pedagógica Nacional en México (NAVIA ANTEZANA, et al., 2019) y que podían desarrollar disciplinas de características con influencia más decolonial que occidental. De este mismo modo, nuestra propuesta decolonial, tuvo mejor adaptabilidad, debido a que las disciplinas de este programa eran generales y no tenía la rigidez de contenidos que en las otras disciplinas de especialidad se tiene:

debería priorizar los temas en base a mi criterio y autonomía en ello, es así, que se define la flexibilidad para la elaboración de talleres y las clases teóricas (DOCENTE, 2018)

Por tanto, considero, que fue una excelente oportunidad iniciar la propuesta en el primer año de estudios, pues los alumnos aún no están inseridos por completo en el mundo universitario, estresante, de competencia e individualista (DOCENTE, 2018)

Por tanto, este programa de estudios generales, en nuestra experiencia, resultó ser la mejor opción a tomar para adaptarla a una propuesta formativa decolonial, pues sus ideales y metas, son formar ciudadanos conscientes y con responsabilidad social y coinciden con las discusiones en las otras experiencias de formación decoloniales, que evidencian que estas propuestas pueden adaptarse a diversas situaciones y contextos, pues tienen una gran flexibilidad, como lo muestran, en las experiencias formativas en movimientos populares (GUELMAN; PALUMBO, 2015), en instituciones educativas (NAVARRO-MARTINEZ; 2018), en la educación intercultural bilingüe (KRAINER, et al, 2017), etc.

6.2.2 Otras formas de educar:

En la propuesta formativa, se desarrollaron dos disciplinas, la de introducción al método experimental y educación ambiental, como docente he considerado que, en ambas disciplinas, es central considerar al medio ambiente como fuente de nuestras inspiraciones, porque es indisoluble de nuestro ser y se hace urgente discutir sobre otros aprendizajes posibles a partir de lo que somos (MIRANDA, QUIÑONES, 2016). Y también por motivación de mis alumnos decidimos en el mayor de oportunidades hacer las clases fuera del aula, intentábamos no limitarnos y, por el contrario, aprovechábamos al máximo los días libre, para hacer salidas más largas. Estas salidas nos motivaban mucho y propiciaban mayor complicidad, reivindicación de prácticas y saberes autóctonos, reunificando nuestra subjetividad, donde no solo se contempla la razón, sino también aspectos afectivos (GUELMAN; PALUMBO, 2015). Como lo mencionan los participantes:

Fue divertido salir al campo a mirar la naturaleza que nos rodea, como nosotros contaminando nuestro medio ambiente y no sabemos valorar o cuidar al medio ambiente esta clase fue muy divertido la clase más me gusto. “nuestro planeta nos pide ayuda y debemos ayudarle cuidando y reciclando” (ALUMNO, 2018)

En la segunda clase, estábamos muy alegres y entusiasmados por que íbamos a hacer las clases en el campo (ALUMNO, 2018).

El acercamiento a la naturaleza, como profesora me ha permitido generar, mejores conexiones entre los participantes y con el universo, que nos permitía ver, sentir y pensar en lo que realmente vale la pena, en todo lo hermoso que nos rodea, que nos hace muy afortunados y a la vez ingratos de no saber valorarlo, como menciona Navia, que estas propuestas consiguen reconectar a los pueblos originarios con sus hijos, generando un proceso consciente de valorización, que realmente le da sentido a nuestra existencia (NAVIA ANTEZANA et al., 2019). Estas salidas, nos hacía sentir como parte de un grupo en el que no hay jerarquías, ni temores de expresarnos, compartimos comida, caminatas, juegos, reciclaje, etc.

La generación de acercamiento y complicidad entre los participantes, hizo que perdiéramos el miedo de participar, por el contrario, los roles se fueron invirtiendo, haciendo que el papel de los alumnos en las clases cada vez sea más activo, que podrían generar reflexión filosófica y de interculturalidad contra-hegemónica de lucha consciente y activa (GUERRERO-DÁVILA; MARAÑÓN-PIMENTEL; LÓPEZ-CÓRDOVA, 2015); en este sentido, me sorprendían con las dinámicas, debates, juego de roles y socio-dramas que presentaban:

dimos nuestros puntos de vista sobre lo que significaba cada uno relacionados a la vida cotidiana (ALUMNO, 2018)

hicimos un debate formado por grupo de dos la clase fue dinámica ya que cada uno dio su punto de vista y defendió su corriente en como contribuía al medio ambiente ... fue muy interesante la clase porque hubo participación de todos (ALUMNO, 2018).

los alumnos tendrían participación más activa, mi papel como docente pasaba a ser la de facilitadora y un grupo de alumnos iba a dirigir nuestras reuniones de forma rotativa (DOCENTE, 2018).

Las actividades de salidas de campo e incentivo por mayor participación, habían generado que mis alumnos, se sientan muy orgullosos de nuestro saber empírico, de nuestras vivencias andinas, en comparación con el saber occidental y que desencadenaban la valoración del pensamiento ancestral en su potencial autóctono (ARGÜELLO PARRA, 2016). Pues, durante muchos años, nos han hecho sentir los sub-desarrollados, los salvajes, los analfabetos, quechua- hablantes, provincianos, cholos; todos estos rótulos, han cavado profundamente en la autoestima de nuestros pueblos, durante muchas generaciones, pero después de ver que lo que somos es único, es maravilloso, es una fuerza de lucha poderosa, que surge de nuestras penas y corazones tristes, de nuestros huaynos melancólicos, de nuestras lágrimas de décadas, no agacharemos más la cabeza, y por el contrario, nos sentiremos cada vez más identificados, orgullosos y seguros de lo que somos, coincidiendo con los hallazgos de una investigación, que producía espacios de revalorización del estudiante indígena (NAVIA ANTEZANA, et al, 2019) y de su filosofía, como forma de inspirar propuestas decoloniales, como la licenciatura Madre Tierra (SINIGUI; ANCHIRA, 2016, p. 58).

Sentí que iban despertando su sentido de curiosidad, como los niños, hablando del tema, sin temor a ser refutados, y contando sus experiencias, todos muy orgullosos (DOCENTE, 2018).

Luego de ello mi grupo hizo una comparación sobre el concepto occidental y el concepto andino --- dimos nuestro punto de vista sobre una comparación sobre lo que es medio ambiente occidental y medio ambiente relacionado a lo andino (ALUNOS, 2018).

Recuerdo bien las palabras de una alumna, que “si la educación no te hace feliz, no estas educando”, nunca me había sentido tan feliz y motivada en las clases, a pesar de que trabajo en la universidad desde varios años atrás, esta propuesta formativa, me ha cambiado y sobre todo le da sentido a mi vida, y creo que también a la vida de mis alumnos, esta

reconexión entre los participantes es necesario para el reencuentro con nuestro orígenes, nuestra lengua y cultura, para construir perspectivas nuevas (NAVIA ANTEZANA et al., 2019).

sé que mis compañeros se divertieron con las clases que dictamos y eso es lo que me hace poner contento (ALUMNO, 2018).

Aunque se hace necesario, para esta reconexión con nuestras raíces, *no debe ser ajena a los procesos sociales y políticos de nuestro entorno*, haciendo que las propuestas formativas decoloniales tomen mayor fuerza, debido al reconocimiento que no son solo necesarios en procesos individuales (GUELMAN; PALUMBO, 2015).

6.2.3. homo cultivador: conexión con la *pachamama*

Uno de los principios de la epistemología otra *pachakutiy*, es considerar el hombre como cuidador de la tierra, al que denominamos homo-cultivador. Como en la Universidad Zapatista, que propone otro mundo es posible, pues encuentran espacios deportivos, talleres de oficios (telares, panadería, talleres automotrices, agroecología, de educación artística, etc. (GUERRERO-DÁVILA; MARAÑÓN-PIMENTEL; LÓPEZ-CÓRDOVA, 2015). Además, debido a la gran biodiversidad del territorio peruano, los que la habitamos en zonas menos urbanas, concomemos el proceso de producción alimentaria, que hace que nuestras regiones del interior mantengan cierta autonomía de necesidad de productos alimenticios, en palabras de nuestros alumnos:

Perú tiene gran biodiversidad ya que debemos cuidarlo como nuestros hermanos campesinos (ALUMNO, 2018)

Esta actividad de cultivo y por tanto de conexión con la *pachamama*, para la producción de nuestros alimentos, hacen que la relación entre nosotros y la naturaleza, sea más real, imaginamos a la *pachamama*, como madre que nos brinda la preciada leche materna a sus hijos, y que el hijo retribuye amor y gratitud, por tanta dedicación y desprendimiento, como lo evidencia la creación de la licenciatura de la Madre Tierra en la Facultad de Educación de la Universidad de Antioquia, que resalta las características de la educación de nuestros pueblos originarios, como en el cuidado de la madre tierra . (NAVIA ANTEZANA et al., 2019). Esta gratitud se evidencia en las ofrendas que hacemos a la tierra, como forma de retribuir el amor de nuestra madre por tanta bendición:

se ven canales de irrigación incas que actualmente siguen funcionando ...donde los habitantes de la comunidad adoran a apus y a la pacha mama, plantas medicinales como por ejemplo inca muña, hatun talla, etc. También hay variedad de alimentos como por ejemplo choclo, habas, también diversidad de animales como vacas, llamas, ovejas, etc. ...las ofrendas que realiza les permite conectarse con la tierra y la naturaleza para que así después trabajen en las chacras que con esta actividad que realizan nos hacen ver que tienen una gran conexión con la naturaleza (ALUMNO, 2018).

En la responsabilidad de producción de nuestros alimentos, se resalta el desarrollo del principio de escucha y observación como características de educación de pueblos originarios (NAVIA ANTEZANA et al., 2019) y de recuperación de voces silenciadas de estos procesos formativos, que puedan favorecer proyectos de formación para y con los pueblos originarios. En mi experiencia personal, sabiendo la dificultad que representa, el esfuerzo que amerita y la paciencia que debemos tener de esperar a ellos crecer, han hecho de nuestra relación con la *pachamama* más consciente, no somos de botar la comida, de decir que nos gusta o nos disgusta ciertos alimentos, todo lo producido se sabe aprovechar, tanto para nosotros como para los otros seres, dejamos maíces para los pájaros, las papitas para los cerdos y gallinas y otros animalitos silvestres, sabemos valorar una papa que pueda verse “fea” (pequeña o gusanada), porque la queremos, porque ha sido parte de nuestro esfuerzo, es como una madre que quiere a todos sus hijos sin distinción, conversamos con nuestros alimentos, pidiéndole que nos alcance hasta la próxima cosecha, sabemos que lo que producimos escucha nuestras alegrías y penas en las canciones que compartimos en la ardua faena. Esta forma de relacionarnos con la tierra y con lo que producimos, deseo de todo corazón que no se pierda.

6.2.4 Comunitarismo: formas de no ser uno, sino todos “ñuqanchik”

Se habla mucho sobre las formas de organizarnos en la cultura andina, del *ayni*, la *minka*, el *waqete*, todas estas formas de ayuda al que estamos acostumbrados. Como en los procesos formativos en el trabajo como el de las cooperativas y sus luchas (GUELMAN; PALUMBO, 2015). y movimientos populares (PALUMBO, 2016). Estos procesos se pueden originar, quizá, por el arduo trabajo del homo-cultivador, que no consigue hacer esa tarea solo, y necesita de sus *waiqiy* “hermanos”, el trabajo en las montañas es muy arduo, no solo por la condición física que debemos tener, hacer las casas en las montañas, amerita llevar piedras y troncos de la ribera de los ríos, es un acontecimiento social tan importante que todos

queremos acompañar, porque sabemos también, que sin el otro, somos débiles, que nos necesitamos y debemos de darnos la mano y el corazón.

Además, de niños no dormimos en cama separadas de nuestra madre, no sabemos lo que es un cuna, siempre hemos dormido pegados al pecho de nuestra madre, mamando, no solo leche, sino el amor de los más puros, y les confieso, que hasta ahora, cuando llego a casa quiero dormir al lado del grande amor de mi vida, mi madre, sentir el latir de su corazón, sentir su calor, es una sensación que las palabras no pueden describir, pero deja al corazón latiendo más fuerte y a los ojos llenos de lágrimas. Como en los procesos de formación *otra* en las familias Mapuches de la región La Araucanía en Chile, que se da por intermedio de conocimientos prácticos, técnicos, simbólicos y espirituales y que se oponen a la monoculturalidad de la educación occidental (QUILAQUEO RAPIMÁN; QUINTRIQUEO MILLÁN; TORRES CUEVAS, 2016). Esta conexión es como un cordón umbilical, que siempre nos hace volver al espacio más cálido de nuestra memoria, el hogar, los brazos de mama, la fuerza de papa.

Figura 26. Nunca estamos separados, nunca solos, ni cuando dormimos



Fuente: Joan Alfaro (artista plástico peruano), 2019.

Entonces, como individuos que reciben amor, nos debemos también a entregar amor a quien lo quiera, lo pida, lo necesite, a quien veamos que sufre. En cada persona que vemos, vemos a alguien que compartió amor con nosotros, lo vemos como hermanos, abrimos nuestro corazón, aunque con miedo, pero no por desconfianza, sino por miedo de no ser correspondidos, y entonces, cuando nuestro hermano sufre, sentimos su dolor, y por eso

queremos sale tan natural de nuestra boca, el quiero ayudar a mi familia, mi comunidad, como relatan mis alumnos:

ayudar a las personas, más que nada a las personas que se encuentran en las zonas rurales, porque generalmente allí, no todas pueden ir a un centro de salud (ALUMNO, 2018).

por ejemplo, en Yauli hay muchas personas que sufren de gastritis, se quejan y a veces ya no comen nada ya, y por eso que, para cuidarles, ayudarles (ALUMNO, 2018)

por mi parte se cómo se siente que te traten mal y bien, todas las personas queremos que nos traten bien, y por eso creo que parte de la iniciativa de ponerse en el lugar del otro, yo creo que en enfermería tenemos que practicar mucho eso (ALUMNO, 2018).

Hasta el sentimiento de impotencia, de querer hacer algo y no saber cómo, te motiva a tomar ciertas decisiones. Porque somos seres colectivos, que necesitan construirse con el otro, en una interacción de amor:

siempre me gusta ayudar a las personas, pero en particular, cuando un familiar mío falleció en el hospital y sentí la impotencia de no poder realizar nada (ALUMNO, 2018)

porque veía a los familiares que morían por falta de conocer sobre la salud, o que necesitaban algo acerca de la salud, lo que yo quería es apoyarles, es por eso que quiero estudiar para poder apoyar a las personas (ALUMNO, 2018).

me gusta ayudar a las personas, cada día hay problemas de salud, en la comunidad, por es quiero ayudar a las personas (ALUMNO, 2018).

también en una comunidad de Yauli, Acoria, las enfermeras estaban horas nada más, y no va a ver nadie que salve vidas cuando se enfermen, eso es lo que me incentivaba más a estudiar, yo tengo que apoyar a mi comunidad (ALUMNO, 2018).

que algo que nos motiva, es el amor que sentimos por ellas, porque siente amor por sus familiares y no pueden dejar que se sientan mal, o no pueden dejar que ellos estén mal, no sé si me entienden, entonces el amor sería una motivación para servir o ayudar a las personas (ALUMNO, 2018).

Es importante resaltar, que no podríamos ser considerados sujetos sin que nos vieran en la relación con el “otro”, entonces somos *sujetos colectivos*, le tenemos fobia a estar solos, no tener con quien hablar, reír, soñar, hacer nada, caminar, etc como en los procesos educativos surgidos desde y para el colectivo, que generan un reencuentro con lo que somos (NAVIA ANTEZANA et al., 2019), mostrando procesos educativos propios de los pueblos originarios, como la Universidad Zapatista (GUERRERO-DÁVILA; MARAÑÓN-

PIMENTEL; LÓPEZ-CÓRDOVA, 2015), la comunidad mixe (ARGÜELLO PARRA, 2016), los movimientos populares (PALUMBO, 2016) y construcción de saberes en el trabajo colectivo (GUELMAN; PALUMBO, 2015).

Figura 27. La comunidad, el sujeto social.



Fuente: Alcides Medina (pintor cuzqueño), 2019

Este comunitarismo se refleja en nuestra lengua, el quechua, cuando describes una situación, no solo lo haces como una tercera persona, viendo la escena, la haces como si fuéramos la primera persona, interpretando lo que está sintiendo, lo que quiere expresar más allá de las palabras, colocándonos en su lugar, eso para nosotros es, *ser el otro*.

En la universidad, en el periodo de aplicación de la propuesta formativa *pachakutiy*, se presentó una experiencia de comunitarismo interesante entre los alumnos, pues, surgió de una protesta de alumnos de otra carrera, que decidieron cerrar la universidad:

A la salida de las clases, vimos que la universidad estaba cerrada, como modo de protesta, por los estudiantes de la facultad de ingeniería quienes manifestaban que las autoridades universitarias no hacían caso a sus reclamos y pedidos (DOCENTE, 2018).

Este evento no pasaría desapercibido, pues los alumnos de todas las facultades decidieron apoyar y sumarse a la lucha del grupo de alumnos, por tanto, los alumnos de la facultad de enfermería, decidieron conversar con los docentes a explicar los motivos y pedir su apoyo.

hemos decidido apoyar la toma del local por motivos adicionales y que son problemas de siempre, por ejemplo: hasta el momento, no funciona el comedor universitario para los estudiantes que no tiene recursos económicos -- -- venimos a pedir el apoyo de nuestros profesores en las demandas planteadas, de forma que suspendan las clases para permitir a mis compañeros participar activamente de la toma del local (ALUMNOS, 2018).

Y a pesar de la fortaleza que los alumnos habían ganado, las autoridades decidieron dejar ingresar a los policías y desalojar a los estudiantes, pero no se dejó esperar la respuesta de la ciudad de Huancavelica, en los medios de comunicación, los pobladores eran llamados a salir a las calles para apoyar a los alumnos y repudiar los atropellos que estaban sucediendo.

vamos a manifestarnos que estamos en contra de dicha violencia...que mal lo que están haciendo con nuestros hijos, sobrinos, vecinos, porque la universidad es de nosotros (RADIO LOCAL, 2018)

en la radio se manifestaban muchas personas, con enojo y repudio a dicha acción de represión a los estudiantes, las organizaciones de base estaban convocando a la población para “sacar en burro al rector” frase que significa: (expulsarlo de la ciudad de Huancavelica por inepto) (DOCENTE, 2018).

Una tía (no de sangre, sino por cariño) con la que vivía en Huancavelica, me comentaba que no iban a dejar impune ese atropello a sus hijos, pues la ciudad de Huancavelica, es pequeña, entonces toda familia al menos tiene un miembro estudiando en ella. Y me cuenta una historia hasta ese momento que yo no conocía, sobre el verdadero motivo de creación de la UNH.

los pobladores anhelábamos tener una universidad donde nuestros hijos pudieran estudiar, pues muchos de nosotros por falta de recursos económicos no podíamos enviar a nuestros hijos a ciudades más grandes --- decidimos hacer una marcha de sacrificio hasta la capital, Lima, caminamos 500 kilómetros aproximadamente, al llegar a Lima recibimos agresiones de la policía, que intentaba reprimirnos, pero no nos amilanamos, estuvimos semanas al frente del palacio de gobierno, hacíamos ollas comunes, dormíamos en la plaza, pero continuamos, hasta que el gobierno decidió crear la Universidad Nacional de Huancavelica, por eso nos duele, porque es fruto de nuestra lucha, lucha de la población huancavelicana (TIA, 2018).

Y fue así, la población salió a las calles a sacar al rector de los edificios administrativos a expulsarlo de la ciudad, pues ya no era digno de ser parte de ella. Esta experiencia fortaleció enormemente la postura crítica que mis alumnos descubrían, pero, sobre todo, nos mostró que realmente unidos por afectos, penas, dolores o heridas en las luchas somos fuertes.

Las formas de nuestro sentir, respecto al otro, de ponernos en su carne, de sentir sus dolores, a tal punto de motivarnos a tomar decisiones, como la toma de local de la universidad, el levantamiento de la ciudad, o el deseo de estudiar para ayudar a su comunidad, vecinos, familia o simplemente otros. Expresiones que Cristina, nos coloca en reflexión, por la cantidad de respuestas respecto a “quiero ayudar” y que, según Foucault, permea nuestras relaciones de poder, y yo diría nuestras relaciones de afectos, porque, en nuestras vivencias, hay muchos recuerdos de amor, penas, heridas, dolores, pasiones, como el amor de la madre, que ama a tal sentido que te lleva en su espalda o su pecho, muy cerca de su corazón desde que naces, hasta que comienzas a caminar, o incluso hasta más tarde. Es en esas espaldas que se lleva vida, se llevan alimentos, se lleva a la *pachamama*, cerquita al pecho, como si fuera parte de nosotros.

Figura 23. Madres llevando cosas vitales en su pecho y/o espalda



Fuente: Joan Alfaro (izquierda), Alcides medina (derecha), 2019

6.2.5 Bio-cosmocentrismo, amor al universo.

Como no amar a la naturaleza, si ella representa nuestra madre (*pachamama*), nuestra hermana, nuestra familia más cercana, ¿Quién no ama a su madre?, después que te ofrece lo mejor de ella, sus mejores años, sus reservas de nutrientes, su tiempo, su amor, su dedicación, como no amar a un ser tan maravilloso, como el que nos pudieron dar de presente, la fuente más pura de amor, que te brinda sus mejores posesiones, sin interés alguno, solo que seas feliz y puedas seguir volando.

Figura 24. Coexistiendo con la naturaleza, en complicidad



Fuente: Joan Alfaro (artista plástico peruano), 2019.

Entonces, díganme como no va a ser posible, responder con amor, a tanto desprendimiento, dedicación; es imposible imaginar en la construcción del sujeto colectivo la no reciprocidad del amor recibido por nuestra madre tierra.

es fuente de vida para nosotros, por eso tenemos que amarlo y respetarlo (ALUMNO, 2018).

su pensamiento es mitológico, él te va a tratar de explicar algo que tu no crees de la naturaleza, como amar a la naturaleza, una persona andina no simplemente dice que ama, sino siente (ALUMNO, 2018)

quizá no necesitan de una escuela para que puedan formar personas, yo creo que amen a la naturaleza sería una manera de ayudar a que cuiden el medio ambiente (ALUMNO, 2018).

La relación sé que crea o que se puede crear con la madre tierra, es poderosa. Déjenme contarle un relato del libro de *Ideas para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak:

leí una historia que un investigador europeo quería entrevistar a una anciana de la aldea Hopi, cuando fue a encontrarla ella estaba parada cerca de una roca, el investigador quedó esperando hasta que preguntó porque ella no hablaba con él, y quien estaba cerca le dijo: ella está hablando con su hermana, ¿pero es una piedra?, preguntó y le respondieron ¿Cuál es el problema? (KRENAK, 2019, pg. 17).

Figura 25. Mi hermana, el ave.



Fuente: Joan Alfaro (artista plástico peruano), 2019.

Si pudiera contarles en este texto la cantidad de cuentos, que tenemos respecto a la relación, subjetiva para el occidental, porque no puede comprobarla, pero relación misma, una relación de verdad, sobre lo que la naturaleza nos habla, nos enseña, nos castiga, nos premia, nos ama. Y quiere decir, que estos mitos, no son solo parte del pasado, son nuestro presente y futuro, las montañas tienen nombres y ellos nos hablan, no siempre, y no con todos (MARIATEGUI, 1972). Pero es real, para nosotros, si hay vida en ellos, si hay pensamiento, si hay sentimientos, si hay saberes:

lo que ve, la naturaleza, es más, es una relación más que lo real, bien tenemos necesidades sí, pero si vas a utilizar algo, devuelvo al doble, triple, mas, mejora la naturaleza (ALUMNO, 2018)

en un lugar silencioso y cerrar los ojos, experimentas algo diferente, cierto. Los que no sienten eso, tu reconoces la relación íntima con la naturaleza (ALUMNO, 2018).

cojan de nuestras raíces, conocimiento andino, no digan que no son, porque si son, de nuestros antepasados, los incas, nunca olviden eso, y nunca tengan vergüenza de decir, si hombres aguerridos, que supieron cuidar, vivir en armonía con la naturaleza (ALUMNO, 2018).

Si tú te pones a pensar en la naturaleza, no piensas que es sagrado, pero la naturaleza si es sagrada (ALUMNO, 2018)

Porque hemos construido una concepción de humanidad que excluye a todos los otros seres, somos esa humanidad que no reconoce que los ríos están en coma, que es nuestra abuela, que las montañas, están siendo explotadas en algún lugar de África o América del Sur, y son transformadas en mercadería, que pueden ser nuestros hermanos, madre, abuelo, hijos (KRENAK, 2019), que también son seres que quiere seguir compartiendo vida en este nuestro hogar, que llamamos de tierra. Esta potencialidad de reconocer la existencia de otros seres, nuestros abuelos, abuelas, madre, hermanos, montañas, ríos, bosques; también constituyen en otras formas de conocer el mundo, de formar saberes, de hacer trabajar nuestra racionalidad, pero desde distintos puntos y tan diversos, como estrellas de las constelaciones, donde no se pone ningún tipo/sujeto/especie superior o hegemónica a otra.

(...) también que el aprendizaje puede ser un proceso de relación de la persona con el medio ambiente, por eso creo que el aprendizaje debería ser en el campo, porque si solo nos podemos hablar y hablar, no generaríamos la relación con el campo y no concientizarnos en el fondo.

Lo que se busca, quizá para ustedes difícil de imaginar, es enriquecer las subjetividades, como un horizonte prospectivo, no existencial, buscando esa libertad que nos va hacer capaces de imaginar otras formas de vivir, porque si podemos crear posibilidades, es solo dejar fluir nuestros afectos, para nunca perder la esperanza y deseo profundo de cambio radical de los jóvenes como visionarios, valientes y con piensan peligrosamente (GIROUX, 2017).

Figura 26. La complejidad de nuestra relación con *Pachamama*



Fuente: Joan Alfaro (artista plástico peruano), 2019.

Porque si la naturaleza está siendo afectada, quizá de una forma indefendible, vamos a resistir con la capacidad de guardar nuestra subjetividad, nuestras visiones, nuestras poéticas, nuestros cuentos, nuestras vivencias sobre nuestra existencia. Esa puede ser nuestra forma de resistencia, para después crear otras formas de vivir.

pero si se puede “pónganse la mano al pecho y digan caramba, cambiemos” (ALUMNOS, 2018)

ponerse la mano al pecho es una señal de tocar nuestro corazón, es necesario tocar nuestros corazones para poder cambiar, ya que solo el amor puede cambiar los sentimientos más oscuros de nuestra vida (ALUMNOS, 2018).

*Mi padre duerme. Su semblante augusto
figura un apacible corazón;
está ahora tan dulce...
si hay algo en él de amargo, seré yo.*

*Hay soledad en el hogar; se reza;
y no hay noticias de los hijos hoy.
Mi padre se despierta, ausculta
la huida a Egipto, el restañante adiós.*

*Está ahora tan cerca;
si hay algo en él de lejos, seré yo.
Y mi madre pasea allá en los huertos,
saboreando un sabor ya sin sabor.
Está ahora tan suave,
tan ala, tan salida, tan amor.*

Hay soledad en el hogar sin bulla,

*sin noticias, sin verde, sin niñez.
Y si hay algo quebrado en esta tarde,
y que baja y que cruje,
son dos viejos caminos blancos, curvos.
Por ellos va mi corazón a pie.*

Los pasos ajenos. César Vallejo

6.3 AUTO-REFLEXIÓN EN LA PROPUESTA

Si bien es cierto, las lecturas frankfurtianas, sobre teoría tradicional y crítica, la industria cultural han sido las que han despertado la crítica de los participantes:

alumnos manifiestan que hay razón en todo lo que es mencionado, pero que nunca se habían puesto a pensar al respecto (DOCENTE, 2018).

Estas lecturas se han hecho incomprensibles, en la mayoría de los casos, y los alumnos pedían explicación, y muchos se quejaban de porque tan difícil de entender, entonces, los alumnos me recordaron a los primeros contactos con literatura filosófica, y quizá no solo es el reclamo a la filosofía, sino a las ciencias en general de porque creemos que el lenguaje académico, tiene que ser muy complejo:

comprendo completamente su incomodidad, siempre me pregunté también, porque mientras más complejo hables, ¿te creerán más inteligente?, que cada vez se hace más imposible comunicarnos (DOCENTE, 2018)

La difícil tarea de los alumnos para acercarse a discusiones filosóficas, eran aún más dificultosas por la recarga de trabajos y actividades de las disciplinaa a las que asistían:

Sus palabras me hicieron repensar nuevamente en la recarga de tareas que cada docente asignaba a ellos, y no les dejamos tiempo, un verdadero tiempo libre, para pensar en que si lo que hacemos vale la pena o es necesario para nuestra sociedad. No dude de manifestarles que experimentaba los mismos sentimientos que mis alumnos sentían, porque también me sentía agobiada de mucha carga laboral como ellos con muchos trabajos en la universidad, y quizá olvido lo que vale la pena en esta vida, nuestra familia, nuestro círculo de amigos, actividades recreativas, o simplemente hacer nada (DOCENTE. 2018).

Definitivamente, las palabras de mis alumnos sobre la recarga de trabajos, me hizo sentir que éramos muchos los reprimidos, por infinidad de cosas que quizá, al final del día, no

dejaban al corazón emocionado, y muy por el contrario provocaba sufrimiento. Entonces decidimos hacer nada, ese día, nos lo tomamos como nuestro día libre.

nos despedimos dejando la reflexión de hacer lo que vale la pena hacer (DOCENTE. 2018).

El escuchar a mis alumnos y recordar mis propias experiencias, me dejaban pensando en las cuestiones del verdadero sentido de la universidad, y de lo que le da sentido a mi existencia.

Terminé con estas preguntas mi día ¿para dónde vamos como universidad? ¿Para dónde voy? ¿Hasta dónde soy capaz de revolucionar o modificar la propuesta formativa? Durante este tiempo seguiré pensando y quizá nunca pueda responderla, pero si quiero hacer algo al respecto (DOCENTE, 2018).

Y quizá estas preguntas; rondando siempre en mi cabeza, de para donde vamos y que le da sentido a nuestra existencia, se complementan con la urgencia de un verdadero tiempo libre, para cuidar de nosotros y al otro, para escuchar al otro, y poder construir en existencia que genera sentires y emociones que curen, pues, siempre me cuestioné sobre la verdadera importancia de mi parte de profesional de salud, ¿o podría decir, profesional de la enfermedad?

¿por qué cada vez más las personas se enferman?, ¿qué sucede en esta realidad que nos tiene dependientes de un sistema de salud? (DOCENTE, 2018)

Figura 27. Nuestros sueños, el espíritu y la cosmovisión andina.



Fuente: Joan Alfaro (artista plástico peruano), 2019.

7. CERRANDO EL CICLO

Esta investigación partió del auto-reconocimiento y de la valorización de la cultura a la que pertenezco, donde cada vez me siento más orgullosa del entorno y bagaje cultural en el que nací. Este reconocimiento hizo que rescatara mucho de lo que intentaba olvidar, desde mi lengua quechua hasta los principios que rigen nuestra relacionalidad con el universo, por tal motivo, las palabras claves de esta investigación, son palabras quechuas, que simbolizan la afectividad, no solo comprendida como alegría o amor, sino también heridas que sangran y que a través de nuestro dolor se encienden los corazones de quienes participaron de la propuesta formativa *packakutiy*. Se le suma, la grandiosa personalidad e ímpetu de lucha de mi asesora, Cristina Vermelho y Celso Sánchez, pues a ellos les debo haber iluminado nuestro camino.

La propuesta formativa, toma mucha fuerza en el Programa de Estudios Generales, pues el programa, tiene como misión proporcionar herramientas esenciales a los estudiantes para ejercer su ciudadanía y crítica al orden social desigual, considerando dimensiones más psicosociales y que podrían muy bien relacionarse con los principios andinos planteados en la propuesta epistemológica otra "*pachakutiy*" y la metodología otra "*ñuqanchick*". En busca de cumplir con la misión de identificar las tensiones entre dominación y posibilidades de renovación durante esta experiencia formativa universitaria en enfermería.

En la revisión que se emprendió sobre las investigaciones que buscaban generar o describir alguna experiencia de formación decolonial, se evidencian algunas tendencias al respecto. La primera, se refiere a la contextualización de las propuestas decoloniales, quiere decir, que las experiencias formativas decoloniales son apropiadas de acuerdo al contexto en el que se desenvuelven y con el objetivo de producir formas *otras* de educar, por tanto, podríamos decir, que las propuesta decoloniales pueden tener una diversidad sin fin, y que hace que estas propuestas no puedan ser ni sistematizadas o apropiadas por un sistema de dominación, pues las formas de su expresión son tan diversas, como los sueños de todos los que habitamos en el universo. La segunda tendencia indica que estas experiencias utilizan diversidad de metodologías, entre clásicas e innovadoras, creando un mundo *chi'xi* (una escala de grises) de posibilidades de generación de conocimiento *otro*, de este modo, se posibilita el deseo de romper con los cánones de la investigación y la ciencia. En la tercera

tendencia, se observa la apropiación de experiencias de lucha y resistencia, como vivencias de comunidades, formación en la familia, movimientos sociales, proyectos productivos, universidades y carreras atípicas a la lógica de dominación, con la finalidad de ejercer una perspectiva sentipensante (FALS BORDA, 2015), en los procesos formativos. La cuarta tendencia, se refiere al uso de estas propuestas formativas como lenguaje que aproxima o sirve de puente, para continuar tejiendo nuestros sueños y volver a ver a nuestra madre, cultura, sentires y lengua con amor, gracias al fluir del fuego de la sangre de nuestros pueblos originarios.

Con los resultados mostrados, es posible volver a las preguntas y objetivos que *sulearon* la presente investigación. Sin embargo, primero debemos de recalcar, que la investigación fue realizada en un contexto andino muy específico, con dos grupos de estudiantes, durante dos semestres académicos y fueron estudiadas las experiencias en la propuesta formativa decolonial. De este modo, buscamos comprender y discutir los resultados en las perspectivas de límites y posibilidades, para la inspiración de otras investigaciones.

En este sentido y con respecto al primero objetivo específico, durante el año de co-construcción de la propuesta formativa y desarrollo de la presente investigación, se produjo un grande volumen de datos, el conjunto de estos datos es materializado en 40 paginas, entre cuaderno de campo de los participantes, recolección de mitos andinos, grupo focal de dos horas de grabación aproximadamente, documentos administrativos del ejercicio de docencia, portal fotográfico de la experiencia decolonial. Esta grande cantidad de datos, se presentado no solo como un obstáculo, sino ofrece una ventaja de percepción de la riqueza del cotidiano de las propuestas formativas decoloniales. Si la grande cantidad de datos, representó en un momento un obstáculo, esto también ofreció una riqueza del cotidiano de perspectivas decoloniales. En este transcurso, también se evidencia que se presentaron constantemente tensiones entre la institucionalidad de la universidad, para cumplir ciertos estándares de acreditación y calidad, y las posibilidades decolonizadoras insertadas en lo profundo de nuestras acciones, palabras y sentires por ser parte de una cultura que se niega a desaparecer (MARIÁTEGUI, 2010). En este sentido, se observaron diversas demandas en el trascurso de la propuesta, como el uso de lecturas con videos, trabajo grupal, debates, salidas de campo, actividades manuales; y en la discusión de conceptos que surgían de las lecturas y experiencias en cada disciplina. En las dos disciplinas, se buscaba cumplir con los contenidos

programáticos insertado lecturas de perspectiva crítica, decolonial y andina, pautadas por temas de industria cultural, teoría crítica y tradicional, dialéctica de la ilustración, pensamiento crítico (ADORNO; HORKHEIMER, 1986), pensamiento andino, biodiversidad, medicina tradicional, mitos andinos, relacionalidad, empatía. En este sentido, fue central la defensa de la consideración de experiencias subjetivas de los participantes, como modos de construcción de autodescubrimiento, revalorización, empatía, renovación.

Con respecto al segundo objetivo específico, al inicio de la propuesta, en la primera disciplina de Introducción al Método experimental, los alumnos mencionaban el ideal de aprender nuevos conocimientos, sobre tecnología y ciencia, imaginaban una institución que les mostraría la innovación de sociedades desarrolladas que anhelábamos tener (MORALES ZÚÑIGA, 2014), por lo tanto, la mayor parte de estas aulas fueron exposiciones teóricas de los contenidos programáticos y conceptos de la lectura, posteriormente, estas exposiciones eran ejemplificadas por relatos de casos, vivencias por los propios participantes, y finalmente en la disciplina de educación ambiental, las aulas se caracterizaron por contar con mayor discusiones y dramatización de situaciones y sobretodo, experiencias extramurales, con la propia naturaleza por solicitud de los propios alumnos.

Con respecto al tercer objetivo específico, durante este año, algunos conceptos e incentivos para el auto-descubrimiento, re-valorización, como lo descrito por otras investigaciones (GUERRERO, 2015), (GAITAN, 2018), (JURADO, 2016) y pensamiento crítico fueron adecuándose y mimetizándose con los participantes, porque los tópicos y temáticas eran distantes a las discusiones cotidianas de los participantes, por tanto, se buscó utilizar todos los tipos de experiencias que no serían fácilmente abordados por palabras y por tanto, en el transcurso de la propuesta, podemos suponer que se buscaba provocar reflexiones o proporcionar experiencias descolonizadoras, generando interés y acompañamiento a las sesiones gradualmente. Estas respuestas de los participantes y las diferencias de mediación de la propuesta formativa, que iba tomando forma en base al transcurrir del tiempo, llevaron a la generación de diversos cuestionarios, por lo que se refuerza el considerar el papel activo de todos los participantes (alumnos, docente, orientadora), considerándose como otra oportunidad de apropiación de propuestas decoloniales formativas.

En este sentido y en relación al objetivo general de la investigación, de identificar las tensiones entre dominación y posibilidades de renovación durante la experiencia de formación *pachakutiy*, se evidenciaron estas tensiones en un constante fluir de posibilidades y resistencias de renovación, como lo identificado con una propuesta analizada en UNILA (DOS SANTOS, 2018). Desde la mediación en la planificación por el docente, que se dio principalmente por el contenido en las aulas, en el sentido de que las lecturas y experiencias decoloniales fueron insertadas, en general, como una ilustración o una exposición a los temas programados en el desarrollo curricular de cada disciplina, en este sentido, podemos suponer que los estudiantes se relacionaron con las diversas actividades decoloniales como si estas fueran materias que deberían ser estudiadas, a pesar de que estas experiencias tengan como objetivo principal la reflexión o proporcionar experiencias críticas decoloniales, esta obligatoriedad de estas propuestas decoloniales debido a su inserción en instituciones educativas, también son descrito en otras propuestas decoloniales como en la Universidad Pedagógica Nacional (GAITAN, 2018), en la Universidad de Antioquia (JURADO, 2016), en la Universidad Intercultural de Chiapas (NAVARRO-MARTINEZ, 2018). La mediación emprendida por los alumnos, constituyo en su mayor parte, de una previa sensibilización que desató la relevancia de estos tópicos, esto también se refleja en los contenidos seleccionados, y las respuestas a estos materiales fueron bastante cargadas de interés y acompañadas por expresiones de emoción, como lo descrito en otra investigación, por la generación de amor por nuestra cultura (NAVIA, 2019). Estos resultados refuerzan la necesidad de considerar el papel activo en la planificación de todos los sujetos involucrados en un proceso educativo, su potencial de dar vida a una propuesta y convertir una lucha a nuestra lucha.

En el papel administrativo como docente, se observa mayor resistencia a posibilidades de renovación, por las limitaciones burocráticas, la necesidad de cumplir estándares de acreditación, con formatos de planificación cronometrada de actividades en el aula, con rubricas y fichas diversas de evaluación constante, con reuniones de docentes para discutir el desenvolvimiento como universidad acreditada y licenciada, como lo describe en otra experiencia analizada en UNILA (DOS SANTOS, 2018). Pero no todo es tensión producida por posiciones dominantes, la designación de Directora del Programa de Estudios Generales, me dio la oportunidad de garantizar la flexibilidad de contenidos de las disciplinas de dicho programa y a mejorar la comunicación y relación interpersonal con otro personal administrativo, alumnos y docentes.

En el desenvolvimiento de las aulas, es posible decir que en el uso de material de postura crítica – decolonial, los alumnos defendían las exigencias de cambio, de este modo, se esperaba que los participantes asuman una postura crítica en relación a las temáticas y denuncias abordadas, y que posibilitaría una verdadera experiencia crítica-decolonial. Las discusiones que ocurrían después de abordar estos materiales, eran mediadas por el docente y tenía predominancia de participación en tiempo y frecuencia, en el sentido que el docente lanzaba preguntas y los estudiantes brevemente ponderaban y respondían, pero no discutían entre ellos. En algunos momentos, como docente, llegaba a decir la interpretación que debería ser hecha en dicho asunto, y en otros momentos, los alumnos manifestaban diversas conexiones que extrapolaban la aparente expectativa de respuestas. Estos datos ya indican la no linealidad de procesos comunicacionales y educativos, que discutía Freire, respecto a la urgencia de otros modos de educar (FREIRE, 1987). que la propuesta formativa, no buscaba generar.

Además, fuimos siempre cuestionados a pensar en ¿quiénes somos?, ¿que deseamos de corazón? Los alumnos parecían pensar que serán futuros profesionales con deberes de retribuir el apoyo, amor y necesidad de nuestras comunidades, la propuesta formativa, buscaba reforzar la identificación con nuestra cultura, el ver atrás con cariño; y que fue desarrollándose de forma más intensa, fuimos entregando poco a poco las emociones, donde los participantes íbamos conectándonos y relatando ejemplos de nuestras vivencias con las críticas de los materiales critico-decoloniales, haciéndonos más conscientes de nuestros actos y límites, teniendo espacio para cuestionar nuestra realidad sin necesidad de fijar una determinada postura.

La aproximación a la riqueza de conceptos filosóficos, juntamente con la estructura narrativa de sus textos, el lenguaje y otros recursos, parece haber resultado poco próximo a los participantes, porque eran conceptos fuera del universo léxico de nuestros participantes. Esta situación nos llevó a percibir que los textos filosóficos usados, no producían los sentidos que imaginábamos, pues, no podían ser reforzados por las propias experiencias de los alumnos. Pero, a pesar de estas dificultades terminológicas, los alumnos mostraban en gran parte una postura crítica frente a situaciones cotidianas, como la toma del

local, como la protesta, la crítica a las desigualdades a la producción de la papa y la invisibilización de nuestra cultura.

Así, los resultados de esta investigación están de acuerdo con los hallazgos de DOS SANTOS, que evidencia una constante tensión, pero también luz en el camino (2018), también debemos considerar el papel activo de todos los participantes, y que son potenciales puntos de apoyo a diversos caminos emancipadores, por lo que se considera a la Investigación, acción participativa (FALS BORDA, 1991), como una posibilidad descolonizadora del proceso de investigación y contribuyendo a la movilización de recursos, experiencias y otros discursos y que muestran que la comunicación entre los participantes no solo se restringe al ámbito del aula o a los conocimientos científicos, haciendo que los encuentros y desencuentros en la propuesta son tejidas por todos los participantes, como en las otras experiencias formativas decoloniales. Además, se evidencia alineamiento ideológico crítico (ADORNO, 1995) fue uno de los aspectos influyentes, pero no el único, pues también resultó movilizador el revivir de los mitos, con ética y estética *otra* andina, como lo creía nuestro marxista Mariátegui desde la sangre de sus escritos (MARIÁTEGUI, 1975). Los conceptos de Freire, de educación del oprimido y de educación libertadora, fueron útiles para poder comprender los modos de apropiación y orientación de como los participantes nos fuimos relacionando con la propuesta, de que algunas perspectivas podían producir los sentidos pretendidos, de cómo obras o experiencias convocaban a los espectadores a negociar nuestro posicionamiento en las relaciones producidas (FREIRE, 1987).

A pesar de no ser parte de nuestros objetivos, por la naturaleza compleja de los datos encontrados y analizados, que probablemente *ñuqanchick*, como metodología, no logre responder a los requerimientos de la ciencia, pues como ya dijimos, pretendíamos mostrar el proceso de implementación de una experiencia crítica-decolonial, tal vez hubiésemos caracterizado mejor estos datos si se hubiese pensando en instrumentos más específicos. En otros estudios tal vez, se pueda equilibrar mejor estos aspectos.

Por otro lado, es importante destacar que la relativa autonomía de los participantes en la producción de sentidos, contribuye a la riqueza de la propuesta formativa y a la capacidad de aproximarse a las demandas, que no siempre son atendidas por la estructura curricular y las aulas. Exactamente en los instantes en que los alumnos, ganan voz, ellos

expresan su necesidad de reivindicar conceptos, experiencias e historias que ellos creen que son necesarios, como modos de relacionarnos entre todos y todo. De alguna forma estas reflexiones pueden influenciar posturas críticas y denunciar la necesidad de recuperar los principios de la epistemología otra *pachakutiy*, provocando la armonía en las relaciones con nosotros y nuestro cosmos.

Además, consideramos la urgencia de repetir estas experiencias en diversos espacios formativos, otras disciplinas, otras universidades, debido a la gran necesidad de recuperar principios básicos para vivir en armonía, que deben ser tejidos en contextos específicos, pero que su singularidad no representa debilidad, pues como dice Walsh, “debemos ver por las grietas y no por toda la pared” (2009), mirando donde brota la vida, donde hay semillas y flores y que al tejerse todas las experiencias formativas decoloniales, con contenidos que tengan sentido, con temas locales, de lucha de movimientos sociales, con la resistencia de nuestros pueblos; habremos obtenido una lucha tan fuerte y difícil de romper, que nos lleve a soñar de procesos educativos *desde abajo y adentro*, osea, desde los invisibilizados y desde lo más profundo de nuestros corazones, para quebrar fronteras y binarismos.

Não podemos voltar aquele ritmo, ligar todos os carros, todas as maquinas ao mesmo tempo. Seria como se converter ao negacionismo, aceitar que a Terra é plana e seguir nos devorando. Aí, sim, teremos provado que a humanidade é uma mentira (KRENAK, 2020, p 14).

Tupananchikama turiy ñañay!!

(hasta que la vida nos vuelva a encontrar, hermanos y hermanas)



REFERENCIAS

- ADORNO, Theodor. *Educação após Auschwitz*. In: _____. Palavras e sinais. Trad., notas e glossário de maria helena Ruschel; supervisão de Álvaro Valls. Petropolis, RJ: Vozes, 1995a, p. 104–123.
- _____. *Acerca de la relación entre sociología y psicología*. In: _____. Teoría Crítica del sujeto. Buenos Aires, Ar: Ed. Siglo XXI, 1986. p. 36–83.
- _____. *Educação e emancipação*. Trad. W. Leo Maar, Sao Paulo; Ed. Paz e Terra. 1995b.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A Industria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas*. In: _____. Dialéctica do Esclarecimento. 2, ed. Trad. uido antonio de Almeida. Rio de Janeiro. J. Zahar, 1986, p.113-156.
- ALBÁN ACHINTE, Adolfo, *Pedagogías de la re-existencia*. Artistas indígenas y afrocolombianos. Arte y estética en la encrucijada decolonial, 2009. p. 443–468. *E-book*. Disponible en: <file:///C:/Users/User/Downloads/Pedagog%C3%ADas%20de%20Re.existencia%20A.%20Alban.pdf>
- AUGUSTO, Flavio. Sim, a escola está destruindo gerações e causando estragos profundos. 2017. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2786>.
- ARAVENA NUÑES. Pablo, *El problema de la conciencia histórica en José Carlos Mariátegui*. Universidad Academia de Humanismo Cristiano. Tiempo Histórico. 5, ed. Santiago de Chile. 2012, p 87-102.
- ARGÜELLO, Andres. *Pedagogía mixe: contribuciones para una filosofía (decolonial) de la educación desde las Américas*. Estudios pedagógicos (Valdivia). 2016. 42 (3). 429–447.
- AVILA, Silva. R. *Com a Flecha Engatilhada: RAP e Textualidades Indígenas Descolonizando as Aulas de Literatura – Saberes indígenas*. Universidade de Rio Grande do Sul. 2017.
- BARTRA Amado. Hacia un marxismo mundano. La clave está en los bordes, México, Ítaca. Universidad Autónoma de México, 2016, p. 124-125.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Revista Electronica de Educacao, Sao carlos, SP; UFSCar, v, 6, n° 1, p 383-387. 2009
- BERRIOS CAVIERES, Claudio. *El método marxista dentro de los siete ensayos de Mariátegui*. In: _____. 1928-2018 Ponencia del Simposio Internacional 7 Ensayos: 90 Años. GUARDIA, Sara (ed.) (comp.). 2019. p.163-176.
- BERNAL, Carlos; VILLA, Enoc. *La Evolución del Concepto de Competencia en la Teoría de la Conducta*. Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento, vol. 21, núm. 3, 2013, pp. 377-389
- BERGAMASCHI, María Aparecida. et al. *Karái Arandú na Bienal do Mercosul: educação guarani como possibilidade para uma estética decolonial*. Revista Brasileira de Estudos da Presença. Vol. 8, n° 4, 2018, pp. 719–749.
- CAICEDO, Maritza; VAN GAMEREN, Edwin. *Desempleo y salud mental en la población de origen hispano en Estados Unidos: un análisis epidemiológico*. Ciência & Saúde Coletiva, v.

21, n. 3. 2016, p. 955–966.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *La Hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. Bogotá: Universidad Javeriana, 2010. 2005

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. "Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico", en CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. (coords). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. 2007.

CHANG, Heewon. *Autoethnography in Health Research: Growing Pains?*. *Qualitative Health Research*. vol. 26, 2016, 443-451 pp.

CENTRO de culturas originarias kawsay, CCOK. *Metodología Propia, educación diferente*. Cochabamba, Editorial "Kipus". 2005.

CENTRO de estudios y documentación internacionales de Barcelona-CIDOB (org.). *Políticas del conocimiento y dinámicas interculturales Acciones, Innovaciones, Transformaciones*. CIDOB (ed.). Barcelona, España: Color Marfil, S.L. Barcelona, 2012. Disponible en: http://www.ub.edu/histofilosofia/gmayos_old/PDF/CIDOBpoliticConocDinamIntercultCast.pdf

CLUB de Roma (ed.). *Más allá del crecimiento: 30 años después*. In: _____. *Memoria de actividades*. Madrid. 2006. Disponible en: https://www.clubderoma-aragon.org/wp-content/uploads/2020/01/cecor_memoria_2006.pdf

DE PIETRI, Diana; MAYO, Patricia; CARCAGNO, Alejandro; TITTO, Ernesto. *Indicadores de accesibilidad geográfica a los centros de atención primaria para la gestión de inequidades*. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 34, p. 452–460, 2013. Disponible en: http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892013001200012

DIEZ DE MEDINA, Fernando. *Nayjama, Introducción a la mitología andina*. 2ª edición. Madrid, Editorial Paraninfo. 1974.

DOS SANTOS, Virginia. *Colonialidade do saber e a dinâmica universitária latino-americana: reflexões desde e com o eixo de Fundamentos de América Latina da UNILA*. Universidad Federal de Integración latinoamericana. 2018.

DUSSEL, Enrique. *Transmodernidad e interculturalidad. Interpretación desde la Filosofía de la Liberación*. México: UAM, 2005. Disponible en: <http://www.afyl.org/transmodernidadeinterculturalidad.pdf>

ESCOBAR, Arturo. *La Invención Del Tercer Mundo, Construcción y deconstrucción del desarrollo*. Fundación ed. Caracas, Venezuela. 2007.

ESTERMANN Josef. Instituto Superior Ecueménico Andino de Teología (ISEAT), La Paz, Bolivia. *Polis, Revista de la Universidad Bolivariana*, Volumen 11, Nº 33, 2012

_____. *Filosofía Andina: Sabiduría indígena para un mundo nuevo*, La Paz. 2006.

FALS BORDA, Orlando; MD. ANISUR. *Acción y conocimiento: Rompiendo el monopolio con la IAP*. Bogotá: Rahman. 1991

_____. *Antología una sociología sentipensante para America Latina*. (V. Moncayo) Buenos Aires: siglo ventiuono editores. 2015.

FANON, Franz. Los condenados de la Tierra, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica. (Primera edición en francés: FANON, Frantz (1961), Les damnés de la terre, Paris, Maspero.). 1974.

FLORES GALINDO, Alberto. La agonía de Mariátegui. la polémica con la Komintern. Lima: Centro de Estudios y Promoción del Desarrollo. DESCO, 1980.

FREIRE, Paulo. Pedagogía del Oprimido. México, Siglo XXI (primera edición en español de 1970), 36ª edición, 1987

_____. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. A importância do ato de ler. São Paulo: Autores Associados, 1982.

FOUCAULT, Michel. Un diálogo sobre el poder y otras conversaciones. Primera edición con nueva introducción. Alianza Editorial S. A Madrid, España. 2001.

GARCÍA LINERA, Álvaro. *La potencia plebeya: acción colectiva e identidades indígenas, obreras y populares en Bolivia*. Siglo XXI ed. Buenos Aires, 2015.

GAITÁN, Fabián. *Hacia una aproximación decolonial en la enseñanza de las Ciencias Sociales*. El rescate del saber Ancestral en la Institución Educativa Distrital Tibabuyes Universal. Universidad Pedagógica Nacional, 2018.

GERMANÁ, Cesar. El Socialismo indo-americano de José Carlos Mariátegui: proyecto de reconstrucción del sentido histórico de la sociedad peruana. In: _____. Ponencias del simposio internacional 7 ensayos 90 años: La configuración epistemológica de los 7 ensayos, Lima, Amauta, 1995, p. 248.

GUELMAN, Anahí; PALUMBO, María Mercedes. Prácticas pedagógicas descolonizadoras en experiencias productivas autogestionadas de movimientos sociales: el principio formativo del trabajo. Revista Interamericana de Educación de Adultos, vol. 37, 2015, pp. 47–64.

GUERRERO ARIAS, Patricio. *Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes*, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). Calle14: revista de investigación en el campo del arte [Internet]. 2010. 4 (5): 80-94. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=279021514007>

GUERRERO-DÁVILA, Guadalupe; MARAÑÓN-PIMENTEL, Boris; LÓPEZ-CÓRDOVA, Dania. Crítica al eurocentrismo y educación descolonial. La experiencia de cideci-unitierra en Chiapas, México. Rev. Fac. Educ. (Univ. do Estado de mato Grosso). Vol. 24, n° 2, 2015, pp. 17–42.

GIROUX, Henry. *Resisting the weaponization of ignorance in the age of Trump*. 2019a. Disponible en: <https://truthout.org/articles/resisting-the-weaponization-of-ignorance-in-the-age-of-trump/>.

GIROUX H. A. Lets shut down authoritarian machine. 2019b. Disponible en: <https://www.truthdig.com/articles/lets-shut-down-the-authoritarian-machine/>.

GONZÁLEZ HOLGUÍN, Diego. Vocabulario de la lengua general de todo el Perú Llamada Lengua quichua o del Inca. Lima, Perú: Universidad Nacional Mayor de San Marcos. 1989

GUARDIA, Sara. Presentación. In: _____. 1928-2018 Ponencias del Simposio Internacional 7 ensayos: 90 años. GUARDIA, Sara (comp) 2019. Disponible en: https://www.catedramariategui.com/Libro_7_Ensayos_90_a%C3%B1os.pdf

HIRANO, Sedi. *Política e economia como formas de dominação: o trabalho intelectual em Marx*. Tempo Social, v. 13, n. 2, p. 1–20, 2001.

JARA, Oscar. *Dilemas y desafíos de la sistematización de experiencias*. Seminario ASOCAM: Agricultura Sostenible Campesina de Montaña, p. 1–8, 2001.

JURADO, Juan Esteban. *Escuela colonial, aula rebelde: una experiencia pedagógica desde la decolonialidad*. [tesis graduacao] Universidad de Antioquia, 2016. Disponible en: http://ayura.udea.edu.co:8080/jspui/bitstream/123456789/2485/1/PB01069_juanestebanjurado.pdf

KRAINER, Anita. *Educación superior intercultural y diálogo de saberes: el caso de la Amawtay Wasi en Ecuador*. Revista de la Educación Superior. 2017. 46 (184). 55–76.

KAWULICH, Barbara. *La observación participante como método de recolección de datos*. Forum: Qualitative Social Research, v. 6, n. 2, p. 1–32, 2005. Disponible en: <file:///C:/Users/User/Downloads/466-1483-1-PB.pdf>

KRENAK, Ailton. *Ideas para adiar o fim do mundo*. 1º edición. Sao Paulo: Companhia das Letras. 2019

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está a venda*. 1º edición. Sao Paulo: Companhia das Letras. 2020.

KOHAN, Walter Omar. *Paulo Freire eo valor da igualdade em educação*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 45, 2019. Disponible en <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022019000100529&lng=en&nrm=iso>. acceso el 02 de agosto de 2020. Epub 08 de abril de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634201945201600>.

LANDER, Edgardo. *La ciencia neoliberal*. En A. E. Ceceña. *Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado* (pp. 45-94). Buenos Aires: CLACSO. 2006. Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/cece/Edgardo%20Lander.pdf>.

LAVÍN HERRERA, Sonia. *Manual de sistematización de experiencias ambientales*. Revista Mexicana de Investigación Educativa, v. 11, n. 2005, p. 1–23, 2000.

LEITE, Lucia; RAMALHO, Bárbara; MOREIRA Bruna; CARVALHO, Paulo. *A educação como prática de liberdade: uma perspectiva decolonial sobre a escola*. Educação em Revista, Belo Horizonte v. 35, n. 0, 27 maio 2019. Disponible en: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982019000100205&lng=en&nrm=iso

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Sobre la colonialidad del ser: Contribuciones al desarrollo de un concepto*”, en CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOQUEL, R. (eds.) *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre editores. p. 133–144, 2007.

MAMANI MACEDO, Mauro. *Representación del Pachakutiy en la poesía de César Guardia Mayorga*. Revista Letras. vol.88, nº127, 2017

MARCUSE Herbert. *The aesthetic dimension. Toward a critique of Marxist aesthetics*, Boston: Bacon Press, 1978.

_____. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Ideología y Política*. Lima, Perú. Biblioteca Amauta, 1975.

_____. *Mariátegui total*. Lima: Empresa Editora Amauta S.A. Viuda de Mariátegui e Hijos (ed.). 1994.

_____. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo, Expressão Popular, 2009.

_____. *Ideología, Política y otros escritos*. In: _____. *Mariátegui: Política revolucionaria contribución a la crítica socialista*. CARRASQUERO, Hector; ROMERO, Francisco; VIVAS, Yelberth (ed.) Tomo V. Caracas, Venezuela. Fundación editorial El perro y la rana. 2010. *e-book*. Disponible en: <http://www.cenal.gob.ve/wp-content/uploads/2015/11/Ideologia-politica.pdf>

MARX, Karl. *O capital*. Livro 2: O processo de circulação do capital. Trad. Reginaldo Sant'anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. 2008

MARX, Karl.; ENGELS, Frederich. *Manifiesto del Partido Comunista*. Centro de ed. México. 2011.

MAX-NEEF, Manfred. *El poder en la globalización*. (Facultad Nacional de Salud Pública, de la Universidad de Antioquia, Eds.). In: _____. *IV Congreso Internacional de Salud Pública: Globalización, estado y salud*. 2005, Colombia, *Anales* [...]. Colombia: Revista Futuros, 2005. Disponible en: https://www.max-neef.cl/descargas/Max_Neef-El_poder_de_la_globalizacion.pdf

MAZZEO, Miguel. *A 90 Años de Los Siete Ensayos de interpretación de la realidad peruana de José Carlos Mariátegui*. 2018. Disponible en: <https://rebellion.org/a-90-anos-de-los-siete-ensayos-de-interpretacion-de-la-realidad-peruana-de-jose-carlos-mariategui/>

MIGNOLO, Walter. "El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto", en CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon (coords.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. 2007

MILLA VILLENA, Carlos. *Génesis de la cultura andina*. Lima, Editorial Amaútica. 1992.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN, MINEDU. *Encuentro Nacional de niños y niñas, Tinkuy*. Perú. 2019. Disponible en <http://www.minedu.gob.pe/tinkuy/noticias7.php>

MONJE, Pablo. et al. *Percepción de cuidado humanizado de enfermería desde la perspectiva de usuarios hospitalizados*. *Ciencia y enfermería*, Concepción, v. 24, n° 5. 2018. Disponible en: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532018000100205&lng=es&nrm=iso

MIRANDA, Claudia; QUIÑONES, Fanny. *Pedagogias decoloniais e interculturalidade: Desafios para uma agenda educacional antirracista*. *Educacion en Foco*. Juiz de Fora. Vol. 21, n° 3, 2016, pp. 545-572.

MORALES ZÚÑIGA, Luis. *El pensamiento crítico en la teoría educativa contemporánea*. *Revista Electrónica "Actualidades Investigativas en Educación"* [Internet], v. 14, n. 2, p. 1–23, 2014. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=44731371022>

MOTA, Laura. *La colonialidad del saber en la enseñanza de políticas públicas en instituciones de educación superior en México*. 2016.

NAVARRO -MARTINEZ. Ivan. *Perspectivas y alcances de la vinculación comunitaria*. El

caso de la Universidad Intercultural de Chiapas, Unidad Oxchuc. *Liminar. Estudios Sociales y Humanísticos*, vol. 16, n° 1, 2018. pp. 88.

NAVIA, Cecilia. et al. Estudiantes universitarios indígenas y procesos formativos. *Sinéctica*. 2019, pp.52.

PALUMBO, María Mercedes. Educación en movimientos populares rurales: un estado del arte. *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, vol. 18, n° 26, 2016, pp. 219.

QUILAQUEO, Daniel; QUINTRIQUEO, Segundo; TORRES, Hector. Epistemic characteristics of mapuche educational methods. *Revista Electronica de Investigacion Educativa*. Vol. 18, n° 1, 2016, pp. 153–165.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino- americanas*, p. 227–278, 2005.

_____. Prólogo, In: _____. *Textos básicos. MARIÁTEGUI José Carlos*. México, FCE, 1991.

_____. El marxismo de Mariátegui. In: _____. *El marxismo de José Carlos Mariátegui. SOBREVILLA ALCÁZAR, David*. Lima, Empresa Editora Amauta, 1995.

RAMOS, Elen; KATTAH, Junia; MIRANDA, Ludmila; RANDOW, Raquel; ALMEIDA, Vanessa.. Humanization on Primary Health Care. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 28, n. 10, 2018.

RETONDAR, Anderson. A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 1, 2008, p. 137–160. Disponible en: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922008000100006&lng=en&nrm=iso

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa: Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. *E-book*.

RUBO, Deni Alfaro. Nosso irmão mais velho: Florestan, leitor de Mariátegui. *Lua Nova*, n 99, 2016, pp 79-105.

RODRÍGUEZ VARGAS, Eli. La ecología de saberes en la sistematización de experiencias educativas como una apuesta pedagógica decolonial. *Intersticios de la Política y la Cultura. Intervenciones Latinoamericanas*, vol. 6, n° 11, 2014, pp. 95-118.

SANTOS, Boaventura, *Decolonizar el saber, reinventar el poder*. Ediciones ed. Montevideo, Uruguay. v. 44. 2010. Disponible en: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Descolonizar%20el%20saber_final%20-%20C3%B3pia.pdf

SANTOS Boaventura. Epistemologias do Sul. *Revista Internacional de Filosofia Iberoamericana y Teoría Social*. Venezuela. 2010b. Disponible en: https://www.terceridad.net/STR/semestre_2017-1/EpistemologiasDelSur_Utopia%20y%20Praxis%20Latinoamericana_2011.pdf

SANTOS ALVES, Silvio. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, v. 24, n. 1, p. 214–241, 2017. Disponible en: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972>

SILVA, Moises. O trabalho escravo contemporâneo: conceito e enfrentamento à luz do

trabalho jurídico e pastoral do Frei Henri Burin Des Roziars. **Estudos Históricos, Rio de Janeiro**, v. 32, n. 66, 2019, p. 329–346. Disponible en: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862019000100329&lng=en&nrm=iso

SINIGUI Sabine; et al. Experiencia licenciatura en pedagogía de la madre tierra. Colombia. 2016.

SOSA FUENTES. Samuel. Crisis civilizatoria y la construcción descolonizadora del saber desde el “mandar obedeciendo”: la actualidad de Mariátegui. Utopía y Praxis Latinoamericana. vol. 22, n° 77, 2017. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27952380009>

STOPA, Sheila; et al. Use of and access to health services in Brazil, 2013 National Health Survey. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, n°1, 2017. Disponible en: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102017000200308&lng=es&nrm=iso

TUBINO, Fidel. Las prácticas discursivas sobre la interculturalidad en el Perú de hoy. Propuesta de lineamientos para su tratamiento. [Consultoría]. p. 125, 2005. Disponible en: <https://centroderecursos.cultura.pe/sites/default/files/rb/pdf/Las%20practicassobre%20la%20interculturalidad%20en%20el%20Peru%20de%20hoy.pdf>

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

VILLAMIL DE RADA, Emeterio. La Lengua de Adán y el Hombre de Tiahuanaco. La Paz, Imprenta de La Razón. 1888

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: in-sugir, re-existir y revivir” en Patricia Medina Melgarejo (ed.) Educación intercultural en América Latina: Memorias, horizontes históricos y disyuntivas políticas, UPN, CONACYT, P y V. 2009.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. Construyendo interculturalidad crítica, p. 75–96, 2010.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad y (de)colonialidad*. Perspectivas Críticas y políticas. Visao Global, Joacaba, vol. 15, n 1-2, 2012.pp. 61-74.

ZENTENO BRUN, Hugo. Acercamiento a la visión cósmica del mundo Andino. Punto Cero, Cochabamba, v. 14, n. 18, p. 83-89, 2009. Disponible en http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1815-02762009000100010&lng=es&nrm=iso.

APÉNDICES

APENDICE 1 – PRUEBA DE ENTRADA

I. ¿CUÁLES SON TUS EXPECTATIVAS CON EL CURSO?

1. Llegar a la verdad de las cosas planteadas por medio de la investigación.
2. Aprender acerca del método científico, poder desarrollar la capacidad crítica.
3. Que va a ser divertido, dinámico, aprender demasiado sobre esta realidad.
4. Aprender más, conocer.
5. Aprender a indagar e investigar temas de mi agrado y conforme a mi carrera.
6. Que este curso será muy divertido y terminaré aprendiendo mucho con la ayuda de la docente.
7. El curso es muy interesante ya que aprenderemos sobre el método experimental y así poder realizar un buen trabajo sobre alguna investigación.
8. Que es muy interesante y nos ayudará a ver las cosas de otra manera.
9. Demostrar las diferentes leyes científicas y probar y someter a validez dichas leyes.
10. aprender y adquirir el conocimiento necesario.
11. Aprender más del maravilloso camino de la experimentación e investigación.
12. Tengo una expectativa de adquirir nuevos conocimientos, nuevas ideas del curso, es aplicar los conocimientos adquiridos en la materia de multimedia de la carrera y desarrollo de una aplicación.
13. Es aprender investigar, dialogar los temas que se realiza.
14. Realizar la investigación científica en el área que sea de mi agrado.
15. Son las ganas de aprender más del campo científico.
16. Que me brinde conceptos que no se, que las clases sean interactivas.
17. El poder descubrir y conocer nuevas cosas, y de ahí quizá incluso poder crear algo nuevo que ayude a los demás.
18. Dar y enseñar lo que conozco y aprender de otros.
19. Son de aprendizaje, conocimientos y dinámicas.
20. Son muy buenas porque nos va a permitir saber de investigación.
21. Aprender las de lo que ya se, ver más allá de mis conocimientos ya aprendidos.
22. Espero que sea una clase dinámica, y que todos los alumnos seamos responsables, puntuales y que desarrollemos nuevas habilidades.
23. Poder ampliar mi conocimiento de forma experimental
24. Aprender y aplicarlo mucho en la práctica.
25. Aprender cada día más todos los conocimientos e investigar de acuerdo a lo aprendido.

26. Aprender los diferentes temas al respecto a lo experimental que nos servirán para un futuro próximo y cuanto a ello nos muestre la ciencia para ampliar nuestro conocimiento.
27. Mis expectativas son ir a laboratorios y saber cómo son y hacer experimentos.
28. Me gusta conocer más del curso, saber.
29. Aprender más.
30. Aprender sobre el porqué de todas las cosas y saber cómo podemos mejorar el producto de algo, saber cómo se origina.
31. Ampliar mi conocimiento, sobre la introducción al método experimental.
32. Son que algunos cursos domino más que otros, por ejemplo, los cursos de letras me gustan, pero para el futuro mejorare.
33. Son que el curso es importante en la especialidad desde ya desconozco un poco.
34. Tengo una visión a futuro en el que desarrollo capacidades relacionadas a la investigación, porque es muy importante investigar y conocer los problemas de nuestro entorno.
35. Trabajo en equipo, compañerismo, igualdad en la hora de estudio asimismo con el trabajo, familiarizarnos y llegar a una conclusión de tema.
36. Me parece muy interesante aprender o bueno contribuir con el conocimiento que tengo.
37. Es una carrera humanista de principios y valores.
38. Aprender mucho del curso.
39. Aprender a hacer investigaciones sencillas y aplicar el método científico en lo que haga.
40. Indagar el tema y recibir conocimientos referentes al tema.
41. Que él sea bien avanzado, sueño de cumplir o realizar un propósito.
42. Es una buena de conocer minuciosamente sobre algunos temas y poder experimentarlo adecuadamente.
43. Aprender sobre cómo hacer un buen trabajo mediante los métodos, procesos e incógnitas que van surgiendo.
44. Aprender a llevar los conocimientos del método científico a la experimentación del campo de enfermería.
45. Es generalmente extraordinario y me gusta mucho
46. Tener un concepto claro de que es la investigación y sus pasos.
47. Investigar socialmente con mis compañeros.
48. Es experimentar saber más del curso.
49. Mis expectativas son a resolver algunas dudas que tengo que aprender cosas que no sé.
50. Aprender experimentos, descubrir nuevas cosas.

II. ¿QUÉ ES CIENCIA?

1. Un saber que adquirimos a través de la lógica
2. Camino por el cual podemos llegar a diferentes descubrimientos.

3. Investigar y llegar a un conocimiento.
4. Es todo lo que nos rodea, conocer hacer un experimento, etc.
5. Es el desarrollo tecnológico, se desarrolla a través del método científico, es preciso y sigue pasos ordenados y se desarrolla ampliamente en muchos campos.
6. Es todo aquello que se pueda demostrar y tiene un método de estudio que nos lleva a la verdad.
7. Es realizar experimentos
8. Es el desarrollo de toda la materia (viva, inerte) también el estudio de la profundización de un tema.
9. Conjunto de conocimientos adquiridos a lo largo del tiempo para beneficio humano y ambiental.
10. Es la investigación respecto a una duda respecto a un tema.
11. Es una investigación para un ámbito específico, ejemplo ciencias sociales, investigación sobre la historia humana.
12. Es un conjunto de conocimientos objetivos verificables sobre una materia determinada que son obtenidos mediante la observación y la experimentación.
13. La ciencia es un estudio.
14. Es el avance realizado en las diferentes áreas académicas estudiando e investigando.
15. Es un estudio que consiste en analizar él porque de las cosas naturaleza, etc.
16. Ciencia es un tipo de investigación.
17. Es el campo de estudio de todas las cosas, organizada y sistemáticamente.
18. Término que describe las características, formas, etc, de algo.
19. Es el estudio de diversos conceptos ideas y hechos que ocurren en el mundo.
20. Es algo que está comprobado científicamente.
21. Ciencia es tratar sobre un tema, son conocimientos.
22. Ciencia es lo que nosotros tenemos que descubrir a través de investigaciones y experimentos, para poder llegar a una conclusión.
23. Conjunto de conocimientos objetivos sobre una materia determinada.
24. Es todo lo que pasa en nuestro entorno, algo experimental que hace el humano.
25. Es todo lo investigado puesto en práctica por los científicos (es concreto)
26. Es todo aquello que tiene un objeto de estudio.
27. Es todo aquello que está en la naturaleza.
28. Estudia a todos los seres vivos, animales, plantas.
29. Es un método científico.
30. Es un método de investigación para comprobar la verdad a la falsedad de las cosas.
31. Es el estudio que se realiza a las múltiples interrogantes que nos aquejan donde se realiza una serie de procedimientos.
32. Son los conocimientos, experiencias, capacidades que toda persona.
33. Es algo comprobado científicamente.
34. Es aquello que sigue las pautas del método científico y se comprueba por medio de experimentos.
35. Viene a ser un trabajo de investigación en el cual derivan ciencias como: ciencias auxiliares, biológicas, etc. Hasta poder llegar con determinado proceso.

36. Es el estudio específico de una cosa.
37. Es una disciplina que estudia diferentes aspectos de las disciplinas como la: zoología, mastozoología, etc.
38. La ciencia es la naturaleza, es todo aquello que nos rodeó.
39. Es un conjunto de conocimientos debidamente ordenados y sistematizados.
40. Ciencia es una rama que estudia la experimentación sobre un tema y a dar una conclusión.
41. Las ciencias son conocimientos expectativos de una materia, la ciencia es el arte, costumbre, de la vida, origen de la vida.
42. Ciencia es el estudio adecuado que se hace alguna determinada materia en cuanto a lo teórico y práctico.
43. Conjunto de conocimientos sistematizados, organizados mediante el cual se puede llegar a obtener una nueva respuesta a los integrantes del mundo.
44. La ciencia es una disciplina en la que se resuelve los problemas cotidianos o específicos mediante una serie de pasos para llegar a una conclusión comprobada.
45. La ciencia es generalmente para todas las personas, saber que palpar de los espacios y de la naturaleza.
46. Todo se puede probar y tiene fundamento.
47. Ciencia es algo que estudia algunos fenómenos naturales, sociales y artificiales.
48. La ciencia es todo aquello que se puede experimentar.
49. Hacemos preguntas, investigas y sabes que es, hacer investigaciones.
50. Es un conjunto de conocimientos sistematizados.

APÉNDICE 2 – PLAN DE ESTUDIOS PROGRAMA ESTUDIOS GENERALES

VIII. PLAN DE ESTUDIOS

El Programa de Estudios Generales, está constituido por dos ciclos académicos. El I Ciclo está constituida de 12 horas teóricas, 14 horas de horas en práctica, ambas hacen un total de 26 horas semanales y un total de 22 créditos para el ciclo respectivo.

Asimismo, el II Ciclo está constituida de 8 horas teóricas, 12 horas de práctica, ambas hacen un total de 20 horas semanales y un total de 14. Sin embargo quedan para incorporar dos asignaturas del área de formación formativa, los cuales deben ser incorporados en cada una de las escuelas profesionales de acuerdo a su área formativa. Las horas teóricas y las horas de práctica deben ser de 2 horas cada uno, haciendo un total de 4 horas y el número de créditos debe ser de 3 para cada asignatura.

I CICLO

CÓDIGO	ASIGNATURAS	HORAS			CRÉDITOS	REQUISITOS
		HT	HP	TH		
AFC-101-16	Lenguaje I	2	2	4	3	Ninguno
AFC-102-16	Matemática	2	2	4	3	Ninguno
AFC-103-16	Introducción a la Filosofía	2	2	4	3	Ninguno
AFC-104-16	Psicología general	2	2	4	3	Ninguno
AFT-105-16	Tecnología de la Información y Comunicación	2	2	4	3	Ninguno
AFI-106-16	Introducción al método experimental	2	4	6	4	Ninguno
AFM-107-16	Ética y liderazgo	2	2	4	3	Ninguno
	Total	12	14	26	22	

II CICLO

CÓDIGO	ASIGNATURAS	HORAS			CRÉDITOS	REQUISITOS
		HT	HP	TH		
AFC-201-16	Lenguaje II	2	2	4	3	AFC-101-16
AFC-202-16	Historia, Realidad Nacional y Derechos Humanos	2	2	4	3	Ninguno
AFC-203-16	Educación Ambiental	2	2	4	3	Ninguno
AFI-204-16	Metodología de trabajo universitario	2	2	4	3	Ninguno
AFA-205-16	Taller de arte y deporte	0	4	4	2	Ninguno
	Formativa	0	0	0		Ninguno
	Formativa	0	0	0		Ninguno
	Total	8	12	20	14	

APENDICE 3 – PROYECTOS DE MEDICINA EXPERIMENTAL

ALUMNOS	PROYECTO DE MEDICINA ALTERNATIVA	
	OBJETIVO DE PROYECTO	CONCLUSIONES
2	es poder realizar un medicamento a base de plantas medicinales que podemos encontrarlo fácilmente y tengamos en cantidad como es el eucalipto y en el caso del kion, naranja, miel y aceite de coco lo podemos encontrar en cualquier mercado y a bajo costo.	que el eucalipto además de que nos puede ayudar con el alivio de los resfriados, también nos puede ayudar a desinfectar heridas y podemos utilizarlo como enjuague bucal.
3	Nuestro objetivo era poder realizar un medicamento a base de plantas medicinales que estén a nuestro alcance como es el eucalipto y en el caso de la naranja, kion y miel se puede adquirir fácilmente. Otro de nuestros objetivos fue mostrar las propiedades que tiene el eucalipto.	El eucalipto no solo nos ayuda con el resfriado también nos ayuda a desinfectar heridas ya que tiene muchas propiedades. hay medicamentos caseros que te pueden ayudar mejor que un medicamento.
4	La piedra alumbre se saca de los socabones la piedra alumbre es cristalino salado	Fue un poco complicado ya que las señoras que hacían ese remedio para el susto no nos quería dar información luego una señora muy amable nos dio información de los remedios
5	El objetivo de mi artículo era dar a conocer las distintas formas de curar o sacar el susto de las personas como el jubeo de huevo, el jubeo de la piedra alumbre y el remojo de flores.	al realizar nuestra encuesta fue complicado porque las personas que sabían sobre EL SUSTO no querían brindarnos la información, pero al final hubo una señora que si nos brindó la información necesaria. El jubeo de huevo es muy bueno y recomendable para aquellas personas que sufren del susto. También nos mencionaron que habían distintas formas de sacar el susto de una persona que no solo era el jubeo de huevo, la piedra alumbre ,etc. una de ellas era aplicar las hojas de distintas flores al medio día en forma de cruz sobre una manta y envolver a la persona sobre eso durante 15 minutos.
6	el objetivo de mi artículo fue dar a conocer las maneras caseras de curar el susto con ingredientes sumamente cómodos al bolsillo.	llegamos a la conclusión de que los remedios caseros funcionan de manera efectiva ya que pudimos comprobarlo con personas que lo habían utilizado antes el remedio de flores es efectivo ya que alivia muchos síntomas como el susto la pena, el estrés, etc. de igual manera con la pasada de huevo y de la piedra alumbre.
7	revalorizar la medicina tradicional ancestral peruana	el jubeo con su es método alternativo y muy eficaz para curar males que la ciencia moderna no puede explicar hoy en día reemplaza la radiografía y que

		puede realizarse en cualquier lugar
8	BENEFICIOS DEL KION Y LA SABILA	sobre la conclusión que dimos de nuestro grupo que damos a conocer los beneficios del KION Y LA SABILA. Bueno, en conclusión, sobre el tema del KION Y SABILA podríamos decir que: * mejora la circulación sanguínea, * Mejora la digestión, * Es anticancerígeno, * proviene la gripe y resfriados, * Humecta y suaviza la piel. * Para tipos de quemaduras. Este tubérculo tiene propiedades para poder mantener y una buena salud.
9	Se emplea para mejorar la imagen externa y reforzar la confianza cuando una persona conversa con los demás y así para yo estar en recelos por el color de diente ni las formas. Buscar un motivo por el que sonreír es algo bonito para sentirnos más seguros y mejor con nosotros mismos, contentos de sonreír y de disfrutar más de mucho.	El blanqueamiento en casa ha demostrado ser un tratamiento seguro y que produce un cambio significativo en la percepción del color, entre sus ventajas se encuentra: ser una técnica que para el odontología es de menor costo y requiere menos tiempo en el sillón dental en comparación con el blanqueamiento en oficina
10	la sábila cultura del aloe vera, es decir, difundir los beneficios y usos de esta planta que pueden ayudar a mejorar la calidad de vida de las personas:	El cultivo de sábila se proyecta como una de las mejores y más eficientes agroindustrias de producción y comercialización de sus derivados en el mercado Local, Regional y Nacional. Entre las enfermedades más comunes, del sistema digestivo, que pueden padecer las personas están, la gastritis, la úlcera péptica, el estreñimiento, etc. Esto nos ayuda con el fin de que en el futuro se logren fuentes del trabajo y además inversiones que ayuden también el desarrollo económico ...
11	el objetivo de mi artículo es resaltar los beneficios de la medicina andina, en malestares de una persona que la medicina occidental no puede diagnosticar tampoco curarlas.	difundir y dar a conocer sus propiedades curativas de la medicina andina y que no se pierdan los conocimientos de las personas que la ponen en práctica más bien expandirlas y que las generaciones futuras las conozcan como fuente de curación ya que la medicina occidental no puede diagnosticar ni curar.
12	El objetivo de mi Artículo fue dar a conocer una nueva solución para la tos, dejando de lado los fármacos, utilizando medicina casera o ancestral, que generalmente se basa en hierbas e insumos naturales que tengan las propiedades de expectorantes y limpieza de sistema como: el eucalipto, el kión, etc.	El experimento resulto de vital importancia, debido a que sus efectos de cada ingrediente mezclado nos dieron un remedio muy favorable para expectorar y fortalecer al sistema inmune, el remedio se debe tomar de dos a tres días para que el resultado sea muy satisfactorio. •Comparando con fármacos el remedio es mucho más económico y seguro ya que no trae efectos secundarios y lo puede tomar todas las personas de cualquier edad desde los dos años preferentemente ya que el estómago ya está más desarrollado y puede asimilar la bebida.

13	Resaltar los beneficios de la medicina alternativa andina en algunos malestares en las personas ya que la medicina occidental no los puede diagnosticar.	Difundir a la población para optar por la Medicina Alternativa Andina que es también una fuente de curación con excelentes resultados, ya que la medicina occidental no puede curar ni diagnosticar algunas enfermedades. También dar a conocer sus propiedades curativas de estas medicinas andinas y no se pierdan los conocimientos de las personas que la realizan más bien que se expandan y las generaciones futuras las conozcan.
14	Realizar un medicamento a base de plantas medicinales que son fáciles de adquirir y en su medio natural como el eucalipto en la región de Huancavelica y la naranja, la miel, el aceite de coco, el kion que son muy baratos y lo podemos encontrar en el mercado y casi siempre hay uno en nuestras cocina, de tal forma que lo puedas preparar el medicamento cuantas veces quieras y rápidamente.	El eucalipto solo nos ayuda a curar los resfriados o malestares de la toz sino también tiene otros beneficios como desinfectar heridas o como enjuagues bucales. Además es fácil de conseguir los ingredientes del preparado y la pomada de tal modo que lo puedas hacer con pasos sencillos en tu casa o donde tú quieras.
15	es que la la mayoría de las personas tengan dientes blancos y sanos. así para poder disfrutar de sus alimentos y poder	El blanqueamiento dental resulta en la mayoría de las personas ya que cada uno de los ingredientes del experimento contienen nutrientes favorables y beneficiosas para nuestro cuerpo. El blanqueamiento en casa ha demostrado ser un tratamiento seguro y que produce un cambio significativo en la percepción del color, entre sus ventajas se encuentra: ser una técnica que para el odontólogo es de menor costo y requiere menos tiempo en el sillón dental en comparación con el blanqueamiento en oficina. La medición instrumental del color podría ser preferida por sobre la determinación visual de color porque los experimentos que se realizan son objetivas, reproducibles y más rápidas.
16	saber qué tipo de sangre tengo y de acuerdo a eso que carácter tengo y que tipo de persona soy	la conclusión sería que el niño desarrolla todos sus sentidos y descubre sus habilidades para así tener un buen crecimiento
17	el objetivo de mi artículo era llevar esta la recopilaciones de ideas o propiedades curativas a las personas andinas o personas que viven alejados de los centros de salud, que a ellos se les hace difícil llegar a una ciudad.	La conclusión era dar a conocer a todos los estudiantes.
18	expandir el conocimiento acerca de los beneficios curativos que tiene la piel de culebra	El remedio casero natural a base de piel de culebra contribuyó al mejoramiento de muchos usuarios que tuvieron fracturas, dolores de cabeza por recalco, y tos; más que nada sufren del dolor de cabeza las personas que son del campo por levantar peso en exceso y por la mala alimentación. Las investigaciones sobre la piel de culebra contribuyeron efectivamente a los usuarios, los que se aplicaron el remedio natural nos dan resultados positivos,

		estos pueden ser utilizados por toda la población huancavelicana y otras regiones, países, etc. Esperamos que este conocimiento sobre la piel de culebra se expanda y ayude a los que necesiten ya que es muy eficaz.
19	saber más sobre la hoja de coca su beneficios y en que nos puede ayudar en la vida diaria	que la hoja de coca es buena en la vida diaria ya que en algunas páginas de investigación encontramos que la hoja de coca lo utilizaban los incas para la anestesia para que al chacchar sus dientes no se picaban fácilmente
20	1.Buscar información de las plantas medicinales. 2.comprender y conocer la elaboración de la miel. 3.Identificar los genotipos de la mashua negra que presenten mayor contenido de compuestos bioactivos y mayor capacidad antioxidante.	1.La conclusión de mi artículo sería que todos consumimos las plantas medicinales naturales así para curarnos, tratarnos Y protegernos de las diferentes enfermedades que hay en el mundo. 2.El proceso de la comercializan en este caso de la miel de abeja interviene una gran cantidad de factores de los cuales dependen de la fabricación, producción y distribución de la miel. 3La mashua negra es muy beneficioso para la sociedad porque colaboran con una alimentación nutritiva.
21	para poder ayudar a los niños	es una gran herramienta que se puede utilizar para estimular y fomentar el desarrollo físico de los niños
22	el objetivo de mi grupo fue aprender cómo es la elaboración del chuño y que beneficios presenta ya que es importante para saber que valores nutritivos presenta para el consumo humano. Presenta las proteínas como hierro y calcio	es importante para saber que valores nutritivos presenta para el consumo humano. Presenta las proteínas como hierro y calcio
23	con nuestro tema o nuestra investigación el objetivo del grupo fue que no se perdieran las tradiciones o costumbre de la (medicina andina) ya que es muy útil para los centros alejados del nuestra región	bueno para empezar mi grupo hicimos de la curaciones nativas o andinas de nuestra región y llegamos a la conclusión de que son muy importantes y no debemos olvidarnos de ellos ya que son remedios caseros que nos pueden servir ya que en zonas alejadas no hay postas ni centros de salud por eso es bueno saber estos conocimientos andinos que son útiles para nosotros.
24	Tiene como objetivo difundir de manera clara y precisa, los resultados de una investigación realizada sobre un trabajo o investigación realizada, y esta se da mediante los procesos realizados para poder llegar a esa conclusión.	bueno en conclusión la hoja de coca es una de las plantas nativos, de las cuales se pueden extraer una gran diversidad beneficios medicinales ya esta es utilizada contra: la osteoporosis, reumatismo, artritis, artrosis, etc. La aplicación de la hoja de coca en nuestra región lo es esencialmente el ámbito laboral agrícola, ya que los campesinos al momento de trabajar lo mastican para poder así obtener mayor fuerza y vigor, así como la debilitación rápida ya este al poseer sustancias adormecedoras el cuerpo deja de tener una mayor sensibilidad ,actualmente también se busca la legalización de esta planta debido a que la síntesis de esta produce sustancias buenas para combatir el Alzheimer así como problemas de memoria. por ende la utilización

		de esta planta tendría un impacto positivo en nosotros ya que contiene múltiples beneficios siempre en cuando lo aseamos de manera responsable y adecuada ,porque el mal uso de esta también genera enfermedades crónicas y fatales.
25	plantas medicinales, con el fin de mejorar a los pacientes y prevenir las enfermedades y como enfermera debemos de dar charlas a las persona sobre las plantas medicinales ya q son mucho mejor que las medicinas y son saludables para la salud .y así prevenimos algunas enfermedades q se presenta en nuestra vida por ejemplo la miel es uno más conocido para el mejoramiento de la tos ,gripe, resfrío .ya q es más cómodo que un antitético para nosotros; la trashuma negra: es uno de los más común que se encuentra en nuestra tierra y es bueno la ulceras riñón y es uno de los tubérculos conocido como ya q personas q lo han consumido se sanaron y previnieron algunas enfermedad.	Con la medicina natural se pueden tratar todo tipo de enfermedades, ya que se encuentran aquí en ciudad y son cómodos para poder conseguir y naturales para poder curarnos de algunas enfermedades como enfermeros debemos saber sobre todo esto ya que son naturales y lo tenemos aquí en nuestra región y valorar por ejemplo estas plantas medicinales son mejor que un antibiótico ya q nuestros antepasados solo se curaban con hierbas medicinales y su salud era mucho mejor que hoy y eras fuertes y no sufrían de ninguna enfermedad
26	Un objetivo de mi artículo seria conocer un poco más de la elaboración del chuño sus características y beneficios el chuño es muy bueno para nuestra salud ya que contiene mucho calcio y hierro.	Por su parte, el chuño negro, o simplemente chuño, es aquel que se obtiene directamente de la congelación, pisado y re-congelado. No se somete el producto al agua; concluida la congelación y el pisado se seca al sol, para así convertirse el tubérculo congelado en chuño. Ciertas sustancias presentes en el mismo, en contacto con el aire, se oxidan dándole un característico color que va desde el marrón oscuro hasta el negro. El chuno o chuño es muy bueno para nuestra salud ya que tiene diversas proteínas y calcio recomendable para todos
27	El objetivo del artículo es dar a conocer las propiedades curativas de la penca de la tuna, de la utilización de la lagartija en el tratamiento del hueso fracturado, y de las gotas de zanahoria y uso para la re sequedad del ojo.	Se concluye en artículo, que la medicina natural andina seguirá practicándose, ya que en los pueblos alejados, muchas veces no hay centros de salud.
28	el objetivo del artículo es que para que todas las personas puedan utilizar el remedio casero, por que como dijimos la piel de culebra es muy medicinal para la resaca de cabeza ya que varias personas sufren con este problema.	la piel de culebra es un excelente medicina casero para el dolor de cabeza, estos dolores se realizan más en la sierra por que las personas hacen trabajos muy pesados y es por eso que tienen dolor de cabeza.
29	mi artículo es sobre la MASHUA NEGRA QUE tiene como objetivo fundamental promover el uso de alimentos nutritivos en la alimentación. La Mashua tiene un alto valor nutritivo: en proteínas, carbohidratos, fibra y calorías	La mashua -la miel-cola de caballo, en conclusión de mi artículo, es que estas hierbas medicinales son beneficiosos para la sociedad porque colaboran con la nutrición nutritiva y son curable para a retención de líquidos gracias a sus propiedades depurativas nos ayuda a eliminar toxinas bacterias y hongos y

		por lo que proviene la aparición de granitos y eczemas
30	su objetivo es dar a conocer de manera clara y precisa los resultados de una investigación que realiza una persona acerca de algo o sobre una área determinada del conocimiento.	Llegamos a la conclusión de poder valorar nuestros alimentos que hacemos nosotros y que nos ayudan a prevenir de diferentes enfermedades y crear más lugares de la creación del chuño y ayudar a los campesinos de esos lugares
31	El objetivo de nuestro artículo es dar una visión integral y transparencia de la cosmovisión andina sobre la hoja de coca ,e informar sobre los usos que le dan a esta por sus distintas propiedades que posee esta.	Llegamos a la conclusión de que el consumo tradicional de la hoja de coca dentro del mundo andino continúa aún hoy, principalmente mediante el <i>chaqchado</i> o masticado unido a faenas de trabajo ya que este les proporciona mayor fuerza y vigor .También este tiene calcio y hierro los cual los ayuda en el fortalecimiento de los huesos y dientes.
32	La ortiga es un excelente reconstituyente natural por el importante aporte de minerales y vitamina A, lo que la convierte en un recurso para estados de debilidad física, anemia y convalecencia. Aumenta la secreción biliar y pancreática, disminuye el contenido de glucosa en sangre y favorece la circulación sanguínea.	Las especies de ortigas, por lo general crecen en suelos húmedos, ricos en nutrientes y tiende a desarrollar grandes poblaciones, Las hojas y tallos están cubiertos de pelos urticantes
33	los objetivos de mi artículo son que todas las personas practiquemos o comprobemos que muchos de nuestros remedios caseros son muy efectivos y que podamos creer porque son muy buenos y no perdamos la costumbre de curarnos con todo lo que conocemos y está a nuestro alrededor y cuidar mucho de nuestra naturales para que así muchas de nuestras plantas medicinales no estén en extinción, ayudar a muchos que ya están desahuciados por las medicinas que les dan en los hospitales y con todas las medicinas caseras de nuestros experimentos prevenir muchas enfermedades.	la conclusión de mi artículo es que yo y mi grupo llegamos a la conclusión de que, la miel sirve para la tos y lo debemos aplicar y el <i>tullma</i> es bueno para las madres recién cesareadas, etc. El agua de mashua es bueno para prevenir la cáncer la cual es importante todas estas cosas consumir para nuestra salud y hacer conocer para que sirven como nos podemos aplicar en nuestras vidas cotidianas
34	La ortiga es un excelente reconstituyente natural por el importante aporte de minerales y vitamina A, lo que la convierte en un recurso para estados de debilidad física, anemia y convalecencia. Es también un recurso muy usado para evitar la enuresis nocturna en niños y la incontinencia en personas de edad avanzada. Pero, por encima de todo, la ortiga destaca por sus virtudes astringentes y hemostáticas por tal razón nos centraremos a experimentar con esta planta ya que es muy beneficiosa para nuestro organismo.	Los encuestados (17 personas) fueron 7 hombres y 10 mujeres, en general, tienen educación primaria, principalmente bilingüe (quechua y español), tienen un promedio de 40 años de edad y su actividad como sanadores se combina con actividades agrícolas y / o amas de casa. los cuales nos detallaron que el uso de la ortiga es muy eficaz.

35	La ortiga es un excelente reconstituyente natural por el importante aporte de minerales y vitamina A, lo que la convierte en un recurso para estados de debilidad física, anemia y convalecencia. Aumenta la secreción biliar y pancreática, disminuye el contenido de glucosa en sangre y favorece la circulación sanguínea.	La hoja, flor, semilla y raíz de las ortigas se utilizan de manera diferente y contienen diferentes componentes químicos. se encontró que cada una de estas especies crecen en tierras de la zona media y alta de Pueblo Libre y Yauli, comunas de Huancavelica Provincia de Huancavelica. Los encuestados (17 personas) fueron 7 hombres y 10 mujeres, en general, tienen educación primaria, principalmente bilingüe (quechua y español), tienen un promedio de 40 años de edad y su actividad como sanadores se combina con actividades agrícolas y / o amas de casa.
36	El artículo Tiene como objetivo difundir de manera clara y precisa, los resultados de una investigación realizada sobre un área determinada del conocimiento.	Debemos valorar más la medicina alternativa, porque en nuestra región Huancavelica tenemos muchas plantas (penca de la tuna) y hasta animales curativos. También es importante dejar de matar y cazar a los animales propios de nuestra región, porque cada vez hay menos animales (lagartijas, sapos...)
37	El objetivo es resaltar los beneficios de la medicina alternativa andina en algunos malestares de las personas, que la medicina occidental no puede diagnosticar. Ejemplo: el chacho, mal de viento, etc.	La conclusión de nuestro artículo es difundir a la población que deben conocer más acerca de la Medicina Alternativa Andina que tiene fuentes de curación con excelentes resultados, ya que la medicina occidental no puede curar ni diagnosticar algunas enfermedades. También es dar a conocer sus propiedades curativas de estas medicinas andinas y no se pierdan los conocimientos de las personas que la realizan más bien que se expandan y las generaciones futuras puedan conocerlas
38	pretende dar a conocer las diferentes formas de curar el susto con la medicina natural.	fue un poco complicado recopilar la información ya que las personas que tienen conocimiento sobre la medicina tradicional se negaron a brindarnos detalles del proceso. nos mencionaron también que había otras formas de curar el susto.
39	mis artículo es pasado de cuy que se basa en curar los males de una persona pasando con el cuy esto solo pueden hacer los curanderos, chamanes esto es heredado, la pasado de cuy consiste de curar los males debes sobar con el cuy a la persona que está mal donde si siente el dolor debes pasar todo el cuerpo	el cuy si saca todo los males de una persona solo pasando y después si lo lleva el cuy a un lugar lejano y no puedes ver atrás
40	Poder dar a conocer las propiedades del eucalipto, ya que lo encontramos a nuestro alcance y además de ello tiene propiedades curativas y preventivas de enfermedades y es sumamente económico.	El eucalipto además de prevenir y curar enfermedades, son fáciles de conseguir en el medio donde nos encontramos y la preparación para estos medicamentos son muy fáciles y podemos prepararlo en casa cuantas veces queramos, y lo bueno de ello es que los resultados son sumamente efectiva.

41	<p>el objetivo de mi artículo es informar y sobre el uso medicinal, aplicación, y obtención de la sábila. ya que es un producto natural, medicina alternativa o medicina natural que tiene muchas propiedades curativas tanto como en el interior y exterior del cuerpo humano tal así, como la gingivitis, las quemaduras, la gastritis que es su uso más común, lo primordial en mi artículo fue como saber usar la sábila ya que al parecer tiene su propia defensa pues contiene alto índice de yodo. si queremos retirar el yodo de la sábila se tiene que hacer remojar en agua al menos por dos días y su uso es muy simple no necesita cocinarse o algo así simplemente se pela la cubierta y se puede comer sin más. pues es sinsabor.</p>	<p>la conclusión de mi artículo es que la sábila es un producto excelente por naturaleza ya que en general sirve para casi todo empezando por las quemaduras o cortes en la piel hasta por dentro del cuerpo como la gastritis o par a el hígado graso siempre y cuando siguiendo un tratamiento pues, nada sana de la noche a la mañana. hacer saber a mis compañeros que la sábila es una medicina alternativa sin efectos secundarios y es más accesible y barata y debemos adecuarnos a lo que tenemos en nuestro entorno prevenir y curar.</p>
42	<p>En nuestro artículo mi grupo y yo tratamos de hacer conocer las propiedades del kión y de la sábila, también dimos a conocer sus usos medicinales tanto del kión y de la sábila. Sobre el kión hicimos un preparado que consiste en hacer hervir el kión previamente para después mezclar con miel y un poco de ron. Luego de este procedimiento se muele o licua el kión para poder de nuevo poder echar y hacer un pequeño hervor ya todo mezclado. El objetivo fue demostrar las propiedades expectorantes y antibióticas del kión ente caso contra la gripe y la tos. Con la sábila hablamos de sus características medicinales, sus usos sobre la piel y el cabello.</p>	<p>Podemos concluir del kión y de la sábila: El kión es un probable anti cancerígeno, nos ayuda en la digestión, previene la gripe y nos ayuda a mejorar y reforzar el sistema inmunológico. Por lo tanto, podemos concluir que el kión es una medicina natural que podemos emplear en múltiples campos de la medicina tradicional. Sobre la sábila decimos que es un calmante, cicatrizante, humectante y regeneradora así de este modo actúa sobre la piel. La sábila es una gran aliada para mejorar la digestión y tratar los problemas del aparato digestivo ya que es depurativa, desintoxicante y favorece la digestión. Tiene propiedades que reducen la oxidación del ácido araquidónico y, gracias a esto, reduce la inflamación. En este caso, se puede ingerir directamente o aplicarse como un tópico sobre la zona afectada. Entonces concluimos que la sábila también puede usarse en múltiples campos como la medicina y también como un cosmético ya que tiene múltiples propiedades que ayudan tanto como al exterior del cuerpo como al interior.</p>
43	<p>contribuir en la salud de las personas y dar a conocer como la naturaleza nos aporta grandes medicamentos naturales que nos ayudan a tener una mejor salud.</p>	<p>la menta es una hierba medicinal que la naturaleza nos proporciona para una mejor salud, aunque tiene efectos secundarios que pueden perjudicar la salud.</p>
44	<p>el objetivo del jubeo es re valorar las medicinas tradicionales y poder ser un apoyo para la medicina moderna</p>	<p>Está comprobado que la pasada de cuy o el jubeo si cura enfermedades, es una radiografía perfecta a corto plazo ya que cuando uno va al hospital demora en atenderse en cambio el jubeo es de forma inmediata</p>
45	<p>El objetivo de mi trabajo es dar a conocer a las personas una nueva solución para los resfriados haciendo uso de la medicina ancestral que</p>	<p>Los ingredientes que se utilizaron es de gran facilidad conseguirlo y son muy económicos. Los efectos de cada ingrediente mezclado nos dieron un</p>

	se basa en insumos naturales.	remedio muy favorable para expectorar y fortalecer el sistema inmune.
46	Dar a conocer una nueva solución para la tos dejando de lado los fármacos, utilizando una medicina casera o ancestral que generalmente se basa en hierbas e insumos naturales.	Resultado de vital importancia, debido a que sus efectos de cada ingrediente mezclado nos dieron un remedio muy favorable para expectorar y fortalecer al sistema inmune, el remedio se debe tomar de dos a tres días para que el resultado sea muy satisfactorio.
47	el objetivo de mi artículo de soba de cuy es la curación natural de organismos internos de enfermedades riñón hígado etc. que se pueden curar también de males que existen	la conclusión de soba de cuy es que detecta enfermedades al sobar con cuy en el cuerpo del paciente y son dependiendo si es mujer es macho y si es varón hembra y también cura los males que se producen de la naturaleza como el chacho etc.
48	El objetivo de mi artículo fue dar a conocer algunas personas o compañeros que tal vez no sabían de los efectos o prevenciones del kion como también puedan utilizarlo en su vida cotidiana ya sea con la familia y así poder prevenir algunas enfermedades y poder curarlas y estar saludables porque lo importante para todo siempre es la salud y así poder realizar diferentes tipos de actividades.	La conclusión de mi artículo fue que el kion podemos utilizarlo de distintas maneras para poder prevenir algunas enfermedades ya sea preparando un té de kion podemos prevenir la gripe , tos, resfríos, y también naturalmente en una ensalada para prevenir el hígado graso y regenerar el hígado de algunas impurezas, como también podemos prevenir el cáncer si lo consumimos pero en su etapa inicial del cáncer.
49	Su objetivo principal es dar a conocer una nueva solución para la tos, dejando de lado los fármacos, utilizando medicina casera o ancestral, que generalmente se basa en hierbas e insumos naturales. Utilizar lo natural que tengan las propiedades de expectorantes y limpieza de sistema como el eucalipto una planta muy conocida en la región, el kion, etc.	El experimento resulto de vital importancia, debido a que sus efectos de cada ingrediente mezclado nos dieron un remedio muy favorable para expectorar y fortalecer al sistema inmune, el remedio se debe tomar de dos a tres días para que el resultado sea muy satisfactorio. Comparando con fármacos el remedio es mucho más económico y seguro ya que no trae efectos secundarios y lo puede tomar todas las personas de cualquier edad desde los dos años preferentemente ya que el estómago ya está más desarrollado y puede asimilar la bebida. El principal objetivo de la bebida es eliminar la tos, pero investigando propiedades de los ingredientes pudimos ver que también es un fortalecedor del sistema inmune por el contenido de ajo y limón (ácido ascórbico). Que fortalece a los glóbulos blancos. Los elementos que hemos usado si no lo consumimos con una precaución adecuada nos puede perjudicar en nuestra salud. Los ingredientes que se utilizaron es de gran facilidad conseguirlo y son muy económicos. Las personas que utilizaron esta receta casera tuvieron un resultado absolutamente positivo.
50	Es dar a conocer lo que el Perú nos brinda lo que la naturaleza puede hacer en nuestro cuerpo, como nos puede ayudar a mejorar , como nos puede ayudar a, curar , prevenir diferentes enfermedades ya que las	En el Perú tenemos variedades de hierbas que nos pueden ayudar a prevenir o curar diferentes tipos de enfermedades, lo que debemos hacer como peruanos primero ver lo que el Perú, nuestra tierra nos da saber aprovechar

	<p>hierbas medicinales son muy buenas para nuestra salud es dar a conocer lo que el Perú nos brinda lo que la naturaleza puede hacer en nuestro cuerpo, como nos puede ayudar a mejorar , como nos puede ayudar a, curar , prevenir diferentes enfermedades ya que las hierbas medicinales son muy buenas para nuestra salud.....</p> <p>Mi objetivo personal seria llegar a cada persona por diferentes tipos de medios para hacer el conocimiento de lo que nos brinda la naturaleza , como pueden ellos prevenir sus enfermedades , curar sus enfermedades , etc. solo por medios naturales.</p>	<p>al máximo nuestras medicinas naturales, y luego optar por los químicos las hierbas nos ayudan en diferentes casos y se ve que si se pueden curar diferentes malestares en el ser humano ...primero lo nuestro....</p>
51	<p>Nos expresa opiniones y análisis sobre el tema de interés para orientar o influir al público</p>	<p>el objetivo de este trabajo fue ya que la mayoría de la gente le duele la cabeza x muchos factores concluimos que este remedio casero sobre la piel de culebra es muy eficiente según nuestros entrevistados ya que lo utilizan muchas personas cuando sufren de dolor de cabeza, con este trabajo damos a conocer a las diferentes personas que cuando tienes este caso se apliquen</p>
52	<p>La ortiga es un excelente reconstituyente natural por el importante aporte de minerales y vitamina A, lo que la convierte en un recurso para estados de debilidad física, anemia y convalecencia. Aumenta la secreción biliar y pancreática, disminuye el contenido de glucosa en sangre y favorece la circulación sanguínea. Destaca también como un excelente diurético que incrementa la emisión de orina y facilita la eliminación de toxinas en el riñon</p>	<p>La hoja, flor, semilla y raíz de las ortigas se utilizan de manera diferente y contienen diferentes componentes químicos., Los encuestados (17 personas) fueron 7 hombres y 10 mujeres, en general, tienen educación primaria, principalmente bilingüe (quechua y español), tienen un promedio de 40 años de edad y su actividad como sanadores se combina con actividades agrícolas y / o amas de casa.</p>

APÉNDICE 4 – CONCEPCIONES SOBRE EDUCACIÓN AMBIENTAL

ALUMNOS	PROYECTO DE MEDICINA ALTERNATIVA		
	¿Cuál es tu postura frente a la problemática del medio ambiente?	¿Cuáles serían las concepciones de biodiversidad y recursos naturales en la filosofía quechua?	Menciona una reflexión final sobre la relación de nuestra naturaleza híbrida (andina y colonial) y los problemas de nuestra sociedad:
2	que las personas deberían de tomar más conciencia sobre los problemas que ocurren en la actualidad implementar cursos que ayuden a tener una buena educación ambiental motivar a las personas a reciclar a plantar árboles a enseñar a los hijos desde muy pequeños a no ensuciar no tirar las envolturas al piso a consumir productos naturales y no los artificiales.	Para ellos la naturaleza es un dios todo lo que tenga que ver con la naturaleza es un dios como la tierra el sol la lluvia los rayos que cuidan y les dan ofrendas la naturaleza les brinda todo para que ellos puedan vivir la naturaleza para ellos no es destrucción ellos no aceptan el pensamiento occidental ya que ellos destruyen hacen cambios mientras que en la filosofía quechua aman todo lo que hay dentro de la naturaleza su biodiversidad cuidan la flora la fauna además para ellos hacer la chacra beneficia a un animal a una flor al clima a un árbol y hasta los propios humanos.	Que en la naturaleza andina las personas se dedicaban a cuidar a protegerla y adorarla sin destruirla mientras que en la naturaleza colonial todos los avances que hay sobre la naturaleza genera cambios trae consecuencias y hasta extinciones de la flora y la fauna depredan todo porque más les interesa lo económico solo lo que pueden obtener y no las consecuencias que puede haber con la naturaleza.
3	tengo una postura crítica que, comprende varios aspectos importantes, primero es que yo mismo siendo participante de la contaminación al ambiente no soy tan cauteloso en cuidarla pero hago el intento en concientizarme y concientizar al resto de cuidar nuestra naturaleza	la concepción de biodiversidad en la filosofía quechua sería la relación entre el hombre y la naturaleza la buena relación no depredadora tomando en cuenta la naturaleza como un amigo más, sin dañarla ni causarle muchos problemas	el problema existente sería que no sabemos cómo actuar en frente de los problemas ambientales actuales, por la gran mayoría de personas les da igual si contaminan pues para cuando ellos ya no estén este planeta estará completamente contaminado, pero ellos ni caso solo viven el presente sin importarle el ambiente, eso son en la mayor parte de las ciudades grandes, solo piensan en el bienestar de sí mismo y como la naturaleza no habla no protesta no se queja siguen contaminándola. ahora las persona que viven o vienen del campo las que se hacen llamar por los de la ciudad como ignorantes son ellos los que de

			<p>verdad miran a la naturaleza como algo sagrado y la respetan, el problema más grave entonces sería que no consideramos a la naturaleza como algo vivo como algo que verdaderamente es porque la naturaleza para nosotros lo es todo, aunque se tomen medidas o políticas de desarrollo sustentable es solo teoría, solo está pintado, pues en la vida real en la práctica sabemos que no es así.</p>
4	<p>tratar de mejorar para que las futuras generaciones tengan un lugar donde pasar su vida y digan que aquí vivió tal persona.</p>	<p>Sería el hombre y las herramientas y productos que sembraban para poder alimentarse.</p>	<p>Que deberíamos sembrar pero de forma natural y no artificial ya que muchos agricultores le echan sustancias químicas a sus siembras para que les salga más grande y puedan ganar más pero para mí eso está mal ya que nuestro organismo se daña debería ser como antes donde no necesitaban de esas cosas.</p>
5	<p>Una postura crítica.</p>	<p>Los de cultura andino valoran lo que les ofrece la naturaleza. Miran a la naturaleza como alguien divino. Un forma de cómo lo aplican sería: "Si cortas un árbol planta 2" Lo que sorprende es que ellos agradecen a sus dioses por lo que les ha ofrecido.</p>	<p>Apreciemos lo que tenemos, nosotros no dejemos por un lado a nuestra cultura andina ya que es nuestra cultura madre, pero eso no quiere decir que debemos rechazar a la cultura colonial si no que busquemos una forma de adaptar a ambas culturas. Una cultura híbrida que no destruya la naturaleza si no que la cuide. "Apreciemos lo que tenemos, ya que otros no la tienen"</p>
6	<p>Bueno mi postura es en contra porque hay mucha contaminación y calentamiento global ya sé que tenemos nuevos avances tecnológicos que nos ayudan a desarrollarnos en lo educativo pero también eso podríamos utilizarlo frente a las problemáticas que hay y así poder disminuirlas.</p>	<p>CONCEPCIÓN BIODIVERSIDAD: Sería la relación que existía en ese entonces entre el hombre y naturaleza. CONCEPCION RECURSOS NATURALES: , Los sagrados sacrificios que se hacía para poder obtener buenas cosechas y que su tierra sea protegida.</p>	<p>Bueno una reflexión sería que en ese entonces podíamos observar algunos animales que existían y ahora están extintos y al paso del tiempo se pudieron mezclar nuevas especies ya que gracias a estos eran necesarios para poder tener una buena biodiversidad . Bueno con respecto a nuestros problemas de nuestra sociedad es bastante triste porque hoy en día vemos que el calentamiento global aumento y el deterioro de nuestro ambiente en el cual vivimos</p>

			yo creo que debería utilizarse nuestra tecnología para poder contrarrestar estos problemas que existen y tomarlo en forma analítica y seria.
7	critica: intenta reconstruir la problemática del medio ambiente para transformar el causante del problema que somos nosotros por ello tendríamos que cambiar el concepto que tenemos de medio ambiente lo cual es el que lo vemos como una cosa material mas no como una vida más que tenemos que cuidar.	todo lo que existe en el medio ambiente tiene un fin, y que se debe cuidar sin contaminar, agotarlos, porque tenemos la idea errónea que por sí solo la naturaleza se regenerara pero como si nosotros no la dejamos que se regenere.	el hombre andino consideraba al agua como sagrado y como la sangre del mundo, porque gracias a ella existe la vida y también vivimos. En cambio el hombre coloquial ve al agua como algo material donde se puede hacer capital y no se da cuenta sobre las consecuencias que trae esto al medio ambiente. los problemas de nuestra sociedad es que hay mucha contaminación que más es a los ríos, a la tierra, y que todo esto provoca la extinción de animales como de plantas. toda esta contaminación nos conlleva al calentamiento global que es lo que más nos preocupa a la humanidad.
8	La de tratar de ayudar a que el medio ambiente este menos contaminado, a incentivar a los demás a cuidar también del medio ambiente y tratar de crear nuevas cosas con lo que se recicle si la necesidad de gastar una materia innecesariamente y ser más consciente.	La biodiversidad seria como una gran familia que convive y comparte recursos, además de estar estrechamente relacionados y vivir con valores que se han ido practicando desde los tiempos ancestrales y los recursos ambientales serian como los frutos que produce la madre tierra para alimentarnos y de esta manera seguir viviendo, al ser considerados hijos de la Pacha mama.	Actualmente no se está aprovechando los conocimientos que tenemos los andinos y los coloniales, sino se está tratando de eliminar a uno de ellos, pero debemos entender que sería mejor compartir conocimientos que ocultarlos o negarlos para así vivir en armonía y no estar culpándonos entre nosotros de las consecuencias que hoy se está empezando a vivir.
9	los seres humanos que habitamos en la planeta no tenemos una conciencia sobre nuestra habitad y no valoramos , tratamos de destruir, contaminando recursos muy importantes como el agua el aire y muchos recursos más.	los recursos naturales en esencia son elementos de la naturaleza que ayudan a los seres vivos como los árboles que dan oxígeno y generalmente es valorar lo que la naturaleza nos brinda sin nada a cambio	el problema más importante que aqueja nuestra naturaleza es el calentamiento global que gracias a ella ocurren muchos más desastres naturales. debido a que hay mucha contaminación parte de los seres humanos que día a día contaminan van destruyendo mucho más y si las personas no lo controlan esta problemática siguiera destruyéndose más y más hasta que podría desaparecer.

10	que los mismos hombres al hacer un mal uso de todos nuestros recursos naturales hacemos daño y contaminamos nuestro medio ambiente y a la vez ponemos en peligro nuestras vidas, ya que nosotros vivimos de ellas.	la biodiversidad es la variedad de vida que hay en un territorio estas pueden ser la gran variedad de flora y de fauna .	que todos los hombres debemos hacer un buen uso de la naturaleza y no aprovecharnos de ella o explotarla ya que al hacer eso lo dañamos y provocamos diversos problemas ambientales que prácticamente nos afecta a nosotros mismo y más a las futuras generaciones que no tienen la culpa porque nosotros no la sabemos cuidar.
11	tener más conciencia en como manejamos nuestros desechos tener una vida más simple libre de tecnologías y productos innecesarios. El manejo inadecuado de los residuos sólidos "basura" genera una contaminación y daños a la naturaleza casi irreversible. La problemática es que no hay suficientes recursos para abastecer a tanta población, lo que causa una depredación inmensa consecuencia crisis ambiental mundial, frente a esto la educación ambiental es una opción pero esta debe ser implementada desde el nivel inicial hasta el nivel superior de educación.	diferentes formas de vida que nos rodean. 1-Variedad de seres vivos existentes en un determinado lugar y espacio 2-Son todos aquellos insumos que la naturaleza provee al mundo	La naturaleza provee de recursos suficientes para satisfacer nuestras necesidades pero no nuestras ambiciones. El problema en la sociedad es que vivimos dentro de un mecanismo insertado por las grandes " potencias" el consumismo lo que no nos permite darnos cuenta del verdadero problema que afecta a nuestra sociedad producimos más de lo que podemos consumir, generamos desperdicios y un inadecuado distribución de los recursos naturales, lo que llamamos pobreza.
12	Mi postura esta con la corriente conservacionista, ya que lo mejor sería conservar nuestro medio ambiente, y así se pueda preservar nuestra ecología haciendo el uso de las 3R(reducir, reutilizar, reciclar).	Nuestra biodiversidad y recursos naturales vendrían a ser todo lo que nos rodea del que podemos hacer uso pero sin destruir nuestra naturaleza.	En la naturaleza híbrida, la persona no cuentan con las tecnologías que se tienen en nuestra sociedad, pero respecto a lo ambiental, lo político, social, etc.; tienen un mayor carácter ético, ya que ellos están alejados de las tecnologías e industrias y tratan de conservar el medio ambiente y la sociedad sembrando cultura en cada una de sus generaciones, se podría decir que no buscan tener un estatus social sino solo mantenerse con la ayuda de la naturaleza sin perjudicarla, más en nuestra sociedad la cultura se está perdiendo poco a poco porque

			<p>las personas buscan tener un mayor estatus social cueste lo que cueste, perjudicando el medio ambiente y corrompiendo a la sociedad, tales como la minería que está acabando con la flora y fauna de nuestra selva, la corrupción con el fin de conseguir más dinero.</p> <p>En conclusión, podemos vivir sin tecnología como nuestra naturaleza híbrida y conservar nuestro medio ambiente para poder dejar que nuestras futuras generaciones un habitad donde puedan desarrollarse de manera democrática y mejorar el sistema con el que vive nuestra sociedad.</p>
13	<p>Mi postura es que nuestra tierra se está agotando poco a poco y nosotros no nos damos cuenta que en un tiempo ya próximo podemos desaparecer y ahora lo que debemos hacer frente a este problema es que debemos cuidar e incentivar a la población que el medio ambiente es el que nos da la vida y por ello debemos protegerlo.</p>	<p>La biodiversidad es la variedad de vidas que existen en nuestro espacio .</p> <p>Recursos naturales son aquellos recursos que cada país tiene para poder sustentarse económicamente .</p>	<p>Antiguamente los pobladores adoraban al medio ambiente porque ellos creían que si malograban un árbol o mataban a un animal serian castigados por el Dios Inti por ese motivo cuidaban el medio ambiente pero hoy en día ya no vemos eso ,todo lo miramos dinero o algo material y sacamos provecho de nuestros recursos que sin darnos cuenta ya lo estamos acabando y que sin esos recursos nosotros podemos dejar de existir sin embargo no pensamos en las consecuencias y nosotros como futuros profesionales debemos concientizar a la población sobre esos problemáticas que se van dando .</p>
14	<p>Mi postura es que involucra a todo el planeta como seres humanos, animales, plantas, con el pasar del tiempo ya no habrá oxígeno ya no habrá vida y así los seres vivos se extinguirán de la tierra. para solucionar el problema del medio ambiente es que debemos de hacer educación ambiental en las escuelas primarias y desde pequeños incentivar a los niños a cuidar el medio ambiente. Cada vez</p>	<p>la biodiversidad es la variedad de vida que nos rodea, y los recursos naturales son las riquezas materiales y ambientales que tiene cada país y los recursos naturales pueden ser renovables y no renovables.</p>	<p>debemos de estar más conectados con la naturaleza así como hacen las poblaciones andinas ya que solo ellos cuidan la naturaleza tal y como debe ser.</p> <p>la biodiversidad se pierde por la perdida y deterioro de hábitats debido a la deforestación, agricultura, ganadería, minería y desarrollo urbano. También por la contaminación ya sea del aire, agua o suelo por actividades industriales, ganaderas, agrícolas y urbanas.</p>

	<p> vemos con creciente fuerza aparecen problemas que están poniendo en riesgo la vida misma del ser humano en el planeta: los cambios climáticos y el calentamiento global son apenas una muestra de que no podemos seguir por la misma senda que provoca estos destrozos ambientales.</p>		<p> Por la introducción de especies exóticas e invasoras, que producen plagas y reducen las poblaciones. La sobreexplotación, la tala de árboles, cacería, pesca y entre otros.</p>
15	<p> esta mal la sobre explotación que le damos a los recursos naturales , los hombres tenemos que concienciar y saber que no solo nosotros necesitamos los recursos hay muchas veces que nos olvidamos de que los otros seres vivos también la necesitan cada uno solo buscan su satisfacción y esto también pasa por que algunas pesqueras o bosques no están con ingreso restringido y cualquier hombre o empresa puede entrar y sobre explotarlas sin darnos cuenta que nuestra supervivencia a futuro está en peligro de extinción</p>	<p> biodiversidad : vidas de distintas especies y altos recursos naturales recursos naturales: son bienes que nos brinda la naturaleza producidas por si-solas o sea no interviene el hombre en su producción son las responsables que tengamos una buena calidad de vida</p>	<p> ahora en la actualidad se ve muchas producciones de cosas innecesarias debemos entender que las necesidades son solamente las que satisfacen nuestras necesidades vitales y las que requerimos para tener una buena calidad de vida ,estamos exigiendo más de lo que la naturaleza nos da explotándolo haciendo que nuestros recursos se extingan o algunos se hagan escasos con nuestras acciones generamos desastres y no es por culpa de la naturaleza si no nuestras acciones les lo que provoca por eso debemos cambiar nuestra forma de vida reducir menos consumo de productos innecesarios y concienciar que es lo que estamos haciendo con nuestro planeta</p>
16	<p> mi postura es que la problemática del medio ambiente es debido a la mucha contaminación y debido a eso ay muchos animales en extinción</p>	<p> la biodiversidad en la cultura quechua es que ay mucha cantidad de especies y de recursos en lo andino</p>	<p> las relaciones es que lo andino lo cuida a su medio ambiente y solo saca lo necesaria para su consumo y tan bien siembra los productos a través de era mientas echas por ellos, interactúan más con la naturaleza lo colonial ellos se puede decir que no les importa mucho la naturaleza como los andinos ellos lo que buscan es más ganancias es por eso que usas maquinarias</p>
17	<p> mi postura frente a la problemática del medio ambiente son muchas ya que hoy en día la sociedad más nos enfocamos en la tecnología pero nos ponemos a pensar en el daño que</p>	<p> La biodiversidad proporcionan múltiples bienes y servicios esenciales para el bienestar humano y desarrollo socioeconómico para la sociedad .</p>	<p> mi reflexión andina y colonial seria que hoy día ya no hacemos lo que nos antepasados realizaban como el contacto con la tierra el amor hacia la tierra un agradecimiento a la tierra por la infinidad de riquezas que nos dio</p>

	causamos al medio ambiente trayendo como consecuencia su deterioro y con el pasar de los tiempos su destrucción.		la madre tierra (pagapu) . hoy en día el amor por la naturaleza va muriendo día a día tomemos consciencia apreciemos y amemos nuestra madre tierra ya que por ello tenemos un ambiente natural sano donde podemos disfrutar el medio ambiente con la infinidad de riquezas
18	El problema ambiental hoy en día tiene una dimensión global, es decir involucra a todo el planeta, para su caracterización se habla permanentemente de su contaminación general, que afecta todos los ecosistemas del mismo, trayendo como consecuencia su deterioro y con el pasar de los tiempos su destrucción, que está directamente relacionada con los seres humanos, sus formas de vida y la manera en que desarrollan sus actividades económicas, sociales, políticas y culturales,	El uso y la conversión de la tierra para respaldar las operaciones de un cliente destinatario de inversiones no solo producen un aumento de la erosión de la capa superior del suelo, sino que también pueden repercutir sobre la biodiversidad debido a la pérdida de hábitat y su fragmentación.	es todo lo que está creado de manera natural en el planeta, está relacionada con las diferentes clases de seres vivos, como los animales, las plantas, las personas. También forma parte de la naturaleza el clima, y la geología de la tierra. y los problemas de nuestra sociedad son: 1.-El racismo. ... 2.-La contaminación. ... 3.-Las guerras. ... 4.-La salud. ... 5.-El VIH/SIDA. ... 6.-La agricultura. ... 7.-La electricidad 8.- La pobreza
19	Pues que en la actualidad hemos dejado de lado el cuidado del medio ambiente y nos hemos dedicado al avance de la tecnología. Y que tratamos de satisfacer nuestras necesidades a toda costa sin importar el daño que le hacemos a la naturaleza. Empecemos a crear consciencia con el medio ambiente.	que se respeta toda la diversidad tanto en plantas y animales y los recursos naturales son para satisfacer las necesidades y aportar.	Pues que no miremos la naturaleza solo como algo que satisface nuestras necesidades (a veces sin medida), sino también que forma parte de nuestra vida pasada, presente y futura. Nos hemos acostumbrado a recibir sin dar nada a cambio y pues si la naturaleza cae el hombre también lo hará, entonces si te quieres y valoras la raza humana también valoro la naturaleza. El cambio empieza de uno mismo "ESTAS LISTO PARA EMPEZAR A TRANSFORMAR EL MUNDO".
20	Sería que en esta actualidad están más desarrollados la tecnología y diversas cosas que estás dañan el entorno donde se encuentra la población y uno mismo, está	la Diversidad para la filosofadora quechua es la variedad de vida que rigen cada una.	Algunos problemas que tiene la sociedad es por la contaminación y la gran importancia que le dan a la tecnología

	aumentando diversas problemáticas, la contaminación que hacen cada ser humano y no toma conciencia que así daña el planeta , cada persona tiene que tomar conciencia por los daños que cada día hacemos y reaccionar ya para enfocarnos al cambio que podemos hacer para mejorar el medio.		
21	El desarrollo está afectando al medio ambiente y no se más. qnq	no hay inspiración... :(Debemos reconciliarnos con nuestro pasado, como en la andina hay dioses como la tierra, el sol, etc. En lo colonial es más la fe cristiana pero ambos podemos juntarlo es como tener una mezcla prehispánica con algunos conceptos introducidos en la colonización y así encuentras el equilibrio. Hay muchos problemas en nuestra sociedad como la pobreza, el racismo, etc. En esos lugares donde tienen esa combinación, no existen problemas como el racismo, etc. pero no están desarrollados como en las ciudades Entonces debemos aceptar nuestro pasado y sentirnos orgullosos de lo que fueron nuestros antepasados y toda esa costumbre e intentar recuperarla.
22	el medio ambiente es toda la existencia de la naturaleza que estamos rodeado. la problemática, es cualquier alteración que provoca desequilibrio en un ambiente ya sea por contaminación de suelo, agua, aire fuego.	la biodiversidad es el espacio, que alberga de vidas incluyen varios niveles del organicismo biológicas. recursos naturales, plantas, animales, hongos microorganismos.	para mi es. en andina y colonial. nuestra naturaleza debería ser conservarlo, nuestros antepasados tenían ese contacto con la naturaleza como haciendo sacrificios o pagapo a la tierra también sembraban lo natural sin química sin contaminar a nuestro medio ambiente. actualmente los seres vivos eliminamos la naturaleza que nos rodea provocando al medio ambiente "ejemplo" la tierra ya no es como antes, porque construyendo y también haciendo taladro el suelo estamos eliminando, biológicos que se encuentra en la tierra cortando los arboles matando a los animales, contaminando el

			agua el aire la tierra.
23	<p>El problema de la contaminación no se puede plantear en términos tan simples como industrialización o no industrialización. sino que el problema es el hombre y entonces seríamos capaz de cuidarlo y no destruirlo y reutilizarlo las cosas que compramos y disminuiríamos el contaminación. no utilizaros químicos y talvez reutilizarlo algunos productos servibles, y plantar arboles etc.</p>	<p>la biodiversidad y recursos naturales es muy importante para ellos porque ellos se dedicaron a cuidarlo y aman la tierra que no lo destruyen hacen sus ofrendas como el pahapo etc y son muy sagrado los recursos lo aprovechan lo viven de ello pero no lo destruyen</p>	<p>naturaleza hibrida (andina y colonial) seria en lo andino lo conservacionista porque el andino lo conserva la naturaleza no lo destruye y esta contacto con el con la naturaleza con culturas tradicionales y es muy importante para ellos para lo andino</p> <p>problemas de nuestra sociedad : en la planeta tierra vivimos los seres humanos donde , y cada persona en el mundo debería tener los mismos beneficios, oportunidades y cambios, no importa en qué país nacemos toso somos iguales pero al final no llegamos en la sociedad donde hay muchas problemas de clases sociales etc ,.</p> <p>el hambre, el racismo ,las guerras, la salud ,el agua y la pobreza donde más adquieren son los de clases altas que tienes beneficio y el hombre de clase baja son menos que tienen oportunidad pero al final yo creo que tenemos la culpa cada persona porque no podemos superar eso y nos quedamos ahí y no luchamos por lo que queremos</p>
24	<p>en el medio ambiente nosotros mismos estamos dañando no cuidamos en vez que cuidar estos maltratando sin saber que va pasar al futuro con los seres humanos que van venir para el futuro cuando cortamos arboles debemos plantar a lo menos uno o dos o mas</p>	<p>En la filosofía de quechua si están tranquilo los recursos naturales y vemos la biodiversidad sin contaminada limpia</p>	<p>los andinos adoran a la naturaliza cuidan y dan pagos a la naturaliza lo colonial contaminan sin darse cuenta solo quieren egreso económico</p>
25	<p>el problema del medio ambiente es muy crítico por la cual yo pienso que todos deberíamos tomar conciencia y hacer el cambio por que la estamos destruyendo pero el hombre es muy</p>	<p>bueno para ellos su manera de entender o cuidar la naturaleza es muy diferente ya que ellos dan ofrendas a la madre naturaleza como también tienen mucho respeto por ella .</p>	<p>en la sociedad estamos creciendo y nos necesitamos unos a los otros por la cual seguimos en la misma situación y así nunca cambiara nuestros problemas en la sociedad</p>

	codicioso por la cual yo creo que la raza humana es la que a ocasionado todo esto y por lo tanto terminaremos extinguiéndonos o deberíamos extinguirnos y entonces nuestro ambiente se reconstruiría por solo el hecho de ser tan crueles con ella que nos da la vida cada día		
26	Si hablamos sobre medio ambiente, hablamos sobre todo lo que nos rodea, de la relación entre el hombre con la naturaleza. Sobre la problemática empezaría del aumento de la tecnología así como también la explota de áreas silvestres y campos de minas y de las grandes industrias, generando contaminación químicos o biológicos con el deterioro de la flora y fauna. El cual tenemos por obligación cuidar.	la respuesta en tu corazón <3	no lo se rick parec falso
27	la contaminación una de las problemáticas más comunes que lo causa el hombre que día a día va peor. el cual se debe realizar como campañas, repartir afiches o poner una sanción quien contamina paga para así prevenir la contaminación.	conservar la agricultura .costumbres .	la sociedad debe realizar un proceso de crecimiento con una mira de cuidado y protección de nuestro medio ambiente para así no poner en peligro a nuestras generaciones futuras.
28	El principal problema del ambiental al que nos enfrentamos como humanidad es el calentamiento global, fenómeno al que identificamos como uno de los más grandes desequilibrios generados por el hombre.	Es diversidad de especies vegetales y animales que viven en un espacio determinado...Ecosistemas...	la reflexión final es, el hombre desde que aparece sobre la faz de la tierra, siempre ha hecho uso de la naturaleza para satisfacer sus necesidades comer, vestirse y protegerse de los distintos climas, sin embargo en su ánimo de lograr el crecimiento económico, ha dañado grandes extensiones de tierra y ha generado múltiples desequilibrios ecológicos
29	La problemática principal del medio ambiente es el calentamiento global y consigo trae muchos otros problemas	Biodiversidad son las diversas formas de vida que existen entre ellas tenemos los 5 reinos(monera, protista, animal, vegetal) que en	como nos decía Theodor adorno en su teoría critica el hombre en busca de dominar la naturaleza por medio de la tecnología termino

	<p>ambientales y por supuesto consecuencias devastadoras para la existencia de muchas especies, recursos naturales y hasta la propia existencia del ser humano, frente a esta problemática diferentes organizaciones como la ONU planteo diferentes protocolos para conservar y mantener en buenas condiciones nuestro planeta tierra para futuras generaciones como también para las de hoy en día, pero según a lo escrito creo que debemos tener una mejor educación en valores concerniente al medio ambiente hoy en día y sobre todo concientizar y hacer valer nuestra ideología ancestral peruana en la que nos enseñaron a amar todo lo que nos rodea como la naturaleza y hacer entender al pueblo de ese entonces que eran parte de nosotros.</p>	<p>la filosofía quechua le daban un valor muy integral y la consideraban parte de la población como un ser humano más.</p>	<p>siendo dominado por ella es por ello que no nos dejemos dominar por el sistema y vivir en un planeta de solo industrializan y contaminación que en un futuro nos llegara dominar por completo y terminar con nuestra propia existencia, mas consciencia, más educación ambiental y decirle si a la vida.</p>
30	<p>Bueno me siento indignada por que las personas de hoy en día solo buscan su propio beneficio creando fabricas sin ver las consecuencias que traen al medio ambiente además hay personas que contaminan el medio ambiente botando basura al río, botando petróleo al río provocando la muerte de los peces, etc.</p>	<p>Biodiversidad es el cuidado de los animales y plantas pidiendo al pachamama que los cuide de los peligro que puede haber en su pueblo. Recursos naturales es dar el pagapu a la pachamama para que sobreabunde el alimento en su siembra que hizo en su pueblo y sus animales para que aumente cada año.</p>	<p>Bueno en la relación de una persona andina con la naturaleza híbrida es mucha porque siente y experimenta algo no descriptible porque al estar ahí sientes una paz y alegría porque escapas de toda la estrés que encuentras en una ciudad. No necesitas wifi cuando estas en la naturaleza lo mejor es la relación que tu tendrás con la naturaleza y aun mejor porque te tendrás y te traerá paz y no estrés.</p>
31	<p>Es relacionarme más con la naturaleza dar respuestas ,hablar más sobre los problemas ambientales y poner en conciencia a las personas que contaminamos el medio ambiente y realizar actividades para mejorar.</p>	<p>EL estudio de las concepciones de biodiversidad se constituye en tema central de los debates científicos, educativos, socio-políticos y culturales contemporáneos. Las perspectivas que emergen se relacionan con el origen polisémico del término, cuya expresión contempla la complejidad y diversidad de</p>	<p>es la dinámica y la armonía del conjunto de los seres vivos y la materia inerte en su extensa diversidad en todas sus variedades y combinaciones a través del tiempo y el espacio, de las actividades climáticas, sísmicas, volcánicas, geológicas, geográficas y atmosféricas.</p>

		formas de representarla, desde enfoques universalistas y enfoques culturales que confrontan la uniformidad, con profundas implicaciones para la educación y la formación de profesores.	EL HAMBRE, LA CONTAMINACIÓN, LA POBREZA, LA SALUD (VIH-SIDA)
32	Yo creo que el medio ambiente con el pasar de los días se va contaminando cada vez más y que si no empezamos a actuar cada uno de nosotros va a llegar a un punto crítico en el que tal vez sea tarde para poder revertir la contaminación que se suscita. Debemos empezar a desarrollar una cultura en la que podamos enseñar a nuestros pequeños los cuidados que se debe dar al medio ambiente, de la misma forma podemos crear grupos voluntarios de apoyo con el que podamos impulsar proyectos para poder reducir la contaminación que se da en nuestro planeta, como poder recolectar, dividir y reciclar la basura.	Tampoco se	Nuestra naturaleza se desarrolló a través de la historia, así nació la naturaleza híbrida que fue una mezcla de culturas. Hubo de parte de los españoles una forma una tanto brusca de mostrarnos sus costumbres. Los problemas que se da en nuestra sociedad se suscitaron desde antes, el Perú no es un país industrializado pero también existe contaminación por parte de los gases que emiten los carros, las aguas servidas, etc. De alguna forma nuestro gobierno debería de hacer frente estos problemas y poder hacer que nuestra sociedad mejore.
33	somos los humanos los únicos responsables de la contaminación del ambiente por ello como iniciativa a este gran problema debemos empezar concientizando a la personas, fomentar actividades en las que los padres, estudiantes, profesores, investigadores, autoridades estén involucrado con su desarrollo , educándolos desde niños, inculcar valores para su desarrollo, debemos proteger y cuidar nuestro medio ambiente por que dependemos de ello para sobrevivir no solo nosotros, sino también las generaciones futuras y especies que se extinguen cada vez	La biodiversidad es fuente de vida primordial para que todo organismo vivo, los quechuas están en constante relación con la naturaleza partiendo de ideologías que dejaron los antepasados (cosmovisión andina). los recursos permanentes como el sol, agua etc., son considerados dioses por lo que merece respeto.	los problemas relacionados con la naturaleza no respetan clases sociales, territorios, idiomas etc. la contaminación perjudica a todos, todos estamos propensos a los sismos, huracanes, calentamiento global, sequías, escases de alimentos, de agua, etc entonces deberíamos dejar de lado los status sociales y empezar con la participación ciudadana, especialmente desde los más pequeños. Enseñarles a respetar, a cuidar su medio , prolongar la vida de todo ser vivo con valores, garanticemos seguridad a las generaciones que vienen y empecemos desde casa.

	más. por culpa nuestra que solo pensamos en el desarrollo económico sin prestar atención a los verdaderos problemas de la sociedad.		
34	está muy mal, porque el medio ambiente es muy vital para la vida, por eso debemos evitar contaminar	La biodiversidad es la variedad de formas de vida en el planeta, incluyendo los ecosistemas terrestres, marinos y entre otros y los recursos naturales son componentes de la naturaleza que ayudan a los seres vivos, por ejemplo, los árboles dan el oxígeno, que es muy importante para la vida, también podemos encontrar recursos, renovables y no renovables.	Bueno en la época andina los pobladores eran más conscientes con la naturaleza, porque ellos cuidaban a la tierra, agua, aire y otros, también ellos sembraban productos naturales sin ningún química, pensaban en las futuras generaciones y ellos no buscaban su propio beneficio sino ellos pensaban en los demás seres vivos que existía en la naturaleza, también ellos respetaban a la naturaleza pero en la actualidad las personas no tienen conciencia de lo que están haciendo, por esa razón los problemas ambientales está mucho más que antes en nuestra sociedad actual, la información tienen muchas personas pero no lo aplican lo que saben sobre la educación ambiental, porque de nada sirve si no aplicas la información, pero debemos tener esa conciencia para evitar las contaminaciones ambientales, porque en la actualidad las personas solo buscan su propio beneficio.
35	si bien , en los últimos años la globalización y el crecimiento de la tecnología han ido incrementándose de manera colosal ,favoreciendo a la población; este mismo crecimiento ha ido afectando al medio ambiente ya que se hace un exceso de depredación de los recursos naturales así mismo como la contaminación contraproducente a nuestro ambiente esto genera un cambio el cual afecta a todo el planeta ya que los humanos	dentro de la filosofía quechua la biodiversidad se ve reflejada como la múltiple diversidad de especies animales y vegetales , y en la filosofía quechua ellos mantienen un vínculo equilibrado entre naturaleza y hombre , sin abusar de los beneficios que la naturaleza les brinda	nosotros actualmente mantenemos un vínculo con la naturaleza , pero este vínculo se está debilitando debido a que cada día la globalización está abarcando un territorio más amplio ; dejando de esta forma nuestra cultura andina y occidentalizando aún más, y los problemas ambientales se ven aumentando por la falta de conciencia en la población dejando de lado nuestras tradiciones andinas (las cuales mantenían un respeto naturaleza-hombre)

	contaminamos en exceso y no medimos la forma en la actuamos alterando múltiples ecosistemas y destruyendo a todo el planeta.		
36	Mi postura frente al problema ambiental estaría vinculada con la corriente ambiental práctica, ya que muchas veces solo se tienen políticas de bienestar ambiental, pero muchas de estas no se implementan, por lo cual creo que debemos tomar acciones cada uno de nosotros, como habitantes del planeta.	Estos conceptos creo yo, que en la filosofía quechua estarían vinculadas, con el pensamiento de tomar lo necesario para satisfacer las necesidades de todos y no explotar tanto los recursos naturales como la biodiversidad, ya que estas son producto de la madre tierra.	Creo que por mucho tiempo, nuestra concepción de la naturaleza, como personas que tenemos una visión mestiza de naturaleza, está ligado al sentimiento andino y a la cosmovisión de esta misma, la relación de madre e hijos que llevamos con la tierra, tomando lo que se necesita sin necesidad de explotarla; pero esto se ve opacado por los conceptos de avance tecnológico, pobreza, producción en masa, explotación, exportación; que lejos de acercarnos más a la naturaleza nos llevan a destruirla y verla solo como un instrumento de producción eterna.
37	La problemática del medio ambiente se debe más que nada al interés económico de esta sociedad capitalista ya que por intereses económicos tratan de depredar especies tanto en flora y fauna, "la tierra provee lo suficiente para satisfacer las necesidades de cada hombre, pero no la avaricia de cada hombre" si tan solo como seres humanos podríamos ser felices con lo que tenemos, y no codiciar tanto, cuidaríamos mejor nuestro hogar...	ellos pensaban que la tierra era su madre y el solera su Dios, adoraban a la lluvia la agricultura porque sabían que ello les proveía lo necesario para vivir, ellos amaban tanto la naturaleza que lo cuidaban y lo protegían.	como seres humanos necesitamos un hogar en donde vivir, y ese hogar es nuestro planeta tierra, sin embargo algunas personas viven como si tuvieran otro y no lo cuidan, para mi cuidar mi casa es lo mejor que puedo hacer por ella, ya que es el lugar que me acoge, aunque algunos piensen que la tierra es propiedad de alguien, se equivocan tal vez después de todo nosotros seamos propiedad de la tierra, debemos considerar a ella como nuestros ancestros, por ejemplo para nuestro antepasados la tierra era su madre, por eso le decían, PACHAMAMA, aun hoy en día algunos lo consideran así por tal razón lo cuidan y lo protegen, deberíamos tener el mismo sentimiento que tenían nuestros ancestros por la naturaleza, desarrollo sostenible es más que solamente hablar, desarrollo sostenibles es cambiar y practicarlo, es por eso que llevamos educación ambiental, para poder APRENDER y aprender es un

			cambio perdurable en la conducta o en la capacidad de comportarse de cierta manera, el cual es resultado de la practica o de otras formas de experiencia.
38	Los problemas del medio ambiente más graves nos pueden ayudar a ser conscientes de que cada pequeño gesto importa. El ahorro de energía, el reciclaje de residuos o el cuidado del consumo del agua o de luz son algunas de las formas en las que puedes contribuir a frenar el cambio climático y a reducir la huella del hombre sobre la Tierra	De acuerdo a nuestra biodiversidad vemos que varios de nuestras especies se están exterminando como pasa con el Cóndor y también el ave azul	Debemos concientizarnos sobre lo que pasa en nuestro al rededor ser más precavidos con cada acto que hacemos o vamos a realizar en nuestras zonas rurales vemos que ya no es como antes todo disminuyó tanto ganados como cultivos y esto se debe a la contaminación ambiental. Hay poca lluvia lo cual evita que los cultivos sean cosechados ahora ya no se ve lo que son los pagapus y cosas similares a esas. Debemos actuar conscientemente sabiendo que cada acto tiene consecuencia.
39	que las grandes fábricas deben tomar conciencia y disminuir la contaminación, de mismo modo las personas no abusando exageradamente el uso de electrodomésticos y depositando a la basura en su lugar.	biodiversidad: Diversidad de especies vegetales y animales que viven en un espacio (medio ambiente) en el que existe. recursos naturales: el árbol, la tierra, los ríos, los lagos, todos los elementos naturales los cuales ayuda al hombre.	la relación andina, tenía más conciencia sobre el medio ambiente, la problemática social es que no hay conciencia sobre el medio ambiente.
40	que tenemos que cuidar nuestro medio ambiente porque cada vez más estamos haciendo daño, tomar conciencia de que ya debemos de proteger nuestra naturaleza y valorar para a si no contaminar y cuidar para las futuras generaciones	en que las comunidades campesinas cuidan su biodiversidad como su flora y su fauna para sus futuras generaciones para que convivan con ello.	en las comunidades andinas protegían nuestra naturaleza sabían cómo cuidarlos y hacían uso de ello pero con límites y ahora en estos tiempos ya casi no es mucho porque mayormente la población hace uso de la naturaleza en exceso donde ya ello no abastece todo, generando cambios en el medio ambiente.
41	la problemática del medio ambiente es muy grave como el calentamiento global y me siento impotente al no poder hacer nada.	La biodiversidad en la filosofía quechua es el respeto a la naturaleza como a la tierra, animales, plantas, etc., ya que estos individuos se relacionan y se benefician de la naturaleza y también lo veneran porque ellos piensan que la naturaleza les da vida.	nuestros antepasados tenían una relación muy profunda con la naturaleza, lo respetaban, lo adoraban con bastante respeto es por eso que nos enseña y nos da el ejemplo de respetar, pero ahora en actualidad no hacemos caso alguno y hemos causado problemas graves como el calentamiento global, la extinción de

			animales, plantas, etc. También hemos causado el adelgazamiento de capa de ozono.
42	<p>cada uno de nosotros debemos de tomar conciencia de que nuestro medio ambiente está muy contaminado y debilitado gracias a que nosotros contaminamos -deberíamos de reducir la contaminación, ya que las consecuencias de nuestros actos lo vivirán las personas que recién están por venir deberíamos de dejar de utilizar el auto, cambiarlo por las bicicletas</p>	<p>existen muchas clases de animales, plantas, peces ,etc., en la filosofía quechua hay una interacción mutua ya que estos son los más respetados por que ellos al cultivar cuidan la tierra en beneficio de los que van a venir en el futuro , cuidan la biodiversidad en cambio las empresas no lo cuidan lo explotan al máximo sin pensar en los demás solo piensas en ellos mismos</p>	<p>hoy en día miramos que anteriormente en la cultura andina cosechaban productos naturales para satisfacer necesidades esas cosechas eran naturales „hoy en día las personas ya no cosechan ahora solo compran productos que han sido cosechados sin transgénicos .las personas ya no quieren lo natural por el simple hecho que son pequeñas o con gusanos ,ahora eligen lo más grande, no nos damos cuenta que lo más nutritivo es la cosecha andina Otro de los problemas es que contaminamos mucho por ejemplo al botar las chapitas de las diferentes gaseosas lo votamos sin medir las consecuencias ,ya que gracias a esto miles de animales se mueren al consumirse en los ríos mueren atragantados ,l la contaminación de plásticos deberíamos de reciclar y no botarlo en cualquier lugar x que las consecuencias ya lo vemos con la deshielo, debemos de tomar conciencia lo que hacemos</p>
43	<p>que sin darnos cuenta estamos deteriorando nuestro hogar que es el MEDIO AMBIENTE y cuando queramos rectificar nuestro error ya no podremos hacer nada</p>	<p>hace mucho nuestros antepasados como los incas solo mataban animales por necesidad de alimentarse pero hoy en día se mata animales por su piel por la carne por las distintas partes del animal y su forma</p> <p>antes los recursos naturales eran invaluablees hoy en día todo tiene precio y lo vamos perdiendo con la contaminación, contaminamos y vamos perdiendo nuestros recursos naturales ya sea por explotación o por otra razón</p>	<p>hoy en día todos ignoramos sobre el cuidado del medio ambiente a pesar que hay tachos con nombres sobre que se debe botar en cada uno pero a pesar de todo ello no somos capaces de ayudar a conservar el medio ambiente somos humanos por lo tanto somos imperfectos pero no debemos esperar a que nuestro medio ambiente deje de ser medio ambiente y se transforme en algo que por más que intentemos recuperar lo perdido ya no será posible seamos mejores personas y de hoy en adelante tratar de no cometer los mismos</p>

			errores que nos puede hacer perder lo más precioso que tenemos que es el MEDIO AMBIENTE
44	mi postura frente a la problemática del medio ambiente sería estar en contra de la industrialización ya que esto afecta a la capa de ozono, también la depredación de las plantas y animales solo con el fin de cazar por diversión.	en la filosofía quechua existe una gran diversidad tanto en la fauna(animales silvestres y domésticos) y flora (planta medicinales , aromáticas y de consumo)	nuestra naturaleza no debemos dañarlo porque de ello dependemos (imaginemos q no habría agua, plantas; animales en nuestro planeta q sería de nosotros) por eso cuidemos el medio ambiente e inculquemos estos hábitos a las demás personas. en nuestra pachamama encontramos riquezas tanto en fauna y flora y gracias a ella podemos satisfacer nuestras necesidades y tener una buena calidad de vida.
45	Tengo una postura Naturalista.	En la cultura quechua, se respetaba mucho lo que era parte de la naturaleza, por lo que al sacrificar a los animales se hacían pagapus a la madre tierra en recompensa por brindarle al hombre alimentación. En esta cultura no se desperdiciaba la comida como ahora, porque solo se tenía lo exacto para poder vivir y esta es una buena forma de conservar las especies animales y los campos. En conclusión, LA CULTURA QUECHUA tiene como propósito cuidar y respetar la biodiversidad y los recursos naturales, ya que esta es la fuente de su alimentación y era una buena forma de respetar y brindar agradecimiento a sus dioses.	La naturaleza es la fuente de nuestros alimentos, por lo tanto, debemos cuidarla y respetarla. es nuestro hogar y todos debemos mantener limpio nuestro hogar, eso es lo que nos hace humanos, respetar y cuidar y no sentirnos superior a otras especies, con esto quiero decir que debemos respetar la biodiversidad y a los animales y no debemos adquirir más de lo que podemos consumir...CUIDEMOS A NUESTRO HOGAR porque todos somos parte de ella .
46	Es una problema que se dan en la naturaleza ya sea por la contaminación u otros factores que hacen que afecten al medio ambiente y que en el futuro puede ser muy malo para la vida de los seres vivos	Ellos toman la biodiversidad como un regalo de los dioses que creen y las creencias que tienen	Nadie nace siendo ambientalista es solo tu camino , tu vida y tus viajes lo que te despiertan a conocer el mundo , observar otras culturas o visitar espacios naturales que te abrirán la mente para convertirte en una persona con conciencia medioambiental para mejorar para el futuro de nuevas generaciones el medio ambiente que nos rodea

47	<p>Para destruir la problemática del medio ambiente es muy necesario cambiar nuestra forma de pensar y de actuar para poder modificar el destino al que estamos llevando a nuestro planeta. También es necesario el cambio cultural, social, político, económico, etc ya que la crisis ecológica está destruyendo a la humanidad. La contaminación es uno de los problemas más graves que sufrimos y cada vez va más peor, es la consecuente de la desaparición de distintas especies, del deterioro de salud. Todo esto al parecer no es suficiente para que las autoridades tomen medidas efectivas para frenar esta realidad, sigamos utilizando el transporte privado innecesariamente, sigamos haciendo un uso indebido de la calefacción e ignorando los consejos para ayudar al planeta porque, total, para cuando el escenario sea irremediable, ya estaremos muertos, ¿no?.</p>	<p>Todos los recursos que da la naturaleza se valora.</p>	<p>La naturaleza no siempre va a estar a nuestra disposición si la seguimos maltratando, las grandes industrias no piensan en ello, solo piensan en el lucro que generan, solo piensan en el presente, pero no el futuro. Estos generan grandes contaminaciones que nos afecta a todo el mundo, hacen grandes depredaciones que nos dejan sin recursos, trabajan a la tierra y no la dejan descansar, también esto se debe a que nosotros consumimos más de lo necesario, dejamos malograr muchos alimentos, o nos concientizamos sobre la contaminación que generamos al quemar ciertos objetos ya que esto contamina nuestro oxígeno</p>
48	<p>yo creo que es muy escasa la política educativa informativa en materia ambiental o la falta de conocimiento del medio ambiente como poder cuidar y proteger debería de haber capacitaciones, charlas sobre medio ambiente ya que esta es de vital importancia.</p>	<p>tenían el pensamiento de cosmovisión andina como un organismo vivo y relacionado tenían fe y etnicidad conciencia expresada en ritos, mitos y costumbres</p>	<p>tenemos que respetar los ecosistemas más dañados por ejemplo hacer respetar los derechos de los animales, cuidar el entorno natural, de frenar la extinción de especies de lograr la restauración y conservación de espacios naturales sobre todo evitar las consecuencias negativas de las actividades humanas más impactantes del mundo .el arte colonial desarrollado por los antiguos indios artesanos maestros consistió en el sacrificio de animales de color negro podía ser el mejor carnero o la mejor llama esto lo hacían para prosperidad de la comunidad y para todas las</p>

			familias los brujos eran encargados de realizar estas ofrendas y de escuchar sus protectores los cerros y las montañas ya que estoy tenían todo el poder por tener energía el dios sol.
49	la contaminación es uno de los problemas más graves que está pasando el medio ambiente ya que los mismos humanos contaminamos nuestro entorno y cada vez va en aumento , lamentablemente esta contaminación ocasiona la extinción de especies , cambio bruscos de temperatura , por ende , si no tomamos las medidas necesarias para evitar esto provocaremos nuestra propia extinción de los seres humanos .	para los indígenas antiguamente era muy creyentes ya que cada cosa que sucedía era causada por un dios , es así que tuvieron muchos dioses por ejemplo pacha-mama: dios de la tierra inti: dios sol..... etc asimismo hubo dios de la lluvia, dios de los viajes, para la buena suerte , entre otros	en la actualidad la contaminación y problemas sociales está en una situación muy crítica, es por eso que nosotros los seres vivos debemos tomar conciencia y empezar a cuidar nuestra naturaleza ya que todo, o que nos brinda la naturaleza tarde o temprano se va a agotar porque nada es eterno, ya que va a llegar un punto donde que la naturaleza dejar de darnos su beneficio, y cuando suceda eso la extinción de los humanos será inevitable, así que debemos comenzar ya. asimismo debemos de empezar por ejemplo con campañas para prevenir la contaminación , dar charlas , para que pueda ver un equilibrio natural entre humano y naturaleza.
50	El tiempo que nosotros estábamos acostumbrados a tener en cada estación está cambiando y eso lo podemos notar ahora. Al pasar el tiempo es posible que en el hemisferio norte haga calor y en el hemisferio sur haga frío ,poco a poco los animales desaparecen como los osos polares ,y nosotros tenemos que sensibilizarnos ante estos hechos , y si seguimos sin hacer nada dentro de muy poco desapareceremos todos nosotros .	nuestros ancestros consideraban a la naturaleza como divinidades ya que estas les proporcionaban lo necesario para que puedan vivir, tranquilamente y felices, es por eso que se hacían ritos y oraciones hacia la naturaleza y las distintas especies de nuestro territorio.	Nosotros debemos respetar todo nuestro hogar las plantas porque nos dan oxígeno , los animales , los ríos , todos ellos son parte de nuestros hogar que nuestros antepasados nos han dejado y por lo tanto no debemos destruirlos , si tálamos un árbol , debemos plantar aún más , y también debemos reflexionar ante las grandes industrias que contaminan día a día, y más que reflexionar debemos actuar y tratar de mejorar nuestro hogar, debemos hacer que la situación cambie, si queremos cambiar el mundo debemos cambiar nosotros primeramente, y sé que si nosotros no solamente nos limitamos a criticar si no a practicar la conservación de nuestro medio podríamos hacer grandes cosas, tenemos tantas reservas, tenemos tanta flora, tanta fauna, deberíamos pensar en lo afortunados que somos teniendo tantas

			cosas y deberíamos valorarlas.
51	<p>el cambio climático no es una cosa de hoy, ni de ayer y tampoco de anteayer, es una consecuencia provocada desde hace muchos años. en aquellas épocas en que se supo que era una realidad, cualquier persona que afirmase que el cambio climático era algo existente era tomada por un loco, la gente con poder, los políticos ocultaban o pasaban de este hecho, el origen de la desgracia es debido a muchas cosas, la mayor parte de la culpa la tiene el ser humano.</p>	<p>nuestros antepasados pensaban que la tierra era su madre, porque les daba producción en donde ellos hacían ritos y adoraban al sol, a la lluvia, al trueno....</p>	<p>nuestros antepasados cuidaban la naturaleza porque la tierra para ellos era su pacha mama , la tierra producía alimento, la lluvia regaba sus cosechas por eso ellos lo cuidaban pero hoy el hombre está destruyendo el medio ambiente, el hombre el hombre no pensó que en el futuro todo iba a terminar, el hombre pensaba que si cortaban árboles volverían a crecer si mataban animales volverían a reproducirse, pero hoy en día sabemos que las cosas no son así pues nuestros recursos naturales están escaseando, el hombre se creó dueño de la naturaleza cree que todo siempre estará al alcance de nosotros.</p>
52	<p>Frente a este problema creo que es necesario cambiar nuestra forma de pensar y de actuar frente a la contaminación que generamos en el medio ambiente para poder modificar el destino al que estamos llevando a nuestro planeta para lo cual es necesario un cambio cultural, social, político, económico, etc. para evitar que la crisis ecológica destruya al medio ambiente y a la humanidad.</p>	<p>en este caso la filosofía quechua busca preservar nuestra naturaleza como antiguamente lo hacía es decir sin generar contaminación y buscar una relación entre el hombre y su entorno (la naturaleza).</p>	<p>hoy en día las personas seguimos contaminando a pesar de los altos índices de calentamiento que existen por lo tanto digamos basta ya , alto a la contaminación ,preservemos nuestra biodiversidad porque nuestra naturaleza es lo más bello y maravilloso que existe en el mundo y que si seguimos así acabaremos con nuestra herencia ancestral la que nos dejaron nuestros antepasados y ahora la estamos destruyendo .Cuidemos nuestro medio ambiente para que después no nos lamentemos por nuestras acciones .</p>
53	<p>es que nosotros somos conscientes del problema pero no tomamos acciones para evitarlo</p>	<p>que las plantas eran sus madres -también le dejaban un año así para que siembren en esas chacras</p>	<p>que tenemos muchos lugares llenos de biodiversidad y no lo sabemos aprovechar porque cortamos árboles botamos basuras y así contaminando al medio ambiente</p>
54	<p>bueno mi postura es que debemos revalorar la naturaleza frente a la contaminación que el mundo está sufriendo de modo que debemos</p>	<p>los que hablan quechua o las personas andinas saben muy bien que la naturaleza es superficial a ellos y lo valoran mucho lo conservan muy bien ya que los hace pagos a la pachamama, no</p>	<p>bueno debemos valorar mucho lo que nuestra comunidad o localidad nos brindan sabemos que la zona andina es rica en recursos naturales, por ejemplo, podemos encontrar</p>

	procurar tener limpio nuestro región o donde habitamos, así tendremos una vida mejor para las futuras generaciones.	también saben que el clima que era mas hermosa ahora en estos tiempos están cambiando ya nos es como era antes.	muchas yerbas medicinales que no es necesario ir al médico nos podemos auto medicar. el problema de nuestra sociedad es que no saben valorar los el medio ambiente, no aprecian al su medio donde por primera vez habitaron yo creo que debemos cambiar todos frete a este cambio y solucionar la problemática del medio ambiente ya no contaminemos más nuestro planeta por nuestras furas generaciones sufrirán en el fuerte cambio climático.
55	Bueno hoy en día la problemática ambiental no está haciendo muy de tan importancia para las personas se está complicando	La biodiversidad valoraban las especies tanto vegetativo y los recursos naturales eran de gran importancia	Bueno, para la naturaleza hídrica en los tiempos andinos tenían gran importancia hoy en día ya no está siendo valorada x el descaste de agua x eso hay mayor contaminación la sociedad no le importa lo que tiene en el medio ambiente
56	Mi postura sería estar en contra de la contaminación que se da al planeta y la depredación tanto en la fauna y flora	Q tenemos una gran riqueza de biodiversidad en el país tanto en la flora como la fauna. Tenemos plantas medicinales y aromáticas y de consumo siempre respetando la tierra	Q debemos cuidar a nuestro planeta ya q de ella vivimos , concientizando a la población q es malo contaminar a nuestro planeta.
57	que las personas deberían tomar más conciencia sobre los problemas que ocurre en la actualidad implementar cursos que ayuden a tener una buena educación ambiental.	valoraban las especies tanto vegetativo como los recursos naturales	es donde la naturaleza ocupa el papel central de dicha relación, donde los distintos grupos humanos solo promueven procesos adaptivos, a través del desarrollo de su cultura.
58	que si nos tomamos conciencia nosotros mismo nos estaríamos matando que si seguimos contaminando y destruyendo nuestro ambiente dentro muy poco años tendremos mucha escaseces y también las personas deberían de tomar conciencia sobre los problemas que ocurren en la actualidad implementar curso que ayuden tener buena educación ambiental	la biodiversidad valoraban las especies tanto vegetativo y los recursos naturales eran de gran importancia	al problema de la relación sociedad naturaliza tiene un postura determinista en que la naturaliza ocupa el papel central de dicha relación

59	la problemática es cuando nosotros contaminamos al medio ambiente y eso debemos mejorar para que tengamos una calidad de vida	las concepciones seria las causas que provocamos todos nosotros los seres humano	las problemas k hay con nuestro medio ambiente es la contaminación y la contaminación nos trae muchas enfermedades y es por eso k nosotros no tenemos una calidad de vida y si queremos debemos saber valorar a nuestra naturaleza para que así podamos respirar bien un aire puro y fresco mas no contaminado y así poder tener una calidad de vida con aire limpio y cuerpo sano y no solo eso también debemos dar charlas en las comunidades andinas para que ellos también sepan cuidar a nuestro medio ambiente
60	la problemática ambiental hoy día tiene una dimensión global, es decir involucra a todo el planeta, para su caracterización se habla permanentemente de su contaminación general, que afecta todos los ecosistemas del mismo.	la perspectivas que emergen se relaciona con el origen polisémico del termino cuya expresión contempla la complejidad y diversidad de formas de representarla	estos tiempos hay mucha contaminación a nuestro medio ambiente ya que todas las personas contaminamos y a causa de ello los animales las plantas y todo ello están muriendo o desapareciendo, estamos contaminando el agua; el suelo, el aire, etc. El agua estamos contaminado suelo ya que a causa de ello ya no crecen los productos como antes como el maíz , la papa , etc., y el aire ya con ello nosotros vivimos y también por causa de eso los animales y las plantas están desapareciendo y nosotros mismos no estamos contaminando y están apareciendo diferentes enfermedades,

APENDICE 5 - PANEL FOTOGRÁFICO

ALUMNOS	PANEL FOTOGRAFICO DE RELACIÓN CON EL MEDIO AMBIENTE
1	https://es.padlet.com/carlmarcelo1005/xj89l4xrioms
2	https://padlet.com/yosalinalalexandracusiramos/6t5y1trdv4f0
3	https://es.padlet.com/vcayllahuallamoca/81wi3c65srtr
4	https://padlet.com/biersak_967/7c3v58b4n8e8?fbclid=IwAR0WQO_3fZKKwK5CITMP0pS0gd6zSlnkDr_t72QtepkmG_uAtnzTj4qe1w
5	https://padlet.com/grover1davalos/9rbfylzkyt9s
6	https://padlet.com/jota_12_riveros_20/ye962isoicn8
7	https://padlet.com/alidavianka
8	https://padlet.com/sheylamirellae/r0ixbbpii9uf
9	https://padlet.com/dianacarolinaeste3/rzof52nkjthb
10	https://es.padlet.com/jasminagh971/3h8ivos53w8y
11	https://padlet.com/jhoeldelacruz98/judp85qo7i79
12	https://padlet.com/huamanmanchamaly/v6i1eqmlbxjs
13	https://padlet.com/huamanmanchamaly/v6i1eqmlbxjs
14	https://padlet.com/javierlaurarechar95/bt9070vfj6bl
15	https://padlet.com/milagroslaimequinto/mz8u1py5sp8t
16	https://padlet.com/olenka_riverosllamoca/dloeiyywyd9
17	https://es.padlet.com/925105932clin/mfbgpr859hjj
18	https://padlet.com/bmantezana0227/6ruqfk913uv1
19	https://padlet.com/elizabethochoaquinto37/y5sbahlqcwsv
20	https://padlet.com/dennisalesi1/owi39r00a2ag

21	https://padlet.com/romeliapaitancarbajal/pvhwgpgfj0r8
22	https://padlet.com/eritooes/jk6v0xdx8h4w
23	https://es.padlet.com/repuellosotomariaisabel/7x8x7dgxxhsp
24	https://padlet.com/maycol51g/1nrt7vd9biht
25	https://padlet.com/carolinafacita/1v6p8isx3643?utm_campaign=transactional&utm_content=view_padlet&utm_medium=email&utm_source=started_a_padlet
26	https://padlet.com/simonchaveznoy/zj3rd1xgl7s
27	https://es.padlet.com/fasinso020701/1q0rwtq8sw1
28	https://padlet.com/gerardosota_2000_25/u3kbnhcv4ibe
29	https://padlet.com/juanjosevaldivaesteban/dkp5dygy2we3
30	https://padlet.com/torres1vera/k0dop1wuf4ux
31	https://es.padlet.com/988065549/74n3zhzapfzb
32	https://es.padlet.com/chomeryzere/34cq39e2yh0u

